



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo entreposto vinícola Abel Pereira da Fonseca

Raquel Alexandra da Costa Nery

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção de grau de Mestre em Arquitetura

Professora Doutora Margarida Louro

Professora Doutora Maria João Neto

(Orientadores científicos)

Professora Doutora Ana Marta das Neves Santos Feliciano

(Presidente de júri)

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

(Vogal)

Lisboa, Dezembro 2018

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo entreposto vinícola Abel Pereira da Fonseca

Raquel Alexandra da Costa Nery

(Licenciada)

Projeto final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Professora Doutora Margarida Louro

Professora Doutora Maria João Neto

(Orientadores científicos)

Professora Doutora Ana Marta das Neves Santos Feliciano

(Presidente de júri)

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

(Vogal)

Lisboa, Dezembro 2018

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Resumo

É com um olhar sobre a paisagem industrial de Lisboa que se desenvolve a presente investigação. Suscitada pela problemática da obsolescência e fragmentação dos antigos lugares industriais, desperta-se hoje para a criação urgente de estratégias que preservem e revitalizem a sua memória.

Com a chegada de um mundo global e a alteração dos paradigmas urbanos e sociais da cidade, os setores artísticos e culturais ganham um maior destaque na sociedade. Resultante de uma profunda emancipação artística, fudem-se as artes com os lugares e com a comunidade. Reinventam-se novos espaços e suas lógicas, que sugerem por sua vez novas ambiências intrinsecamente ligadas à envolvência e participação do seu público.

Pela natureza efémera e informal incutida pelos novos padrões contemporâneos, a utilização dos lugares negligenciados torna-se evidente escolha. A alteridade espacial, a potencial aproximação com a comunidade e libertação das barreiras convencionais são alguns dos motivos que se denotam aliciantes para as práticas artísticas como hoje se manifestam.

Seguindo uma lógica de continuidade da pré-existência, a reconstrução de narrativas artísticas será cenário para a reabilitação e regeneração do antigo entreposto vinícola Abel Pereira da Fonseca.

Palavras-chave | Paisagem industrial, Memória, Narrativas cenográficas e artísticas, Reabilitação e regeneração, Entreposto Abel Pereira da Fonseca

Título

INDÚSTRIAS REINVENTADAS -
Lisboa Oriental.
Regeneração artística e cultural
do antigo entreposto vinícola
Abel Pereira da Fonseca

Nome

Raquel Alexandra da Costa Nery

Orientadores Científicos

Professora Doutora
Margarida Louro

Professora Doutora
Maria João Neto

Mestrado Integrado em Arquitetura

FAUL, Lisboa,
Dezembro de 2018

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Abstract

It's with a look at the industrial landscape of Lisbon that the present research is developed. Raised by the problem of the obsolescence and fragmentation of the old industrial places, it is awakened today for the urgent creation of strategies which preserve and revitalize its memory.

With the arrival of a global world and the changing urban and social paradigms of the city, the artistic and cultural sectors gain a greater prominence in society. Resulting from a profound artistic emancipation, the arts are merged with the places and its community. They reinvent new spaces and structures, which in turn suggest new ambiences intrinsically linked to the involvement and participation of its public.

By the ephemeral and informal nature settled through the new contemporary standards, the use of neglected places becomes an obvious choice. The spatial alterity, the potential approach to the community and the released from the conventional bounds are some of the reasons that are known as appealing to artistic practices as they are today.

Following a logic of continuity of pre-existence, the construction of scenographic and artistic narratives will be the setting for the rehabilitation and regeneration of the former Abel Pereira da Fonseca warehouse.

Key-words | Industrial landscape, Memory, Scenographic and artistic narratives, Rehabilitation and regeneration, Abel Pereira da Fonseca's warehouse

Title

REINVENTED INDUSTRIES -
East Lisbon.

Artistic and cultural regeneration
of the former winery
Abel Pereira da Fonseca's

Name

Raquel Alexandra da Costa Nery

Advisors

Teacher and Doctor
Margarida Louro

Teacher and Doctor
Maria João Neto

Integrated Master in
Architecture

FAUL, Lisbon,
December 2018

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Agradecimentos

A todos os que direta e indiretamente contribuíram e estimularam no desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Às orientadoras - professora Margarida Louro e Maria João Neto - por terem aceitado acompanhar-me neste desafio e por confirmarem, com este feliz reencontro, a sua incansável disponibilidade, interesse, cuidado e dedicação face ao que se propõem. Um sentido obrigada pelo conhecimento que levo de ambas.

À minha família - mãe, irmão, avós - pelo apoio incondicional sempre demonstrado ao longo do processo, mantendo-me firme nos momentos de maior vacilo.

Aos meus amigos, pela constante prova de amizade transparecida com as suas palavras de afeto e motivação.

Aos meus colegas com os quais partilhei momentos académicos já mais esquecidos.

Ao meu pai, eternamente presente, ao qual dedico o trabalho seguidamente apresentado.

Um sincero obrigado a todos.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 1. Fachada nascente do entreposto vinícola Abel Pereira da Fonseca. Trabalhos de tanoarias na Doca do Poço do Bispo, 1956.



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Índice Geral

Introdução	1
1 Paisagem industrial.....	9
1.1 A consolidação de um cenário industrial – o caso de Lisboa	11
1.1.1 A grande estrutura industrial do oriente	25
1.2 O declínio e metamorfose pós-industrial.....	39
1.3 A preservação da memória.....	43
2 A arquitetura e as novas artes	47
2.1 Emancipação artística	49
2.2 A arte no contexto da cidade.....	53
2.3 Tipologias culturais contemporâneas.....	57
2.4 A apropriação espacial	61
2.4.1 Cenografia e cidade.....	63
2.4.2 A (re)construção da cidade presente.....	67
2.4.3 As estruturas efêmeras num contexto existente.....	71
2.4.4 A cor para o reconhecimento da imagem da cidade	77
3 Regeneração da memória industrial	83
3.1 Identificar e preservar.....	85
3.2 Reativar e integrar.....	89
3.3 Reinventar	97
3.4 Materializar.....	105
4 Indústrias reinventadas	111
4.1 Poço do Bispo como cenário.....	115
4.1.1 Uma localidade com história.....	115
4.1.2 Entender e potencializar Poço do Bispo	121
4.1.3 As premissas projetuais	125
4.2 O desenho urbano.....	127
4.2.1 A rua pedonal – um percurso entre fábricas	128
4.2.2 A praça – a ponte entre duas frentes	130
4.2.3 O Largo David Leandro da Silva – lugar de tradições	132
4.3 O desenho arquitetónico.....	135
4.3.1 Um espaço de memória. O antigo entreposto vinícola Abel Pereira da Fonseca.	135
4.3.2 A reestruturação. O novo pólo artístico e cultural.	143
4.3.3 Preservar reinventando – a forma.....	151
4.4 Trabalhar com a cenografia.....	155

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

5 Considerações finais	159
Referências bibliográficas	161
Anexos	167

Índice de Imagens

Fig 1. Fachada nascente do entreposto vinícola Abel Pereira da Fonseca. Trabalhos de tanoarias na Doca do Poço do Bispo, 1956.	X
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 2. Frente ribeirinha oriental e a sua ocupação industrial. Zona de Poço do Bispo, Lisboa, 1959.	28
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 3. Armazenamento de pipas para importação nos armazéns Abel Pereira da Fonseca, s/ data.	5
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html</i>	
Fig 4. Armazéns industriais à margem do Tejo. Doca do Terreiro do Trigo, Lisboa, 1949.	10
<i>Fonte: MARTINS, Miguel Gomes. Lisboa ribeirinha, 1994</i>	
Fig 5. As chaminés industriais passam a ser imagem marcante na paisagem da cidade de Lisboa, a partir do século XIX, s/d.	11
<i>Fonte: MATOS, José Sarmiento de; PAULO, Jorge Ferreira. Caminho do Oriente, 1994, p. 9</i>	
Fig 6. Planta do edificado industrial existente na cidade.	13
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 7. Os edifícios fabris por entre a paisagem natural da cidade. Lisboa oriental, 1938.	14
<i>Fonte: MARTINS, Miguel Gomes. Lisboa ribeirinha, 1994</i>	
Fig 8. A gradual aproximação ao Tejo. A ocupação das margens da cidade.	14
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 9. Nova frente industrial a oriente (Santa Apolónia) sob aterro, na transição para a década de 40, 1938.	15
<i>Fonte: MARTINS, Miguel Gomes. Lisboa ribeirinha, 1994</i>	
Fig 10. Esquema relativo à construção do Porto de Lisboa, dividido em 3 secções.	16
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 11. Doca do Poço do Bispo, com os seus cais acostáveis em finais dos anos 30, 1938.	17
<i>Fonte: MARTINS, Miguel Gomes. Lisboa ribeirinha, 1994 e Administração do Porto de Lisboa</i>	
Fig 12. Planta dos sucessivos aterros construídos ao longo dos anos na frente ribeirinha, desde 1650 até ao estado atual.	19
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 13. Planta de localização das principais zonas industriais.	20
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 14. Vista aérea das localidades de Lisboa Oriental, da esquerda para a direita, Xabregas, Beato, Poço do Bispo e Matinha, 1945.	22
<i>Fonte: APL, Estudo de Intenções para o Porto de Lisboa, Na área entre Belém e Matinha, 2005, p. 187</i>	

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Fig 15. Planta do edificado industrial e dos principais conventos.....	24
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 16 e 17. Os grandes núcleos industriais do oriente. Beato (1932) e Braço de Prata (1950), respetivamente.....	27
<i>Fonte: https://www.orientre.pt/cultura/manutencao-militar-lisboa/ e http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/09/fabrica-de-material-de-guerra.html</i>	
Fig 18. Trabalhadores da indústria militar. Fábrica Militar do Braço de Prata (1930-1940).....	28
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/09/fabrica-de-material-de-guerra.html</i>	
Fig 19. Trabalhadores da “Sociedade Nacional de Sabões”. Marvila, 1950.....	29
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/10/sociedade-nacional-de-saboes.html</i>	
Fig 20. Vista aérea da Estação e Cais de Santa Apolónia, 1940.....	30
<i>Fonte: MARTINS, Miguel Gomes. Lisboa ribeirinha, 1994 e Administração do Porto de Lisboa</i>	
Fig 21. Linha férrea, terminal de Santa Apolónia, 1960.....	30
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/10/estacao-de-santa-apolonia.html</i>	
Fig 22. Construção das novas fábricas entre Braço de Prata e Moscavide, 1944.....	31
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/02/fabrica-de-gas-da-matinha.html</i>	
Fig 23. A paisagem industrial dos Olivais, s/d.....	31
<i>Fonte: FOLGADO E CUSTÓDIO, Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial, 1999, p.182</i>	
Fig 24. As fábricas e os seus ramais ferroviários, s/d.....	31
<i>Fonte: APL, Estudo de Intenções para o Porto de Lisboa, Na área entre Belém e Matinha, 2005, p. 181</i>	
Fig 25. Cais do Poço do Bispo, 1962.....	32
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 26. Construção Doca do Poço do Bispo (s/data).....	33
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 27. Doca do Poço do Bispo, 2005.....	33
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 28. Contentorização da frente ribeirinha (s/data).....	33
<i>Fonte: APL, Estudo de Intenções para o Porto de Lisboa, Na área entre Belém e Matinha, 2005, p. 182</i>	
Fig 29. Obras de melhoramento Porto de Lisboa (s/ data).....	33
<i>Fonte: APL, Estudo de Intenções para o Porto de Lisboa, Na área entre Belém e Matinha, 2005, p. 59</i>	
Fig 30. Planta das principais redes de transporte da zona oriental de Lisboa.....	34
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 31. Avenida Infante D. Henrique, troço de Poço do Bispo, 2008.....	35
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 32. Avenida Infante D. Henrique, troço de Cabo de Ruivo, 1953.....	35
<i>Fonte: https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/2-o-troco-da-avenida-infante-d-102113</i>	

Fig 33. Zona industrial de Cabo Ruivo (s/ data).	36
<i>Fonte: https://rr.sapo.pt/el/111260/uma-rua-do-seculo-xix-num-bairro-do-seculo-xxi</i>	
Fig 34. Avenida Marechal Gomes da Costa, 1959.....	37
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/06/metalurgica-luso-italiana.html</i>	
Fig 35. Novas indústrias na Avenida Marechal Gomes da Costa, 1959.....	37
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/06/metalurgica-luso-italiana.html</i>	
Fig 36. A degradação e abandono das estruturas industriais existentes.	38
<i>Fonte: FOLGADO E CUSTÓDIO, Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial, 1999, p.6</i>	
Fig 37. Desativação dos portos e estruturas industriais.	39
<i>Fonte: APL, Estudo de Intenções para o Porto de Lisboa, Na área entre Belém e Matinha, 2005, p.200 e 201</i>	
Fig 38. Degradação dos edifícios industriais.	39
<i>Foto da autora</i>	
Fig 39. Bairros residenciais em elevado estado de degradação. Lisboa oriental. S/d.	40
<i>Fonte: FOLGADO E CUSTÓDIO, Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial, 1999, p.76 e 81</i>	
Fig 40. Fábrica deixada ao abandono por entre o ambiente arrabaldino da zona oriental. S/d.....	41
<i>Fonte: FOLGADO E CUSTÓDIO, Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial, 1999, p.70</i>	
Fig 41. A qualidade espacial dos armazéns industriais Abel Pereira da Fonseca.	43
<i>Fonte: https://www.flickr.com/photos/57202742@N05/</i>	
Fig 42. As estruturas industriais enquanto pontos de referência da história da cidade.	45
<i>Fonte: FOLGADO E CUSTÓDIO, Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial, 1999, p.182</i>	
Fig 43 e 44. Instalação urbana do artista plástico Xana, na Travessa da Ermida, em Belém (2013). O autor tem como intenção questionar o seu público relativamente ao papel que representa para a sociedade e para o mundo. Através de ícones visuais, expõem-se diferentes mensagens de reflexão, numa provocação à sensibilidade e despoletar de ideias dos observadores.	48
<i>Fonte: https://www.289.pt/xana.html</i>	
Fig 45, 46 e 47. Quiosque de arte contemporânea (Weimar, 2009) uma experiência temporária e informal de práticas artísticas e sociais, dedicado ao encontro e partilha de ideias entre comunidade e artistas, usufruído espontaneamente pelos utilizadores. Servirá como local de trabalho, de debate, de venda, de exposição, ou meramente como local de estar.	50
<i>Fonte: http://koca-inn.kiosk09.de/</i>	
Fig 48. Intervenção elaborada pelo atelier P-06, nos armazéns junto ao Cais do Sodré, com o intuito de melhorar a paisagem ribeirinha e convidar ao seu usufruto.....	52
<i>Fonte: http://www.p-06-atelier.pt/2009/lisbon-bikeway--environmental/</i>	
Fig 49. Cartaz publicitário do evento Cabanyal Portes Obertes.....	53
<i>onte: http://www.cabanyal.com/nou/xvi-portes-obertes-2014/?lang=es</i>	
Fig 50, 51 e 52. Construções que acolhem o evento.	54
<i>Fonte: https://www.makma.net/visita-cabanyal-portes-obertes/, http://www.cabanyal.com/nou/portes-obertes/2013-2/ e https://elpais.com/diario/2010/11/22/cvalenciana/1290457077_740215.html</i>	

Fig 53. Intervenção do artista plástico português, Bordalo II, num edifício abandonado em Xabregas, como elemento publicitário à sua exposição "Aterro".	54
<i>Fonte: http://www.lisbonne-idee.pt/p4816-ainda-pode-ver-exposicao-bordallo-ate-dezembro.html</i>	
Fig 54. Intervenção numa fábrica em Berlim a propósito do Festival Internacional de design, atelier português Fahr.	55
<i>Fonte: https://www.fahr0213.com/UNGRID</i>	
Fig 55. O envolvimento da arte na arquitetura, artista plástica Jana Matejkova, Metamorphosis, Lisboa (2011).	57
<i>Fonte: https://www.mzv.cz/lisbon/pt/cultura_e_educac_o/instalac_o_da_artista_checa_jana.html</i>	
Fig 56. Vivências espaciais do recinto Lx Factory.	57
<i>Fonte: http://blog.thelumiares.com/destination-lx-factory/ e https://almadealecrim.pt/blog/lx-factory/</i>	
Fig 57. Painéis comunicativos que nos elucidam sobre o espírito de trabalho do Lx Factory.	58
<i>Fonte: https://almadealecrim.pt/blog/lx-factory/</i>	
Fig 58. Ateliês de trabalho, a transparência do trabalho dos artistas.	58
<i>Fonte: https://almadealecrim.pt/blog/lx-factory/</i>	
Fig 59. A imagem do complexo segundo os olhos do visitante.	58
<i>Fonte: https://almadealecrim.pt/blog/lx-factory/</i>	
Fig 60. Sequência de imagens ilustrativas do ambiente visual do recinto.	59
<i>Fonte: https://almadealecrim.pt/blog/lx-factory/</i>	
Fig 61. Cenário urbano protagonizado por um conjunto de pessoas que jantam sob um teto de luzes, com os edifícios do Parlamento como pano de fundo, ilustração livro Paisagem Urbana de Gordon Cullen.	60
<i>Fonte: CULLEN, Gordon, Paisagem urbana, 1983</i>	
Fig 62. O cenário das cidades construídas, Piazza Grande, cidade de Módena, Itália.	62
<i>Fonte: http://trippelomundo.blogspot.com/2011/10/europa-2012-parte-3-italia-toscana.html</i>	
Fig 63. Esquema elucidativo da lógica da cidade medieval. Os percursos elaborados pelas ruas e o centro onde a praça acontece.	63
<i>Fonte: CROFT, Vasco. Arquitetura e Humanismo, 2001</i>	
Fig 64. Cidade de Sienna, no centro a Piazza del Campo.	63
<i>Fonte: https://www.toscanaovunquebella.it/en/siena/scenes-of-a-possible-utopia e https://inspiredadventures.com.au/siena/</i>	
Fig 65. Lisboa e o seu espaço cénico. Os pontos de vista que a constroem. Rua do Arsenal.	65
<i>Fonte: CARDOSO et al, Encenar a cidade, 1994</i>	
Fig 66. A ruína em construção. A coluna pano, a janela madeira, os tijolos suspensos, o espelho em secções, o soalho. Esquismo José Castanheira.	66
<i>Fonte: CASTANHEIRA, José, une ruine en construction, 1993</i>	
Fig 67. Ilustração intitulada de "Boulevard" sobre as vivências do espaço público.	67
<i>Fonte: GARCIA, Andreia, Espaço cénico, arquitetura e cidade, 2016</i>	

Fig 68. A relação entre praça e o elemento descoberta, neste caso o rio, Piazza de San Marco, Veneza. . 68	68
<i>Fonte: CROFT, Vasco. Arquitetura e Humanismo, 2001</i>	
Fig 69. Imagens do Projeto Palco cívico, na Praça da Figueira..... 69	69
<i>Fonte: http://www.close-closer.com/pt/programa/forum-novos-publicos</i>	
Fig 70. Esquemas desenhados do cenário de uma peça teatral, Pamela Howard..... 70	70
<i>Fonte: HOWARD, Pamela, What is scenography, 2003, p. 99</i>	
Fig 71. Os Antigos Quiosques de Lisboa hoje reabilitados para a melhoria do ambiente urbano e social. . 71	71
<i>Fonte: https://quiosqueslisboa.pt/quiosques</i>	
Fig 72. Instalação temporária realizada no âmbito do evento Moda Lisboa 2011, elaborado pelo P-06 Ateliê. O projeto visa enaltecer as características da fachada do edifício. 72	72
<i>Fonte: http://www.p-06-atelier.pt/2011/modalisboa-36--environmental/</i>	
Fig 73, 74 e 75. Estrutura concebida pelo atelier JQTS no âmbito da ARCOLisboa. 73	73
<i>Fonte: https://www.archdaily.com/901354/viaticus-pavilion-atelier-jqts</i>	
Fig 76 e 77. Instalação realizada nos jardins do Palácio de Belém, no âmbito da celebração das festividades referentes ao Natal, 2013. 74	74
<i>Fonte: https://www.archdaily.com/487697/constellation-like-architects?ad_medium=widget&ad_name=recommendation</i>	
Fig 78, 79 e 80. Instalação de candeeiros denominados de " Frozen Trees", na Praça D. Pedro IV, no âmbito do Natal, promovendo um jogo labirintico entre os objetos. O observador ganha escala no confronto com os mesmos..... 75	75
<i>Fonte: https://www.archdaily.com/203564/frozen-trees-installation-like-architects</i>	
Fig 81, 82 e 83. Instalação de LEDS, no Centro Cultural de Belém, como manifesto da relevância do produto para a sustentabilidade do futuro, 2012. 75	75
<i>Fonte: http://portugalbrands.com/blog/ledscape-installation-by-likearchitects/</i>	
Fig 84. Casa das histórias Paula Rego..... 76	76
<i>Fonte: https://divisare.com/projects/115647-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-fernando-guerra-fg-sg-paula-rego-museum</i>	
Fig 85. Templo de Diana e o seu tom pastel, proveniente da sua materialidade. 77	77
<i>Fonte: http://www.vamosaqui.pt/2016/02/19/templo-de-romano-de-evora-templo-de-diana/</i>	
Fig 86. As diferentes tonalidades que vão pintando a cidade de Lisboa ao longo dos tempos. 78	78
<i>Fonte: http://www.arcadedarwin.com/2012/12/28/a-cor-de-lisboa/ e CARDOSO et al, Encenar a cidade, 1994</i>	
Fig 87. A cor como elemento de união entre o conjunto dos três armazéns. Galerias Avenida da Índia, Lisboa..... 79	79
<i>Fonte: https://plus.google.com/photos/10492190572227189434/albums/6334296491417085073/6352556563114920866</i>	
Fig 88. Fachada e ambientes cromáticos interiores do projeto..... 80	80
<i>Fonte: http://www.cvdbarquitectos.com/escola-secundaria-braamcamp2/tndluws5q2ngud07iytwq67i9f9a7j</i>	
Fig 89. A morfologia industrial. 85	85
<i>Fonte: http://www.docomomo2016.com/workshop</i>	
Fig 90. Abel Pereira da Fonseca..... 86	86

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Fonte: <https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/abel-pereira-da-fonseca-105324>

Fig 91. Espacialidade interior dos edifícios industriais..... 90

Fonte: <https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1105323&page=338>

Fig 92. Planta do complexo Matadero de Madrid..... 91

Fonte: http://jaumeprat.com/inaqui-carnicero-ignacio-vila-alejandro-viseda-matadero-de-madrid-nau-16-2_4/

Fig 93 e 94. Ambiência dos espaços interiores dos edifícios, dentro dos quais são acolhidas diferentes atividades culturais..... 91

Fonte: <https://www.archdaily.com/295502/hangar-16-inaqui-carnicero-architecture-e>
<https://www.laventanadelarte.es/centro/matadero-madrid/madrid/madrid>

Fig 95. Dinâmicas sociais despoletadas pela lógica organizativa do complexo Matadero. 92

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/8102247904/in/photostream/>

Fig 96. Fondazione Prada, Milão. 92

Fonte: https://www.archdaily.com/628472/fondazione-prada-oma?ad_medium=gallery

Fig 97. Esquema conceptual dos fluxos criados com as novas edificações..... 92

Fonte: https://www.archdaily.com/628472/fondazione-prada-oma?ad_medium=gallery

Fig 98. Os três corpos acrescentados ao conjunto pré-existente..... 92

Fonte: https://www.archdaily.com/628472/fondazione-prada-oma?ad_medium=gallery

Fig 99. Entrada para o interior do conjunto. 93

Fonte: https://www.archdaily.com/628472/fondazione-prada-oma?ad_medium=gallery

Fig 100, 101 e 102. Narrativas compositivas criadas entre os objetos novos e os pré-existentes, onde é visível a disparidade de escalas e materialidades..... 93

Fonte: https://www.archdaily.com/628472/fondazione-prada-oma?ad_medium=gallery

Fig 103. Vista aérea do conjunto..... 94

Fonte: <https://gracevoluteetbetonbanche.wordpress.com/2014/01/15/le-104-paris/>

Fig 104. A estrutura central por onde é feita a entrada para o interior. 94

Fonte: <https://gracevoluteetbetonbanche.wordpress.com/2014/01/15/le-104-paris/>

Fig 105. Planta do piso térreo do complexo..... 94

Fonte: <http://www.104.fr/professionnels/entreprises/louer-un-espace.html>

Fig 106. Confluência entre os dois corpos que compreendem o complexo..... 95

Fonte: <https://gracevoluteetbetonbanche.wordpress.com/2014/01/15/le-104-paris/>

Fig 107. Primeiro corpo com instalações de arte no seu percurso. 95

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/dalbera/9088902945>

Fig 108. Segundo corpo usufruído aleatoriamente pelos utilizadores. 95

Fonte: <https://tour-monde.fr/les-bons-plans-dun-voyageur-de-passage-a-paris/>

Fig 109. Floating Piers – ligação entre as ilhas e a cidade. 99

Fonte: <http://christojeanneclaude.net/projects/the-floating-piers>

Fig 110 e 111. A cor e a materialidade da intervenção.....	99
<i>Fonte: http://christojeanneclaude.net/projects/the-floating-piers</i>	
Fig 112. Utilizações originadas pela proposta, imbuídas pelo espírito cenográfico.....	99
<i>Fonte: https://realdania.dk/projekter/superkilen/nyheder/den-roede-plads-faar-ny-belaegning-i-2018_13062017</i>	
Fig 113. Planta do projeto Superkilen. Relação entre estrutura urbana e as cenografias.....	99
<i>Fonte: https://cameralabs.org/effekt-obzora/Page-7</i>	
Fig 114. Percurso contemplado pela proposta, onde a cor enfatiza os variados elementos urbanos.....	100
<i>Fonte: https://www.archdaily.com/286223/superkilen-topotek-1-big-architects-superflex/5088cd8428ba0d7525000100-superkilen-topotek-1-big-architects-superflex-photo</i>	
Fig 115 e 116. Perspetiva aérea do pré-existência que contempla o projeto de Lina Bo Bardi Sesc Pompeia.....	100
<i>Fonte: http://www.miguelarcanjo Prado.com/2017/02/09/sesc-pompeia-tem-carnaval-para-todas-as-idades-em-sp/ e https://www.flickr.com/photos/stankuns/19766973942</i>	
Fig 117. O portão de entrada com a presença do vermelho na sua composição.....	101
<i>Fonte: https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,sesc-pompeia-pode-ser-tombado-pelo-iphan,1643484</i>	
Fig 118. Planta do conjunto, com marcação dos percursos predominantes.....	101
<i>Fonte: https://pt.slideshare.net/AdmFranoisUrban/sesc-pompeia-lina-bo-bardi-estudo-de-caso</i>	
Fig 119 e 120. Em cima, percurso exterior de acesso aos armazéns; em baixo, ambiência interior dos mesmos.....	101
<i>Fonte: https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,sesc-pompeia-reune-historia-e-cultura-em-um-so-lugar,1749913 e http://mariana-projetista.blogspot.com/2018/02/arquitetura-14-sesc-pompeia-e.html</i>	
Fig 121. Os armazéns e os seus percursos de água.....	102
<i>Fonte: http://mariana-projetista.blogspot.com/2018/02/arquitetura-14-sesc-pompeia-e.html</i>	
Fig 122. O percurso interior.....	102
<i>Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi?ad_medium=gallery</i>	
Fig 123. Alguns dos espaços presentes no Lx Factory que ilustram a personalidade do edifício.....	103
<i>Fonte: https://almadealecrim.pt/blog/lx-factory/</i>	
Fig 124. Teatro Oficina, colocação de madeira para o eixo central a partir do qual é definido o espaço teatral.....	105
<i>Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/878324/classicos-da-arquitetura-teatro-oficina-lina-bo-bardi-e-edson-elito</i>	
Fig 125 e 126. Galerias metálicas em tubos de aço.....	106
<i>Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/878324/classicos-da-arquitetura-teatro-oficina-lina-bo-bardi-e-edson-elito</i>	
Fig 127. Entrada para o recinto de estruturas no âmbito do evento Guimarães 2012: Capital Europeia da Cultura.....	106
<i>Fonte: https://hiveminer.com/Tags/exyzt%2Cguimar%C3%A3es e http://www.carfat.pt/portfolio-item/fabrica-asa/</i>	
Fig 128, 129 e 130. Estúdios de criação artística em estrutura de madeira. A expressão visual é variável entre os mesmos.....	107
<i>Fonte: http://cargocollective.com/domalomenos/following/domalomenos/Joao-Mendes-Ribeiro-Curator-s-Lab-in-Guimaraes</i>	

Fig 131 e 132. Em cima, estrutura para exposições; em baixo, estrutura para conferências e espetáculos. 107	107
<i>Fonte: https://www.flickr.com/photos/josecarlosmelodias/7657283708</i>	
Fig 133 e 134. Atelier Zélium: em cima, aparência geral; em baixo, pormenor de encaixe da estrutura de madeira nos acessos verticais..... 108	108
<i>Fonte: https://www.archdaily.com/782118/atelier-zelium-atelier-du-vendredi?ad_medium=gallery</i>	
Fig 135. Corte longitudinal do projeto..... 108	108
<i>Fonte: https://www.archdaily.com/782118/atelier-zelium-atelier-du-vendredi?ad_medium=gallery</i>	
Fig 136 e 137. Fachadas que contemplam a proposta..... 109	109
<i>Fonte: https://www.archdaily.com/800774/scalo-milano-city-style-metrogramma-plus-cotefngegneri-and-architetti</i>	
Fig 138. Ambiência noturna despoletada pelos dispositivos luminosos..... 109	109
<i>Fonte: https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1725956&page=2</i>	
Fig 139. Planta de localização de Poço do Bispo. 114	114
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 140. Estrutura de betão onde se situa o poço. 115	115
<i>Fonte: DELGADO, Ralph, A antiga freguesia dos Olivais, 1969</i>	
Fig 141. Poço do Bispo, 1952..... 115	115
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 142 e 143. Cais e obras do novo alargamento da linha de costa em Poço do Bispo, distanciamento das fábricas face ao rio, 1930 e 1940 respetivamente..... 117	117
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 144. Doca do Poço do Bispo, exportação dos produtos fabricados nas instalações próximas, s/ d..... 117	117
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 145 e 146. Fachada principal Firma Abel Pereira da Fonseca e Praça David Leandro da Silva – praça de encontros e convívio – respetivamente, 1932 e 1966. fotos CML e Jornal O Século..... 117	117
<i>Fonte: Fotos CML e Jornal O Século</i>	
Fig 147. Vista área sobre o tecido de Poço do Bispo e a sua relação com a linha de caminho-de-ferro... 118	118
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 148. A paisagem industrial de Poço do Bispo..... 118	118
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 149. A divisão definida entre Este (zona vermelha, centro de Poço do Bispo) e Oeste (zona cinzenta, periferia interna à linha de caminho de ferro)..... 119	119
<i>Fonte: APL, trabalhada pela autora</i>	
Fig 150. Os edifícios a Este adjacentes à linha de caminho-de-ferro..... 119	119
<i>Fonte: MATOS, José Sarmento de; PAULO, Jorge Ferreira. Caminho do Oriente, 1994, p. 105</i>	
Fig 151. Planta de acessibilidades de Poço do Bispo aos principais centros da cidade..... 120	120
<i>Realizado pela autora</i>	

Fig 152. Rua Fernando Palha, principal via local entre Poço do Bispo e Braço de Prata/Matinha.	122
<i>Foto da autora</i>	
Fig 153. Largo David Leandro da Silva, o centro de Poço do Bispo.	122
<i>Foto da autora</i>	
Fig 154. Rua do Açúcar, principal via local entre Poço do Bispo e o Beato.	122
<i>Foto da autora</i>	
Fig 155. O Largo David Leandro da Silva, importante marco da paisagem de Poço do Bispo.	123
<i>Foto da autora</i>	
Fig 156. Esquisso da proposta arquitetónica.	124
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 157. Esquema dos fluxos a implementar em Poço do Bispo. Desobstruir e unificar pontos do lugar... ..	126
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 158. Esquema da proposta. A fábrica enquanto catalisador urbano.	126
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 159. Esquema do existente. A rosa a fábrica Abel Pereira da Fonseca, a preto as novas indústrias emergentes, a cinza escuro as demolições propostas.	126
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 160. Esquema dos três principais pontos de interesse da proposta urbana.	127
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 161. O percurso, a Abel Pereira da Fonseca e a relação proposta com as fábricas envolventes.	128
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 162. A rua e o seu atravessamento transversal ao edifício.	129
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 163. Esquisso sobre a rua pedonal proposta. Um percurso entre fábricas.	129
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 164. A ligação estabelecida entre Rua do Açúcar e a frente ribeirinha proporcionada pela praça e pelo edifício.	130
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 165. Estudo sobre o pavimento e a respetiva escolha cromática.	131
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 166. A praça e a sua relação com os armazéns a nascente.	131
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 167. Requalificando unificando o largo e a fábrica.	132
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 168. A situação existente.	132
<i>Foto da autora</i>	

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Fig 169. Fachada frontal do edifício Abel Pereira da Fonseca.	134
<i>Foto da autora</i>	
Fig 170. Preparação das pipas de vinho da firma para carregamento. Doca do Poço do Bispo, 1956.	135
<i>Fonte: APL</i>	
Fig 171. Planta de 1910.	136
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 172. Planta de 1910, com as primeiras ampliações.	136
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 173. Planta de 1916.	136
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 174. Em cima alçados Este e Norte, respetivamente, em baixo armazenagem das pipas no interior dos armazéns. Fotos de 1919.	137
<i>Fonte: MADEIRA, Bruno Manuel da Costa, Novos destinos para edifícios industriais: Reconversão dos Armazéns de vinho Abel Pereira da Fonseca, 2014, p. 82 e 176</i>	
Fig 175. Planta de 1920.	138
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 176. Planta de 1930.	138
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 177. Planta de 1942.	138
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 178. Alçado Oeste do edifício, 1923.	139
<i>Fonte: https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/abel-pereira-da-fonseca-105324</i>	
Fig 179. O conjunto dos dez armazéns, alçado Oeste, 1945.	139
<i>Fonte: MADEIRA, Bruno Manuel da Costa, Novos destinos para edifícios industriais: Reconversão dos Armazéns de vinho Abel Pereira da Fonseca, 2014, p. 88</i>	
Fig 180. Habitação operária da firma, 1945.	139
<i>Fonte: MADEIRA, Bruno Manuel da Costa, Novos destinos para edifícios industriais: Reconversão dos Armazéns de vinho Abel Pereira da Fonseca, 2014, p. 90</i>	
Fig 181. Estabelecimento da firma, 1966.	140
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html</i>	
Fig 182. Camião de distribuição de vinho da firma. S/d.	140
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html</i>	
Fig 183. O armazenamento das pipas de vinho no edifício principal. S/d.	141
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.htm</i>	
Fig 184. A galeria central de betão do volume Este do edifício principal. S/d.	141
<i>Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.htm</i>	

Fig 185. Galeria de cubas de vinho presentes no edifício principal. Foto de 2011.....	141
<i>Fonte: https://www.flickr.com/photos/57202742@N05/</i>	
Fig 186. Esquema de usos proposto para o novo pólo artístico	142
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 187. O piso térreo e a sua galeria de lojas.	144
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 188. Os estúdios situados no piso 1 e a sua relação entre si.	144
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 189. O interior dos estúdios.....	145
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 190. Axonometria em esquisso da agregação dos diferentes estúdios e da galeria que dá acesso aos mesmos.	145
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 191. O auditório e a sua forma.....	146
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 192. A loja com vista para o interior do atelier.	146
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 193. O atelier e a sua zona de produção.	146
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 194. As materialidades do atelier. A madeira e a pedra.	147
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 195. O acesso aos espaços de co-working através do atravessamento proposto nos armazéns a nascente.	148
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 196. As oficinas educativas.....	149
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 197. O pátio das residências. Trabalhar a forma existente.	150
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 198. A continuidade da cobertura na ligação entre espaços.....	151
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 199. A requalificação das fachadas do edifício principal.	151
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 200. As lâminas da fachada poente dos ateliers.....	152
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 201. A continuidade da fachada ao longo do conjunto.	152
<i>Realizado pela autora</i>	

Fig 202. Alçado poente dos ateliers e passagem.	153
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 203. Possíveis utilizações das lâminas de fachada para o espaço público. Enquanto elemento para a criação de espaços exteriores cobertos, para a exposição de arte, fotografia ou informação, ou para a diferenciação de zonas no espaço público.	153
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 204. A cor trabalhada ao nível do pavimento. Relação entre percurso e interior dos espaços.....	154
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 205. A correlação das estruturas efémeras e pré-existência para a criação de novas cenografias.	155
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 206. A memória trabalhada ao nível do pavimento. A utilização de cartazes publicitários alusivos aos vinhos.....	155
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 207. As materialidades para a invocação da memória. A madeira das tanoarias e a pedra dos lugares crus industriais.	156
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 208. O interior das lojas dos ateliers com imagens antigas da atividade fabril. A memória presente na contemporaneidade.	156
<i>Realizado pela autora</i>	
Fig 209. A cor dos pavimentos. Uma escolha mnemónica. A fachada, os rótulos e os folhetos publicitários.	157
<i>Realizado pela autora</i>	

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 2. Frente ribeirinha oriental e a sua ocupação industrial. Zona de Poço do Bispo, Lisboa, 1959.

Introdução

O documento seguidamente apresentado é resultado de um processo de investigação que visa a análise e reflexão da obsolescência industrial da frente ribeirinha oriental de Lisboa. Proveniente de uma desindustrialização conturbada, apresenta-se hoje uma paisagem urbana marcada pela deserção e fragmentação do respetivo tecido.

Por trás da inquietação que fundamenta o presente projeto, assume-se como premissa inicial o tema intitulado de “**Construir no (e com o) construído**”, elaborado pela disciplina de Laboratório de Projeto do quinto ano, do primeiro semestre. Pretendia-se uma análise aprofundada sobre o impacto de uma herança industrial marginalizada, deixada à cidade na qualidade de objeto expectante.

Enfrenta-se a problemática de um tecido urbano fortemente marcado por uma organização fabril em grande escala, como diretriz para uma proposta de intervenção urbana e arquitetónica capaz de preservar, reintegrar e reinventar a natureza e memória destes lugares numa Lisboa contemporânea.

Desenhado o limite da área de estudo a aprofundar, define-se o maior eixo industrial a oriente da cidade como objeto de leitura, numa extensão que se inicia em Santa Apolónia e finaliza na Matinha.

Elege-se Poço do Bispo como zona de interesse pessoal para o projeto que se apresenta.

Por esta razão e como forma de celebrar a memória industrial, que se pretende contínua ao seu tempo, propõem-se uma metodologia de projeto que articule a autenticidade dos lugares industriais com uma narrativa contemporânea. Um compromisso entre as gentes locais e as gerações contemporâneas. Nomeia-se o Antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca como espaço vinculativo para essa ambição.

Reinventa-se a atividade industrial, associando-a às práticas artísticas e culturais de hoje. Às indústrias contemporâneas, efémeras, concebidas enquanto espaços de exposição e criação, de encontro e de interação, num ambiente que se pretende colaborativo e comum entre artistas e entre público. Procura-se por uma recuperação natural e sustentável para a comunidade local, incentivando, simultaneamente, a afirmação das artes, estas produzidas cada vez mais para um público comum. Reinventa-se o convencional, em concordância com as novas lógicas de estar, de habitar e de sobreviver num mundo globalizado. Nasce, por conseguinte, o projeto do novo pólo artístico e cultural de Poço do Bispo.

Com um intuito de um maior conhecimento das temáticas em estudo, nascem quatro momentos que constituem o trabalho seguidamente desenvolvido.

No capítulo **1 | Paisagem industrial** tenciona-se contextualizar a atividade industrial de Lisboa, referenciando o seu desenvolvimento ao longo da história. O objetivo deste primeiro momento prende-se com a compreensão do seu impacto na estrutura urbana e social da cidade, relativamente ao crescimento e consolidação da zona ribeirinha oriental. Abordam-se aspetos que remontam à sua origem, evolução e impacto final no território. Primeiramente numa abordagem geral, enquadrando por fim no contexto da área de implantação do projeto proposto. Em jeito de conclusão, serão analisadas as consequências que o fenómeno originou na dinâmica

e funcionamento citadino, bem como a importância relativa à preservação da memória destes lugares, enquanto objetos que representam uma identidade coletiva.

Com a conclusão do capítulo anterior nasce o segundo momento **2 | A arquitetura e as novas artes**. Numa ótica de inserção contemporânea, introduzem-se as artes e a comunidade artística numa sociedade em profunda mutação. Anuncia-se o seu progressivo crescimento e respetivos princípios, baseados no desejo de uma profunda libertação e experimentalismo face à regularização do mundo global, numa ideia simultânea de aproximação do público relativamente ao seu trabalho.

Por via das referidas premissas, elucida-se sobre a natureza dos lugares onde se inserem, os respetivos programas e instituições incorporados, bem como, a configuração espacial dos mesmos.

Aprofundadas as matérias necessárias para uma abordagem conceptual do projeto, introduzem-se as premissas que conduzirão à materialização da proposta final.

Surge, assim, um terceiro momento **3 | Uma indústria renovada**. Repartem-se e discriminam-se as diferentes partes que constituem o processo realizado para a concretização do projeto de regeneração. Apresentam-se estratégias específicas que concretizam as questões abrangentes pelos respetivos campos, expondo exemplos elucidativos das práticas a desenvolver. Identificar e preservar, reativar e integrar, reinventar e, por fim, materializar são os quatro pontos que servirão de ponte aos resultados expostos no quarto e último momento.

A finalizar, sucede-se o quarto momento **4 | Indústrias reinventadas** como capítulo que compila e unifica os anteriores momentos. No seguimento do que se elaborou no terceiro momento, desenvolve-se em projeto cada ponto apresentado, aplicando os conhecimentos

adquiridos. Apresentam-se o local e objeto de estudo, assim como as problemáticas e princípios iniciais, culminando na estratégia de intervenção urbana, arquitetónica e construtiva que dão corpo à proposta desenvolvida.

Justifica-se, assim, o título que figura o trabalho, em jeito de consagração do que é o desenvolvimento da presente investigação, espelhando os diferentes momentos do presente documento no objeto arquitetónico que o formaliza.

Manter viva a paisagem e memória industrial, conhecer as novas práticas artísticas contemporâneas, compreender as inquietações de cada momento, criar interfaces e acoplar num projeto prático que se pretende responsivo à investigação elaborada.

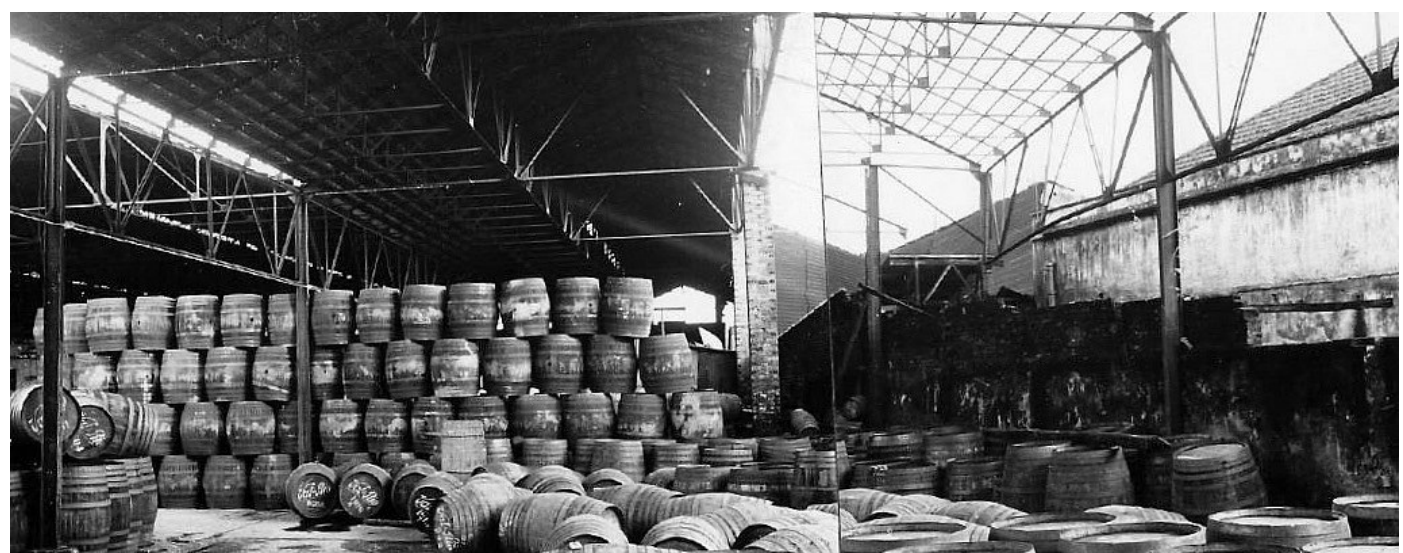


Fig 3. Armazenamento de pipas para importação nos armazéns Abel Pereira da Fonseca, s/ data.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

“ O país industrializou-se, bem ou mal. O passado não volta. Importantes são a continuidade e o perfeito conhecimento da sua história. A defesa do património cultural não pode ter fraturas. As fraturas culturais, a indiferença e o esquecimento são próprios das classes médias e altas – o povo não esquece; é o único capaz de constituir-se numa continuidade histórica sem fraturas.”

(Bardi, Lina Bo cit BIERRENBACH, p.12)

1 | Paisagem industrial

“ Por volta do século XVIII, dissolve-se numa aceleração da vida demográfica e económica que dá início a uma demorada expansão secular. Modelada fundamentalmente pela Revolução Industrial, esta nova expansão alterou características mais estáveis da vida económica, para anunciar o admirável Mundo Novo que hoje nós habitamos.”

(Rodrigues e Mendes, cit. Jan de Vries, 1999, p. 141)

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 4. Armazéns industriais à margem do Tejo. Doca do Terreiro do Trigo, Lisboa, 1949.

1.1 | A consolidação de um cenário industrial – o caso de Lisboa

É em finais do século XVIII que a Europa Ocidental presencia uma significativa expansão e desenvolvimento urbano das suas cidades. A modernidade espreita e impulsiona profundas mutações sobre tecidos urbanos consolidados (Rodrigues e Mendes, 1999).

Instalado o fenómeno da Revolução Industrial, os limites, anteriormente restritos aos centros históricos, estendem-se para terrenos periféricos, onde as condições se revelam mais favoráveis às necessidades emergentes. Com a implementação do sistema mecanizado crescem as dimensões espaciais, originando o aparecimento de grandes conjuntos industriais.

Fixam-se maioritariamente em zonas ribeirinhas, pela facilidade de construção de infraestruturas portuárias que auxiliem nas trocas comerciais.

Desse modo, justifica-se o crescimento das cidades, por esta altura, à margem de um rio ou mar, originando grandes frentes de água, mais tarde complementadas por inovadoras redes de transporte e comunicações, conforme o progresso tecnológico.

Lisboa, cidade contexto da presente proposta, viveu intensamente, esta realidade. Apesar de tardia a chegada da industrialização face ao contexto europeu, desenvolve-se abruptamente na segunda metade do século XIX.

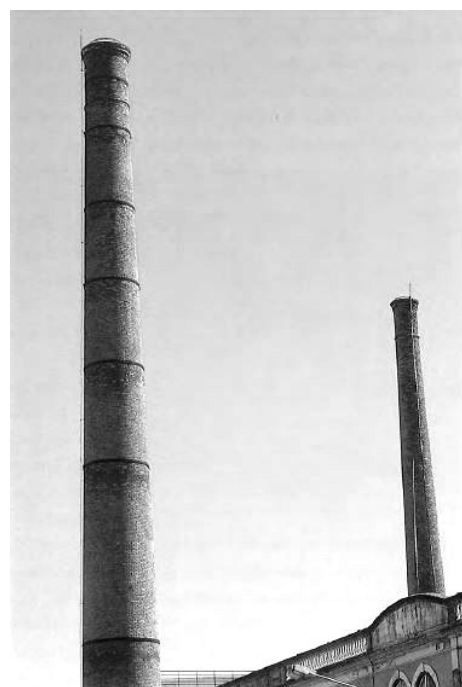


Fig 5. As chaminés industriais passam a ser imagem marcante na paisagem da cidade de Lisboa, a partir do século XIX, s/d.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

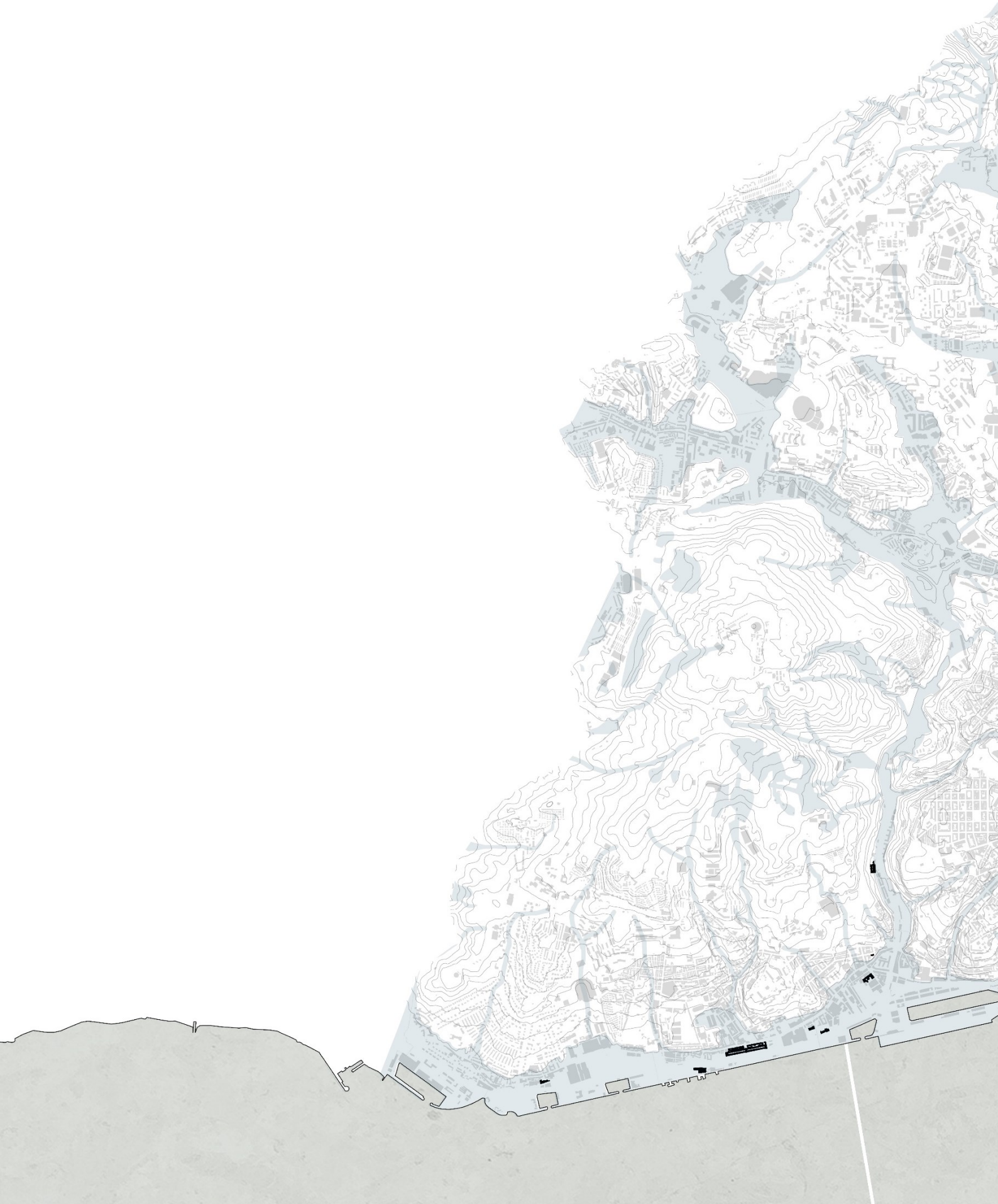




Fig 6. Planta do edificado industrial existente na cidade.

- Principais edifícios
- Tecido urbano
- Centros (Histórico e contemporâneo)
- Linhas de água

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 7. Os edifícios fabris por entre a paisagem natural da cidade. Lisboa oriental, 1938.

A consecutiva ocupação do território por empreendimentos fabris preencheu paisagens de natureza campestre, paralelamente à morfologia da orla ribeirinha.



Fig 8. A gradual aproximação ao Tejo. A ocupação das margens da cidade.

Resultante desse processo, foi-se consolidando uma extensa margem do Tejo, urbanizada por diversos armazéns e estaleiros que se constroem sobre sucessivos aterros, empurrando o Tejo para novo leito e abrindo portas para aquela que seria das maiores intervenções realizadas ao nível da cidade, o Porto de Lisboa (Silva, Vol.II, p.187).

Num período inicial, originário da manufatura pós-pombalina, decorrente durante a primeira metade do século XIX, as primeiras fábricas vêem-se dispersas um pouco por todo o território, próximas ao núcleo histórico, em virtude de lógicas correlacionadas às acessibilidades ou às transações comerciais das matérias-primas (Rodrigues e Mendes, 1999).

Com a instauração do regime liberal, em 1834, depois de um período de crise profundo oriundo das invasões francesas e respetiva fuga da corte para o Brasil, Lisboa sofre grandes mutações urbanas com a supressão das ordens religiosas, imposta pelo Decreto-Lei redigido por Joaquim António de Aguiar.¹

A imagem rústica de quintas e hortas vê-se desvanecida. Nacionalizam-se conventos, mosteiros e casas, desde Chelas a Belém, e transfiguram-se os respetivos locais à periferia do centro. Criam-se distintas relações de bairro que conduzem a uma nova estrutura urbana (França, 1997, p.51).

A aquisição é feita por uma nova burguesia liberal que renova os negócios até então agrícolas em troca de outros de carácter industrial. Readaptam-se os edifícios, determinando o começo de uma gradual instalação industrial ao longo da frente ribeirinha.



Fig 9. Nova frente industrial a oriente (Santa Apolónia) sob aterro, na transição para a década de 40, 1938.

¹ As ordens religiosas masculinas seriam extintas imediatamente e deveriam abandonar os seus edifícios, as ordens femininas poderiam permanecer nos seus locais, porém sem novas admissões, até à morte da última religiosa.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

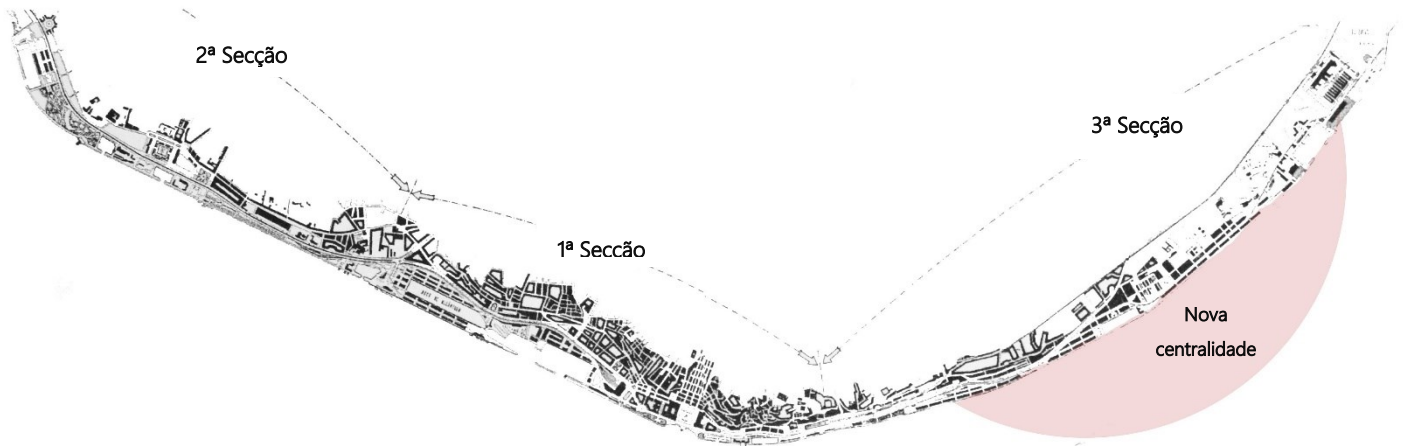


Fig 10. Esquema relativo à construção do Porto de Lisboa, dividido em 3 secções.

1º secção – Entre Doca de Conde d’Óbidos e Santa Apolónia;

2ª Secção – Entre Belém e Doca de Conde d’Óbidos;

3ª Secção (a vermelho – nova centralidade) – Entre Santa Apolónia e Olivais.

Em 1820, com a construção do Porto de Lisboa introduzem-se os primeiros vapores nacionais (Rodrigues e Mendes, 1999, p. 40). O seu consecutivo alargamento, por via do enorme crescimento das atividades marítimas e fluviais, desencadeia uma acentuada mutação no tecido urbano, económico e social tornando-se perceptível o surgimento de uma nova centralidade na periferia (fig.9).

Segue-se uma nova linha de costa, caracterizada por inúmeros cais acostáveis que dão apoio aos novos edifícios, armazéns e entrepostos industriais, cuja inserção vai sendo realizada entre a mesma e os espaços das primitivas fábricas e oficinas que vão sendo progressivamente distanciadas do rio (Silva, 1985, Vol. III, p. 36).



Fig 11. Doca do Poço do Bispo, com os seus cais acostáveis em finais dos anos 30, 1938.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

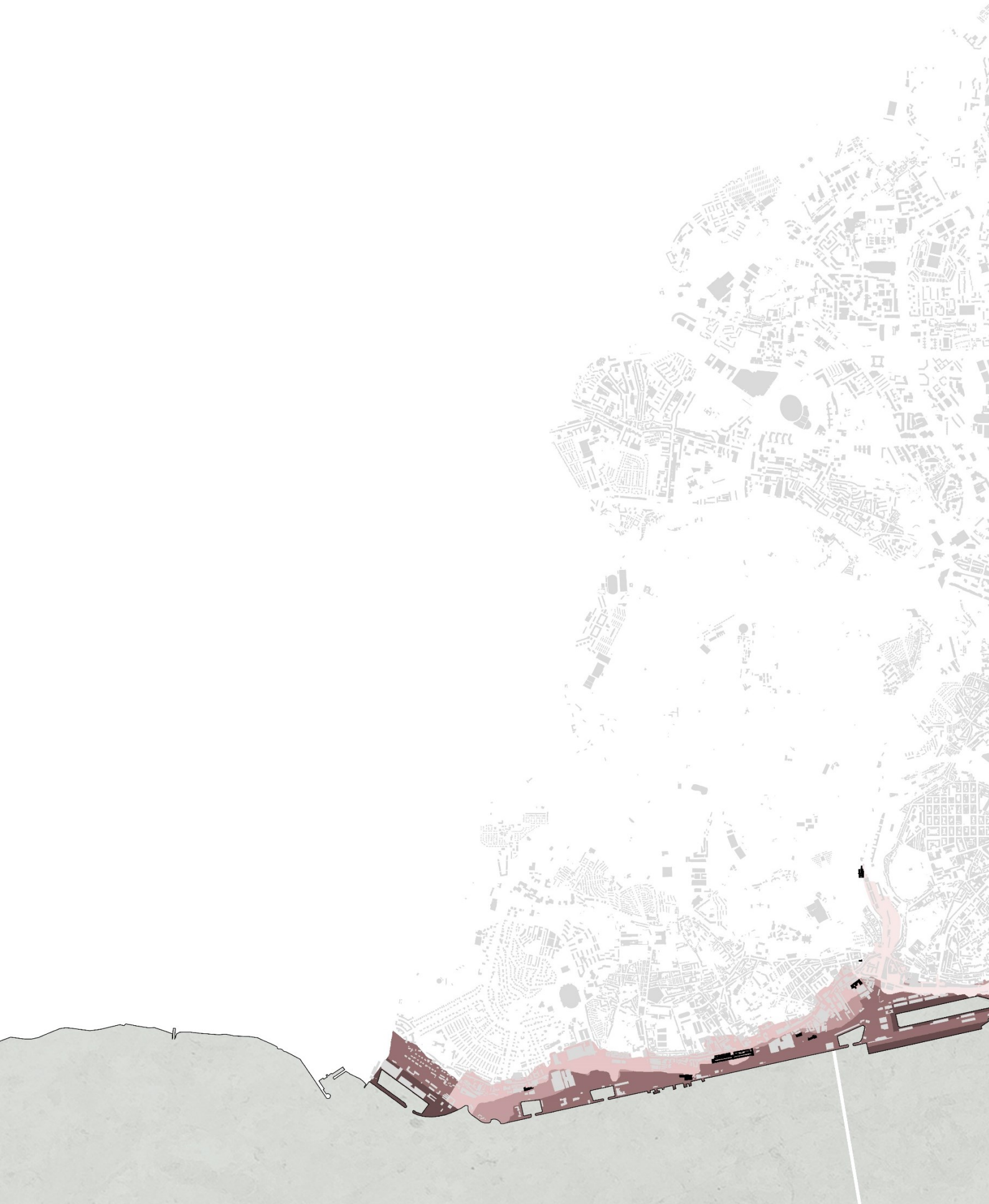




Fig 12. Planta dos sucessivos aterros construídos ao longo dos anos na frente ribeirinha, desde 1650 até ao estado atual.

- Sucessivas linhas de costa
- Principais edifícios industriais
- Tecido urbano
- Centros (Histórico e contemporâneo)

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entreposto Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 13. Planta de localização das principais zonas industriais.

- Principais edifícios industriais
- Conventos
- Tecido oriental
- Tecido urbano
- Centros (Histórico e contemporâneo)

Fruto desta progressiva sedimentação, Lisboa vê-se cada vez mais separada do rio, definindo-se por completo uma barreira física efetiva entre a cidade secular e a sua zona ribeirinha, constituída por uma vasta estrutura industrial, compreendida entre Belém e Matinha, numa extensão de cerca de 14 km (APL, 2005, p.12).

É com um olhar sobre a planta da cidade que se verifica a localização dos indicadores mais expressivos inerentes à referente transformação:

"Lisboa está povoada de muitas e grandes fábricas; porém tem três localidades que se podem considerar como os seus três distritos essencialmente fabris. São estes Xabregas, Beato e Marvila (...)"

(Rodrigues e Mendes, 1999, p. 208)

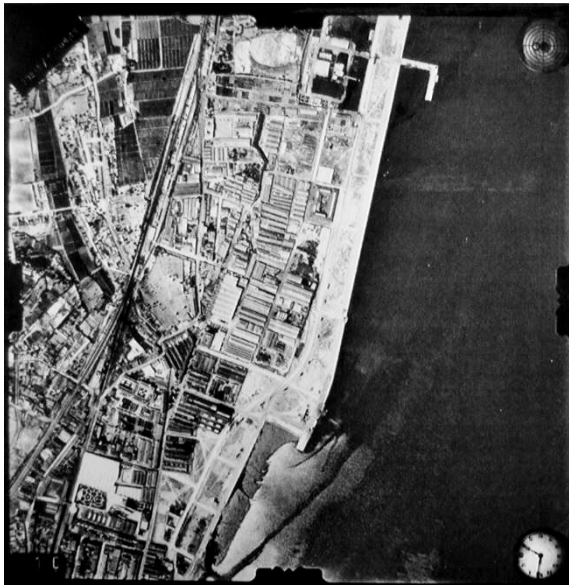
A maior concentração de paisagem industrial verifica-se na zona a Oriente da cidade, prolongando-se ao longo de Santa Apolónia, Xabregas, Grilo/Beato, Poço do Bispo e Matinha (Matos e Paulo, 1999).

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 14. Vista aérea das localidades de Lisboa Oriental, da esquerda para a direita, Xabregas, Beato, Poço do Bispo e Matinha, 1945.



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 15. Planta do edificado industrial e dos principais conventos.

1.1.1 | A grande estrutura industrial do oriente

Em resultado do infinito espaço rural presente a Oriente de Lisboa ganha forma uma crescente cintura industrial, desprendida de qualquer planificação. Muito ligada aos processos tradicionais de importação e exportação de produtos pelo Porto de Lisboa, a sua lógica de ocupação segue a orografia do território e da costa, assim como os interesses dos proprietários.

A geografia e paisagem da cidade, em conjunto com o sistema de relações sociais e económicas, gerado pelos centros urbanos que se formam com os novos edifícios, orientam na disposição do tecido urbano industrial (Cunha, 1998, p. 21).

Com os limites das propriedades das antigas cercas conventuais e palácios coincidem as superfícies dos loteamentos urbanizados e o cadastro da cidade contemporânea. Este constitui-se pelas estruturas fabris a partir das quais se organizam, em círculos concêntricos, diversos aglomerados de manchas habitacionais – essencialmente vilas e pátios – assim como, as respetivas coletividades e equipamentos que servem a comunidade residente.

O operariado vem introduzir, desse modo, uma dimensão histórica aos bairros que se formam ao longo da frente ribeirinha.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca





Fig 16 e 17. Os grandes núcleos industriais do oriente. Beato (1932) e Braço de Prata (1950), respetivamente.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 18. Trabalhadores da indústria militar, Fábrica Militar do Braço de Prata (1930-1940).

Os setores industriais com maior destaque nesta zona serão os de fabricação de produtos metálicos, de alimentação e de madeira e mobiliário (Cunha, 1998, p.6-19).

Com o aumento das oportunidades de trabalho propiciadas pelo crescimento da indústria, Lisboa oriental sofre um exponencial aumento demográfico. A população instalada é de grande heterogeneidade - migrante e originária de diferentes regiões do continente -, apresentando indícios de uma fixação a longo prazo, face à sua juventude e às condições espaciais propícias à criação das respetivas famílias.

Tal facto é verificável pelos registos populacionais que assinalam um índice de 84 mil habitantes em 1960, e de 138 mil em 1991, nesta zona da cidade. As freguesias mais populosas são elas Marvila e Olivais. Contrariamente a esta crescente humanização das periferias, o centro enfrenta uma diminuição significativa do seu número de residentes (Consigliari *et al.*, 1993, p. 18).



Fig 19. Trabalhadores da “Sociedade Nacional de Sabões”. Marvila, 1950.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

A integração de uma rede de transportes terrestre que viabilizasse o eficiente funcionamento da indústria torna-se bastante relevante para o posterior desenrolamento citadino. Até então, o Tejo era visto como único recurso viável pela contenção de custos que disponibilizava, já que as condições por via do solo permaneciam bastante primitivas.

A construção da linha de caminho-de-ferro, em 1856, vem atenuar essa inquietação, revolucionando por completo as acessibilidades da cidade. Se a mancha industrial já se havia alastrado até Poço do Bispo, com a sua implantação alcançam-se novos horizontes, pondo em causa os limites urbanos que definem a cidade (França, 1997, p. 68-69).

Com início em Santa Apolónia, a linha férrea segue para Leste e Norte, corta a direito sobre as depressões da topografia do terreno. Será ela elemento ligante entre o todo e as diversas partes – centro e periferia, entre capital e restantes regiões do país.

Fig 20. Vista aérea da Estação e Cais de Santa Apolónia, 1940.

Fig 21. Linha férrea, terminal de Santa Apolónia, 1960.



Por conseguinte, introduz-se uma nova dinâmica citadina, que permite uma dispersão da indústria, com o afastamento da sua dependência face ao rio, estruturando o espaço urbano de modo distinto do anterior. As novas fábricas fixam-se nos Olivais, área compreendida entre Braço de Prata e Moscavide, dando fim a um ciclo tradicional da era industrial. Tratam-se de instalações modernas de indústria pesada, algumas de grande importância ao nível nacional (Folgado e Custódio, 1999, p. 10).

Concebe-se uma maior facilidade e rapidez no transporte das mercadorias e matérias-primas, assim como se veem reduzidos, de forma significativa, os respetivos custos de deslocação. No que diz respeito ao quadro social, criam-se condições que permitem a mobilidade da população do núcleo antigo para a zona oriental periférica, quer para os respetivos postos de trabalho, quer para os núcleos habitacionais, gerando novos núcleos dormitório. Os terrenos a si adjacentes tornam-se, conseqüentemente, pólos de atração na fixação de novos núcleos industriais, pela inexistência de acessos rodoviários, permitindo a criação de ramais privativos que possibilitam o abastecimento e escoamento dos respetivos produtos (Rodrigues e Mendes, 1999).

Como resultado desta implantação, são despoletadas mutações irreversíveis na paisagem do território, que se por um lado trarão benefícios ao nível da atividade económica da cidade, por outro fragmentarão em muito o seu tecido urbano e social.

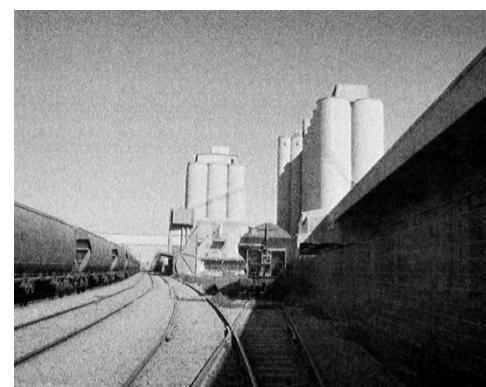
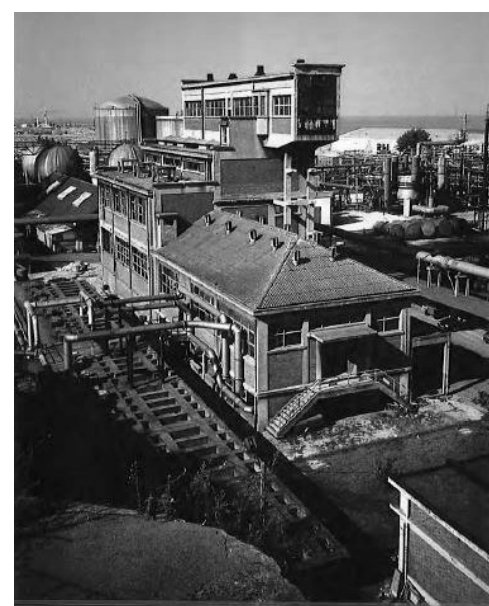


Fig 22. Construção das novas fábricas entre Braço de Prata e Moscavide, 1944.

Fig 23. A paisagem industrial dos Olivais, s/d.

Fig 24. As fábricas e os seus ramais ferroviários, s/d.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 25. Cais do Poço do Bispo, 1962.



Fig 27. Doca do Poço do Bispo, 2005.



Fig 26. Construção Doca do Poço do Bispo (s/data).

Igualmente relevante terá sido o seu papel nas atividades marítimas e portuárias. A sua existência torna possível a construção dos sucessivos aterros que vão sendo definidos ao longo da história.

Despoletado pela industrialização oriental, cresce o projeto do Porto de Lisboa. Com ele incute-se uma nova realidade ribeirinha que divide a cidade do rio para dar lugar ao assentamento de uma longa costa portuária, de instalações a grande escala que incluem cais, docas, terminais, estaleiros, armazéns e meios mecânicos. Reformulam-se, igualmente, antigos cais e criam-se novas docas – Poço do Bispo e Olivais (APL, 2005, p. 46).

As margens voltam a sofrer uma nova transformação em 1946, com a realização do Plano de Melhoramentos que apaga totalmente a vivência ribeirinha oriental, com a contentorização do porto.

Apesar das boas condições de mobilidade dispostas pelo apoio ferroviário, denotava-se a importância de possuir uma rede de transporte viário, que facultasse acessibilidades próprias às respetivas estruturas fabris.

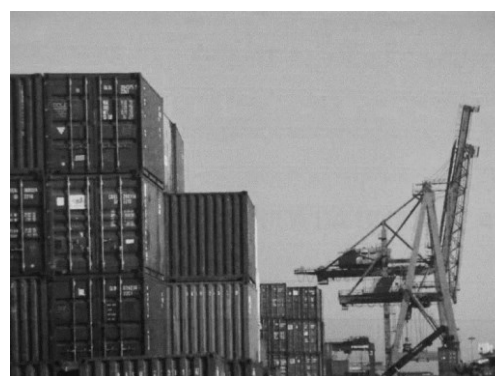


Fig 29. Obras de melhoria Porto de Lisboa (s/data).

Fig 28. Contentorização da frente ribeirinha (s/data).

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 30. Planta das principais redes de transporte da zona oriental de Lisboa

Acompanhando o traçado retilíneo das margens ribeirinhas, rasga-se a Avenida Marginal, Infante D. Henrique, definida pelo Plano de Gröer, em 1948, oferecendo total mobilidade entre Ocidente e Oriente, entre Centro Histórico e Centro Contemporâneo.

É com a sua consolidação que surge um novo desenvolvimento do tecido urbano regulado, de linhas planeadas, que leva a uma melhor estruturação das instalações fabris, ao longo do seu eixo, num alinhamento muito certo, situação visível com maior clareza entre Xabregas e a Doca dos Olivais (França, 1997, p. 93-96).

A cidade inicia, igualmente, o seu processo de desenvolvimento para a periferia interior, onde se localizam as derradeiras fábricas modernas, com sistemas de construção e de produção tecnologicamente mais avançados, que irão findar o período da era industrial em Lisboa (Cunha, 1998, p. 20-25).

Dando força a essa transformação urbana, constrói-se a Avenida Marechal Gomes da Costa, transversal ao rio, que estrutura e delimita a enorme mancha industrial formada ao longo da frente ribeirinha, encaminhando-a para o interior da cidade.



Fig 31. Avenida Infante D. Henrique, troço de Poço do Bispo, 2008.



Fig 32. Avenida Infante D. Henrique, troço de Cabo de Ruivo, 1953.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 33. Zona industrial de Cabo Ruivo (s/ data).



Fig 34. Avenida Marechal Gomes da Costa, 1959.



Fig 35. Novas indústrias na Avenida Marechal Gomes da Costa, 1959.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

“A completa alheação do homem perante o fenómeno repercute-se hoje na obsolescência industrial encontrada nas zonas arrabaldinas de Lisboa, com particular incisão a oriente ribeirinho e no seu grande vale”.

(Mendes, 1999)



Fig 36. A degradação e abandono das estruturas industriais existentes.

1.2 | O declínio e metamorfose pós-industrial

É com o decorrer da segunda metade do século XX que se vê findado um ciclo industrial, desencadeado pela mudança de paradigma no domínio económico e social das grandes cidades. O fenómeno da Globalização instala-se, originando profundas mutações nas dinâmicas da cidade. Dá-se uma descontinuidade do sistema tradicional.

Assiste-se a uma realocização dos portos e estruturas industriais para fora do núcleo citadino, onde os incentivos económicos e de produção se revelam de maior benefício, através da redução de mão-de-obra e impostos (Ferreira, 1997, p. 60).

Como consequência, presencia-se a desativação dos grandes conjuntos de produção existentes no tecido urbano da cidade que, por carência de utilidade e estética pouco apelativa, se veem negligenciados e esquecidos por uma sociedade em busca do progresso e da novidade (Queirós, 2004).

Desencadeia-se, assim, uma era de profunda obsolescência e consequente degradação urbanística dos antigos lugares industriais das cidades, isentos de infraestruturas e equipamentos que os integrem nas transformações metropolitanas ocorrentes no centro. Surgem inúmeras estruturas e vazios abertos, trilhos deixados ao abandono, aglomerados urbanos desqualificados, acentuando assimetrias sociais e espaciais entre centro e periferia que se refletem na cidade dual que Lisboa enfrenta (Ferreira, 1997, p. 110-112).



Fig 37. Desativação dos portos e estruturas industriais.



Fig 38. Degradação dos edifícios industriais.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

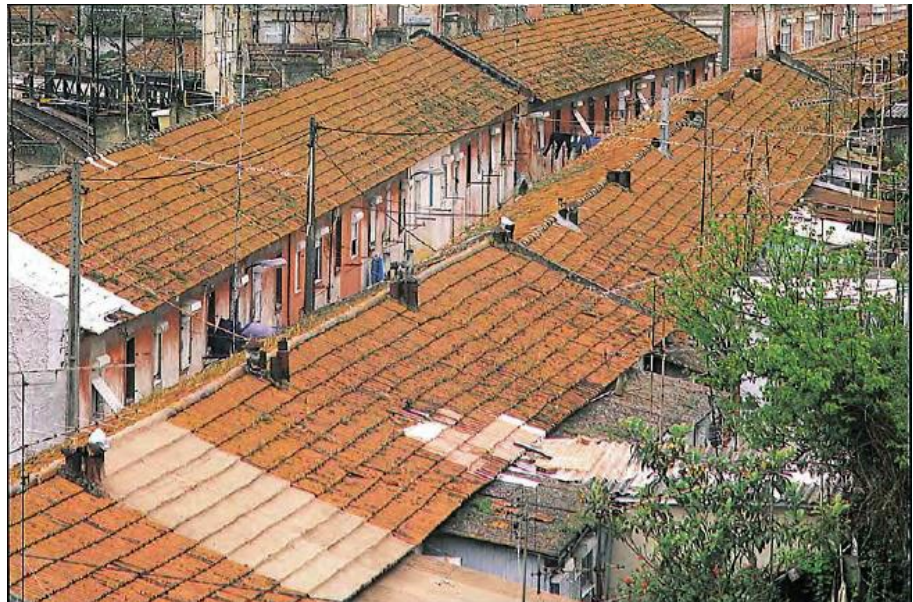
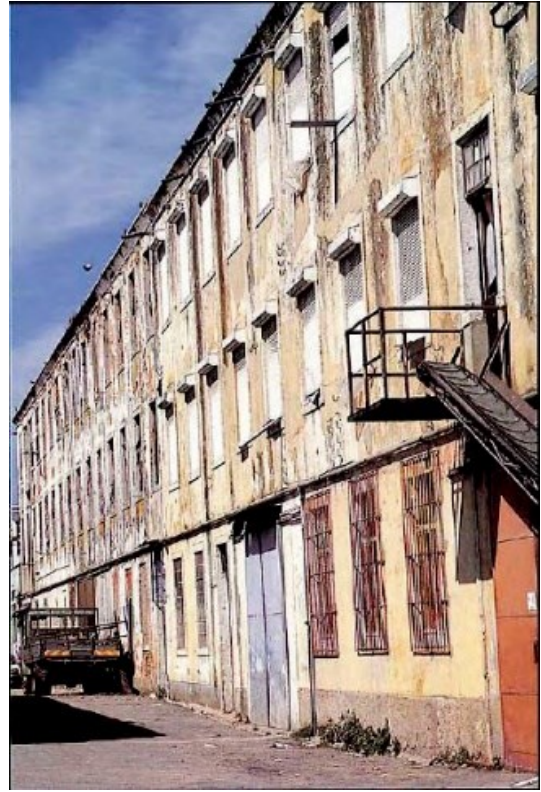


Fig 39. Bairros residenciais em elevado estado de degradação. Lisboa oriental. S/d.

A crescente desertificação e marginalização das zonas afetadas tornam o ambiente bairrista pouco convidativo ao seu usufruto, em oposição à realidade anteriormente vivida por altura da industrialização.

Em Lisboa, a paisagem industrial a Oriente envelhece gradualmente, sucumbida pelo tempo. Primeiramente entre Santa Apolónia e Braço de Prata, localização das fábricas mais antigas e tradicionais, alastrando-se mais tarde até aos Olivais, onde tomam lugar as indústrias mais recentes, cujo fim não se toma por diferente (Folgado e Custódio, 1999, p. 10).

O ambiente permanece de completa ruralidade, desintegrada da restante cidade que se transforma a grande velocidade. Com o desenvolvimento da tecnologia, da maquinaria e das práticas de consumo, anuncia-se uma metamorfose cultural.

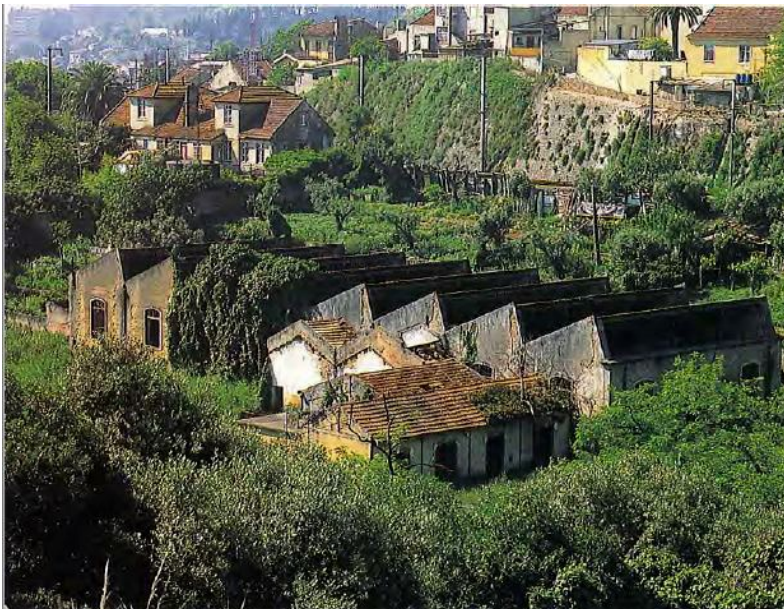


Fig 40. Fábrica deixada ao abandono por entre o ambiente arrabaldino da zona oriental. S/d.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

“Não há lugar na cidade para ideias esquecidas ou zonas isoladas, cada fragmento da cidade é necessário, cada habitante exigido. E então, sem que seja possível, desejável ou sequer necessário deitar abaixo os limites, o que importa é tornar porosas as estruturas existentes”.

(Caeiro, 2014, p. 363, cit. Nawratek)

1.3 | A preservação da memória

Levantada uma crise contemporânea associada à obsolescência dos lugares negligenciados pela cidade, de importante valor cultural para o contexto citadino, como é o caso dos antigos aglomerados industriais, procura-se compreender a relevância da sua salvaguarda e respetiva revitalização.

Apesar de difícil a aceitação de edifícios sem valor histórico ou monumental especial, depois de um período moderno marcado pela monumentalidade e espetacularidade, proveniente da sociedade de consumo, as estruturas industriais devem ser novamente olhadas e valorizadas pelo seu importante papel enquanto objetos de consagração do passado e da memória. Pelos seus atributos como identidade, referência e contexto, devem ser restituídas ao tecido urbano para que seja dada continuidade à sua história.



Fig 41. A qualidade espacial dos armazéns industriais Abel Pereira da Fonseca.

Acredita-se na arquitetura como projeção de um futuro através de um processo mnemónico. Pierre Nora, no seu livro *Les Lieux de Mémoire* (1978), classifica a memória como uma vivência do passado, transposta para o presente de forma continuada. Trata-se de uma narrativa que unifica o tempo e lhe proporciona forma e sentido.

É nesse mote que se caracteriza a cidade como palimpsesto. Trata-se de um organismo, em constante evolução, dentro do qual se vão sobrepondo vivências sociais de maior dinâmica e complexidade. Contudo, pela sua qualidade enquanto espaço infinito, acarreta consigo inúmeras histórias que vão deixando a sua marca irrevogável no território. Histórias essas que constituem memórias, intrinsecamente correlacionadas à experiência do viver e do sentir, que por sua vez se associam às interações sociais ocorrentes em determinado lugar.

Sem movimento não existe espaço, sem espaço não ocorre ação, sem ação não se gera memória.

Conforme é defendido por John Ruskin em *The Seven Lamps of Architecture* (1849, p.224) relativamente ao papel que a arquitetura possui na temática do relembrar: "*Architecture is to be regarded by us with the most serious thought. We may live without her, and worship without her, but we cannot remember without her*"².

As formas físicas irregulares e imperfeitas dos edifícios que a sociedade tende a rejeitar são, contudo, o retrato de uma identidade coletiva, que se estima não pela sua qualidade

² Tradução livre: A arquitetura deve ser considerada por nós com a maior seriedade. Nós podemos viver sem ela, adorar sem ela, mas não podemos lembrar sem ela.

estética mas pelo significado que é a si atribuído pelo indivíduo e pela comunidade. Tratam-se de espaços relacionais e históricos, pelo passado e memórias significantes para a unidade urbana onde se inserem e que, por isso, não devem ser sucumbidos pela cidade (Augé, 1994).

É necessário, contudo, entender que, para a adequada preservação dos objetos de memória, a sua total cristalização não será o caminho a seguir, já que, conforme referido anteriormente, a memória faz-se pelas percepções e vivências do mesmo e não pela sua morfologia. As partes antigas ou existentes da cidade encontram-se agora sujeitas a uma deterioração e à mudança dos usos e das pessoas (Portas, 1983, p. 10).

Desse modo, o renascimento das cidades como um todo, não só do ambiente físico mas também social e cultural, conforme designa Nuno Portas (1983, p. 10), no contexto atual determinará a sua prevalência, oferecendo lugar a novos testemunhos de distintas dinâmicas culturais e económicas.

Alinha-se a este conceito, o artigo 5 da Carta de Veneza de 1964, onde se defende e confirma a reutilização e readaptação dos edifícios consolidados a uma função útil para a coletividade como a melhor preservação passível de ser realizada, ao contrário da sua total estagnação. Todavia, não descorando da responsabilidade relativa à autenticidade e integridade do objeto, afetas à disposição ou decoração original.



Fig 42. As estruturas industriais enquanto pontos de referência da história da cidade.

2 | A arquitetura e as novas artes

“A arte contextual marca uma ruptura a vários níveis. Primeiro, trata-se de uma ruptura com a arte clássica, é o fim do white cube. [...] Segundo, há uma ruptura com a tradição em que se olha mas não se toca, em que o público é apenas espectador. [...] Terceiro, a ruptura começa a nível do próprio artista. Este já não trabalha sozinho em casa, no seu canto. [...] Quarto, a ruptura dá-se a nível médium utilizado. O material e o ateliê passam a ser cidade e a paisagem natural”.

(Caeiro cit Paul Ardenne , 2014, p. 394)

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 43 e 44. Instalação urbana do artista plástico Xana, na Travessa da Ermida, em Belém (2013). O autor tem como intenção questionar o seu público relativamente ao papel que representa para a sociedade e para o mundo. Através de ícones visuais, expõem-se diferentes mensagens de reflexão, numa provocação à sensibilidade e despoletar de ideias dos observadores.

2.1 | Emancipação artística

Vivemos, hoje, um período de profunda emancipação. A uniformização que a globalização veio imprimir nas dinâmicas sociais e urbanas das grandes cidades geraram uma fome incessante pela diferenciação e a subjetividade perdida na sociedade contemporânea.

Desenvolvem-se cidades indiferenciáveis, traduzindo-se em “espaços de cultura e memória cada vez mais banais” (Madureira, 2010, p.3), pela total alheação das relações inerentes às vivências urbanas.

Os interesses capitalistas sobrepõem-se à identidade das próprias comunidades, originando ambientes descaracterizados e desumanizados. Há um crescente número de pessoas, casas e equipamentos; maior facilidade nas comunicações, todavia, os métodos urbanísticos denotam-se pouco consolidados (Portas, 1983).

Da vontade de contrariar esta tendência, emerge uma comunidade artística, revolucionária, que procura a afirmação da sua arte num mundo cada vez mais afastado do ser humano, da cidade e de si próprio.

A criação de uma sociedade isenta de emoção, condição necessária para a sua participação na vida urbana, colide com os padrões defendidos por estes novos artistas que ambicionam “(...) *uma nova relação da arte com a rua, com a cidade e com a paisagem (...)*” (Grande, 2009, P.8).

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 45, 46 e 47. Quiosque de arte contemporânea (Weimar, 2009) uma experiência temporária e informal de práticas artísticas e sociais, dedicado ao encontro e partilha de ideias entre comunidade e artistas, usufruído espontaneamente pelos utilizadores. Servirá como local de trabalho, de debate, de venda, de exposição, ou meramente como local de estar.

Nuno Grande (2009, p.8), expressa a vontade que este novo despertar desencadeia nas novas criações artísticas que se desejam não mais pertencerem às paredes, aos plintos ou aos jardins dos museus.

As premissas artísticas contemporâneas figuram-se, hoje, na aproximação do trabalho do criador à comunidade, seja ela artística ou sem qualquer ligação ao ramo, reunindo e unificando opiniões distintas, em prol de um maior sucesso e afirmação da disciplina, afastando a ideia divisiva de individualidade.

"(...) A arte (...) é uma actividade que consiste em produzir relações com o mundo, em materializar de uma forma, ou de outra, a suas relações com o tempo e o espaço."

(Bourriaud, 2009, p. 42)

Para além da visibilidade artística conferida com esta prática, o enriquecimento cultural ganho pelo público comum, dota-o cada vez mais de ferramentas que permitem uma maior participação no mundo e no que nele acontece (Caeiro, 2014).

"Não se trata apenas de estarmos juntos enquanto tal, mas de uma intenção que a todos nos une e nos impede de nos desintegrarmos em diálogos dispersos e de nos dispersarmos em vivências individuais. Tal é da ordem de um impulso comunicativo que a arte nos exige a todos e em que todos nos unimos".

(Caeiro, 2014, p.281)

Se as cidades se fazem através das suas gentes, e das suas histórias, o enaltecimento da interação social é fundamental para que a cidade aconteça e permaneça. O desafio encontra-se na complexidade da rede que se forma com a coexistência das diferentes temporalidades. É com vista a essa ambição que o papel da arte e da criatividade possuem papel fundamental.

Segundo Nicolas Bourriaud (2009, p.42), o reinventar das lógicas de ser e de estar convencionais fazem parte do trabalho desta geração de artistas que encontra no seu trabalho uma possibilidade de envolvimento com o público e com os lugares onde se estabelecem, colocando a arte numa dimensão regeneradora dos tecidos sociais e urbanos.

O mesmo autor menciona o artista como um nómada pela sua adaptação ao mundo presente. Isto é, tendo em consideração as dimensões de tempo, espaço e signos do lugar onde intervém, explora as respetivas realidades geográficas, históricas e socioculturais, com o intuito de as salvaguardar e as envolver com a arte que apresenta num contexto contemporâneo.

"A obra de arte moderna está marcada pela união do autêntico com o efêmero. O papel do dandy consiste então em, com o seu ar negligente, transformar, em provocação, este género de extra-quotidiano que outros experimentam passivamente, e em tornar manifesto, pela provocação, este mesmo extra-quotidiano".

(Habermas, O discurso da modernidade 1990, p.31)

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

" (...) é uma necessidade dos dias de hoje, é preciso comunicar rápida e eficazmente. Os espaços e os sítios precisam de se afirmar, de ter personalidade e de comunicar ao mesmo tempo."

(Nuno Gusmão, Atelier P-06)



Fig 48. Intervenção elaborada pelo atelier P-06, nos armazéns junto ao Cais do Sodré, com o intuito de melhorar a paisagem ribeirinha e convidar ao seu usufruto.

2.2 | A arte no contexto da cidade

A condição de emancipação e o desejo de uma maior proximidade e participação da comunidade no trabalho das artes, refletem a natureza dos espaços em que os artistas se estabelecem.

Os lugares desabitados e segregados pela cidade surgem como monumentos potenciais para os novos espaços laborais, não só pela sua condição de espaço informal e obscuro, permitindo uma maior abertura e inspiração para as práticas artísticas, mas também, pela sua proximidade regularmente a uma comunidade mais carenciada e marginalizada.

A arte enfrenta, assim, uma transformação progressiva relativamente às suas práticas, essencialmente ligadas a aspetos antropológicos e sociais, transpostas para o espaço acessível e comum a todos, ocorrendo o seu afastamento cada vez mais claro do mundo das galerias e dos museus (Grande, 2009, p. 6).

Como exemplo deste acontecimento, apresentamos o projeto Cabanyal Portes Obertes, inaugurado em 1998, ocorrente em Valência (Espanha). Trata-se de um projeto anual de intervenção artística, fundado como protesto social para impedir a destruição do bairro histórico de Cabanyal contemplada pelos planos urbanísticos propostos pela Câmara como estratégia de colmatação dos problemas sociais que a localidade contém.



Fig 49. Cartaz publicitário do evento Cabanyal Portes Obertes.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

O projeto realiza-se nos edifícios do bairro, públicos e particulares, com maior inserção nestes últimos, abertos ao público, onde são expostos trabalhos ligados às artes plásticas, à música, à fotografia, à dança, ao cinema, entre outros.

Fig 50, 51 e 52. Construções que acolhem o evento.



Fig 53. Intervenção do artista plástico português, Bordalo II, num edifício abandonado em Xabregas, como elemento publicitário à sua exposição "Aterro".

Iniciado sem fins lucrativos, de forma espontânea e voluntária, pela comunidade artística e residente do bairro pela ocorrência anteriormente referida, rapidamente tomou dimensão enquanto evento pela diferenciação e dinamização que proporcionou.

Atualmente revê-se como evento importante para a localidade de Valência, com uma enorme número de visitantes curiosos, confirmando a política das artes como motor vinculativo para as dinâmicas ocorrentes nas cidades.

A transformação das práticas artísticas num elemento comunicacional, de interação com o observador e com a realidade existente, leva ao pensamento do artista não como criador de materiais, mas sim coordenador de materiais

consolidados. Ganha estatuto enquanto sistema interventivo no âmbito do repensar os objetos da atenção da cidade (Caeiro, 2014).

A abordagem foca-se na pertinência da intervenção em determinado lugar, de uma forma versátil, económica e passível de ser substituída. Mais importante é o seu desenvolvimento de diálogo no lugar onde se insere.

A relação entre objeto artístico e ambiente envolvente determinam as vivências e envolvimento do seu público. Com esta comunicação geram-se teatralizações que por sua vez, constroem e potenciam novas dimensões espaciais ao objeto arquitetónico. Referindo novamente o projeto *Portes Obertes* (1998), poderemos considerar o mesmo como um jogo teatral promovido pela arte.

Os lugares de arte são assim concebidos pelo genuíno acontecer da cidade e dos seus cidadãos. A criação e receção artística tornam-se num acontecimento da cidade, conduzido pela teatralidade associada à experiência gerada pelo participante, sendo esta ativada pela obra.

Contudo, face à responsabilidade que acarreta enquanto modelo produtor de emoções, perante a total abertura a que se propõem relativamente ao seu público, torna-se elemento de risco relativamente às consequências para os envolvidos (Caeiro, 2014).

A sua condição de efemeridade torna mais fácil a reversibilidade das intervenções realizadas nos lugares, que, por sua vez, se refletem numa maior liberdade no campo de ação artístico.



Fig 54. Intervenção numa fábrica em Berlim a propósito do Festival Internacional de design, atelier português Fahr.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

2.3 | Tipologias culturais contemporâneas

Com um novo léxico de expressão da vida urbana desencadeado pelo envolvimento entre a arte e a arquitetura, desperta-se a atenção dos mais variados fatores culturais. O fator expositivo e mediático da arte praticada fora dos limites dos espaços convencionais, fomenta o desenvolvimento de atividades relacionais, muito associadas ao encontro e interação, condição que atrai os mais criativos que procuram uma aproximação mais imediata ao seu público, bem como aos restantes criadores pela potencialidade que a partilha de diferentes concepções trará para os seus projetos (Caeiro, 2014, p. 287-289).

Sucedem-se uma abertura programática e consigo uma nova tipologia urbana onde coexistem variadas instituições culturais e artísticas, em torno da criação, difusão e receção cultural, conectadas em rede e em proximidade (Paulino, 2015). Designados como clusters culturais e criativos, associam-se a construções desativadas ou negligenciadas pela cidade e sua comunidade, servindo como catalisadores urbanos e dispositivos estéticos, influenciando o investimento local (Garcia, 2016).

Referenciamos o projeto Lx Factory, inaugurado em 2007, como exemplo destas novas tipologias. Antiga Fábrica de Fiação e de Tecidos Lisboense (1838), o conjunto dos inúmeros edifícios que a compõem servem hoje de palco a uma dinâmica cultural e criativa das mais variadas áreas. Nela se concentram espaços de lazer, de trabalho, de comércio ou de estadia.

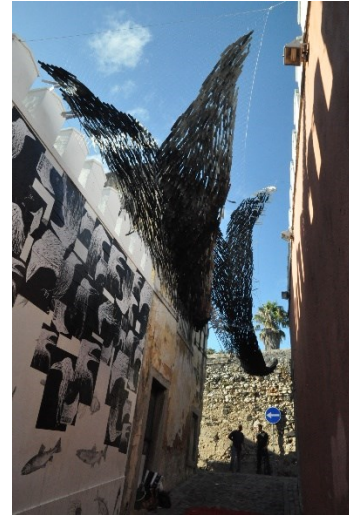


Fig 55. O envolvimento da arte na arquitetura, artista plástica Jana Matejkova, Metamorphosis, Lisboa (2011).



Fig 56. Vivências espaciais do recinto Lx Factory.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



O objetivo do projeto prende-se com uma maior interação entre atividades, permitindo uma maior prosperidade das empresas acolhidas pelo projeto. A acessibilidade por parte não só dos residentes trabalhadores como também do público geral permite uma utilização distinta dos habituais espaços encontrados na cidade.



Para lá da mais-valia associada à referida aglomeração, é de referir o significado que o surgimento destes lugares possuem para a personalidade da própria cidade, conferindo-lhe estatuto e visibilidade. Não só ao nível das instituições concêntricas a si, mas também perante as grandes capitais culturais, mantendo-se a par do constante processo competitivo.



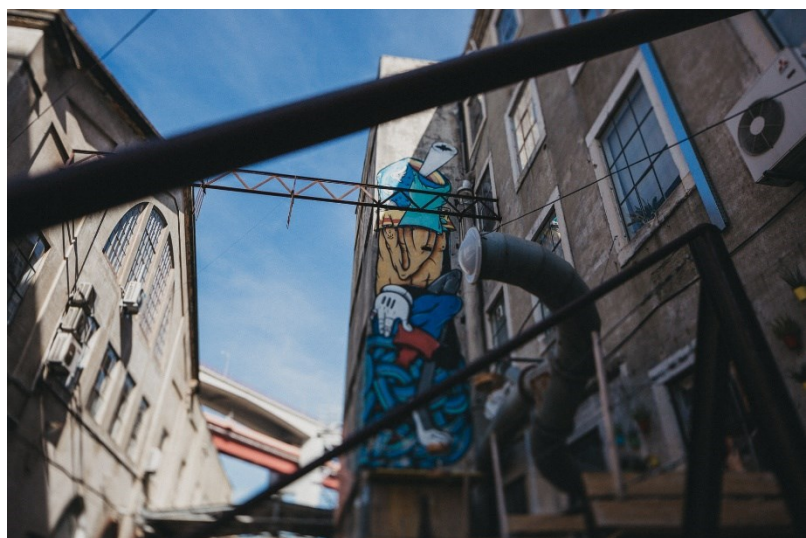
Por via deste tipo de iniciativas, geram-se novas centralidades que fomentam o findar de vazios e lugares subdesenvolvidos dos tecidos urbanos e descentralizam os principais núcleos.

Fig 57. Painéis comunicativos que nos elucidam sobre o espírito de trabalho do Lx Factory.

Na segunda imagem, tradução para português: *"Horário de trabalho, abrimos quando viermos, encerramos quando formos, se vens quando estamos eis que nos encontramos."*

Fig 58. Ateliês de trabalho, a transparência do trabalho dos artistas.

Fig 59. A imagem do complexo segundo os olhos do visitante.



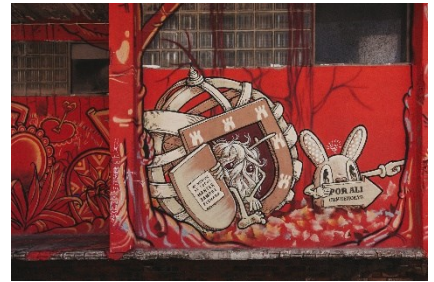


Fig 60. Sequência de imagens ilustrativas do ambiente visual do recinto.

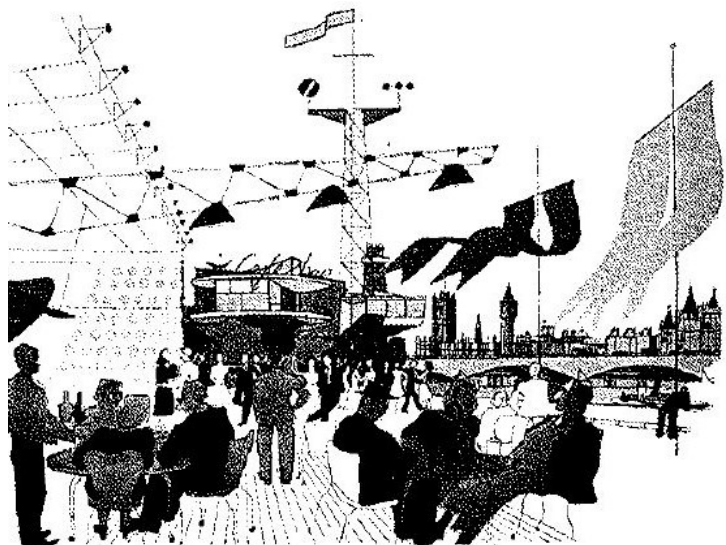
INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

“Qualquer conceito de cidade inclui imperativamente a questão da sua materialidade como objeto construído, o suporte de todas as atividades e vivências que aí se desenvolvem e que se organizam coletivamente. Esta questão da forma urbana é colocada sempre que se reflete sobre a cidade experimentada, aquela que conhecemos pela experiência do quotidiano, e a projeção de uma cidade desejada.”

(Garcia cit Carlos Dias Coelho, 2016, p. 23)

Fig 61. Cenário urbano protagonizado por um conjunto de pessoas que jantam sob um teto de luzes, com os edifícios do Parlamento como pano de fundo, ilustração livro Paisagem Urbana de Gordon Cullen.



2.4 | A apropriação espacial

Conforme referido anteriormente, a efemeridade patente no campo de ação artístico possibilita uma maior liberdade na criação de teatralizações urbanas.

Como meio de resposta, o próprio sistema criativo e artístico é trabalhado no sentido de providenciar soluções espaciais compatíveis com esta mesma realidade. Os sistemas funcionais vinculam-se aos sistemas espaciais dando forma a uma diversificada apropriação espacial em todas as suas escalas e dimensões.

Por conseguinte a estes variados imaginários urbanos que se (re)criam, viabilizados pelo seu caráter temporário, os lugares que acolhem esta abordagem tornam-se palco de cenários efêmeros, profundamente associados à ideia de imagem e performance, assim como a toda a experiência e interação que dela provém.

Introduz-se um novo campo na dimensão arquitetónica baseada na construção espacial, cujo entendimento deve ser direcionado numa relação harmoniosa entre observador, respetiva intervenção e contexto urbano.

Com esta abertura urbana vê-se despoletada a qualidade dos espaços da cidade, permitindo e despertando a participação e inclusão da comunidade com o espaço público, transformando modos de experienciar o mundo (Garcia, 2016, p. 145).

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 62. O cenário das cidades construídas, Piazza Grande, cidade de Módena, Itália.

2.4.1 | Cenografia e cidade

A cenografia e a teatralidade fizeram desde sempre parte da história da cidade enquanto sistema de representação, conferindo identidade aos seus sítios. Associado ao desenho do espaço da cidade, sucede-se uma sequência de acontecimentos urbanos e sociais que originam, por sua vez, uma sequência de ações teatrais realizadas pelo público que participa no cenário.

Como exemplo, particulariza-se as matrizes fundamentais da cidade medieval – a praça, as ruas e os dispositivos cenográficos (a igreja ou a universidade) – enunciadas enquanto espaços de reunião pelas referências sociais a si inerentes, respetivamente o encontro, a troca, a passagem e o monumento/memória (Garcia, 2016, p. 27-28).

A presença destas orientações são imprescindíveis para a integração do ser humano na sua urbe, pela transmissão de significados a si inerentes. José Manuel Castanheira (2015), especialista na área de Arquitetura teatral e na cenografia do espetáculo, refere a importância de nunca retirar do conceito da cenografia o fenómeno da representação pois é esta a sua génese.

A origem do termo cenografia surge na Grécia Antiga, a propósito da necessidade de entretenimento humano e transmissão de mensagens ao observador. Surgida por via das peças teatrais, servia de pano de fundo à encenação. Mais tarde, no Renascimento evoluiu como técnica de representação

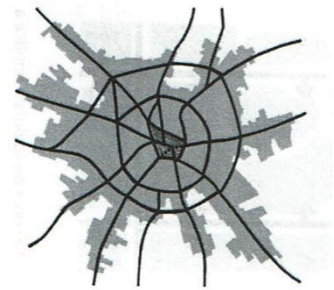


Fig 63. Esquema elucidativo da lógica da cidade medieval. Os percursos elaborados pelas ruas e o centro onde a praça acontece.



Fig 64. Cidade de Sienna, no centro a Piazza del Campo.

do espaço em perspetiva, em diversos campos que não só o teatro – pintura, arquitetura, desenho da cidade.

Contudo, é com o início do século XX que a cenografia se apresenta como o espaço físico de produção do drama.

Garcia denomina a cenografia como “ (...) *o desenho, a conceção do espaço cénico e cenário, assim como, os elementos que se colocam no espaço. Não há espetáculo teatral sem cenografia, mas ele pode não ter cenário, sendo um simples praticável vazio.*” (2016, cit José Carlos Serroni p. 27).

Partindo deste ponto de vista, a presença de movimento será suficiente para que seja realizado um ato teatral.

É neste quadro que se associa a cenografia à cidade, enquanto ferramenta para o seu desenho, um mundo de imagens, de volumes e de interações.

Os princípios seguem os mesmos da cenografia teatral – o ritmo, o movimento e o tempo (Garcia, 2016, p. 27).

A arquitetura como portadora de múltiplos cenários ganha uma nova dimensão intrínseca ao acontecimento e à construção espacial.

"Scenography is the seamless synthesis of space, text, research, art, actors, directors and spectators that contributes to an original creation."³

(Howard, 2003, p.130)



Fig 65. Lisboa e o seu espaço cénico. Os pontos de vista que a constroem. Rua do Arsenal.

³ Tradução livre: "Cenografia é a síntese perfeita de espaço, texto, pesquisa, arte, atores, diretores e espectadores que contribuem para uma criação original."

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 66. A ruína em construção.
A coluna pano, a janela
madeira, os tijolos suspensos, o
espelho em secções, o soalho.
Esquisso José Castanheira.

2.4.2 | A (re)construção da cidade presente

" (...) We think of space in action, how we can make it and break it, what we need to create the right space, and how it can be constructed with form and colour to enhance the human being and the text."

(Howard, 2003, p. 1)

Uma cidade, mais do que um conjunto de características geométricas que lhe confere uma fisionomia específica, define-se pelas múltiplas ações onde o ser humano participa. No livro *A produção do espaço* (1999, p.8), Lefebvre refere a natureza do espaço urbano como produto das relações estabelecidas entre os seus habitantes e o espaço formal, atribuindo-lhe significado pela representação que possuem no do quotidiano dos mesmos.

No seguimento desta lógica, o espaço constrói-se pela experiência tridimensional que os variados dispositivos presentes no tecido da cidade conferem – edifícios, espaço público ou estruturas temporárias - gerando atmosferas e realidades variadas de cidade para cidade, ou até de lugares para lugares coexistentes numa mesma cidade.

Pamela Howard (2003) refere diferentes particularidades do espaço que interferem na sua perceção quando vivenciado como o equilíbrio entre luz e sombra, a utilização da cor, o impacto das materialidades, o contraste entre elementos verticais e horizontais ou a disposição e articulação dos múltiplos intervenientes no cenário.



Fig 67. Ilustração intitulada de "Boulevard" sobre as vivências do espaço público.

Numa ótica do reconstruir as narrativas cenográficas das cidades, os lugares que nelas operam não devem ser definidos por um finito número de vivências, mas, pelo contrário, por inúmeras possibilidades já que os mesmos devem ser dinâmicos e não estáticos.

Com a inovação tecnológica e a descoberta de uma diversidade de materiais, estruturas e técnicas contemporâneas, a amplitude de respostas torna estimulante a construção de novos cenários que salvaguardem a herança cidadina, levando a que a cidade seja vivida de contrastes espaciais, temporais e sociais.

Neste campo, o espaço público acarreta uma enorme importância para esta recriação. Rendell (2006, cit Frederic Jameson, p.58) referencia, o espaço público, e particularmente a praça, enquanto elemento que oferece um "*princípio de descoberta*" podendo este ser utilizado na condução e estimulação das relações em si estabelecidas. Lefebvre (1999) articula ainda a rua urbana como o lugar do discurso e das palavras.

Por essa via, projetos de ordem temporária ganham gradualmente maior posição na reconstrução dos cenários urbanos. "*Os usos temporários criam um impulso e um perfil de mercado para um lugar, podendo acelerar o seu eventual desenvolvimento permanente.*" (Garcia, 2016, p.154).



Fig 68. A relação entre praça e o elemento descoberta, neste caso o rio, Piazza de San Marco, Veneza.



Andreia Garcia (2016, cit Carlos Isabel, p.239) incute na cidade igualmente a ideia de "(...) *criar fluidez e fruição estética e física entre os territórios definidos e construídos (...) ou seja: mais ação, menos betão.*"



Apresenta-se a iniciativa intitulada de *Palco Cívico* (2013), desenvolvida pelo programa *Fórum Novos Públicos*, realizada na Praça da Figueira. O objetivo consiste na utilização de uma plataforma temporária para a recontextualização da realidade controlada dos palcos públicos da cidade. O teatro é transportado para a rua de forma inesperada. A plataforma serve de assento para a audiência que se queira envolver no projeto.



O projeto, para além de levar as artes para fora das quatro paredes, sugere uma reflexão sobre o usufruto dos espaços públicos da cidade através de uma cooperação entre diversas áreas.



Fig 69. Imagens do Projeto Palco cívico, na Praça da Figueira.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

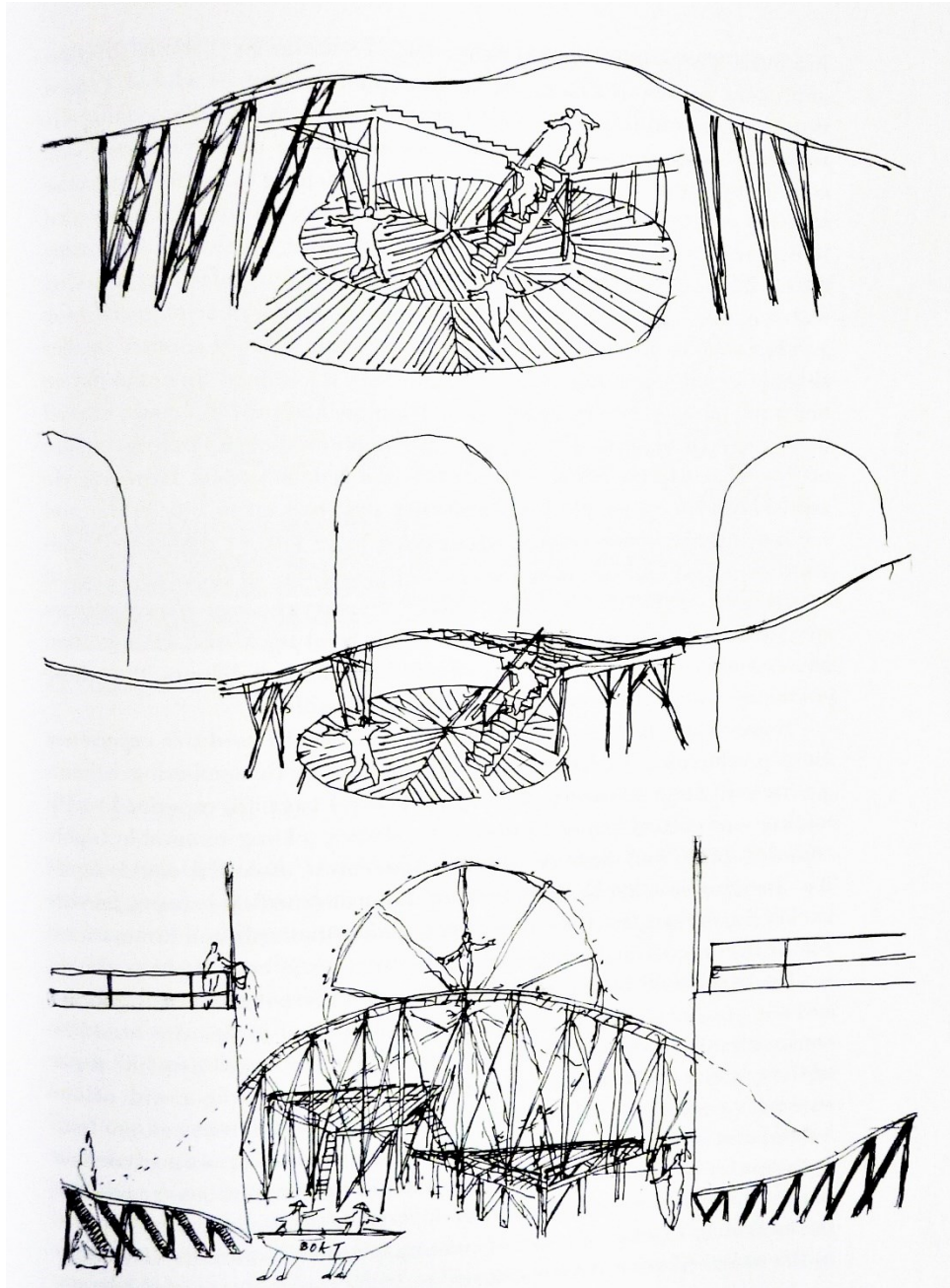


Fig 70. Esquemas desenhados do cenário de uma peça teatral, Pamela Howard.

2.4.3 | As estruturas efémeras num contexto existente

Numa lógica proveniente da contemporaneidade, de participação ativa dos habitantes na dinâmica urbana das cidades, a natureza dos projetos temporários são delineados para dar resposta às respetivas necessidades da esfera social e urbana. As estruturas introduzidas em realidades existentes surgem como plataformas sócio espaciais, que impelem para uma determinada ocupação para o seu efetivo funcionamento (Rendell, 2006, p. 64).

Toma-se como exemplo os antigos quiosques de Lisboa (Fig. 69). Construídos em finais do século XIX, implantam-se nas principais praças e avenidas, assim como em locais ribeirinhos estratégicos, operando como catalisadores para as práticas sociais e culturais. Utilizados como pequenos espaços comerciais e complementados por animação cultural programada, o seu propósito é cumprido com a usufruição do espaço. Por conseguinte, o valor destes dispositivos encontram-se dependentes das ações dos seus utilizadores, pois de outra forma tornam-se elementos abstratos na cidade. Para além de cumprirem requisitos estéticos que conferem atratividade ao espaço urbano, servem igualmente como mediadores temporais, resgatando importantes valores históricos da cidade para as vivências contemporâneas.



Fig 71. Os Antigos Quiosques de Lisboa hoje reabilitados para a melhoria do ambiente urbano e social.

No campo da revitalização urbana, estes elementos introduzem um novo modo de habitar, aberto e multifacetado, adaptado à medida da necessidade e das possibilidades de circunstância. Contudo, importa não esquecer as exigências de uma qualidade cenográfica urbana para a subsistência da expressão cívica do tecido urbano (Garcia, 2016, p.142).

Fig 72. Instalação temporária realizada no âmbito do evento Moda Lisboa 2011, elaborado pelo P-06 Ateliê. O projeto visa enaltecer as características da fachada do edifício.



Com o surgimento de novas estruturas e sistemas gerados fruto da inovação tecnológica, o conceito de cidade espontânea torna maiores os complexos das suas vivências. No contexto da esfera pública, a abrangência conceptual vê-se alargada e propícia uma maior política do uso do espaço, tornando-o cada vez mais efêmero e apto às novas premissas exigidas. O conceito criativo cresce, atraindo novas classes criativas e gerando um futuro sustentável.

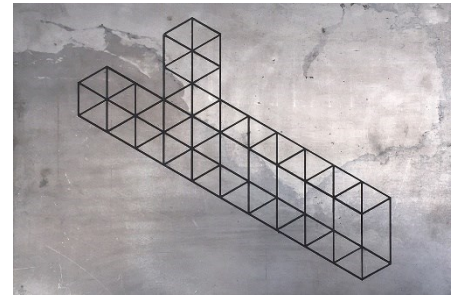
Para além do enorme impacto que a frequente aplicação de estruturas efémeras possuem para a dinâmica urbana, estas são vistas igualmente como estratégia criativa nas adaptações funcionais de edifícios existentes ou na valorização de edifícios degradados, ao nível do domínio exterior e interior.

Relevante é a parceria entre diferentes ramos profissionais permitida com este tipo de abordagens, fomentando as relações de complementaridade e reforçando a ideia relativamente à importância de proximidade entre os mesmos para uma maior eficácia na resposta.

Como exemplo, apresenta-se o projeto dos JQTS, atelier de arquitetura português. Numa estratégia de dinamização que servisse de aliciamento à feira internacional de arte contemporânea *ARCOLisboa 2018*, ocorrido na Cordoaria Nacional, acrescenta-se à pré-existência um pavilhão temporário exterior, onde acolhe um espaço de restauração e outras atividades de apoio à exposição.

O elemento trata-se de uma estrutura desenvolvida longitudinalmente, e em altura, envolvida e resguardada por uma tela de cor, assemelhando-se à vela de um barco em homenagem às anteriores funções da antiga fábrica.

Fig 73, 74 e 75. Estrutura concebida pelo atelier JQTS no âmbito da ARCOLisboa.



Igualmente do domínio das arquiteturas efémeras destaca-se o atelier LIKEarchitects que procura através das suas instalações urbanas, aproximar a arquitetura do domínio artístico, alargando novos horizontes na criação de ambientes.

Situando-se em lugares existentes, moldam-se as formas efémeras às pré-existências utilizando a arte como elemento dinamizador na modernização da cidade.



Fig 76 e 77. Instalação realizada nos jardins do Palácio de Belém, no âmbito da celebração das festividades referentes ao Natal, 2013.

No caso das instalações artísticas visíveis nas diferentes imagens, apresentam-se como pontuais elementos, dispostos estrategicamente, mediatizando a imagem arquitetónica e urbana. Estas favorecem, conseqüentemente, a ocorrência de reações distintas consoante as diferentes culturas do público a que se dirige. O próprio usufruto do objeto é, igualmente, dissemelhante o que torna interessante de ser compreendido por parte do artista que o concebe.

A temporalidade eminente a este tipo de estruturas permite o incitamento da componente especulativa para o ambiente urbano consolidado, despertando a cidade para uma variabilidade de novas vivências urbanas e sociais.



Fig 78, 79 e 80. Instalação de candeeiros denominados de "Frozen Trees", na Praça D. Pedro IV, no âmbito do Natal, promovendo um jogo labirintico entre os objetos. O observador ganha escala no confronto com os mesmos.



Fig 81, 82 e 83. Instalação de LEDs, no Centro Cultural de Belém, como manifesto da relevância do produto para a sustentabilidade do futuro, 2012.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

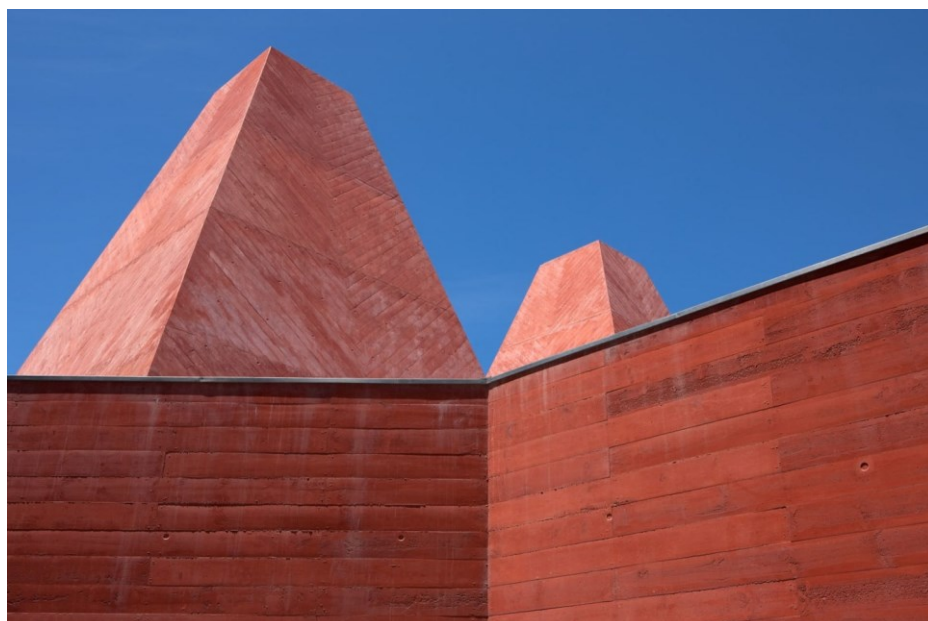


Fig 84. Casa das histórias
Paula Rego.

2.4.4 | A cor para o reconhecimento da imagem da cidade

“A cor é componente do espaço visual...É propriedade da matéria que o configura. É atributo da luz que o torna visível. É inerente ao observador que o torna sensível.”

(Duarte, Arquitetura Ibérica – Cor, 2007, p.11)

Segundo cita Aguiar (2003, p.1), a cor *“transporta-nos imediatamente para a eterna dialética entre conservação e mudança”*. Do ponto de vista simbólico, a relação que se estabelece entre a mesma e arquitetura ultrapassa a escolha simples de um determinado tom cromático.

Se olharmos um pouco para o que acontecia na cidade antiga, constatamos que a sua utilização possuía grande importância no reconhecimento temporal ou espacial que os habitantes faziam dos seus edifícios. A cor consistia na matéria naturalmente presente nas materialidades regionais que compunham a construção, provindas do solo.

A distinção entre diferentes contextos urbanos fazia-se através da sua cultura cromática, conforme referencia Aguiar (2003, p.2) *“Destas diferenças surgiam os efeitos de sfumatura, de que tanto falam os tratados italianos, ou seja, uma ligeira variação de cor que se torna peculiar a um lugar urbano e da sua cultura visual”*.



Fig 85. Templo de Diana e o seu tom pastel, proveniente da sua materialidade.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

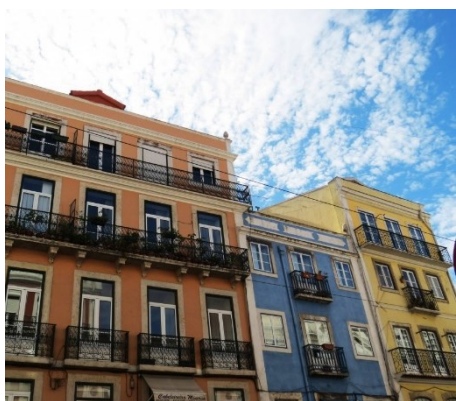


Fig 86. As diferentes tonalidades que vão pintando a cidade de Lisboa ao longo dos tempos.

Em Lisboa, a imagem dos bairros históricos particulariza-se pelas cores a si inerentes, resultando na enorme paleta assente na paisagem da cidade.

Denota-se os tons claros até ao final do século XVIII com a aplicação da cal, material mais acessível à construção. Os tons amarelo-ocre e vermelho das argilas disponibilizadas pelos solos, com a reestruturação da cidade na época de Marquês de Pombal, em edifícios de maior prestígio, como edifícios públicos, conventos ou quartéis, sobressaindo-se no cenário urbano. Culminando na enorme opção cromática, proporcionada com a chegada da indústria de tintas, que fomentou uma Lisboa desinibida de cor e, de certo modo, descaracterizada no que diz respeito aos valores visuais identitários estabelecidos anteriormente (Aguiar, 2003).

Como exemplo desta realidade referencia-se o evento *Lisboa Capital Europeia da Cultura (L94)*, ocorrente em 1994. A ideia do projeto consistia em projetar internacionalmente a identidade cultural da cidade, através de um plano cultural e artístico que enaltescesse as suas características individuais enquanto capital europeia. Como forma de promover ativamente a vivência nas ruas da cidade, realiza-se um projeto de requalificação urbana, apelidado de *Sétima Colina*, num trajeto entre o Cais do Sodré e o Largo do Rato.

Com o intuito de "*devolver as cores à capital*", face à opressão dos tons de cinza e rosa, são repintadas as fachadas de 70 edifícios, com forte presença dos "*tons de ocre, azul e sangue de bo*", devolvendo Lisboa à sua forma resplandecente do século XIX. A iniciativa contou com a ajuda da comunidade,

que tomou a liberdade de escolha sobre a cor da sua edificação, ação que terá suscitado alerta e tomada de consciência sobre a cor e o seu significado relativamente à imagem da cidade (Castelo-Branco e Branco, 2003, p.171-187).

No que diz respeito ao uso da cor em projetos de requalificação do cenário urbano, deve ser tido em conta os efeitos perceptivos que a construção possui no ambiente no qual se insere, assim como as cores do seu contexto envolvente. Apesar de válida a utilização das cores originais da edificação, a abordagem cultural deve igualmente ter em conta o significado definido pela cidade relativamente aos seus tons cromáticos, induzindo para uma determinada paleta (Biazin, 2004).

Deste modo, considera-se importante uma ponderada reflexão na representação cénica que o edifício projeta na imagem do seu lugar envolvente, assim como na intenção com que a mesma é aplicada.

Poderá servir enquanto elemento de ligação entre um conjunto de edifícios, possibilitando uma leitura uniforme dos mesmos, podendo esta ser trabalhada simultaneamente ao nível do espaço público; ou com a finalidade de realçar determinados volumes ou parte deles, tanto do exterior do edificado como do interior, ou até mesmo numa dialética entre os mesmos. Citando Victor Consiglieri (1994), a superfície exterior arquitetónica determina o envolvimento do espaço, relacionando-o com a sua estrutura interna, oferecendo-lhe suporte e conteúdo numa cenografia de vazios.

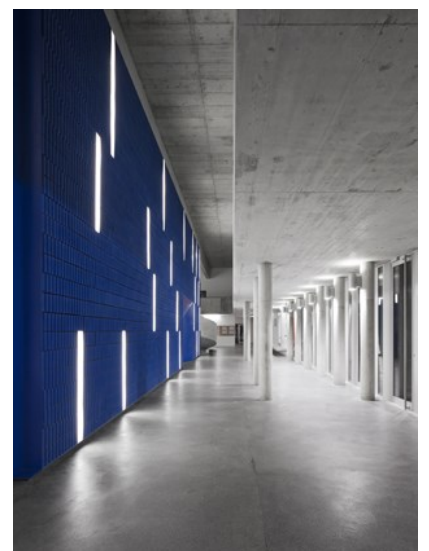
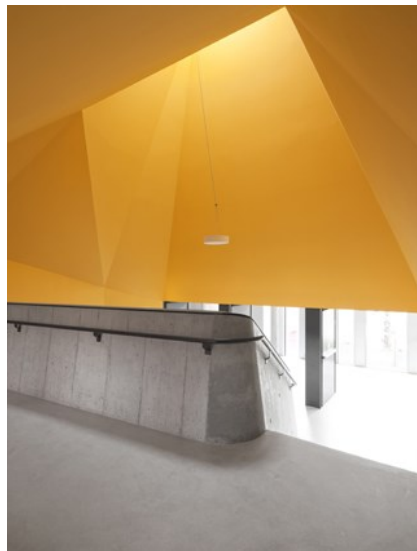


Fig 87. A cor como elemento de união entre o conjunto dos três armazéns. Galerias Avenida da Índia, Lisboa.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Fig 88. Fachada e ambientes cromáticos interiores do projeto.

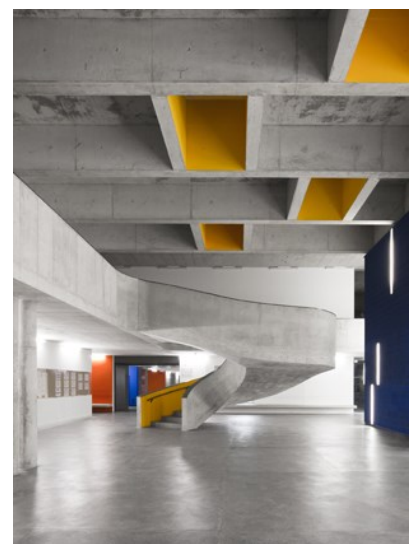


Como exemplo, referencia-se o projeto da *Escola Secundária Braamcamp Freire (2012)*, em Lisboa, realizado pelo atelier CVDB. Tratando-se de uma nova construção incorpora a cor cuidadosamente face ao ambiente circundante.

De fachada simples, com pequenos apontamentos cromáticos nos seus vãos, aprofunda a incisão da cor no interior do edificado. Numa relação entre neutralidade e diversidade cromática.

À medida que o espaço é percorível as paletas vão se diferenciando em pontos precisos dos espaços. Não só pelo aproveitamento da luz no espaço que incide, como para salientar determinado elemento de interesse, ou até para intercalar a atenção do utilizador sobre uma superfície específica.

A cor é trabalhada enquanto elemento condutor ao longo de todo edifício, num jogo sensorial entre utilizador e construção.



3 | Regeneração da memória industrial

"O passado deve ser reanimado pelo presente. Valorizar o passado do indivíduo e da memória coletiva. O arquiteto deve avaliar a edificação para a adequada recuperação do seu valor artístico, através da utilização de novos elementos a partir de uma livre escolha criadora."

(Lina Bo Bardi, em Uma aula de arquitetura, 1958, p. 59-64)

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

3.1 | Identificar e preservar

Segundo Norberg-Schulz (1980), o objetivo da arquitetura materializa-se na condição do ser humano de se envolver no meio onde se insere, garantindo a sua adequada integração na sociedade.

A sua cultura encontra-se, pois, na experiência individual que o mesmo adquire por via da sua percepção face ao que o rodeia, o que nos leva ao entendimento de que a construção de um lugar se baseia num permanente diálogo entre a dimensão espacial e social.

O lugar arquitetónico define-se então pela sua capacidade de apropriação e suporte existencial, onde o indivíduo se reconhece a ele próprio e ao outro.

É neste sentido que, antes de qualquer intervenção no campo da recuperação e reutilização, o entendimento da vocação do objeto arquitetónico e da sua implantação no território é primordial para o enaltecimento da sua qualidade enquanto objeto de memória, consolidado por camadas sucessivas de história (Norberg-Schulz, 1980).

As estruturas industriais caracterizadas em grande parte pela simplicidade das suas formas, tornam-se significantes pelas relações que estabelecem entre si e a comunidade local, providas de valores cognitivos e afetivos. Mais do que uma reflexão sobre o seu sistema físico, a interação existente entre este e as vivências da sua população determinarão o seu caráter significativo.



Fig 89. A morfologia industrial.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 90. Abel Pereira da Fonseca.

São as dinâmicas estabelecidas, através dos objetos e ações realizadas, que constroem os lugares. São símbolos de uma vivência. Françoise Choay (1999) defende a ideia que a conservação destes mesmos encontra-se na manutenção dessas dinâmicas, já que o encanto da cidade encontra-se na sua diversidade de estilos.

Gordon Cullen (1983) faz referência, no seu livro *Paisagem Urbana*, sobre as causas que levam o ser humano a apropriar-se dos espaços. Associado a fatores morfológicos e perceptivos, revela que as características relacionadas com o abrigo, a sombra, a conveniência ou o ambiente aprazível formulam as vivências nele estabelecidas.

A existência de espaços pontuais de permanência induzem à ocorrência de acontecimentos sociais de encontro e convívio. O mobiliário, o pavimento, a iluminação são alguns dos aspetos que desencadeiam a apropriação do espaço. Os próprios percursos que o estruturam sugerem uma apropriação inerente ao movimento, ao percorrer. Os elementos contemplativos que promovem momentos de paragem, ou os referenciais que situam o homem em determinado espaço.

Assim como os lugares menos expositivos que fomentam uma apropriação mais intimista, geralmente associada a lugares escondidos e de menor luminosidade.

Nasce, desse modo, a ideia de preservar o passado por intermédio da reconstrução de narrativas que sejam capazes de reproduzir momentos de apropriação do espaço que enalteçam as qualidades existentes e integrem o público no respetivo ambiente.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

3.2 | Reativar e integrar

O espaço é o suporte ideal para as nossas memórias, tanto coletivas como individuais. Maurice Halbwachs (1950, p. 193), no seu livro *Collective Memory*, referencia Auguste Comte ao abordar o tema dos objetos físicos como elementos fundamentais para a ordem e tranquilidade do equilíbrio mental do ser humano. Segundo o autor, os mesmos fornecem uma imagem de permanência e estabilidade, levando ao reconhecimento face ao lugar onde o mesmo se estabelece.

A permanência da memória torna-se, assim, possível se os pontos referenciais se conservarem, impedindo o surgimento de ambientes estranhos e alheios à realidade envolvente. O ser humano não só transforma o espaço onde ele se insere, como também concebe e adapta o ambiente que o envolve (Halbwachs, 1950, p. 193-201).

Não podendo de todo equiparar as lógicas de recuperação aos tempos antigos, onde tudo era visto como intocável especialmente em matéria de património, os estímulos atuais impõem uma reativação das estruturas industriais abandonadas por via da integração e adaptação a uma realidade contemporânea.

Deolinda Folgado (2010) refere o novo sentido dado às mesmas através da introdução de uma dinâmica de consumo, muito direcionado à indústria da cultura e das artes, que vai adquirindo cada vez mais espaço e prestígio na atividade económica das cidades.

Em 1976, em resultado da conferência realizada pela UNESCO, em Nairobi, decorrente das medidas a implementar na adaptação de edifícios históricos, define-se a animação social e cultural, assim como a rentabilização como fatores determinantes para a sua sustentabilidade a longo prazo.

“Os usos a dar às edificações terão de adaptar-se às necessidades sociais, culturais e económicas dos habitantes, sem desvirtuar o carácter específico do conjunto histórico. Uma política de animação cultural deverá converter os conjuntos históricos em pólos de atividades culturais e conferir-lhes um papel essencial no desenvolvimento cultural das comunidades circundantes” (Artigo 33º doc. UNESCO, 1976).



Fig 91. Espacialidade interior dos edifícios industriais.

Para além da viabilidade incontestável da função programática, a fisionomia dos próprios espaços industriais tornam-se facilmente alvos aliciantes para as respetivas práticas pela sua flexibilidade, pelas grandes alturas e volumes da construção, pelo seu desafogo e amplitude interior, condições estas que permitem uma enorme diversidade de opções de projeto.

Como exemplo desta compatibilidade, consideremos o antigo Matadouro Municipal e Mercado de Gados de Madrid. Desativado em 2005, sofre uma especial intervenção e adequação programática, tornando-se um importante motor cultural para a cidade. Com o objetivo claro de promover a arte na sociedade, torna-se lugar de produção, experimentação, exposição, formação e difusão das práticas artísticas, atividades distribuídas pelas mais de vinte naves que compõem o complexo.



Fig 92. Planta do complexo Matadero de Madrid.



Designado mais tarde de *Matadero de Madrid*, os princípios da intervenção passam pela perfeita articulação entre a preservação do edifício histórico e dos seus vestígios do passado com os novos usos a implementar no interior do mesmo, respeitando ao máximo a autenticidade da obra.

A intervenção mínima apresenta-se como regra implementada nos diferentes espaços que o complexo oferece. Para tal, o controle dos materiais a integrar no edifício leva à utilização de opções que promovam o uso do espaço, sem que seja danificada a sua configuração original.

Fig 93 e 94. Ambiência dos espaços interiores dos edifícios, dentro dos quais são acolhidas diferentes atividades culturais.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 95. Dinâmicas sociais despoletadas pela lógica organizativa do complexo Matadero.

Com a associação dos programas culturais aos edifícios industriais, tornam-se igualmente mais acessíveis as atividades artísticas a toda a comunidade pela própria ambiência informal que se gera ao seu redor. Por conseguinte, o sistema de arte e criatividade vê-se alargado, enriquecendo progressivamente a natureza e organização dos seus espaços. No caso do Matadero, a disposição das diversas valências pelos respetivos edifícios tornam a lógica de espaço mais apelativa e próxima à comunidade que caminha livremente de edifício em edifício.



Fig 96. Fondazione Prada, Milão.

Numa perspetiva de elucidação sobre a articulação entre novo e pré-existência, a nível de uma reconversão industrial, recorremos ao antigo complexo industrial de destilaria de gim, em Milão, reconvertido e designado de *Fondazione Prada* em 2015, pelo atelier OMA.

Fig 97. Esquema conceptual dos fluxos criados com as novas edificações.

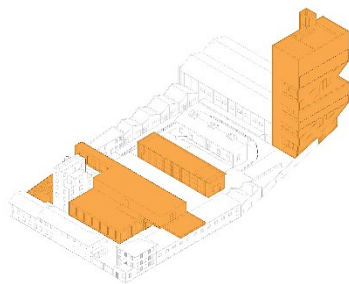
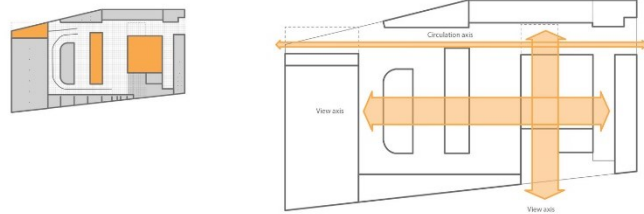


Fig 98. Os três corpos acrescentados ao conjunto pré-existente.

Caracterizado pela peculiaridade dos edifícios existentes face à sua morfologia, num jogo de escalas, cores, tamanhos e permeabilidades, introduzem-se três novos corpos num ato de diferenciação entre épocas. A harmonia coexistente entre as distintas estruturas advém do caráter estratégico com que se dispõem na implantação consolidada. A estratégia encontra-se no enaltecimento dos percursos existentes que dão acesso às diferentes pré-existências, independentes entre si, potencializando a dinâmica do conjunto.

Concebido como projeto de permanente confronto e interação entre novo e original, o equilíbrio entre as duas realidades é feito por via de um diálogo respeitoso no qual ambas as partes detêm similar relevância para o processo de revitalização, complementando-se entre si. A neutralidade dos materiais aplicados nos corpos adicionais e a sua adequada disposição sobre o conjunto inicial impedem a anulação das respectivas qualidades arquitetônicas, aproximando-o contudo de uma arquitetura atual, contemporânea.



Fig 99. Entrada para o interior do conjunto.



Fig 100, 101 e 102. Narrativas compositivas criadas entre os objetos novos e os pré-existentes, onde é visível a disparidade de escalas e materialidades.

A ambição encontra-se na variação espacial entre construções - o horizontal e vertical, o largo e o estreito, o branco e o preto, o aberto e o fechado - originando uma complexa composição espacial refletida nas vivências programáticas. A distinção de pavimentos, a colocação de elementos arbóreos, a fixação de novos materiais às fachadas originais, o vencimento de cotas, contemplam uma narrativa sequencial de fluxos e de imagens, inerente ao conceito inicialmente abordado de completa permeabilidade do conjunto arquitetônico no seu todo.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 103. Vista aérea do conjunto.



Fig 104. A estrutura central por onde é feita a entrada para o interior.

Numa aproximação de escala ao objeto arquitetónico, apresenta-se o projeto *Le Centquatre Paris*. Inaugurado em 2008, surge como novo equipamento artístico e cultural, como resposta de reconversão do antigo complexo industrial desativado, reconvertido em equipamento artístico e cultural, aglomera diversos espaços comerciais e empresariais, ateliês e estúdios multimédia e dois auditórios ao nível do subsolo.

Acessível através de uma grande estrutura livre central, que confere uma condição de passagem ao edifício, introduzindo o espírito de rua para o seu interior, serve de palco a uma diversidade de atividades sociais espontâneas como concertos pontuais, exposições, mercados semanais de naturezas variáveis, entre outros acontecimentos sociais, que o distinguem dos espaços da cidade.

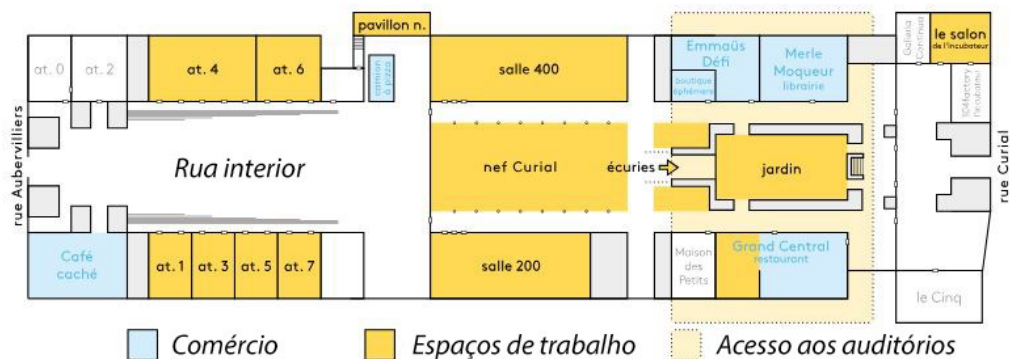
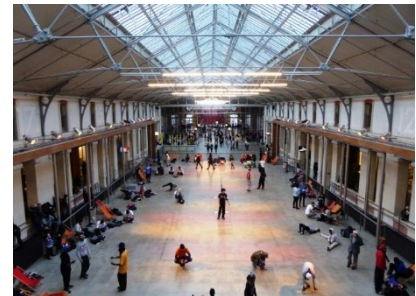


Fig 105. Planta do piso térreo do complexo.

A apropriação é realizada conforme o desejo dos utilizadores, espelhando-se no conceito do projeto na busca pela informalidade dos lugares, encurtando a distância entre artistas e visitantes. Os espaços fixos da construção estruturam-se na extensão do edifício, criando uma fachada interior que é acessível pelo espaço de passagem.



É, assim, por via da transformação social, atual das sociedades contemporâneas, que os lugares vão sendo moldados, tornando os programas a si inerentes cada vez mais vastos e complexos. A fácil comunicação, exposição e mobilidade promovido pelos velhos complexos industriais abrem horizontes a novas centralidades culturais, desafiando a arquitetura a uma constante renovação das suas práticas de conceção.

Cada vez mais próxima à realidade intemporal dos edifícios consolidados no tecido urbano das cidades, impõem-se respostas interventivas rápidas que acompanhem o ritmo acelerado das mutações do modo de habitar.

Fig 107. Primeiro corpo com instalações de arte no seu percurso.

Fig 108. Segundo corpo usufruído aleatoriamente pelos utilizadores.

Fig 106. Confluência entre os dois corpos que compreendem o complexo.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

3.3 | Reinventar

Aliada à temática da preservação e da integração dos edifícios industriais obsoletos nas vivências atuais da cidade, surge a preocupação de conceber lógicas contemporâneas e inovadoras de revitalização espacial. No subcapítulo anterior foi abordado a importância de oferecer nova utilidade a espaços em desuso e deterioração através de um programa que promovesse o seu rejuvenescimento.

Estabelecendo um compromisso de aproximação e participação entre a comunidade, local e visitante, e as respectivas atividades ocorrentes no interior edificado, a disciplina das artes e da cultura verificou-se bastante apelativa como resposta a essas premissas.

Contudo, paralelamente a uma reflexão alusiva à reutilização espacial, a elaboração de uma estratégia que reinvente a ambiência dos lugares sujeitos a intervenção demonstra-se de igual valor pelo dinamismo que suscita para a sua imagem.

A formalização compositiva do espaço são aspetos fundamentais para a construção de uma narrativa que se pretende valorizadora das opções programáticas estabelecidas, perante a realidade crua das estruturas industriais.

Neste ponto, a animação espacial possui bastante relevância na revalorização e dinamização de edifícios em elevado estado de degradação.

No segundo capítulo foi abordado a crescente ambição dos artistas na aproximação do seu trabalho perante a cidade e a sua comunidade, procurando um maior reconhecimento e participação da mesma na sua arte, assim como a afinidade das práticas artísticas pelos edifícios abandonados dadas as suas características físicas informais, permitindo uma maior amplitude na sua criatividade.

De facto, o reinventar do diálogo urbano e arquitetónico de um edifício degradado, numa visão contemporânea, prende-se hoje muito com o papel da arte e da arquitetura no enaltecimento do disforme e do repulsivo, permitindo não só o resgate de memórias históricas muito intrínsecas ao lugar, mas também novas abordagens artísticas, enriquecendo o universo das artes.

Neste aspeto, as cenografias têm contribuído bastante para a regeneração dos edifícios, assim como, para a sua envolvente, já que concebem cenários não só facilmente desmontáveis e substituíveis, soluções bastante compatíveis com a natureza dos mesmos, mas também personalizados e criativos, possibilitando uma vivência bastante estimulante por parte dos observadores.

Associadas a uma ideia sequencial de imagens que se vão apresentando ao observador à medida que a ação se desenrola, a sua aplicação remete-nos para a ideia de movimento e do que é percorível.

Como exemplo destas práticas referimos as intervenções urbanas, temporárias, dos artistas plásticos Christo and Jeanne Claude que, partindo das pré-existências, utilizam a arte como motriz para a transfiguração dos lugares. A obra *The Floating Piers* (2016), implantada no rio Iseo (Itália), apresenta como intenção a ligação entre as duas comunas italianas – Sulzano e Monte Isola – e a ilha de San Paolo, através um percurso pedonal flutuante que torna possível a acessibilidade a todo o conjunto.



Fig 109. Floating Piers – ligação entre as ilhas e a cidade.



Fig 110 e 111. A cor e a materialidade da intervenção.

Referencia-se também o projeto *Superkilen* (2012). Localizado na Dinamarca e desenvolvido pelo atelier BIG, trata o espaço urbano como um percurso composto por sucessivos cenários, cujas superfícies e paleta de cores vão guiando os visitantes ao longo da sua extensão, encaminhando-os em simultâneo para os diversos edifícios e objetos que delimitam o espaço, promovendo dinâmicas e utilizações sociais de diversa natureza.



Fig 112. Utilizações originadas pela proposta, imbuídas pelo espírito cenográfico.



Fig 113. Planta do projeto Superkilen. Relação entre estrutura urbana e as cenografias.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 114. Percurso contemplado pela proposta, onde a cor enfatiza os variados elementos urbanos.

A estratégia cenográfica visa a dinamização de zonas menos prestigiosas, por forma a criar soluções que estimulem a segurança dos visitantes e respetivo usufruto.

Até agora foram expostos casos de estudo inerentes a soluções urbanas cenográficas de requalificação de conjuntos existentes. No que diz respeito à relação objeto arquitetónico e ambiência exterior exhibe-se os seguintes projetos.

Lina Bo Bardi, arquiteta italiana, com vastos trabalhos no campo das artes cénicas, faz da materialidade e da cor matéria de grande relevância para o usufruto dos espaços que concebe. No seu projeto *SESC Pompéia (1986)*, reconversão da antiga fábrica de tambores da década de 30, localizada na Vila de Pompeia (São Paulo), é redirecionado o espaço para a cultura, através da recuperação, reciclagem e introdução de materialidades que preservam e enaltecem o existente, mantendo imutável o seu aspeto original.

Fig 115 e 116. Perspetiva aérea do pré-existência que contempla o projeto de Lina Bo Bardi Sesc Pompeia.



A entrada é reconhecida pelo portão em madeira, pintado pontualmente a vermelho, cor que acompanhará e guiará o visitante ao longo de todo percurso cenográfico que ali se inicia. Desde logo, a distinção do pavimento aplicado relativamente à calçada existente indica o troço a ser percorrido na deslocação interior ao recinto, orientando os visitantes para os diversos armazéns.



No decorrer desta rua exterior, gerada com a disposição dos mesmos, a cor vermelha volta a ser encontrada em detalhes do ambiente urbano. Nos corrimões das escadas que dão acesso aos armazéns, nas guardas que protegem os utilizadores das valas pluviais, ou na fachada das edificações.

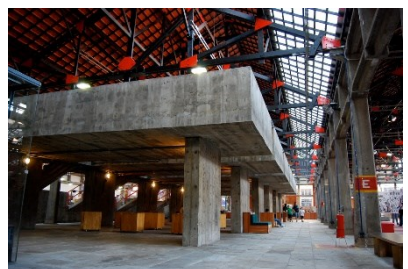
No ambiente interior dos armazéns, a cor prevalece na estrutura da cobertura, no mobiliário existente (bancos), nas tubagens das infraestruturas e nos acessos em rampa e escadas às estruturas elevadas, integradas por Lina. De igual relevância são os caminhos de água e as pontes que os atravessam, concebidos na atmosfera interior, que naturalizam o usufruto do espaço.



Fig 117. O portão de entrada com a presença do vermelho na sua composição.

Fig 118. Planta do conjunto, com marcação dos percursos predominantes.

Fig 119 e 120. Em cima, percurso exterior de acesso aos armazéns; em baixo, ambiência interior dos mesmos.



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 121. Os armazéns e os seus percursos de água.

No percurso interior pelo qual é realizada a entrada ao auditório do conjunto cultural, é dada continuidade ao pavimento utilizado no percurso exterior.

Os corpos correspondentes aos acessos superiores, acrescentados em betão, incutem um ambiente distinto, promovendo o atravessamento longitudinal do edifício. Com os mesmos concebe-se uma sequência de perceções entre escuro e claro, entre contrastes de escalas, tornando-o aprazível de percorrer.

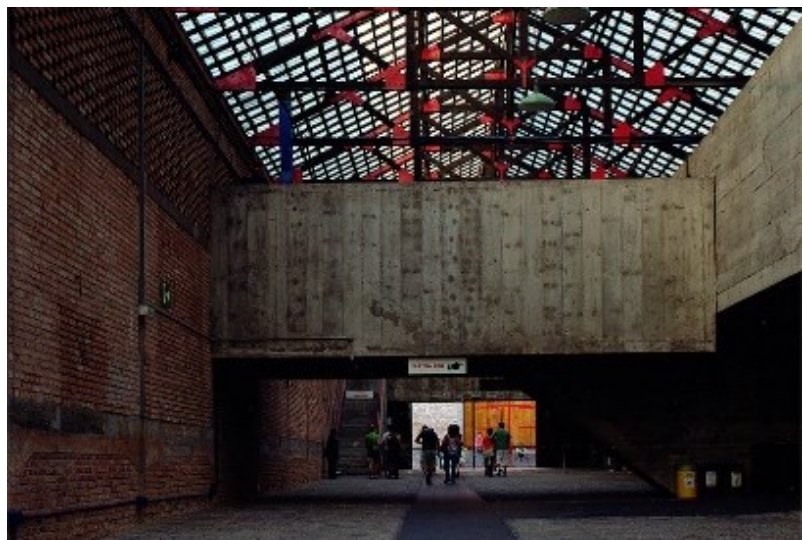


Fig 122. O percurso interior.

Reforçando a linha de pensamento de Lina Bo Bardi, numa abordagem mais compositiva do ambiente pré-existente, expõe-se novamente o caso *Lx Factory*.

Os espaços acolhidos pelo projeto são trabalhados sob a lógica de construção de uma narrativa que deixe ao descoberto o estado de ruína da construção, adornando-a com elementos expositivos que lhe conferem distinção por comparação a um edifício efetivamente em ruína. A manutenção é feita mas de um ponto de vista próprio.

Preservar a ruína e reinventá-la numa articulação entre existente e elementos pontuais contemporâneos que lhe concedem a designação de lugar.

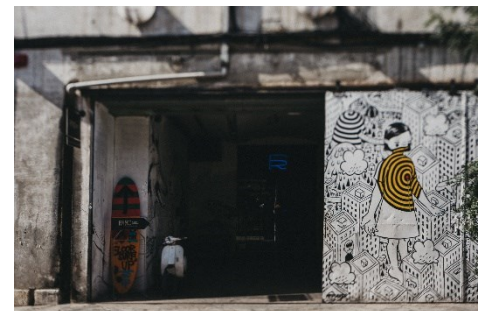


Fig 123. Alguns dos espaços presentes no Lx Factory que ilustram a personalidade do edifício.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

3.4 | Materializar

Partindo de uma estratégia cenográfica para a requalificação de zonas urbanas devolutas, a materialização utilizada apresenta grande peso na viabilidade da proposta. Fala-se de materiais, cores, texturas, sustentabilidade, durabilidade, entre outras questões, anteriormente aprofundadas, e que se desenvolvem agora em matéria de reabilitação.

A seleção e aplicação dos materiais acarreta grande importância pela influência que detêm para a estabilidade da pré-existência, devendo estes não comprometer a genuinidade do edifício na concretização dos espaços, conforme é elucidado pelo artigo 10 da Carta de Cracóvia de 2000.

Mencionando novamente Lina Bo Bardi como exemplo, apesar da forte presença da cenografia nos projetos que concebe, as estratégias de requalificação dos seus espaços respeitam a máxima da menor intervenção, optando pela escolha de materiais leves, independentes à materialidade original.

Utilizando o seu projeto *Teatro Oficina* (1991), localizado no Bairro da Bela Vista (São Paulo), analisam-se as características das aplicações inseridas. A definir o eixo que concretiza o espaço teatral, Lina opta pela aplicação de uma faixa composta por pranchas de madeira, desmontáveis, que materializam igualmente a ideia conceptual de teatro rua, que a arquiteta procura enfatizar. Serve assim, igualmente de pavimento para os visitantes que o percorrem.

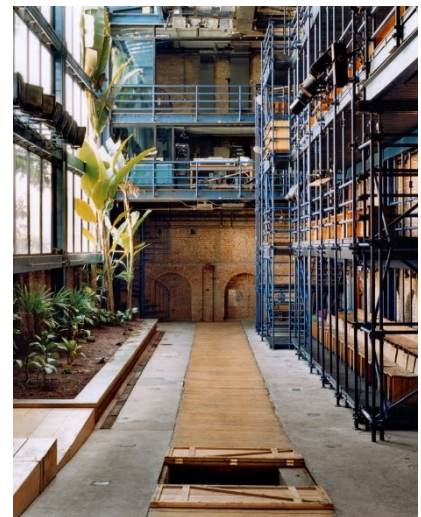


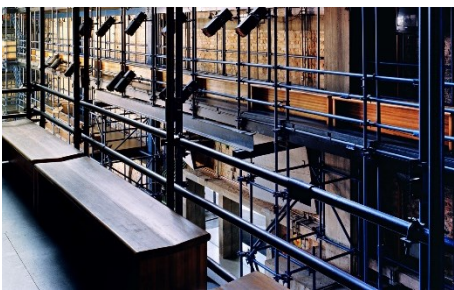
Fig 124. Teatro Oficina, colocação de madeira para o eixo central a partir do qual é definido o espaço teatral.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



As galerias onde se encontra posicionado o público, áreas técnicas e camarins são feitas por estruturas desmontáveis em aço, de perfil tubular, que proporcionam o afastamento desejado sobre os elementos construtivos do edifício face às novas utilizações. A madeira volta a estar presente nos assentos da plateia pela flexibilidade do seu transporte e disposição.



O uso deste tipo de plataformas, para além do benefício já enunciado, permite uma diversidade e efemeridade das vivências aplicadas na restituição programática dos edifícios inativos.

Fig 125 e 126. Galerias metálicas em tubos de aço.



No âmbito do evento *Guimarães 2012: Capital Europeia da Cultura* deseja-se a criação de um Laboratório de Curadoria na área da arte e da arquitetura, reutilizando-se para o efeito a *Fábrica ASA*. O objetivo consistiria na visibilidade, consciencialização e proximidade dos processos artísticos perante o público comum, através da exibição das respetivas fases de desenvolvimento (investigação, conceção, produção). Para tal, optou-se pela construção de uma “praça aberta” formada por diferentes dispositivos temporários, cujo conceito se prendia com a exposição enquanto espetáculo cenográfico, performativo e sensorial.



Fig 127. Entrada para o recinto de estruturas no âmbito do evento Guimarães 2012: Capital Europeia da Cultura.

No contexto da reutilização e recuperação arquitetónica, desenvolvem-se estruturas de madeira, elaboradas pelo arquiteto João Mendes Ribeiro, recentrando o discurso da

dimensão da performance como forma de atuação crítica.
(Garcia, 2016, p.231).

A sua imagem ganha corpo, escala e materialidade, tornando-se elas mesmas ícones de dinamização do espaço austero das antigas instalações fabris. Dentro delas são criados espaços de criação artística (pequenos estúdios), de exposição, de debate, de conferências ou espetáculos.

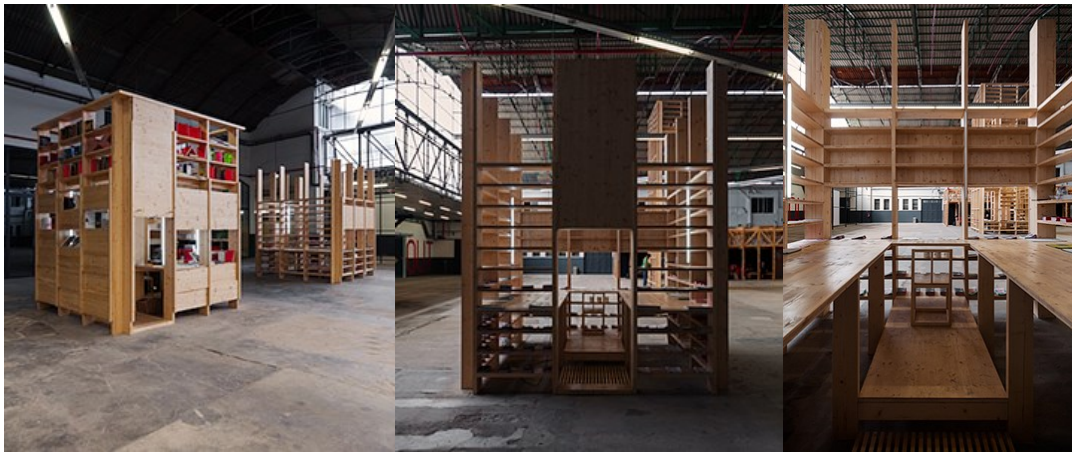


Fig 128, 129 e 130. Estúdios de criação artística em estrutura de madeira. A expressão visual é variável entre os mesmos.



Fig 131 e 132. Em cima, estrutura para exposições; em baixo, estrutura para conferências e espetáculos.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Para o revestimento dos espaços interiores de edificações existentes, apesar da adequada consciencialização, as soluções são de diversa natureza.



No projeto *Atelier Zélium* (2014), inserido em Bordeaux (França) e desenhado pelo Atelier du Vendredi, é aplicada uma estrutura de lâminas verticais, em madeira de pinho, que opera em dupla função. Não só personaliza o convencional armazém, enaltecendo as suas formas, como também regula a acústica interior. Para os acessos predomina a mesma materialidade, promovendo a continuidade da mesma linguagem.

Acompanhando a referida estrutura em madeira é introduzida uma distinta estrutura metálica que sustenta as circulações internas do piso superior.

Todas as estruturas e aplicações técnicas são visíveis ao olho do observador.

Fig 133 e 134. Atelier Zélium:
em cima, aparência geral; em
baixo, pormenor de encaixe da
estrutura de madeira nos
acessos verticais.

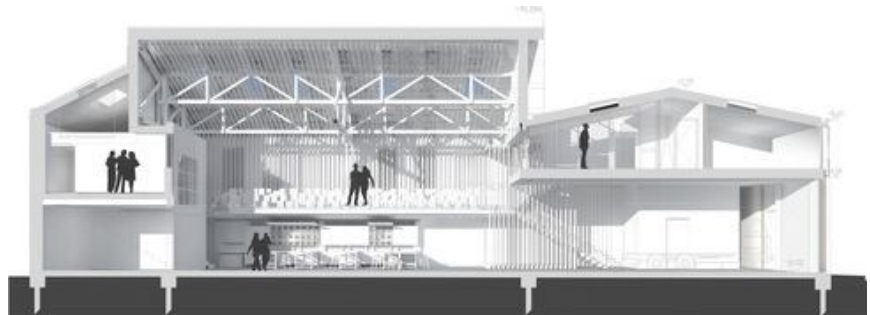


Fig 135. Corte longitudinal do
projeto.

A nível dos revestimentos exteriores apresenta-se como solução o projeto *City Hub* (2016), em Milão, concebida pelos ateliês Metrogramma e Cotefa.ingegneri&architetti, apresenta uma proposta de requalificação de fachadas de antigos armazéns em estruturas metálicas, distintas entre si na sua expressão imagética. A estrutura metálica apresentada em lâminas é aplicada sobre o beiral das pré-existências, estendendo-se até ao alcance do solo. Para as restantes fachadas é apresentada uma solução em sistema de fachada de vidro em toda a sua frente, ou um sistema de fachada revestida em material polimérico.

A utilização de dispositivos luminosos destacam o horizonte da cobertura, explorando o potencial cenográfico das mesmas na ambiência exterior em período noturno.



Fig 136 e 137. Fachadas que contemplam a proposta.



Fig 138. Ambiência noturna despoletada pelos dispositivos luminosos.

4 | Indústrias reinventadas

" (...) A construção de um espaço tem sempre a ver com a decomposição de outros. Diz respeito a uma vontade própria de redistribuir ideias, de inventar uma nova perspectiva sobre o espaço e o tempo mas se na verdade não há espaço nem tempo que simbolize a forma ideal de estar nem há forma que seja estável ou pacífica a falar da história, nada então me deixará jamais passivo."

(Castanheira, 1993, p.50)

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Ao longo do presente documento foram apresentadas premissas e conceitos necessários a aprimorar para uma abordagem sustentada e exequível da proposta de projeto a elaborar.

Contextualizando-a num momento inicial relativamente ao lugar e objeto proposto a reabilitar – Poço do Bispo e antigo entreposto vinícola Abel Pereira da Fonseca – seguem-se os princípios do projeto apoiados numa estratégia harmoniosa de coexistência entre a herança industrial que a cidade oferece e a perspetiva contemporânea que a vem transformando.

Dando continuidade aos quatro pontos anteriormente elaborados – identificar e preservar; reativar e integrar; reinventar e, por fim, materializar – trabalha-se sobre as diferentes escalas, numa aproximação primeiramente urbana, finalizando com o detalhe arquitetónico, formalizando a intenção regenerativa que se procura com o projeto desenvolvido.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 139. Planta de localização de Poço do Bispo.

- Linha de caminho-de-ferro.
- Tecido Poço do Bispo.
- Edifício a intervir.

4.1 | Poço do Bispo como cenário

4.1.1 | Uma localidade com história

Classificado como um dos mais antigos topónimos da Zona Oriental de Lisboa, Poço do Bispo ou, também denominado de *Marvila Velha*, por ter sido o primeiro lugar de Marvila, freguesia a que pertence, constitui um troço da extensa faixa ribeirinha da cidade.

O seu termo advém da existência de um poço, único na área concêntrica, que terá servido a população próxima, abastecendo-a de água. Face à sua localização, é justificado o segundo nome do topónimo, já que o dito poço faria parte da *propriedade episcopal* (Delgado, 1969,p.33).



Fig 140. Estrutura de betão onde se situa o poço.

Fig 141. Poço do Bispo, 1952.



Portadora de inúmeros vestígios da era industrial, considera-se memória viva do que terá sido esse período. É no primeiro quartel do século XX que Poço do Bispo vê-se crescer enquanto ponto referencial das grandes indústrias, muito centrado nas tradições de tanoarias e contentorização de vinhos.

Norberto de Araújo (1993, p.76) refere o provérbio que se ouviu durante anos por estas bandas – *Já cheira a carvalho das aduelas e a vinhos de armazéns* – para caracterizar o ambiente vivido nesta época.

Nele se estabelecem as principais fábricas de vinho, reconhecidas a nível nacional, entre elas as vinhateiras Abel Pereira da Fonseca (1910), edifício de estudo do presente projeto, assim como outras importantes unidades fabris ligadas às indústrias corticeiras, de borracha, de sabão e de material de guerra (Consiglieri *et al*, 1993, p.106-107).

De apoio às fábricas foram-se juntando armazéns, oficinas e habitações operárias, refletindo na enorme classe trabalhadora existente nesta zona. Desaparecem os cais de madeira, as docas e as praias, fixando-se uma enorme instalação portuária.

A vida decorre à volta de um centro que é de todos e vivido coletivamente. As tradições e o convívio marcam as vivências de Poço do Bispo. Os jogos de taberna, os jogos de futebol, as festas especiais, seriam alguns dos costumes comuns desta zona.



Fig 142 e 143. Cais e obras do novo alargamento da linha de costa em Poço do Bispo, distanciamento das fábricas face ao rio, 1930 e 1940 respetivamente.



Fig 144. Doca do Poço do Bispo, exportação dos produtos fabricados nas instalações próximas, s/ d.



Fig 145 e 146. Fachada principal Firma Abel Pereira da Fonseca e Praça David Leandro da Silva – praça de encontros e convívio – respetivamente, 1932 e 1966. fotos CML e Jornal O Século.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 147. Vista aérea sobre o tecido de Poço do Bispo e a sua relação com a linha de caminho-de-ferro.



Fig 148. A paisagem industrial de Poço do Bispo.

Assente sobre solo maioritariamente plano, o lugar encontra-se delimitado entre a linha de caminho-de-ferro e o Rio Tejo.

O tecido urbano organiza-se segundo os limites das antigas propriedades rústicas, de natureza mourisca, que mais tarde dão forma à antiga Quinta dos Arcebispos ou Quinta de Marvila, terrenos entregues às ordens religiosas.

Com a sua dissolução, a mesma é dividida em parcelas distintas, separadas pela estrutura de caminho-de-ferro, entre Este e Oeste. Nestes terrenos desenvolvem-se, em grande parte, quintas e casas de campo, ainda hoje visíveis e em estado obsoleto, com importante valor histórico para Poço do Bispo; antigas habitações operárias e edifícios utilizados para pequenas e médias indústrias, cujo declínio se acentua na década de 70.

Edifícios esquecidos durante décadas pela cidade são gradualmente reconvertidos com o tempo dando lugar a novos usos.

"A cidade vem aqui morrer (...) As fábricas ficaram para trás, as casas, as vilas, os pátios, os quintais, as ruas que dantes eram cais, os cais hoje abandonados. (...) Mas tempos houve em que esta foi a grande zona industrial e ativa da cidade."

(Vieira, Esta Lisboa, 1993, p. 126)

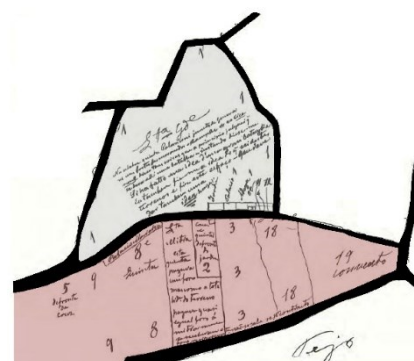


Fig 149. A divisão definida entre Este (zona vermelha, centro de Poço do Bispo) e Oeste (zona cinzenta, periferia interna à linha de caminho de ferro).



Fig 150. Os edifícios a Este adjacentes à linha de caminho-de-ferro.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

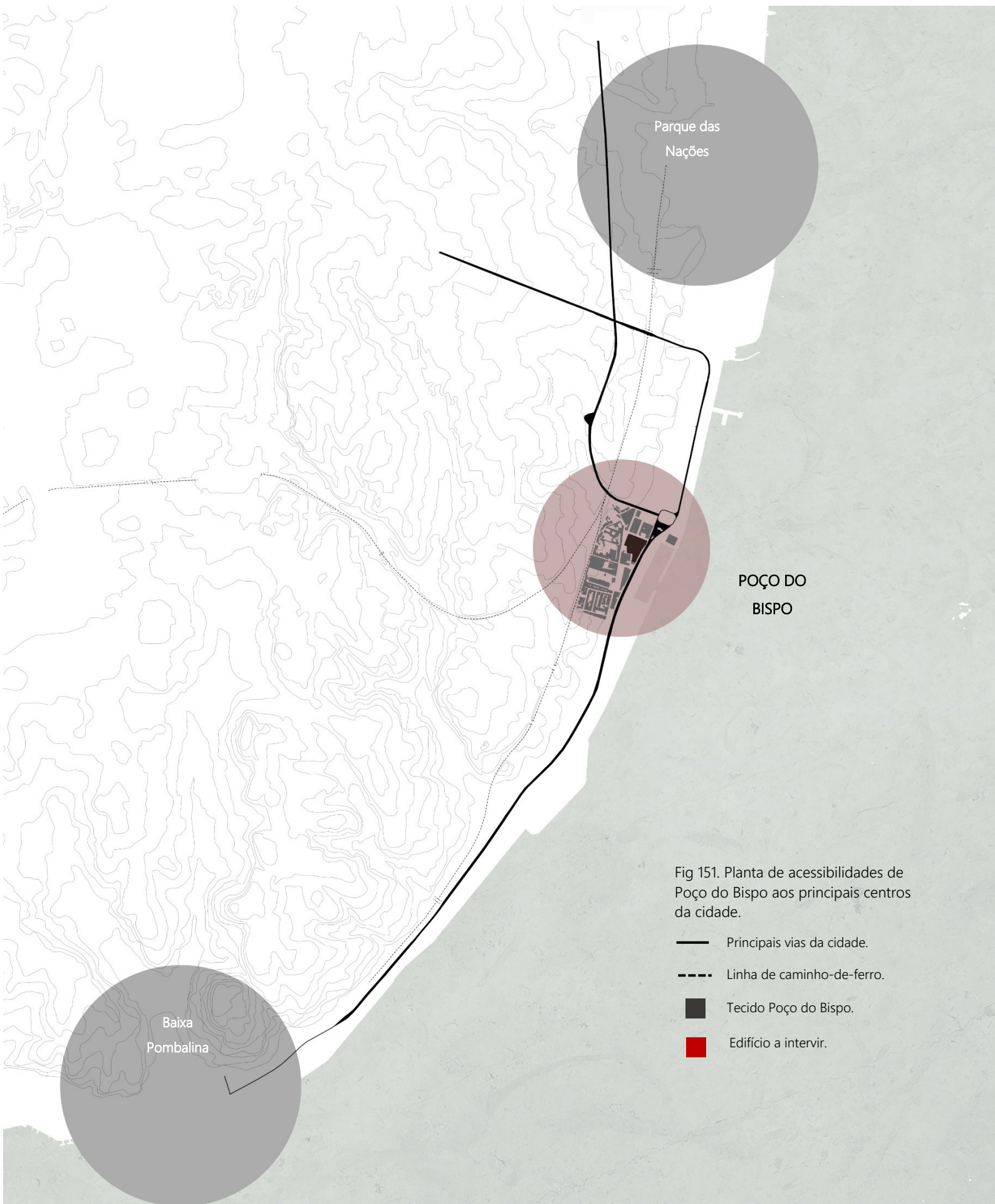


Fig 151. Planta de acessibilidades de Poço do Bispo aos principais centros da cidade.

4.1.2 | Entender e potencializar Poço do Bispo

Com um olhar sobre o Plano Diretor Municipal de Lisboa, considera-se Poço do Bispo como lugar de espaços centrais e residenciais.

Com fortes potencialidades no campo das acessibilidades, dada a sua elevada oferta de transportes públicos envolventes – Linha da CTT e Carris – e redes viárias disponíveis, é visto como tecido relevante por se tratar de uma zona de confluência entre as duas maiores centralidades Lisboetas – o Centro Histórico (Baixa Pombalina) e o Centro Contemporâneo (Parque das Nações).

Pela atual incidência de atividades de índole cultural e criativas nesta zona da cidade, os benefícios de albergar uma forte rede de acessibilidades de pessoas e de veículos são inúmeros, desde que ponderada face à dimensão da localidade, para que, desse modo, o seu valor enquanto bairro não seja perdido. Apesar da crescente atividade no campo da produção, a calma predomina nas ruas e largos que contornam os edifícios antigos do bairro.

Designado hoje como local de disparidades pelo novo que se assenta e o antigo que permanece, a estratégia a seguir deve, por isso, estabelecer medidas que mantenham e reforcem as atividades não residenciais do lugar, mas que preservem, por outro lado, os direitos dos seus residentes, que não se querem desintegrados de um lugar fortemente marcado pelo espírito de comunidade.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 154. Rua do Açúcar, principal via local entre Poço do Bispo e o Beato.



Fig 153. Largo David Leandro da Silva, o centro de Poço do Bispo.



Fig 152. Rua Fernando Palha, principal via local entre Poço do Bispo e Braço de Prata/Matinha.

Quer-se a participação e envolvimento dos seus habitantes no espaço cénico do quotidiano o que se transfigura num cuidado especial que deve estar contido no desenho da estrutura pública urbana, que se deseja desprovido de tráfego e estacionamento excessivos. A própria valorização dos palcos históricos oferecidos por Poço do Bispo só será realizada se for dada primazia aos lugares de encontro e de convívio, onde a cultura do lugar poderá ser fundida.

O desafio prende-se com o estabelecimento de medidas que permitam a conservação das áreas de habitação presentes no tecido, assim como, das áreas de consolidação industrial, numa ótica de cidade aberta e responsiva às exigências atuais associadas à criatividade e ocupação efémera, atraindo novas populações para que seja dada igualmente continuidade às vivências de Poço do Bispo.

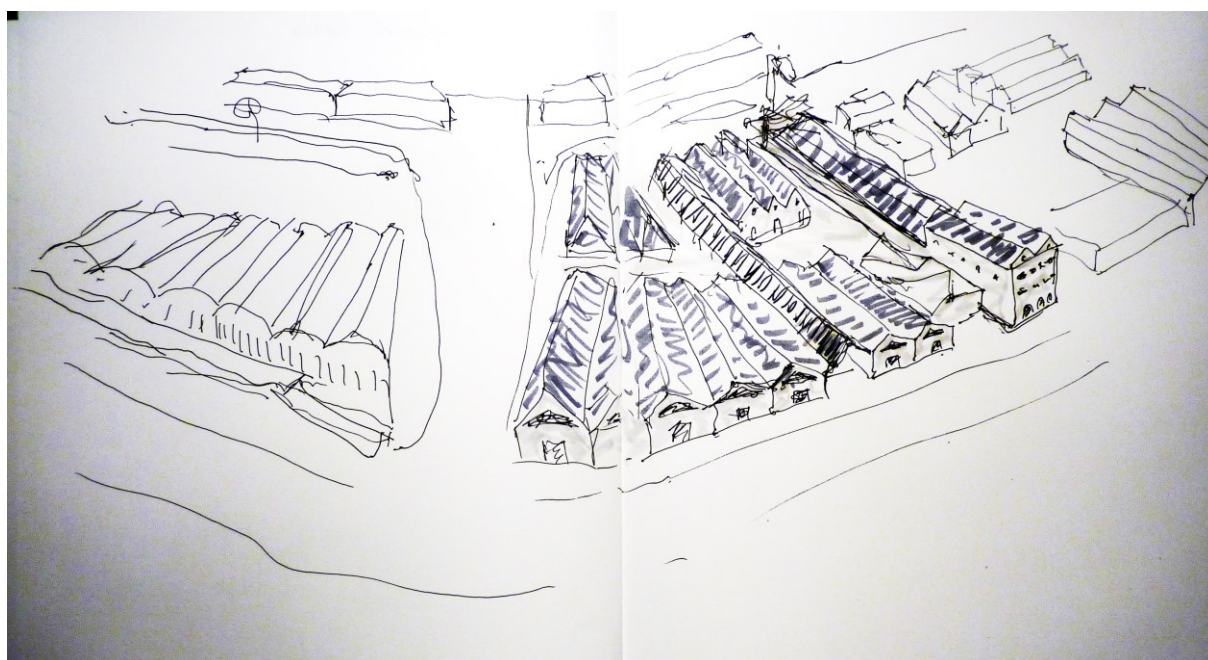


Fig 155. O Largo David Leandro da Silva, importante marco da paisagem de Poço do Bispo.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Fig 156. Esquisso da proposta
arquitetónica.



4.1.3 | As premissas projetuais

Definindo como ponto central a recuperação da paisagem industrial de Poço do Bispo, reinventam-se as indústrias tradicionais. Numa perspetiva geral, apresentam-se como premissas a sustentabilidade económica local, a coesão social, o reforço cultural do lugar, numa lógica de ocupação futura, assim como a regeneração das indústrias através de uma resposta artística e cultural.

A escolha do espaço de atuação terá sido fator preponderante para o sucesso dos objetivos apresentados. Por se tratar de um elemento de interesse local pelo P.D.M. de Lisboa e pela sua localização central em Poço do Bispo, elege-se o antigo entreposto vinícola Abel Pereira da Fonseca como objeto de reabilitação a albergar o programa a implementar.

Numa lógica de conexão entre arquitetura e as tradições performativas de Poço do Bispo, pretende-se com a melhoria ambiental fornecida pelo espaço público e regeneração arquitetónica a criação de interações diversas, que fomentem o conhecimento e partilha entre as diferentes gerações.

Paralelamente, pela multiplicidade de atividades complementares que se vão consolidando no lugar de intervenção, ainda que em edifícios e pontos distintos – associações culturais, galerias de arte, espaços co-working, empresas de carácter artesanal - achou-se relevante a conceção de um pólo que proporcionasse essa comunhão de ideias, fortalecendo os respetivos trabalhos da comunidade artística emergente.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 159. Esquema do existente. A rosa a fábrica Abel Pereira da Fonseca, a preto as novas indústrias emergentes, a cinza escuro as demolições propostas.

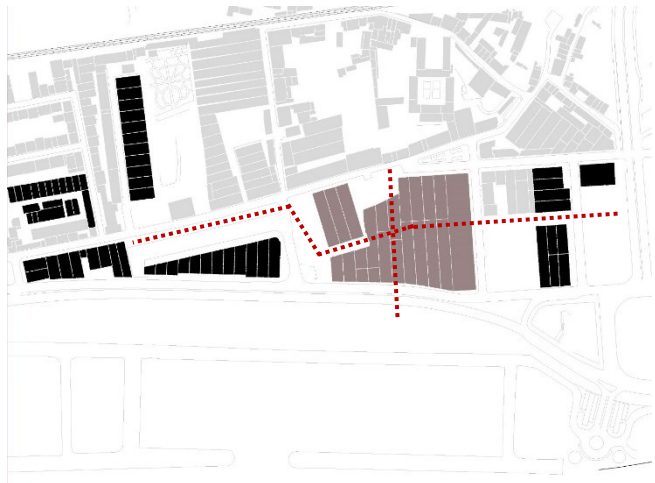


Fig 157. Esquema dos fluxos a implementar em Poço do Bispo. Desobstruir e unificar pontos do lugar.



Fig 158. Esquema da proposta. A fábrica enquanto catalisador urbano.

4.2 | O desenho urbano

Tendo por base o desenvolvimento de um pólo artístico e cultural nos armazéns Abel Pereira da Fonseca, parte-se para uma proposta de espaço urbano fundamentado nas premissas lançadas no capítulo anterior.

O desenho faz-se entorno do conjunto fabril, ponto de convergência que se pretende central para a ação social a implementar em Poço do Bispo. Ambiciona-se a criação de uma rede de fluxos que privilegie o usufruto pedonal e que recupere as velhas vivências bairristas, onde o encontro, a partilha e o convívio são as palavras de ordem.

Dando continuidade a essa ideia, a abertura de quarteirões, a demolição de edifícios obsoletos, não prestigiantes para a imagem do lugar, bem como a reestruturação da circulação viária e pedonal existente são algumas das medidas que visam reforçar a qualidade do espaço público. A prevalência de um tráfego controlado, característico da zona, considerando a atividade cultural proposta terá sido fator preponderante para a execução do projeto à escala urbana.

Partindo de dois objetivos concretos – estimular as acessibilidades e cooperação entre empresas e associações existentes em Poço do Bispo e reforçar o encontro e convívio entre os seus residentes heterogêneos – são elaboradas três estratégias urbanas: a conceção de uma rua pedonal, a criação de uma praça cromática e a reconfiguração do Largo David Leandro da Silva.

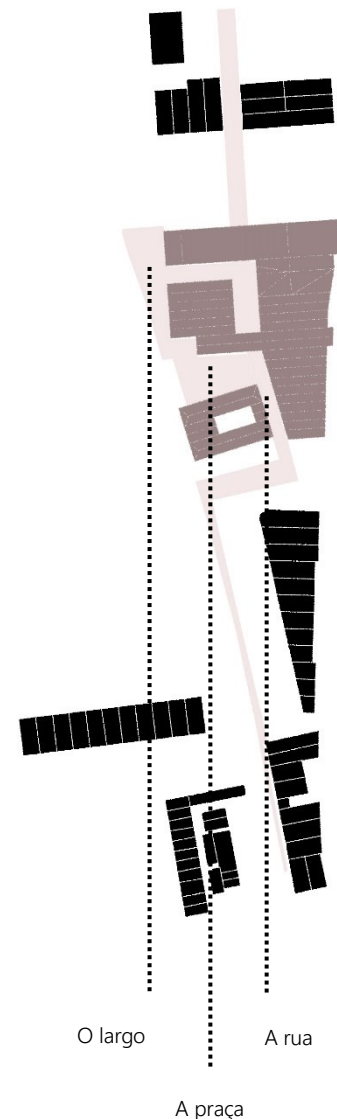


Fig 160. Esquema dos três principais pontos de interesse da proposta urbana.

4.2.1 | A rua pedonal – um percurso entre fábricas

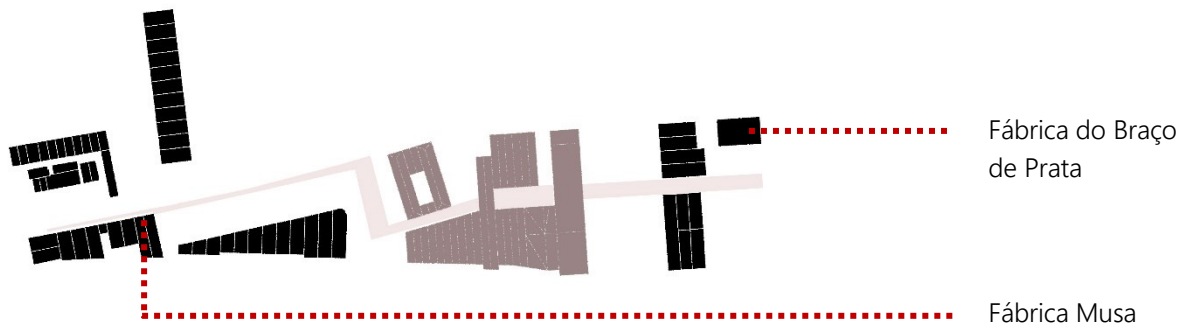


Fig 161. O percurso, a Abel Pereira da Fonseca e a relação proposta com as fábricas envolventes.

Partindo de um pressuposto de complementaridade face às diversas atividades que vão preenchendo os edifícios obsoletos de Poço do Bispo – ao nível das artes, da cultura -, nasce a ideia de abrir os quarteirões que compõem o tecido urbano. Para além de diminuir a densidade que muitos dos conjuntos acarretam, como é o caso do edifício de estudo, possibilita a criação de uma plataforma de acessibilidades – o percurso - que possibilite a proximidade ambicionada e o conceito de unidade entre todos os residentes.

A proposta apresenta uma extensão entre a Fábrica do Braço de Prata e a Fábrica Musa, mas com uma ambição do seu prolongamento futuro.

Analisando a morfologia da malha edificada e compreendendo a lógica de cheios e vazios existente, deu-se continuidade ao desenho já estabelecido a partir da qual se traça e direciona o percurso. Ladeado pelos edifícios industriais, constitui-se como rua pedonal percorrível pelos

transeuntes, afastando-os do tráfego viário. Através desta ação tenciona-se gerar um palco convidativo às relações e à troca de ideias.

O percurso mais do que um elemento de ligação entre os diferentes edifícios industriais, do ponto de vista exterior, compõem igual relevância na articulação das vivências realizadas no interior dos mesmos. A rua trespassa as paredes das velhas construções, minimizando o momento de entrada e saída, reforçando uma atmosfera que se deseja contínua ainda que diversificada, ao nível programático.

As materialidades, a cor, assim como o próprio desenho de pavimentos, são por isso trabalhados por forma a alcançar essa imagem espacial, que se articula com espaços de estar e de lazer, e com elementos verdes, de configurações distintas, qualificando o espaço público e toda a sua envolvente direta, perante a escassez atual destes recursos na localidade.

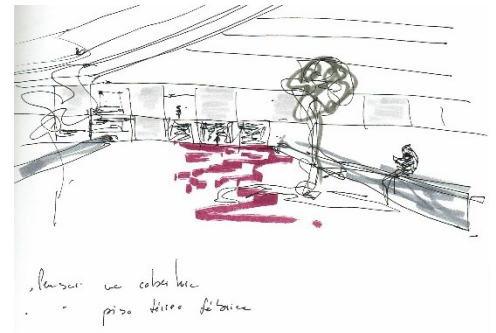


Fig 162. A rua e o seu atravessamento transversal ao edifício.

Fig 163. Esquisso sobre a rua pedonal proposta. Um percurso entre fábricas.



4.2.2 | A praça – a ponte entre duas frentes

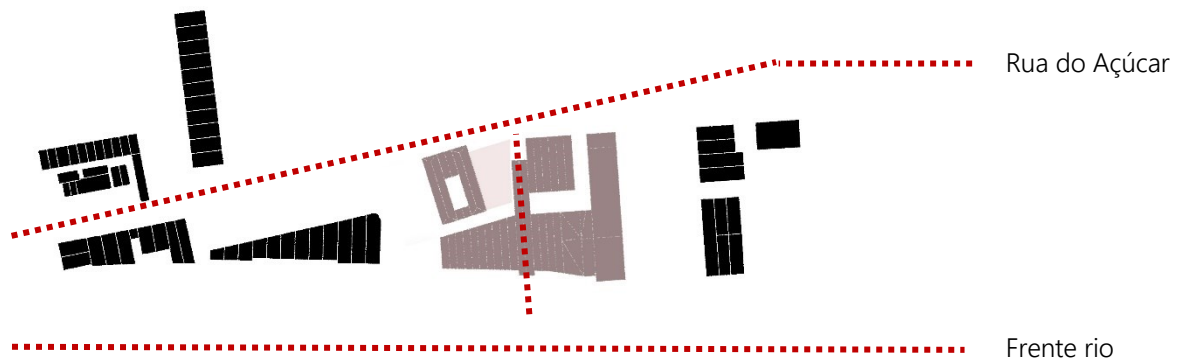


Fig 164. A ligação estabelecida entre Rua do Açúcar e a frente ribeirinha proporcionada pela praça e pelo edifício.

Partindo de um princípio de atravessamento, transversal à rua pedonal, que une a frente ribeirinha ao interior centro de Poço do Bispo, emerge a praça que culmina na rua interior aos armazéns Abel Pereira da Fonseca.

Funcionando como elemento que convida à entrada do pólo cultural pela Rua do Açúcar, via local principal de Poço do Bispo, direciona os transeuntes a percorrer a rua interior que dará acesso à Avenida Infante D. Henrique, permitindo uma maior aproximação ao rio, situação que se vê sendo implementada um pouco por toda a cidade.

O objetivo prende-se com uma posterior ligação ao novo parque ribeirinho oriental, atualmente em fase de construção. Incita-se à criação de estratégias que articulem as variadas mudanças citadinas, numa ótica de cidade continuada.

Paralelamente à função de encaminhamento, a praça surge também como lugar de acontecimentos sociais. A amplitude que a caracteriza permite uma maior diversidade de vivências,

que se poderão cingir ao convívio e às relações sociais da comunidade, ou à criação de eventos relacionados com as atividades do edificado que a envolve, estabelecendo diferentes dinâmicas que cooperam com a efemeridade contemporânea.

Pela sua qualidade de espaço diferencial dentro da esfera pública envolvente, a configuração do pavimento toma diferente expressão através de uma escolha cromática e material que, não se desintegrando da ideia de unidade prevista pela rua pedonal, ganha importante destaque no tecido.

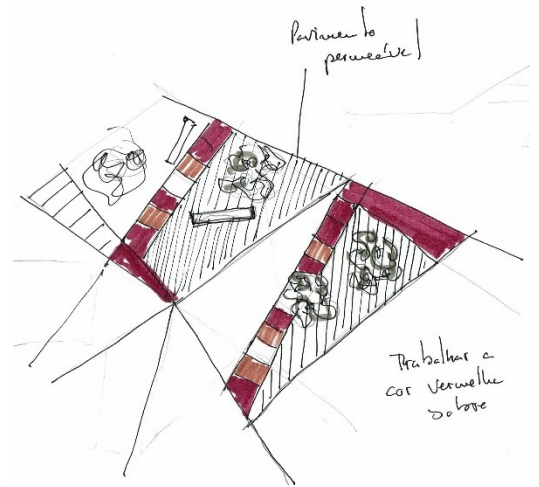
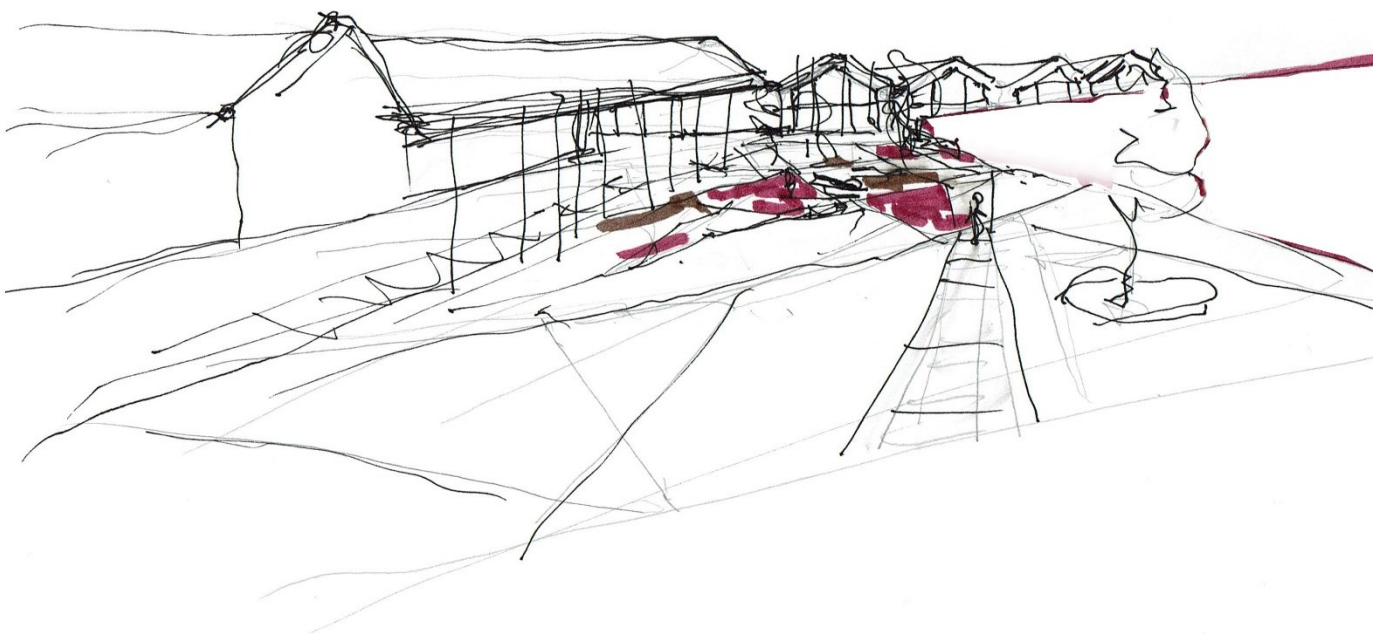


Fig 165. Estudo sobre o pavimento e a respetiva escolha cromática.

Fig 166. A praça e a sua relação com os armazéns a nascente.



4.2.3 | O Largo David Leandro da Silva – lugar de tradições

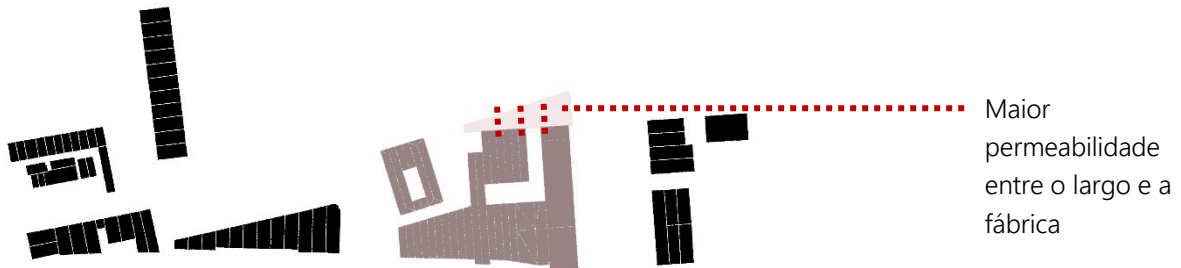


Fig 167. Requalificando unificando o largo e a fábrica.

Face à importância histórica e cultural que o largo possui e sendo ele localização que premeia a imagem frontal do conjunto industrial, segue-se uma proposta de requalificação que visa a sua valorização, prestigiando a sua identidade.



Fig 168. A situação existente.

Pela sua qualidade de espaço de encontro e convívio, único em Poço do Bispo, altera-se a sua morfologia por forma a privilegiar o usufruto da população. Pretende-se acrescentar maior segurança e qualidade dos espaços de estar, reconfigurando o mobiliário urbano e espaços verdes existentes.

Pelo simbolismo que detêm para o lugar, foram mantidos o antigo urinol, em tijolo, assim como a antiga fonte em cal.

Com a requalificação viária propõem-se uma coexistência mais coerente entre veículos e transeuntes, priorizando as ações sociais que tanto caracterizam o largo. A materialidade dos pavimentos indicia um abrandamento dos automóveis numa zona importante para a localidade. O objetivo centra-se no regulamento do uso do solo, aproximando-se de um uso

misto, envolvendo todos os intervenientes na ação que se desenha para a imagem do largo.

Com a aproximação do espaço pedonal à frente de fachada dos armazéns, o largo articula-se com as dinâmicas presentes no interior dos mesmos, prevalecendo a continuidade que se reivindica de relação entre interior e exterior. A própria programação ocorrente nestes edificados é ponderada em correlação com as vivências de uma classe mais humilde que usufrui do espaço, em conformidade com a premissa definida de inclusão social.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 169. Fachada frontal do edifício Abel Pereira da Fonseca.

4.3 | O desenho arquitetónico

4.3.1 | Um espaço de memória. O antigo entreposto vinícola Abel Pereira da Fonseca.

“Aí temos do lado do mar, na esquina que o Largo faz para a Rua do Amorim, que conduz à praia, o edifício da firma Abel Pereira da Fonseca, com os seus prolongados armazéns, as suas enormes adegas, que lhe trouxeram a denominação da «Catedral do Vinho», e as suas oficinas, à beira mar.”

(Araújo, Norberto, Peregrinações em Lisboa, Vol. XV, 1993, p.77)

Com origem em 1907 pelo fundador Abel Pereira da Fonseca e seu sócio Francisco de Assis, nasce o desígnio *Abel Pereira da Fonseca e C^o*. Considerada a maior empresa vinícola na entrada e distribuição de vinho da cidade de Lisboa, localiza-se primeiramente em Xabregas. Contudo o rápido crescimento do negócio e conseqüente carência de espaço para a atividade levam a que, em 1910, seja realizada a aquisição de novo imóvel, existente em Poço do Bispo (Santos, 2013).

Com a ambição de incorporar os diversos segmentos comerciais da atividade vinícola num único espaço – produção, armazenamento e venda – o edifício ganha variados contornos morfológicos, ao longo do tempo, alcançando a enorme volumetria de conjunto que hoje vemos.

Servido a norte pela Rua Amorim e a poente pelo Largo David Leandro da Silva, a implantação inicial localiza-se confinante ao Rio Tejo, a nascente, por onde eram feitos os carregamentos das embarcações para a sua exportação (Barbosa, 2011, p.28-29).

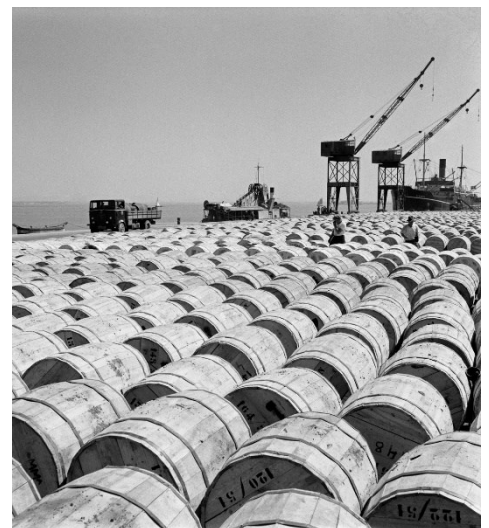


Fig 170. Preparação das pipas de vinho da firma para carregamento. Doca do Poço do Bispo, 1956.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

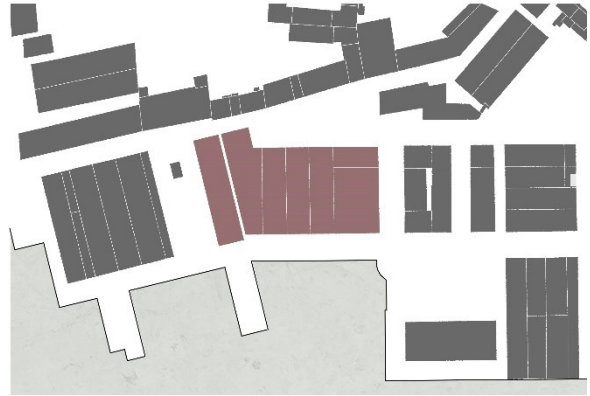


Fig 171. Planta de 1910.

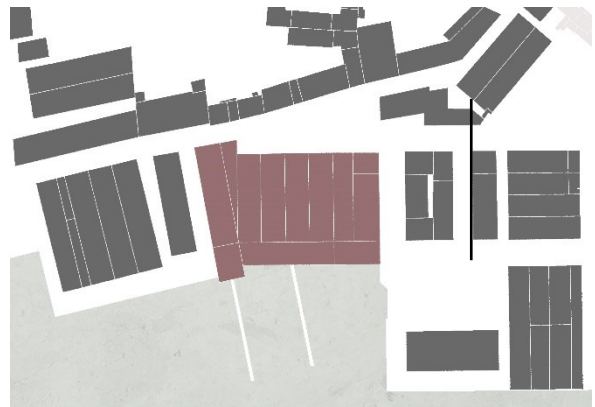


Fig 172. Planta de 1910, com as primeiras ampliações.

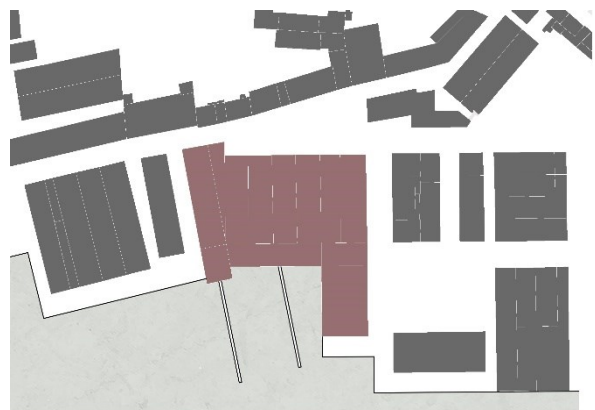


Fig 173. Planta de 1916.

Pelos benefícios desta contiguidade, as ampliações dos armazéns fazem-se na direção do rio entre 1916 e 1942. Numa fase inicial assentes sobre uma estrutura em arco, mais tarde, com as obras dos aterros, assentes sobre solo estável.

O edifício confinante à Rua Amorim, mais emblemático do conjunto, desenhado sob o traço do arquiteto Norte Júnior, constrói-se em primeiro lugar.

De morfologia variante no decorrer dos anos, assume a forma hoje vista por volta de 1930, comportando o maior armazenamento de vinho da história da cidade. Servido por dois pisos, nele se concebe “o conjunto monumental das cento e cinquenta cubas em betão, com o respetivo painel de controle Daubron caracterizado pelos seus múltiplos mostradores e respetivos filtros de tratamento.”

A fachada principal, com frente para o Largo, destaca-se pelo seu desenho, na qual se representa o labor da firma – “tonéis de vinho nos grandes janelões circulares, os cachos de uvas, as folhas de parra e o logótipo da empresa composto por uma fragata e pelo rio, expressando a relevância do rio para o desenvolvimento do negócio.” (Folgado & Custódio, 1999, p. 157).

A nascente tem lugar o corpo término do conjunto industrial, igualmente com variados ajustes temporais, caracterizado pela sua imponente galeria central em betão, ao longo dos três pisos que constituem o edifício.

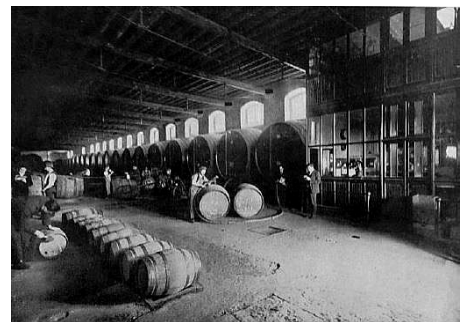
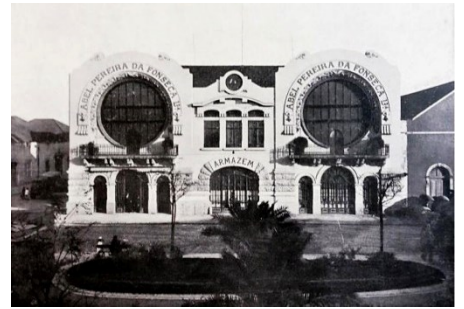


Fig 174. Em cima alçados Este e Norte, respetivamente, em baixo armazenagem das pipas no interior dos armazéns. Fotos de 1919.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

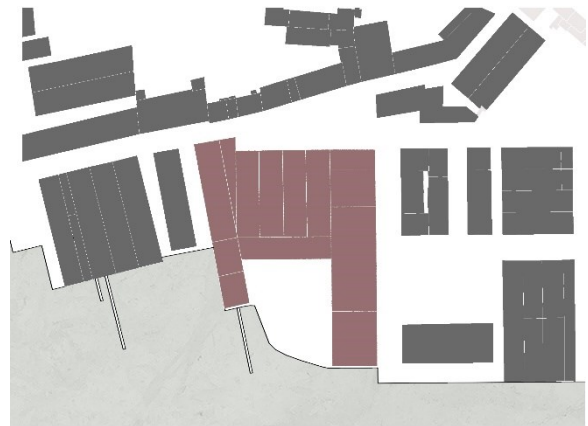


Fig 175. Planta de 1920.

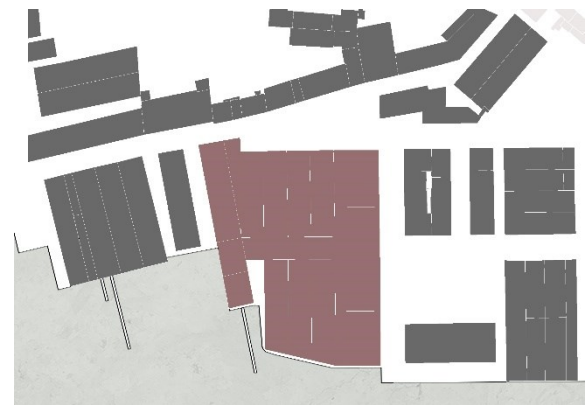


Fig 176. Planta de 1930.

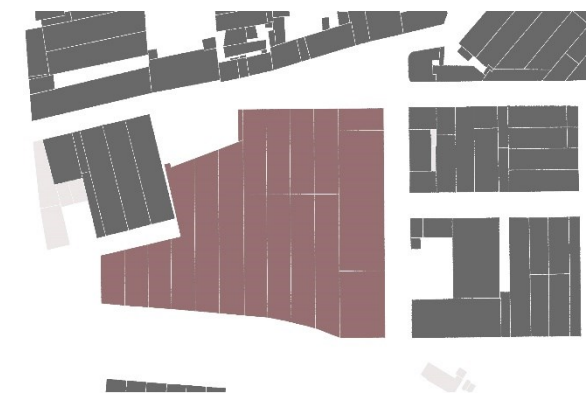


Fig 177. Planta de 1942.

Finalizando o conjunto de dez armazéns constrói-se uma frente edificada, paralelamente à margem ribeirinha. De formas paralelepipedais, constituem-se em alvenaria de pedra nas paredes e por colunas de ferro e betão onde assenta a estrutura de cobertura, em telhado de duas águas.

A designação da firma altera-se - Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, S.A.R.L. – e a prosperidade mantém-se. Constroem-se oficinas, armazéns, depósitos e casas para os trabalhadores, transformando esta zona numa verdadeira vila.

Com a entrada de novos sócios, em 1982, a fábrica inicia o seu processo de decadência, cessando a sua atividade em 1933.



Fig 178. Alçado Oeste do edifício, 1923.

Fig 179. O conjunto dos dez armazéns, alçado Oeste, 1945.

Fig 180. Habitação operária da firma, 1945.



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 181. Estabelecimento da firma, 1966.



Fig 182. Camião de distribuição de vinho da firma. S/d.



Fig 183. O armazenamento das pipas de vinho no edifício principal. S/d.

Fig 184. A galeria central de betão do volume Este do edifício principal. S/d.

Fig 185. Galeria de cubas de vinho presentes no edifício principal. Foto de 2011.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

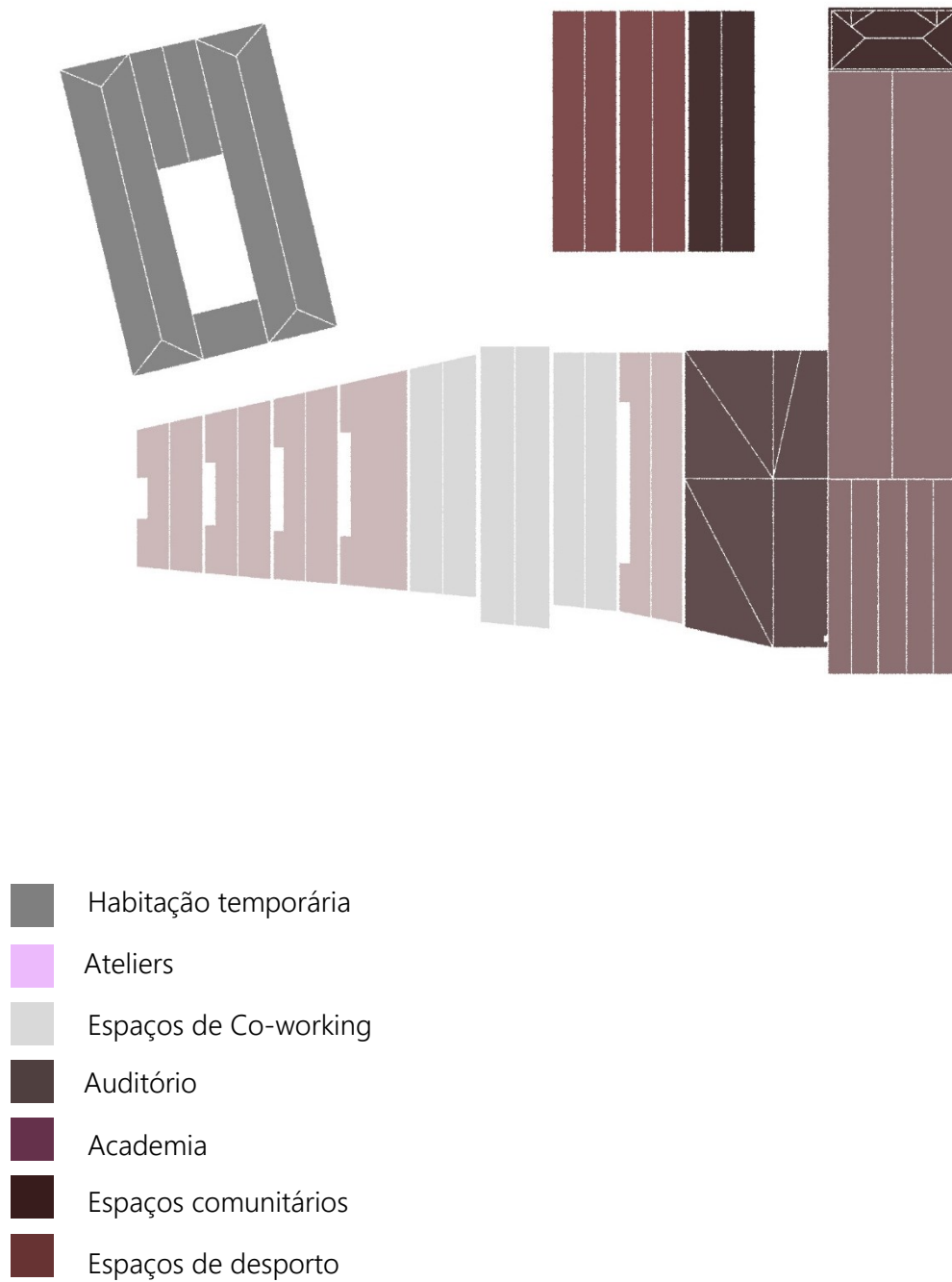


Fig 186. Esquema de usos proposto
para o novo pólo artístico

4.3.2 | A reestruturação. O novo pólo artístico e cultural.

A reestruturação do antigo edifício vinícola como centro dedicado à cultura e às artes procura enfatizar os aspetos referidos nos capítulos antecedentes.

Pela procura intensiva de preexistências vazias por uma comunidade criativa e inovadora diversificada, procura-se por uma proposta programática sustentável que a acolha e incentive à respetiva interação pública, não só entre artistas mas também entre comunidade local. Servindo de plataforma de apoio às atividades decorrentes no lugar, contribuirá para uma maior visibilidade e colaboração do público e respetivos vizinhos que se associem a este meio.

O projeto oferece uma multiplicidade de espaços flexíveis e acessíveis por todos, onde o trabalho é executado e partilhado. A uma escala mais detalhada dos mesmos, o conjunto industrial alberga uma academia das artes, um auditório, espaços de co-working, estúdios de variadas dimensões, espaços dedicados ao desporto, espaços comunitários e habitação de caráter temporário.

A academia das artes

Integrada no edifício mais emblemático do conjunto, destina-se a pequenos artistas freelancers, de todas as áreas, que não possuam elevadas condições financeiras ou não necessitem de um espaço tão grande para elaborarem os seus trabalhos.

Ao nível do piso térreo desenvolvem-se pequenos quiosques loja, onde o trabalho poderá ser exposto ou vendido. Com o corte proporcionado pela rua pedonal que atravessa perpendicularmente o edifício, ocorre uma extensão do espaço público para o interior do edifício, incutindo uma leitura adaptável às dinâmicas que se estabeleçam no mesmo. Trata-se de um lugar intermédio que promove momentos de debate, de partilha e de interações sociais.

Ao nível dos restantes pisos, o edifício fornece pequenas incubadoras de estúdios, modelados ao gosto do utilizador, localizadas no corpo central, numa reminiscência às antigas cubas de vinho em betão armado.

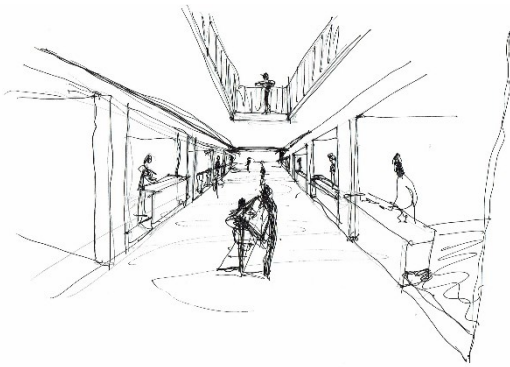


Fig 187. O piso térreo e a sua galeria de lojas.



Fig 188. Os estúdios situados no piso 1 e a sua relação entre si.

De apoio ao trabalho dos artistas, concebem-se espaços coletivos que incluem espaços de estúdio comuns, oficinas de trabalho, espaços de exposição, espaços destinados a workshops e uma biblioteca informal das artes. Deste modo, promove-se o trabalho conjunto e de aprendizagem recíproca.



Fig 189. O interior dos estúdios.

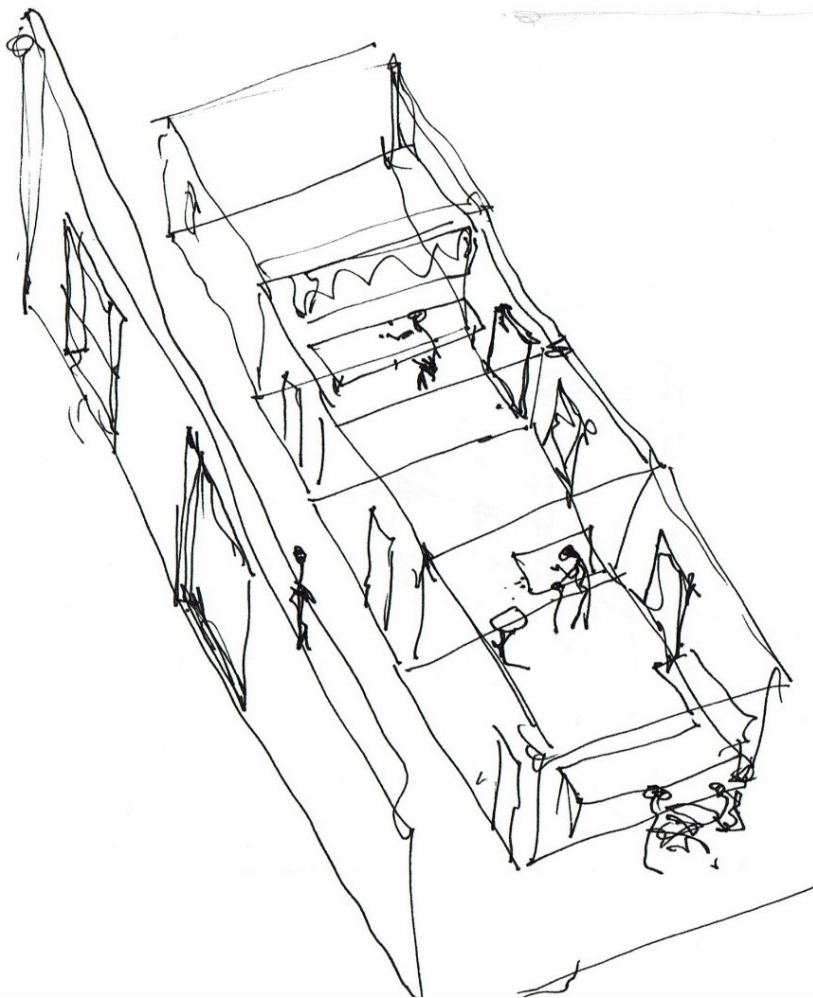


Fig 190. Axonometria em esquisso da agregação dos diferentes estúdios e da galeria que dá acesso aos mesmos.

O auditório

Integrado junto à academia, afirma-se como nova construção e edifício de exceção relativamente ao restante conjunto.

Nele poderão ser realizadas diversas iniciativas locais, eventos culturais, palestras, ou concertos que estimulem as vivências locais e atraiam visitantes exteriores a conhecer Poço do Bispo.

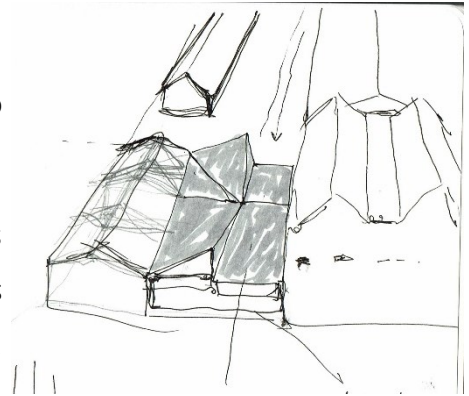


Fig 191. O auditório e a sua forma.

Os ateliers

Agregando as atividades de criação, produção e venda num único espaço, similarmente ao negócio vinícola de Abel Pereira da Fonseca, utilizam-se os antigos armazéns, fronteiros ao rio, para acomodar as empresas ou ateliers, de natureza artesanal, que aqui se assentem. Desenvolve-se igualmente um espaço polivalente direcionado ao público para workshops, eventos ou exposições associados aos produtos fabricados.

A configuração do interior concebe-se de maneira a que os visitantes compreendam a atmosfera não só da preexistência como do próprio processo de desenvolvimento do produto que levam.

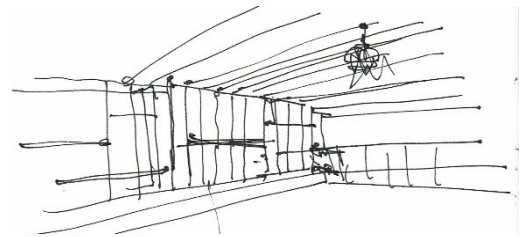


Fig 192. A loja com vista para o interior do atelier.

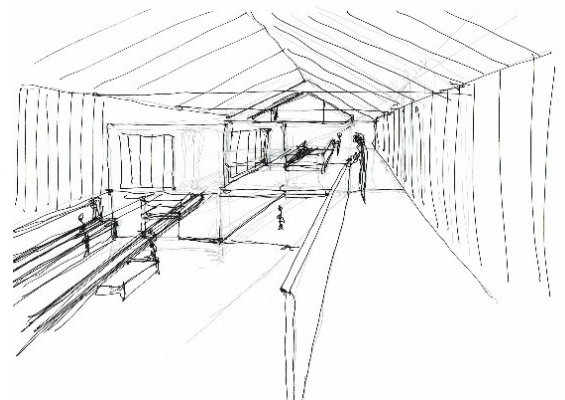
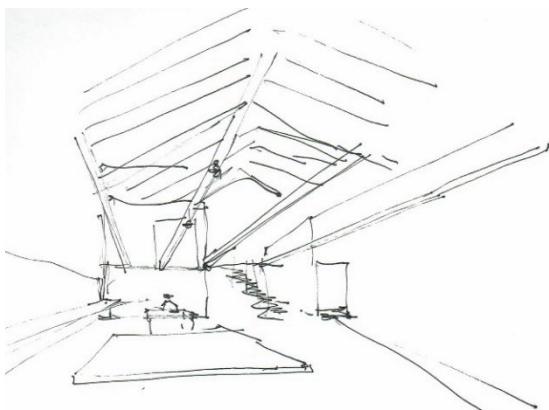


Fig 193. O atelier e a sua zona de produção.

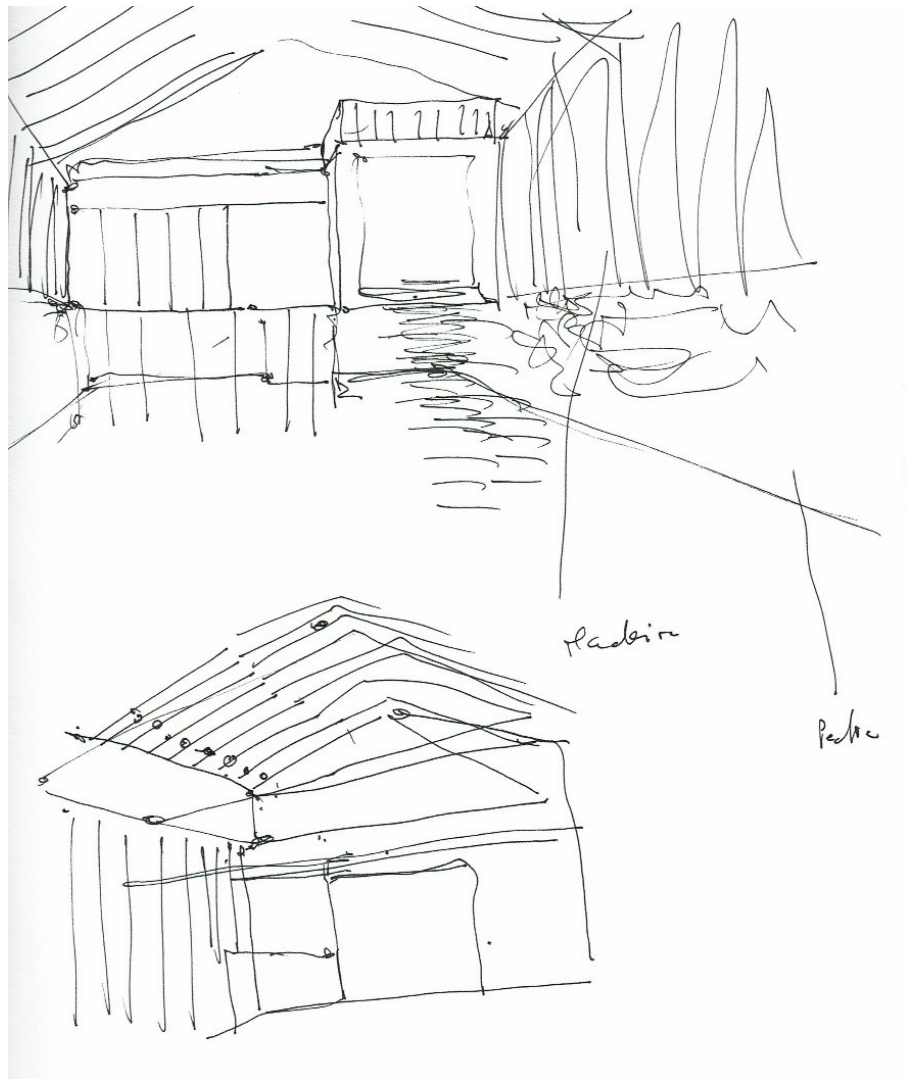


Fig 194. As materialidades do atelier. A madeira e a pedra.

Os espaços de co-working

Constituído por espaços de trabalho individuais e coletivos, onde se assentam pequenas e médias empresas, pretende-se que sirva de apoio ao trabalho dos negócios circundantes. Pretende-se com esta parceria uma maior visibilidade e prosperidade do negócio para outros locais que não seja necessariamente o lugar de produção.

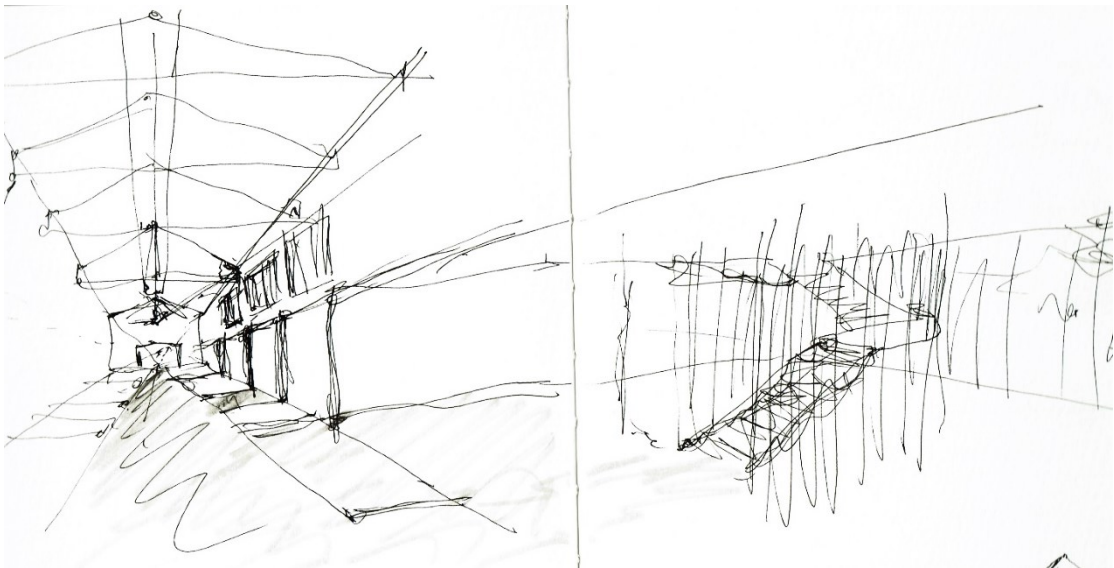


Fig 195. O acesso aos espaços de co-working através do atravessamento proposto nos armazéns a nascente.

Os espaços de desporto

Considerando os projetos inseridos em dois armazéns do conjunto (uma academia de parkour e uma academia de crossfit), antecedentes à elaboração da proposta, dá-se continuidade às suas atividades pela compatibilidade programática. Situados em dois dos armazéns com frente para o Largo David Leandro da Silva, acrescentam novas dinâmicas ao conjunto.

Os espaços comunitários

Dando continuidade à ideia de integração e coexistência das diferentes camadas sociais presentes em Poço do Bispo, nascem espaços comunitários que favoreçam uma relação harmoniosa entre comunidade nova e existente.

Localizados no edifício emblemático que faz frente para o Largo David Leandro da Silva, numa aproximação ao que era antigamente, desenha-se uma área de café e uma livraria. Ambiciona-se um maior envolvimento dos habitantes nas atividades que se desenvolvem no conjunto, estimulando uma sensação de pertença que lhes fora retirada ao longo de décadas.

No mesmo seguimento conceptual, desenvolve-se igualmente um espaço de oficinas educativas que funciona como plataforma de criação entre artistas experientes e público curioso, que pretenda desenvolver conhecimentos práticos no ramo artístico. Encoraja-se o desenvolvimento de artistas por artistas, assim como a construção de relações diretas entre a comunidade local e os novos residentes.

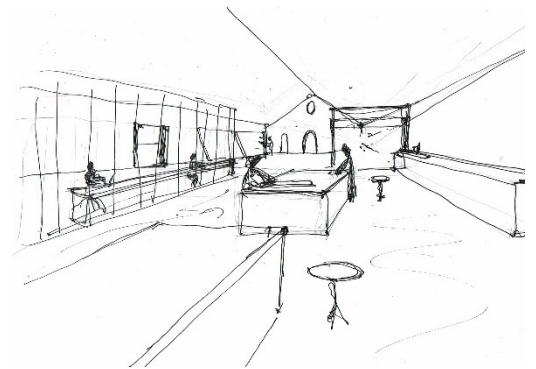


Fig 196. As oficinas educativas.

A habitação temporária

Pela natureza dos espaços que constituem o pólo cultural, a necessidade de criar um ponto de estadia temporária para uma maior liberdade do seu usufruto era quase que obrigatória. Desse modo, os artistas, visitantes ou meros interessados poderão habitar o lugar durante o tempo desejado.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

A residência comporta três tipologias de quartos (camaratas, quartos duplos partilhados ou pequenos estúdios), aos quais se juntam espaços de trabalho, espaços de estar e lazer, assim como cozinhas comuns. Induzindo um espírito de partilha, desenham-se os diversos espaços concebidos para uma maior interação entre os hóspedes, potenciando a troca de ideias e partilha de conhecimento, muito de encontro à natureza que se pretende estabelecida para a proposta do novo pólo.

Situada em três antigos armazéns confinantes ao conjunto industrial, reabilita-se e readapta-se a construção.



Fig 197. O pátio das residências.
Trabalhar a forma existente.

4.3.3 | Preservar reinventando – a forma

A abordagem ao edifício faz-se seguindo a ideia de preservação da sua autenticidade enquanto espaço industrial. Por conseguinte, procura-se definir uma estratégia morfológica que articule essa pretensão com as exigências de um projeto contemporâneo. Preservar, reinventando será o mote que nos levará à proposta arquitetónica surgida.

Assumindo a abertura do conjunto dos armazéns, reparte-se a unidade em duas frentes – uma frontal ao rio e outra frontal ao Largo David Leandro da Silva. Achando-se necessário este descerramento entre armazéns, por forma a criar ambiências exteriores que se intercalam com as construções, solução que dá origem à rua pedonal, não se quer desfeita a memória vinculada à forma original do conjunto edificado. Para tal, trabalha-se com a cobertura e respetiva estrutura, oferecendo ao quarteirão a continuidade longitudinal pretendida, unindo as duas frentes conforme a morfologia antiga.

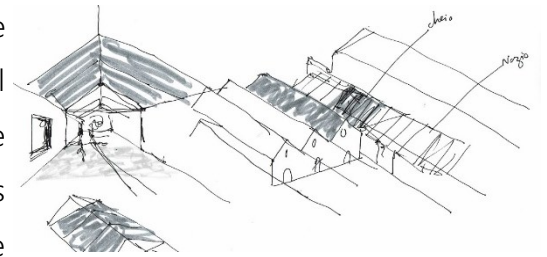


Fig 198. A continuidade da cobertura na ligação entre espaços.

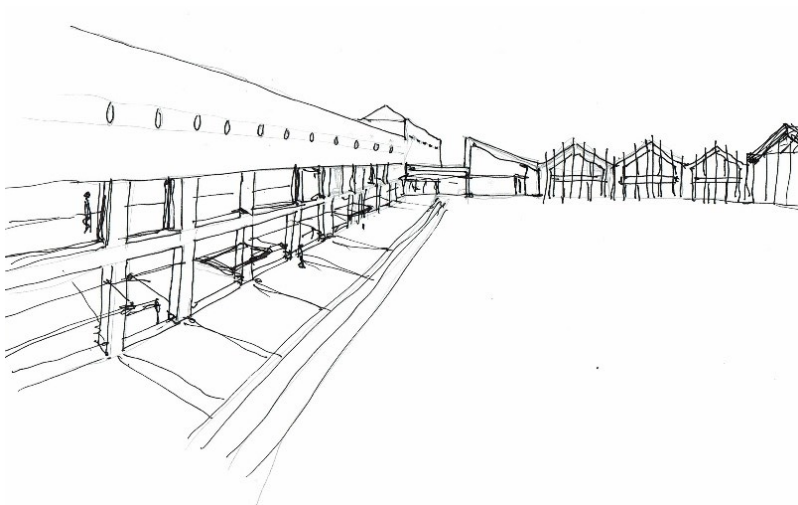


Fig 199. A requalificação das fachadas do edifício principal.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



Fig 200. As lâminas da fachada poente dos ateliers.

Com o intuito de permanecer a integridade da construção original, as soluções espaciais são aplicadas tendo por base o menor toque através de estruturas temporárias leves, de fácil aplicação e remoção.

Apostando numa solução de fachada renovada, permanecendo, todavia, as características próprias da construção, concebe-se uma estrutura metálica que se acrescenta à pré-existência e que ganha continuidade no percorrer dos diferentes armazéns e ao longo de todo o conjunto.

Pontualmente, a estrutura é transportada para o espaço público, criando zonas de estar e lazer que interliguem as zonas exteriores aos volumes edificados.

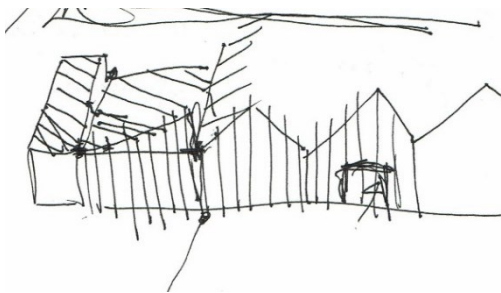
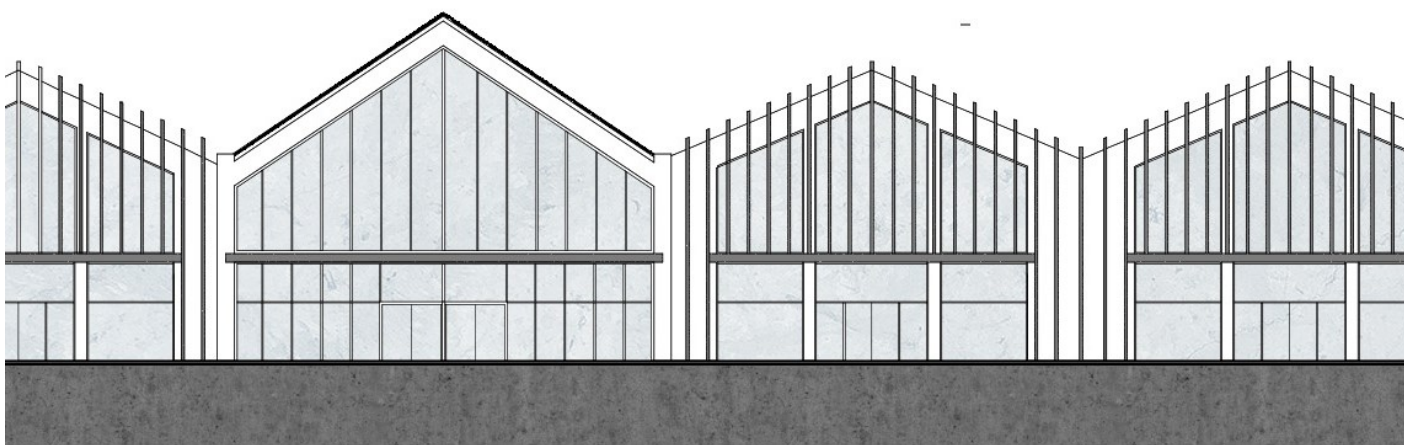


Fig 201. A continuidade da fachada ao longo do conjunto.



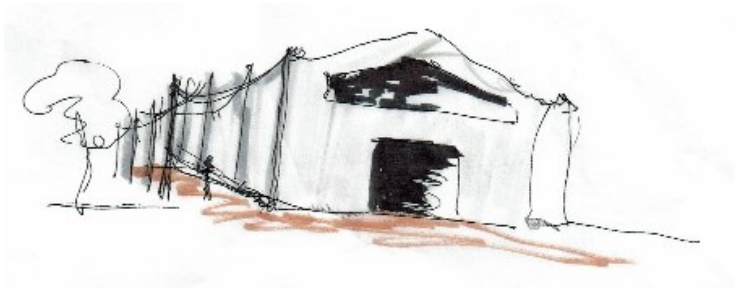


Fig 203. Possíveis utilizações das lâminas de fachada para o espaço público. Enquanto elemento para a criação de espaços exteriores cobertos, para a exposição de arte, fotografia ou informação, ou para a diferenciação de zonas no espaço público.

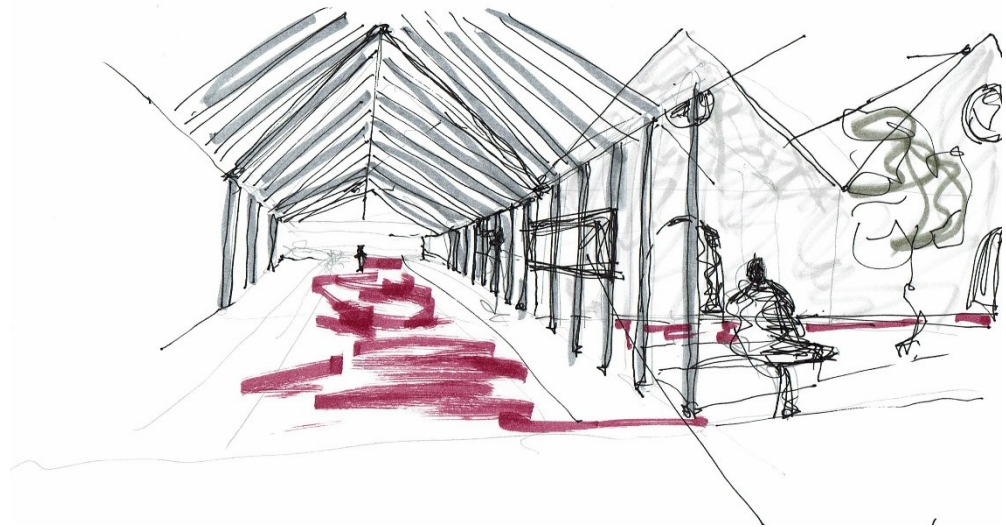
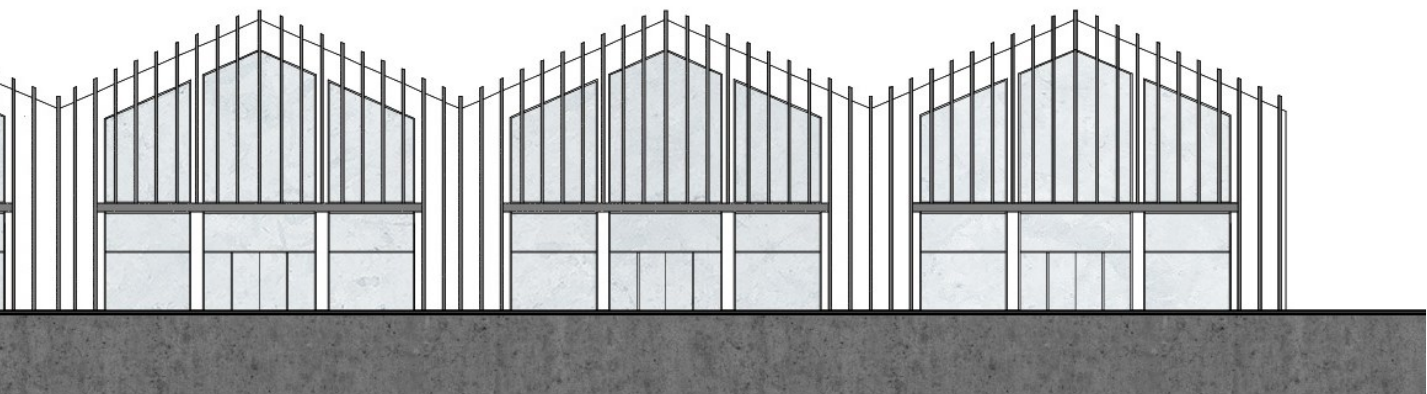


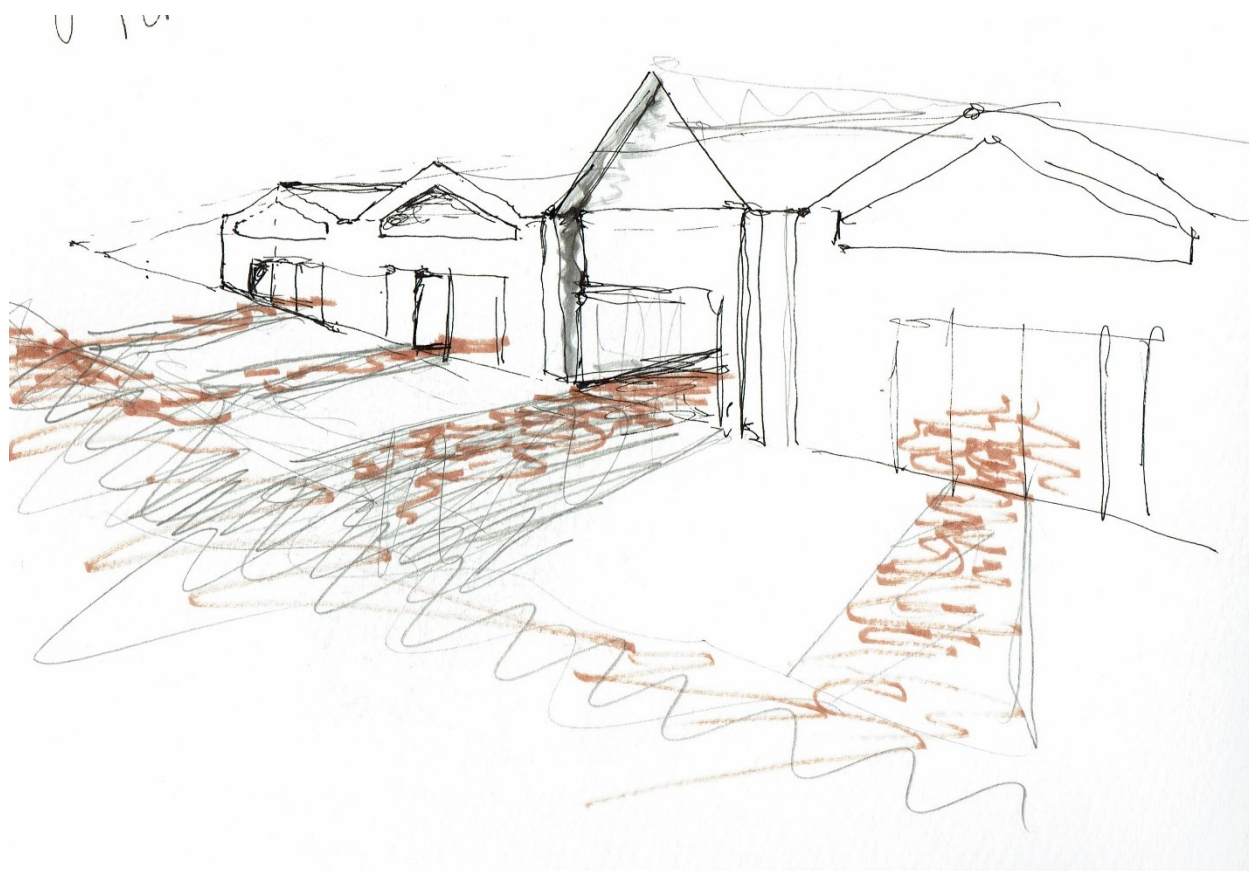
Fig 202. Alçado poente dos ateliers e passagem.



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Fig 204. A cor trabalhada ao nível do pavimento.
Relação entre percurso e interior dos espaços.



4.4 | Trabalhar com a cenografia

Desenvolvendo a premissa de unificar os diferentes espaços industriais através de uma estratégia urbana da qual resulta o desenho da rua pedonal, elabora-se uma narrativa a uma escala mais detalhada que reconstrua o espaço cénico de Poço do Bispo, com maior foco sobre o edifício Abel Pereira da Fonseca.

Parte-se da escala do pavimento ao nível do espaço público para uma proposta cenográfica que se manifesta mnemonicamente no interior dos espaços internos. Do solo, alcança-se a parede, que por sua vez, prossegue para a cobertura.

Não se pressupondo uma intervenção abstrata, utiliza-se a memória do conjunto vinícola como mote para a composição da ambiência dos espaços criados. Através de pequenos apontamentos alusivos à atividade moldam-se os elementos construtivos.

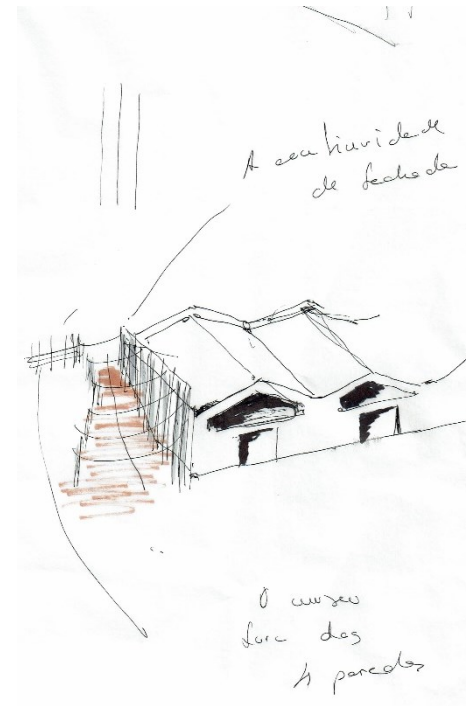


Fig 205. A correlação das estruturas efémeras e pré-existência para a criação de novas cenografias.



Fig 206. A memória trabalhada ao nível do pavimento. A utilização de cartazes publicitários alusivos aos vinhos.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

Sugerem-se materialidades, cores e imagens que nos remonem aos vinhos e à sua produção, ainda que mantendo sempre em consideração a natureza efémera dos projetos integrantes no programa.

No que diz respeito à materialidade, opta-se pelo betão, pela pedra, pela madeira e o aço, soluções justificadas pela aproximação à memória complementada pela maior funcionalidade e aplicabilidade face à natureza do projeto.

Fig 207. As materialidades para a invocação da memória. A madeira das tanoarias e a pedra dos lugares crus industriais.

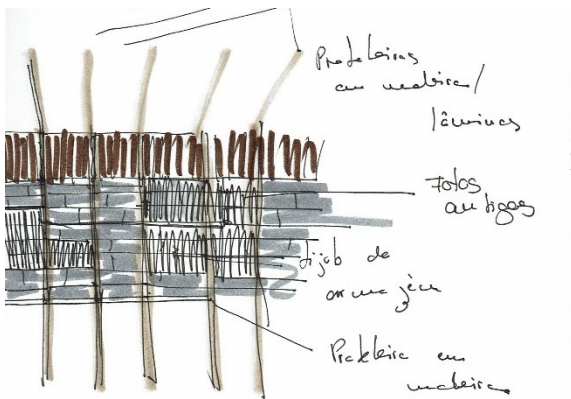


Fig 208. O interior das lojas dos ateliers com imagens antigas da atividade fabril. A memória presente na contemporaneidade.





Fig 209. A cor dos pavimentos. Uma escolha mnemónica. A fachada, os rótulos e os folhetos publicitários.



5 | Considerações finais

Partindo de uma realidade de obsolescência e abandono dos espaços industriais existentes na cidade de Lisboa, problemática incidida em maior escala a oriente da mesma, e considerando a importância destes testemunhos na construção cultural da imagem cénica Lisboeta, a proposta apresentada, em Poço do Bispo, pretende enaltecer estes legados patrimoniais, aliando-os a práticas contemporâneas que permitam às gerações futuras conhecer e usufruir destes lugares de memória.

Apesar da permanência de uma estética rudimentar a que se associa a paisagem industrial, vê-se cada vez mais alterado o ponto de vista relativamente a estas estruturas, vistas hoje como lugares de oportunidade, capazes de resgatar as histórias de um passado, reconstruindo-as num presente efémero. A sua flexibilidade e alteridade suscita o interesse de uma diversidade de grupos aos quais se associa imperativamente as artes e a cultura numa procura pela proximidade com o seu público, por lugares de contexto e pela simplicidade de formas e volumes.

É neste seguimento que se explora com este projeto soluções estratégicas de coexistência e sustentabilidade social e urbana que garantam a permanência a longo prazo destes núcleos desqualificados, acolhendo os residentes locais e integrando uma nova população que reconheça o valor inerente ao contexto onde se interpõem.

Trabalhando segundo os três pontos referidos para a abordagem a este projeto – preservar, reintegrar e reinventar –, a proposta urbana e arquitetónica apoia-se na ideia de reconstruir as dinâmicas relacionais dos habitantes com o espaço, através de um jogo vinculativo entre espaço exterior e interior.

Trabalha-se o espaço público privilegiando os espaços de estar e de lazer que aludam ao convívio e vivências sociais, tradicionais nos bairros de génese industrial. As ruas mistas, o percurso pedonal, ou a requalificação da Praça David Leandro da Silva, elemento urbano importante no quotidiano de Poço do Bispo, são exemplos práticos dessa ambição.

Pretende-se com a proposta arquitetónica e construtiva não só manter íntegras as características que conferem ao lugar o significado que possui para a história do bairro, como enaltecê-las através de opções cenográficas concretizadas através das estruturas, cores e materialidades escolhidas.

A valorização e reinvenção da cenografia urbana existente pretende não só interligar os diferentes espaços do conjunto industrial, prevalecendo a ideia de conjunto edificado, como também elucidar sobre a utilização da arte e da cultura como catalisadores para a revitalização de estruturas fabris obsoletas, sem comprometer a originalidade do edifício. Demonstra-se a capacidade de correspondência às condições atuais da arquitetura numa cidade global e consolidada, cujo futuro se encontra na reutilização destes espaços desativados.

Une-se a memória à criatividade.

Referências bibliográficas

Lisboa industrial

ADMINISTRAÇÃO DO PORTO DE LISBOA (APL). *Estudo de Intenções para o Porto de Lisboa, Na área entre Belém e Matinha*. Lisboa: APL, 2005.

ARAÚJO, Norberto de. *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Veja, 1993.

BARBOSA, João. *Grande reserva: as melhores histórias do vinho português*. Alfragide: Oficina do livro, 2011.

CUNHA, Ana Cristina dos Reis e. *Frentes ribeirinhas no Porto de Lisboa*. Lisboa: Administração do porto de Lisboa, 1998.

CONSIGLIERI, Carlos; RIBEIRO, Filomena; VARGAS, José Manuel; ABEL, Marília. *Pelas Freguesias de Lisboa. São João, Beato, Marvila, Santa Maria dos Olivais*. Câmara Municipal de Lisboa: Pelouro da Educação, 1993.

DELGADO, Ralph. *A antiga freguesia dos Olivais*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, 1969.

FERREIRA, Vitor Matias. *Lisboa, a metrópole e o rio: Centralidade e requalificação das frentes de água*. Lisboa: Bizâncio, 1997.

FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge. *Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

FOLGADO, Deolinda. *Património inclusivo. Das expectativas aos desafios* in: Custódio, J. (coord.) *et al. - 100 Anos de Património. Memória e Identidade*. Lisboa: IGESPAR, 2010.

FRANÇA, José-Augusto. *Lisboa: Urbanismo e arquitetura*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997.

MADEIRA, Bruno Manuel da Costa. *Novos destinos para edifícios industriais. Reconversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca. Museu do Vinho*. Lisboa: Universidade Lusófona de Lisboa, 2014.

MATOS, José Sarmiento de; PAULO, Jorge Ferreira. *Caminho do Oriente. Guia Histórico I*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

RODRIGUES, Manuel Ferreira; MENDES, José M. Amado. *História da Indústria Portuguesa – Da idade Média aos nossos dias*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999.

SILVA, Augusto Vieira da. *Dispersos. Volume II e III*. Lisboa: Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1985.

Memória e conservação

AUGÉ, Marc. *Os não-lugares, introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Venda Nova: Bertrand, 1994.

AGUIAR, José. *Planear e projetar a conservação da cor na cidade histórica: experiências havidas e problemas que subsistem*. Lisboa: Comunicação ao III Encore, 2003.

BOURRIAUD, Nicolas. *The radican*. New York: Sternberg Press, 2009.

CONSIGLIERI, Victor. *A Morfologia da Arquitetura*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983.

CHOAY, Françoise. *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 1999.

FUCHS, Lorena Herrera – *Industrial ruins in contemporary representations – Memory of abandoned space in the construction of urban identity*. Évora: Universidade de Évora, 2017.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

QUEIRÓS, Margarida - *Da teoria à prática na intervenção em Brownfield: A regeneração da CUF/Quimigal no Barreiro, Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa*. Guimarães, 2004.

Disponível em:

http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_V_Congresso_APG/web/_pdf/D12_15Out_Margarida%20Queiros.pdf

LEFEBVRE, Henri. *The production of space*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1991.

MADUREIRA, Mariana – *O espaço da cultura na contemporaneidade: Museu Global X Museu local, 2º Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus*. Rio de Janeiro, 2010.

Disponível em:

http://arqimuseus.arq.br/anaisseminario_2010/eixo_ii/p2-artigo_mariana_madureira.pdf

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: Towards a phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli, 1980.

NORA, Pierre. *Realms of memory. The construction of the French Past*. Columbia: University Press, 1978.

PORTAS, Nuno. *Conservar renovando ou recuperar revitalizando*. Coimbra: Museu Nacional Machado Castro, 1983.

RUSKIN, John. *The Seven Lamps of Architecture*. Cornhill: Smith, Elder & Co, 1849.

Arte na intervenção da cidade

BIAZIN, Cristine Galhardo. *Cor e lugar: uma contribuição para projetos cromáticos em recuperação de sítios e centros históricos*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CAEIRO, Mário. *Arte na Cidade, História Contemporânea*. Lisboa: Temas e debates, 2014.

CARDOSO, Homem; CARLOS, Isabel; MIRA, Margarida. *Encenar a cidade: Intervenções artísticas nos tapumes das obras do metropolitano de Lisboa*. Lisboa: Metropolitano de Lisboa, 1994.

CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas. *Vozes do povo. A Folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta, 2003, pp. 171-187.

CASTANHEIRA, José Manuel. *Une ruine en construction*. Évora: Nobilis, 1993.

GARCIA, Andreia. *Espaço cénico, arquitetura e cidade: Guimarães um modelo conceptual*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016.

GRANDE, Nuno. *Museumania - Museus de hoje, modelos de ontem*. Fundação de Serralves, 2009.

HOWARD, Pamela. *What is Scenography*. London: Taylor & Francis e-library, 2003.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. *Entre arquiteturas e cenografias*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2012.

MONTEIRO, Catarina Ferreira Guerra Rodrigues – *Cenografias urbanas e cidades cenário. Uma reflexão acerca das potencialidades das configurações cenográficas, e seu contributo para a (Re)utilização do Espaço Urbano*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2015.

PAULINO, Diogo Miguel Mendes – *Adaptação de património industrial a espaços expositivos informais. O caso da Lx Factory*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2015.

RENDELL, Jane. *Art and architecture: A place between*. London: I.B.Tauris & Co. Ltd, 2006.

RIBEIRO, João Mendes. *Arquitetura e Cenografia*. Coimbra: Edição: XM, 2003.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

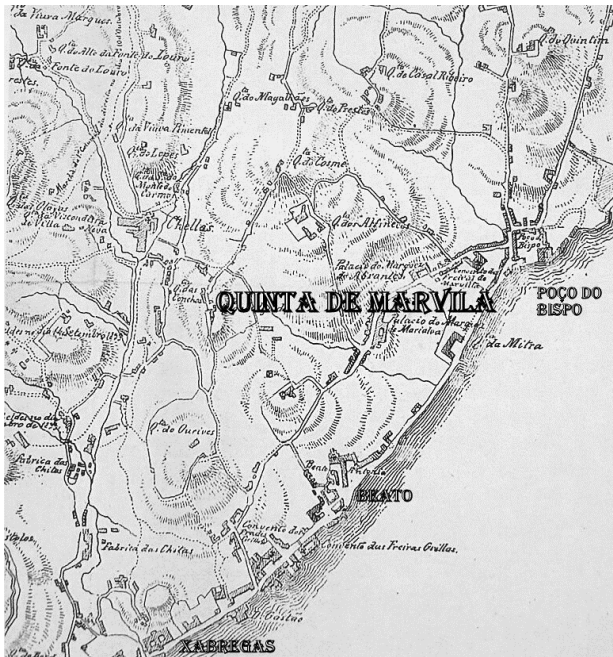
Anexos

- I. Cartografia, desenhos de arquivo e registo fotográfico
- II. Desenhos e esboços
- III. Maquetes
- IV. Painéis síntese

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

I. Cartografia histórica de Poço do Bispo



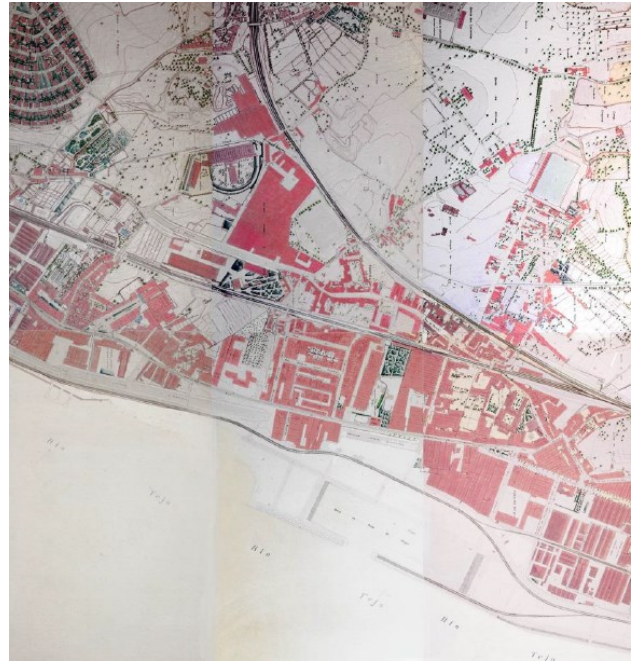
01. Cartografia das Linhas de Fortificação de Lisboa. 1835.



02. Cartografia Silva Pinto, 1911.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



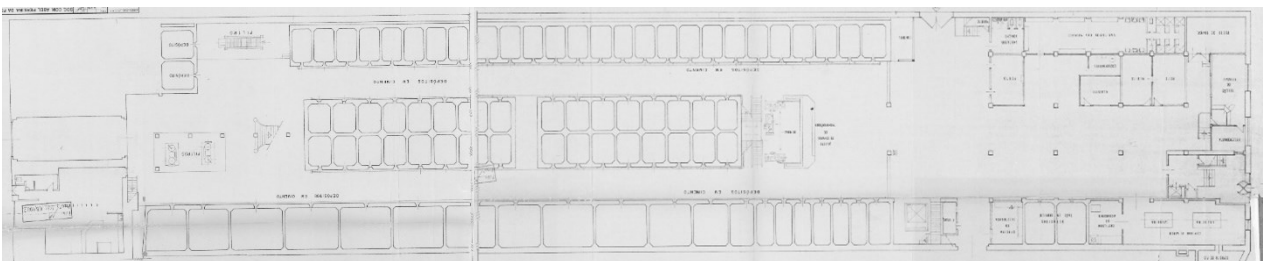
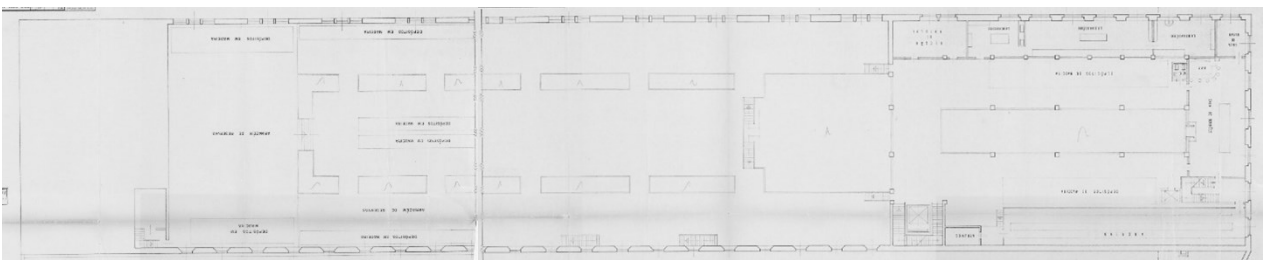
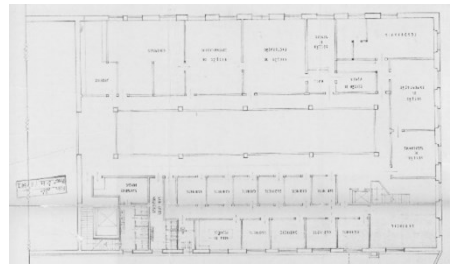
03. Cartografia Instituto
Geográfico Cadastral, 1950.



04. Cartografia Militar, 1975.

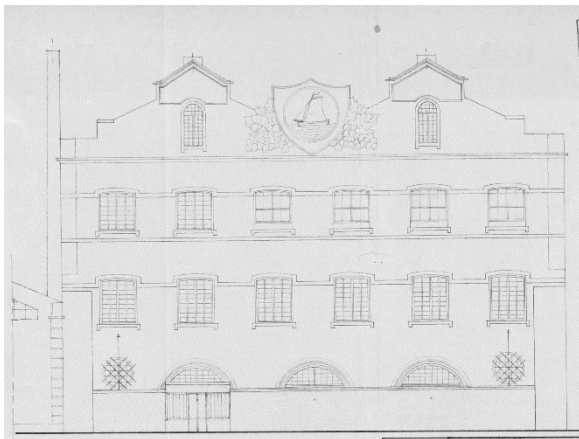
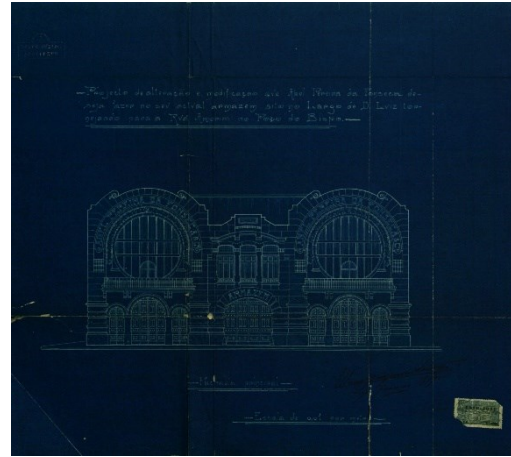
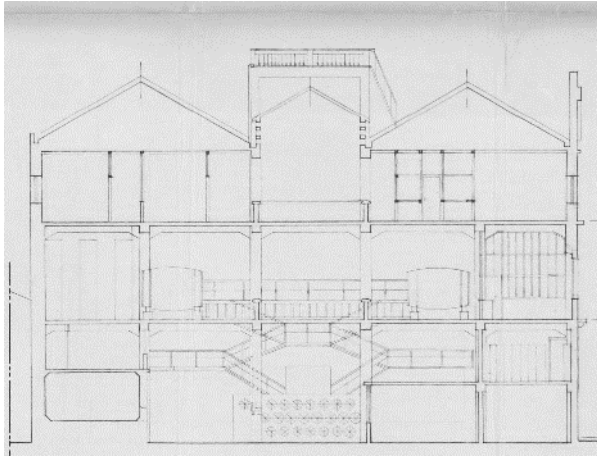
I. Desenhos de arquivo do entreposto Abel Pereira da Fonseca

05, 06 e 07. Plantas do edifício principal a Norte do conjunto Abel Pereira da Fonseca. De baixo para cima, planta térrea, piso 1 e piso 2. Desenhos do AML.

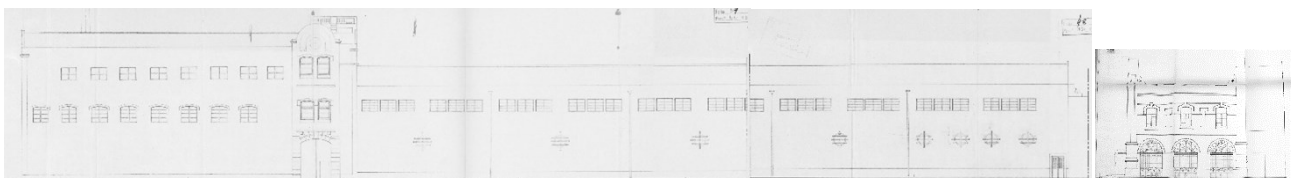


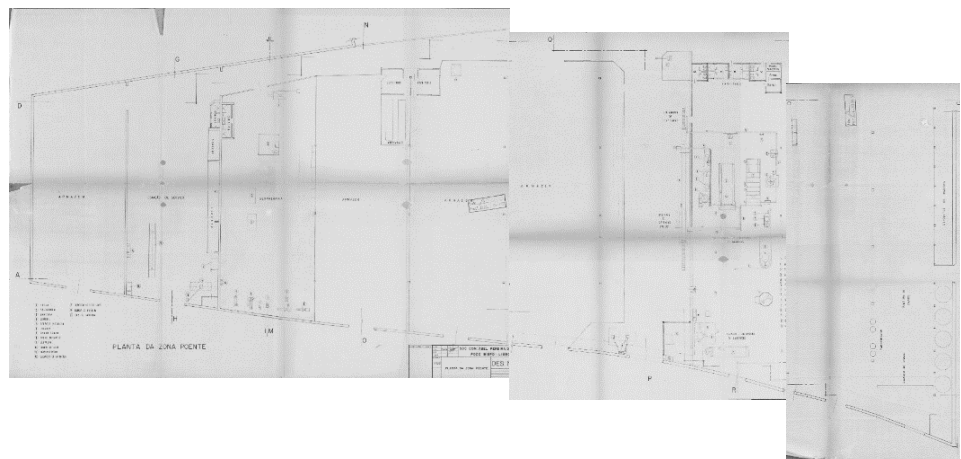
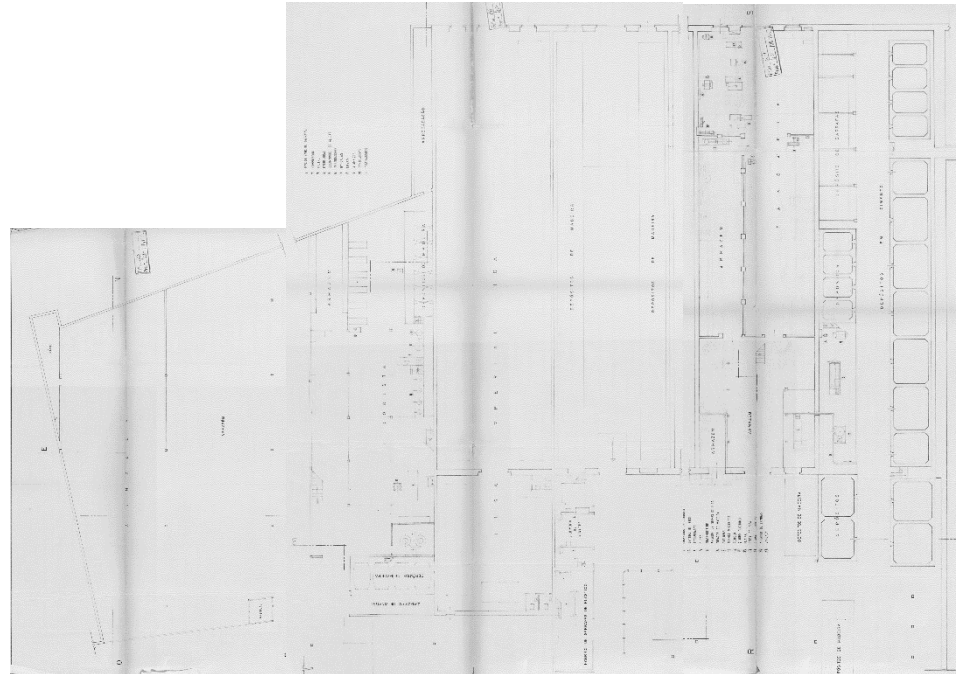
INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



08, 09, 10 e 11. Alçados e corte do edifício principal a Norte do conjunto Abel Pereira da Fonseca. Em baixo, alçado Nascente, em cima alçado Poente e corte transversal. Desenhos do AML.



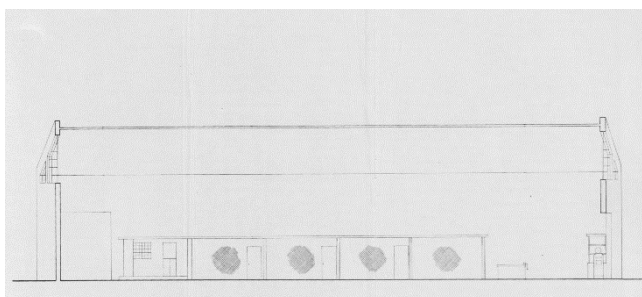


12 e 13. Plantas dos armazéns do conjunto Abel Pereira da Fonseca. Em baixo, armazéns a Nascente, em cima armazéns a poente. Desenhos do AML.

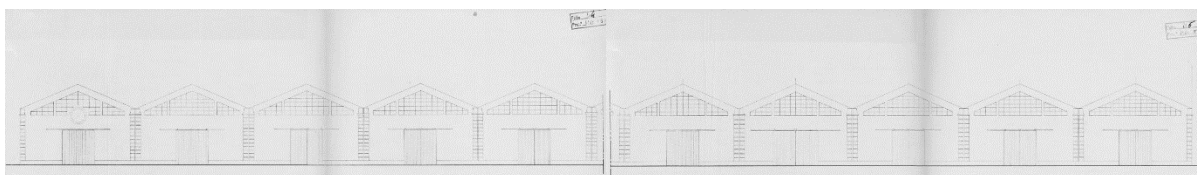
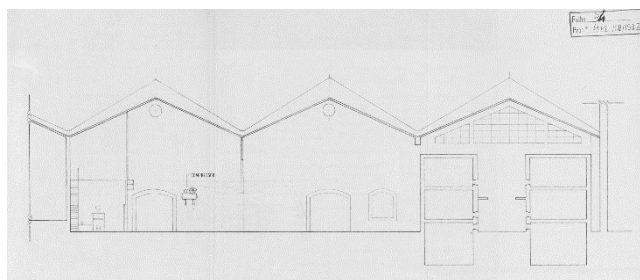
INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

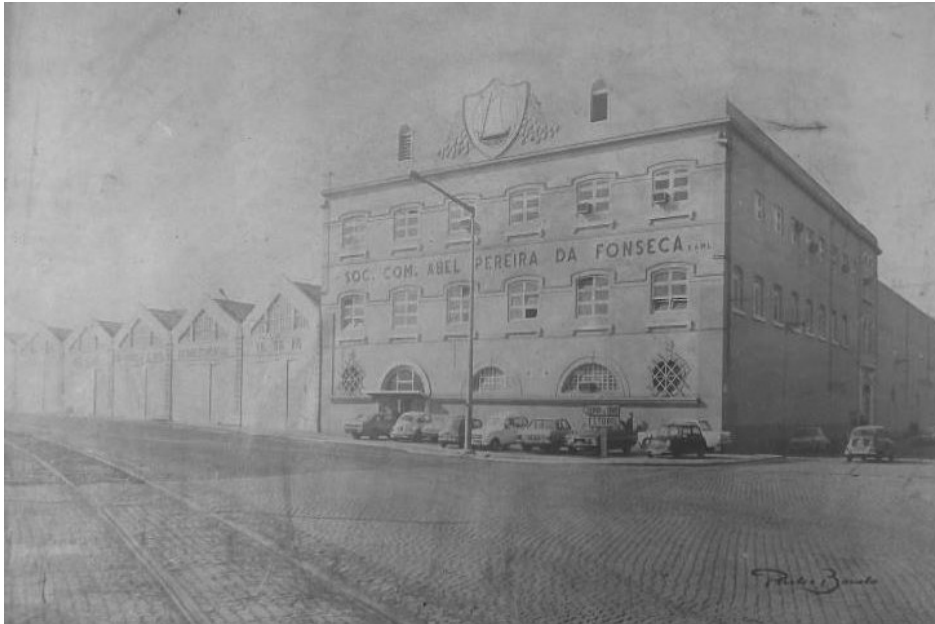
Z



14, 15, 16 e 17. Cortes e alçados dos armazéns do conjunto Abel Pereira da Fonseca. Em baixo, alçado dos armazéns a Nascente, em cima cortes transversais e longitudinal dos armazéns a poente e nascente respetivamente. Desenhos do AML.



I. Registo fotográfico



18. Alçado nascente, Rua cintura do Porto. S/d.

Fonte: MADEIRA, Bruno Manuel da Costa, Novos destinos para edifícios industriais: Reconversão dos Armazéns de vinho Abel Pereira da Fonseca, Lisboa: Universidade Lusófona, 2014, p. 176



19. Armazém de reserva. 1928.

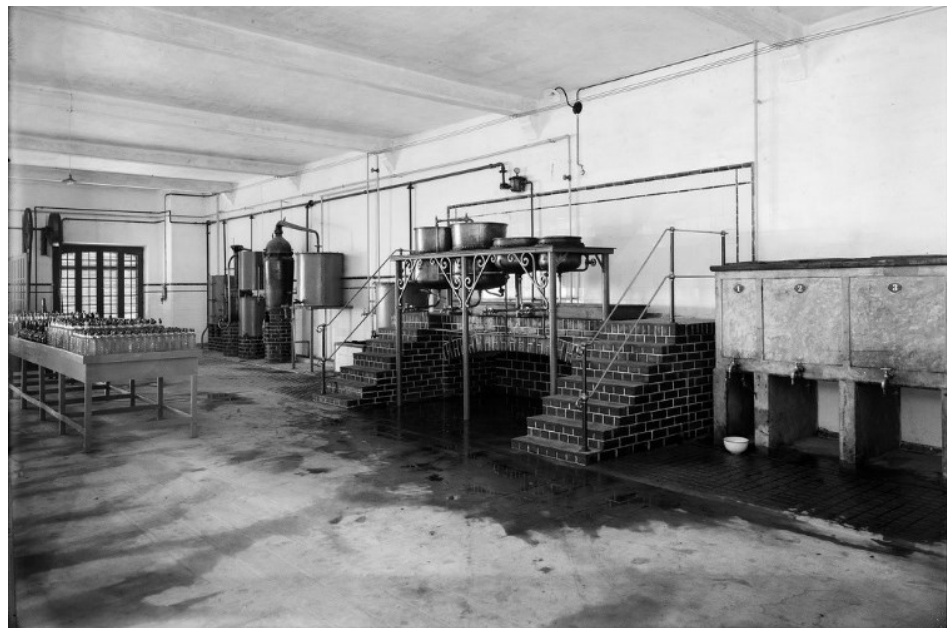
Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html>

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

20. Secção de licores no interior
da fábrica. 1928.

Fonte:
<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html>





21. Instalações da secção de licores no interior da fábrica, 1928.

Fonte:
<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html>

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

22. Armazenamento dos licores e pipas de
vinho. S/d.

Fonte:

<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html>



23. Um dos armazéns a poente. 1928.

Fonte: MADEIRA, Bruno Manuel da Costa, *Novos destinos para edifícios industriais: Reconversão dos Armazéns de vinho Abel Pereira da Fonseca*, Lisboa: Universidade Lusófona, 2014, p. 177



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca





SOCIEDADE COMERCIAL ABEL PEREIRA DA FONSECA
Rua de S. Julião, 100-1.º

A MAIOR ORGANIZAÇÃO VINÍCOLA DO PAÍS

Proprietária das populares 100 lojas de venda directa ao Público, conhecidas por Estabelecimentos VAL DO RIO

Armazéns em: Lisboa, Torres Vedras, Maxial, Runa, Dois Portos, Merceana, Idanha-a-Nova, Faro e Lagoa

DETENTORA DAS AFAMADAS MARCAS DE VINHOS:

Sanguinhal, Menagem, Fragal, Royal, Tamegão, Capucho, Rosé Bela, Brandy Bela, Adamastor, etc.

AZEITES E VINAGRES
"CHAVE D'OURO"

Anisados, Xaropes, Vermutes, Aguardentes, Runs, Genebras, Licores, Whiskies, Frutas secas, etc.



ARTIGOS DE MERCEARIA

24, 25 e 26. Alguns dos vinhos produzidos pela firma.

27. Cartaz publicitário alusivo aos produtos da firma.

Fonte:
<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html>

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

28. Cartaz publicitário alusivo aos
produtos da firma.

Fonte:
<http://garfadasonline.blogspot.com/2011/09/os-estabelecimentos-val-do-rio.html>





29 e 30. Rótulo das garrafas de vinho da firma Abel Pereira da Fonseca.

Fonte:
<http://garfadasonline.blogspot.com/2011/09/os-estabelecimentos-valdo-rio.html>

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca





31 e 32. Painéis publicitários do vinho Abel Pereira da Fonseca à saída do metro no Porto.

Fonte:
<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html>

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



33 e 34. A passagem do
elétrico no largo David
Leandro da Silva.

Fonte:
https://www.flickr.com/photos/guy_arab_uf/11551484986/in/photostream/



35. Antigo urinol e posto de expedidor da Carris em Poço do Bispo. 1961.

Fonte:
<http://espoliado.blogspot.com/2010/06/>

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



36. Rua do Açúcar,
entre o Beato e Poço
do Bispo. 2018. Foto da
autora.



37 e 38. Rua do Açúcar, aproximação ao Largo David Leandro da Silva com a vista sobre os armazéns intervencionados. 2018. Fotos da autora.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



39. Rua do Açúcar,
aproximação ao Largo
David Leandro da Silva
com a vista sobre os
armazéns
intervencionados. 2018.
Foto da autora.

40. Alçado dos
armazéns a poente do
conjunto Abel Pereira da
Fonseca. 2018. Foto da
autora.





41. Alçado poente do edifício principal do conjunto Abel Pereira da Fonseca. 2018. Foto da autora.



42. Vista da Rua Fernando Palha para o Largo David Leandro da Silva. 2018. Foto da autora.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca





43, 44 e 45. Alçado Norte do edifício principal do conjunto Abel Pereira da Fonseca. 2018. Fotos da autora.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca





46 e 47. Alçado Nascente do edifício principal do conjunto Abel Pereira da Fonseca. 2018. Fotos da autora.

48. Alçado Nascente dos armazéns do conjunto Abel Pereira da Fonseca. 2018. Foto da autora.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



49 e 50. Avenida Infante D. Henrique a Nascente do conjunto e adjacente ao rio. 2018. Fotos da autora.



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

51. Armazéns do quarteirão
contíguo ao conjunto Abel
Pereira da Fonseca a Sul.
2018. Foto da autora.

52. Traseiras dos armazéns
Abel a Nascente. 2018. Foto
da autora.

53. Vista da Rua Pereira
Henriques. 2018. Foto da
autora.

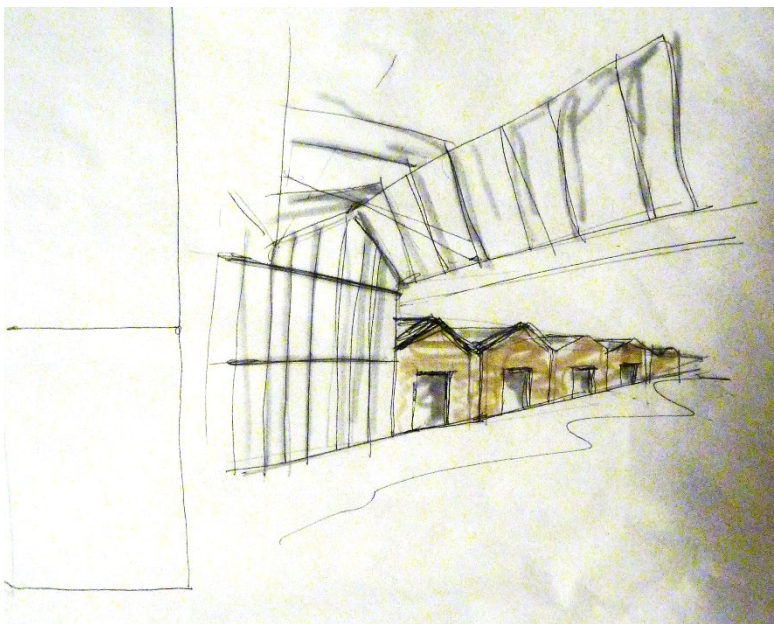
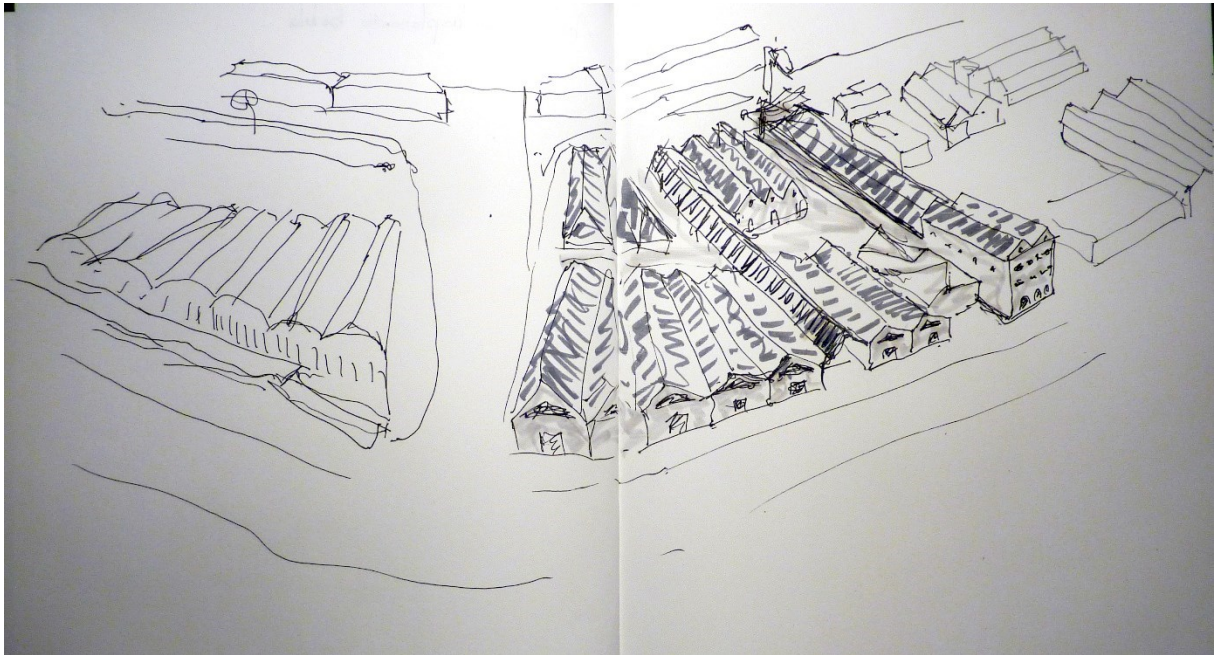




INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

II. Desenhos e esquissos

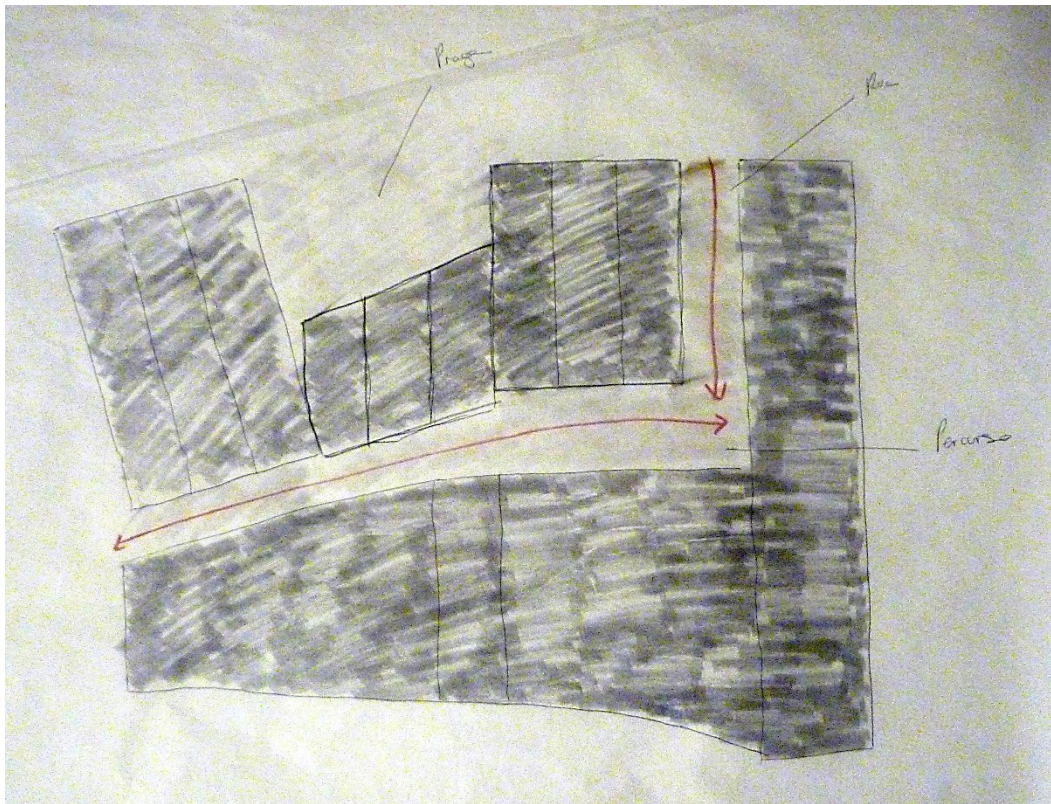


54. Proposta de intervenção global sobre o conjunto Abel Pereira da Fonseca.

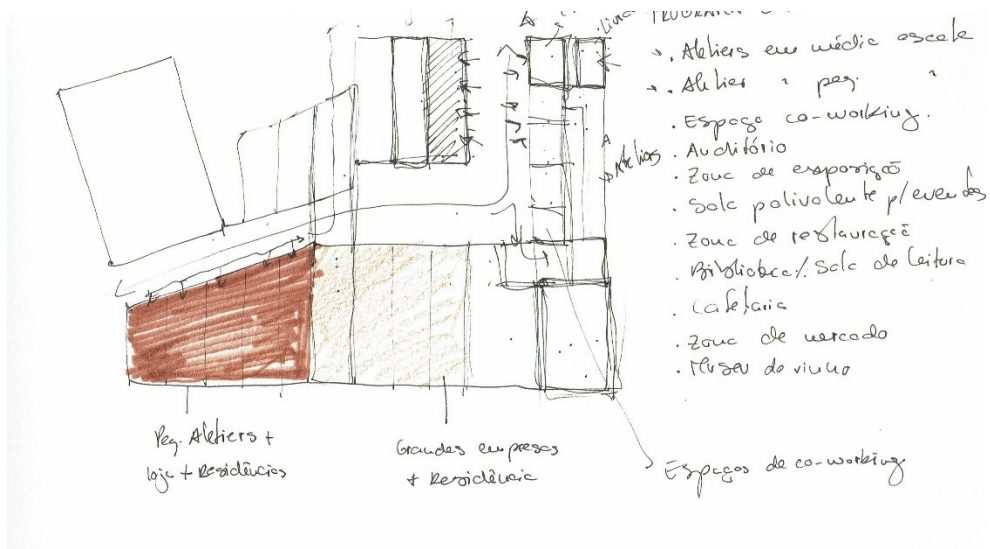
55. Esquisso da rua pedonal proposta.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

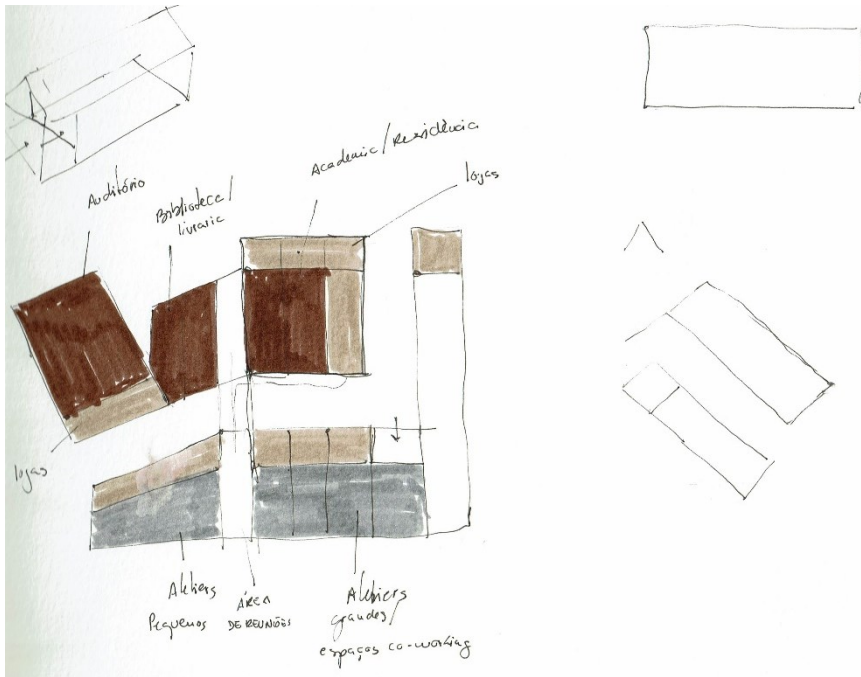
Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



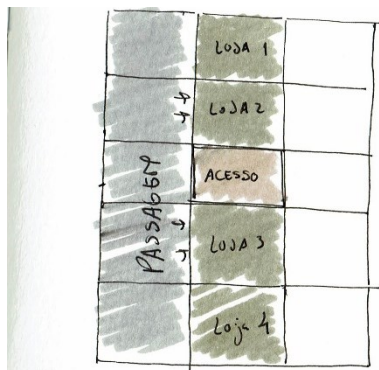
56. Esquisso de fluxos.



57. Esquisso de proposta de usos
e respetiva organização.



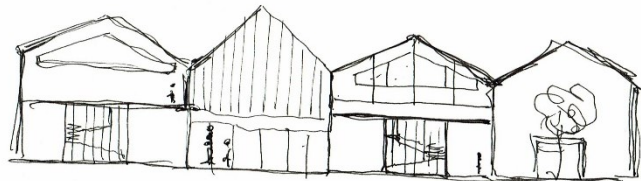
58. O surgimento de uma proposta de passagem transversal ao conjunto.



Alcôvos

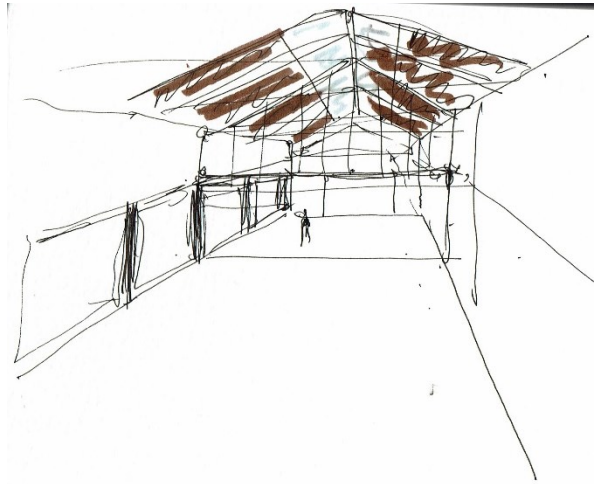
- . Loja / vende ao público
- . Sala de reuniões
- . wc apoio
- . Cozinha comum / Zona lounge
- . Zona crèche / sala de trabalho
- . - oficina
- . Arquivo
- . Armazenagem
- . Gabinete

59. O esquema de lojas na extensão da passagem.



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



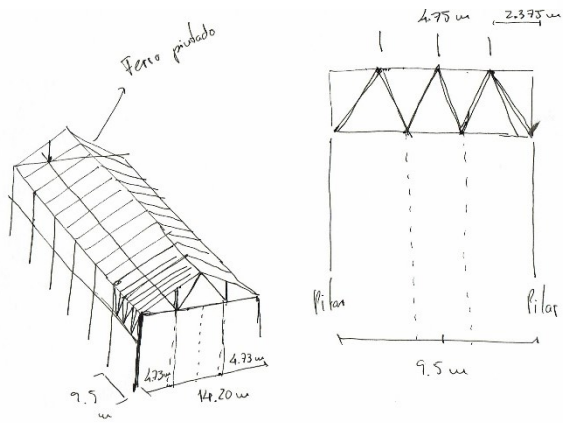
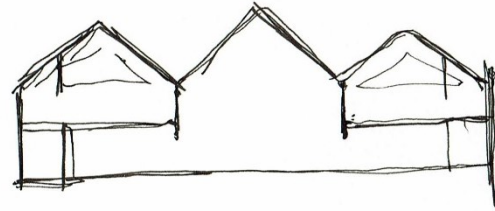
60. A ambiência interior pretendida.

61. A rua pedonal e a sua ligação aos armazéns, continuação do exterior para o interior.

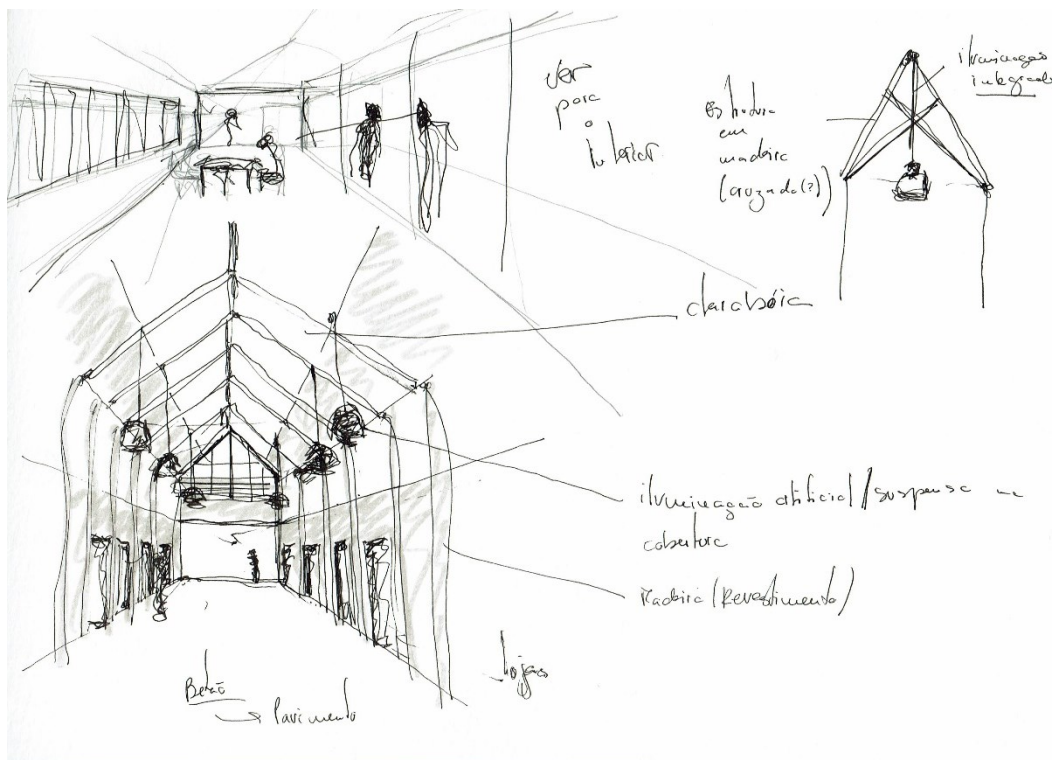


INDÚSTRIAS REINVENTADAS

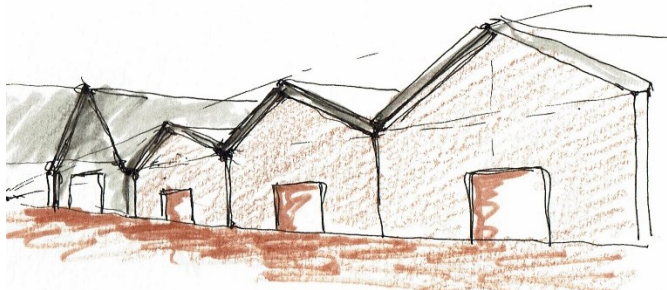
Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



62. Corte, estrutura de cobertura e atmosfera da passagem.

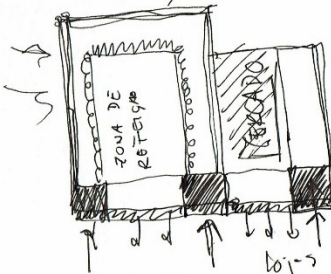


63. Morfologia da passagem, uma nova construção.

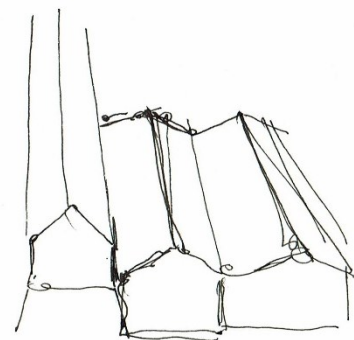
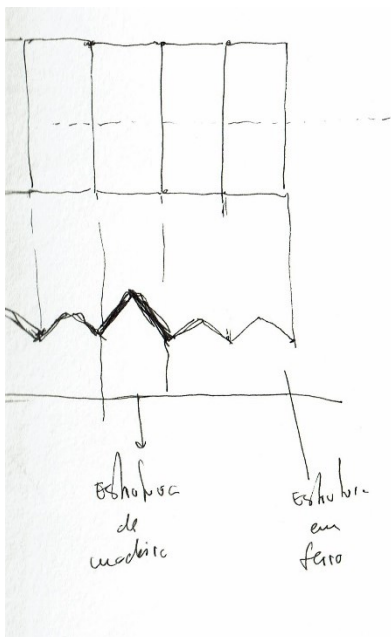
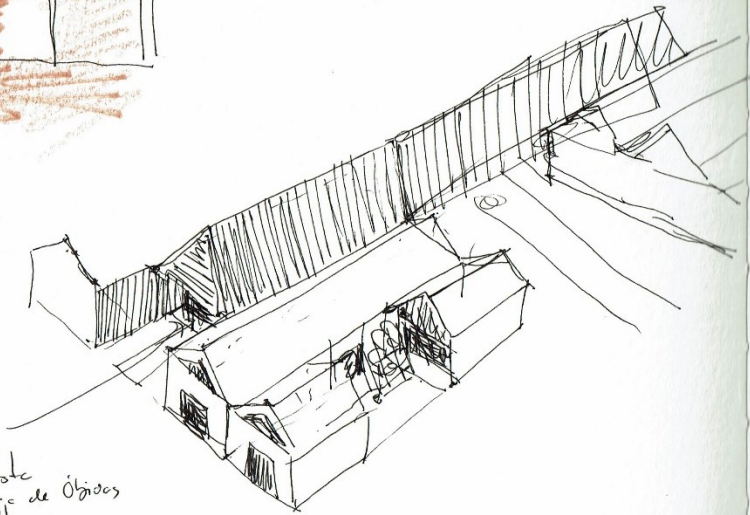


mercado de ribeira

freixo de
cargas e
descargas

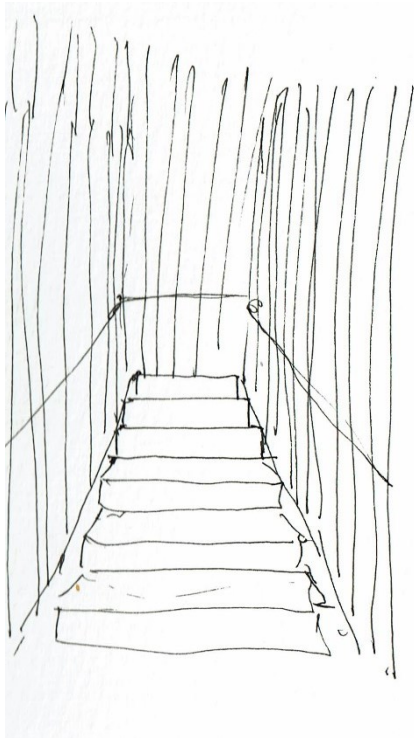
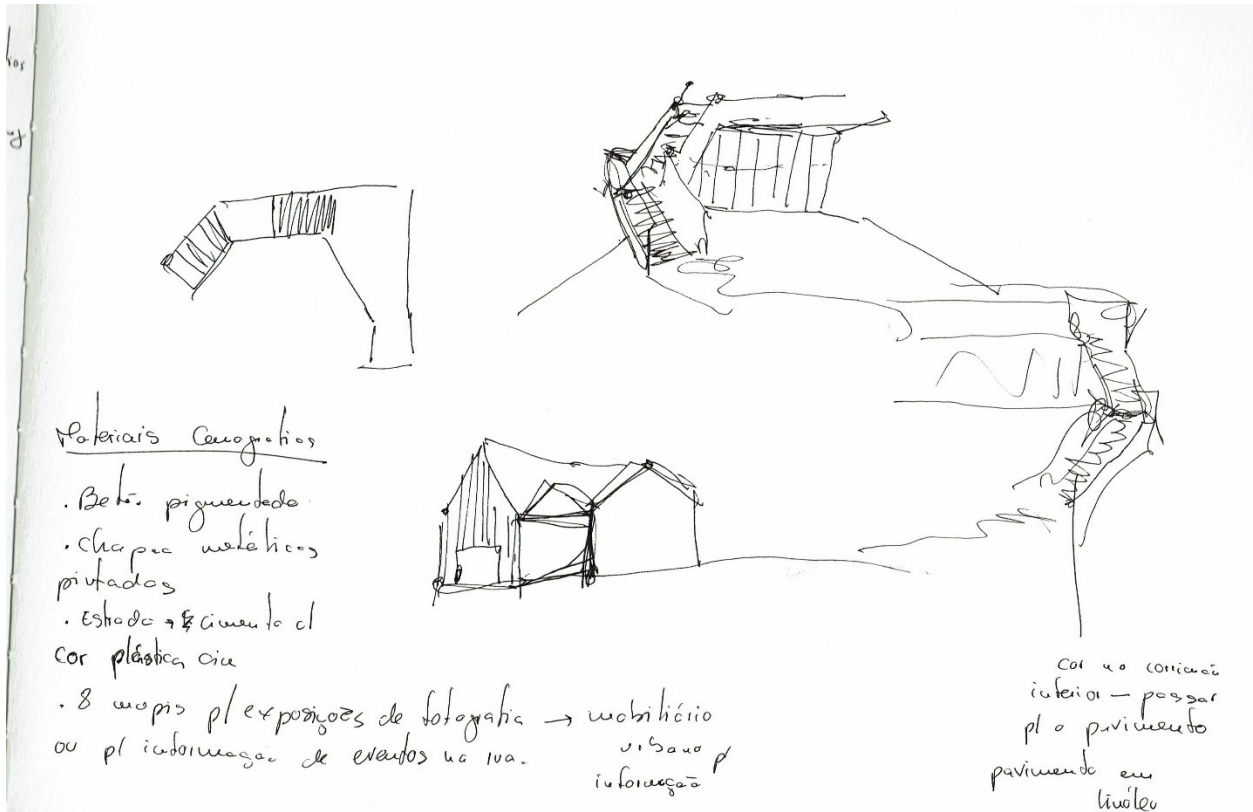


florista
Graça de Óbidos

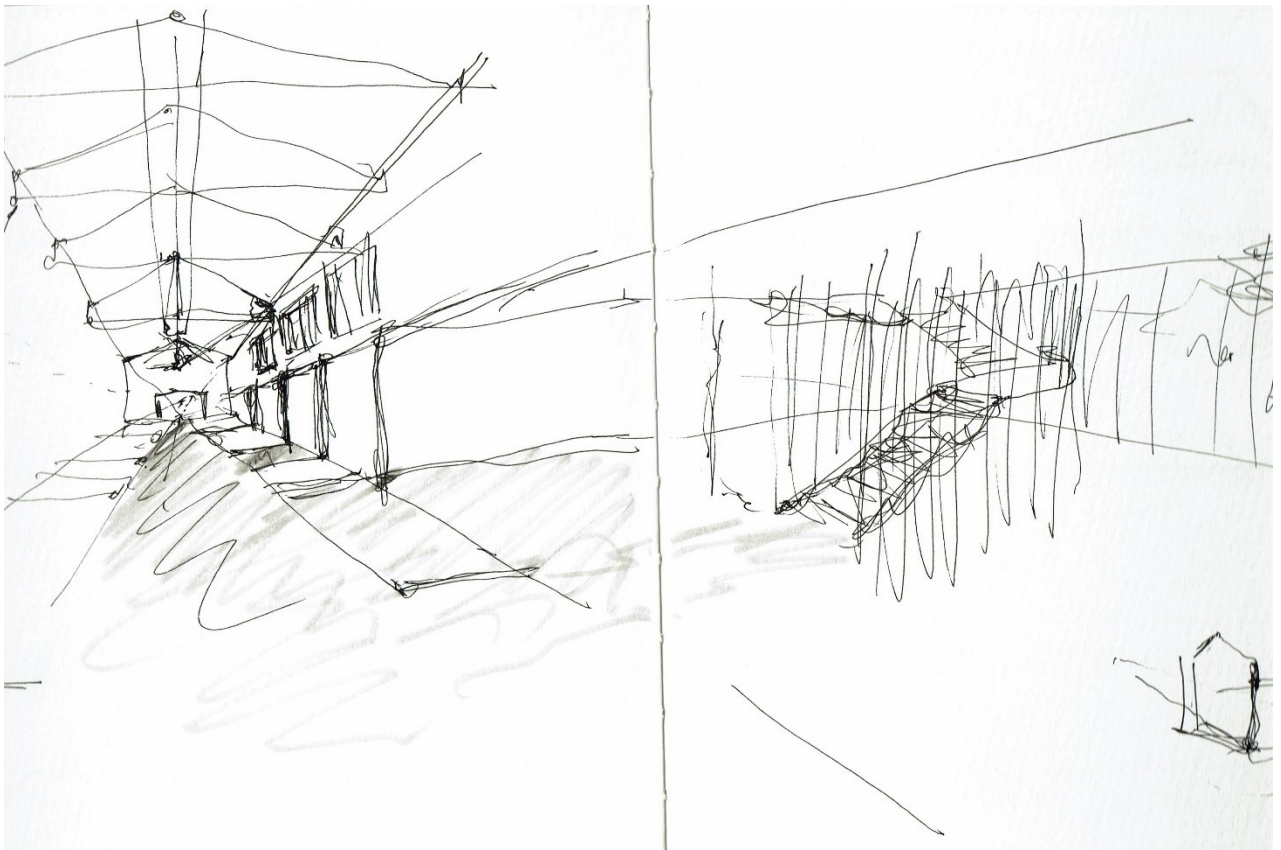


INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



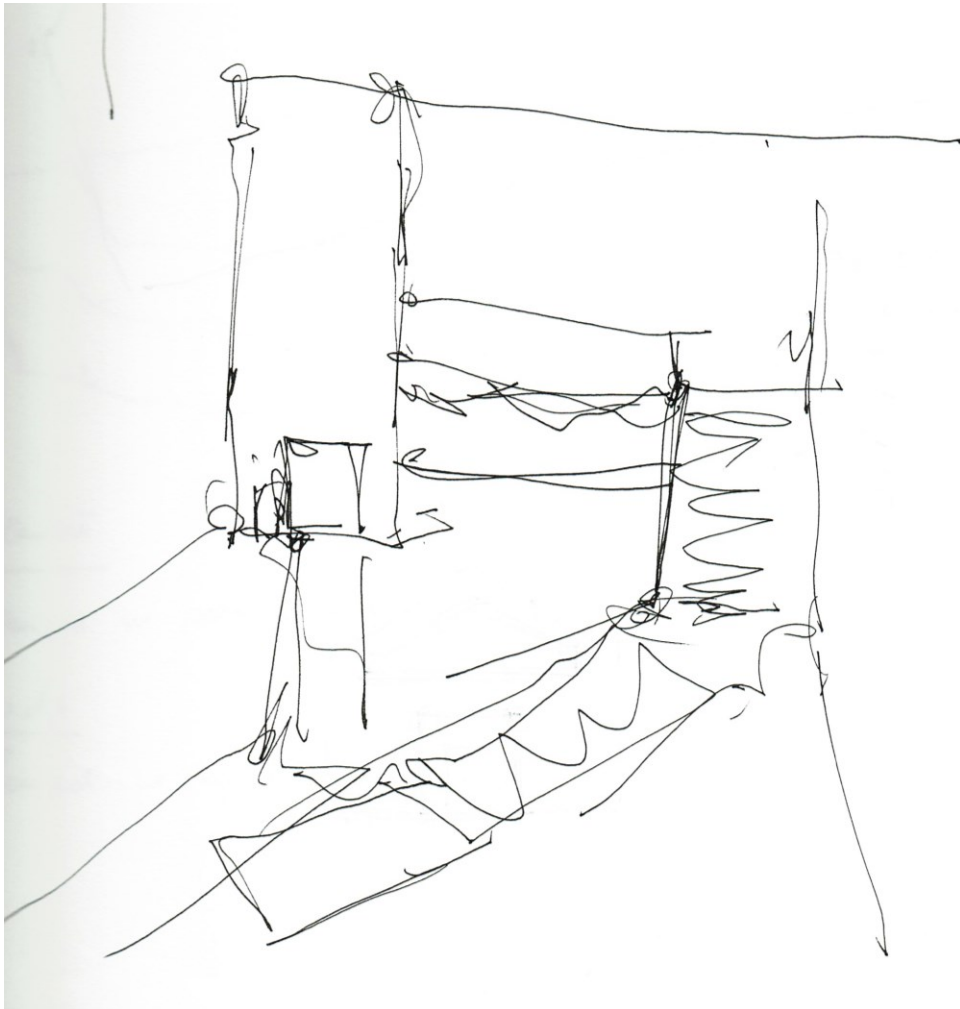
64. Os acessos aos espaços de co-working. Trabalhar as escadas.



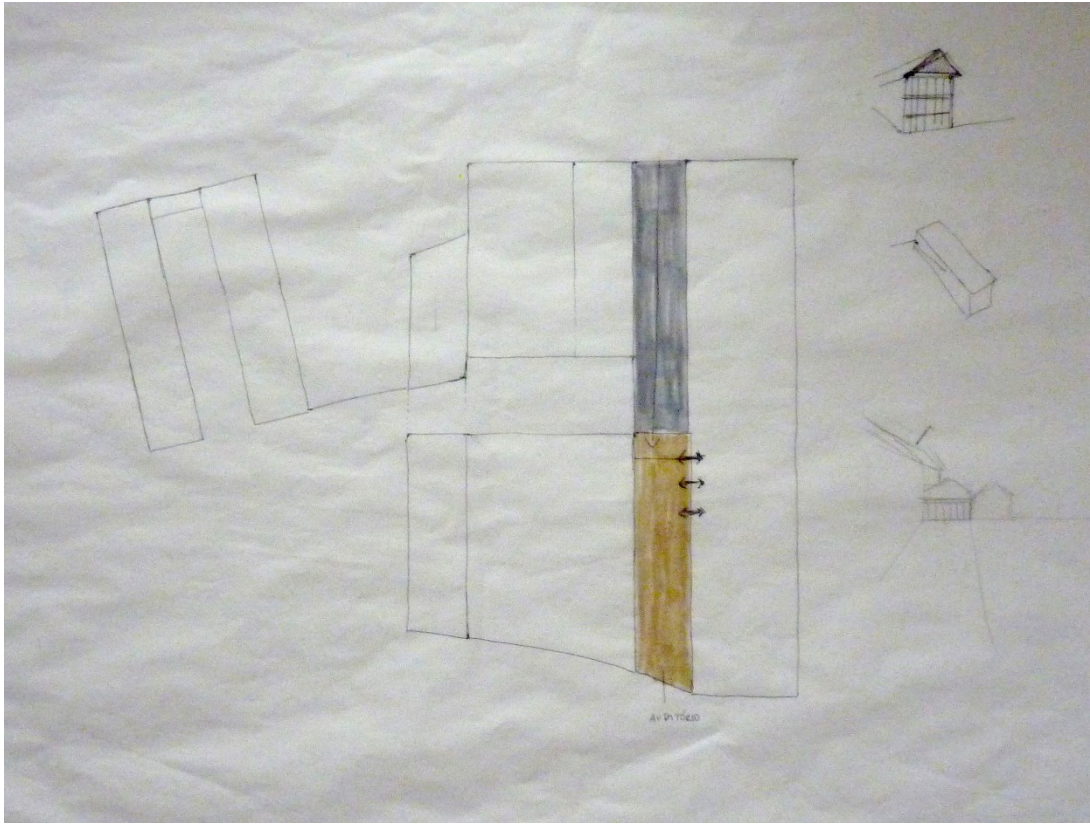
65. Os acessos aos espaços de co-working pela passagem.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

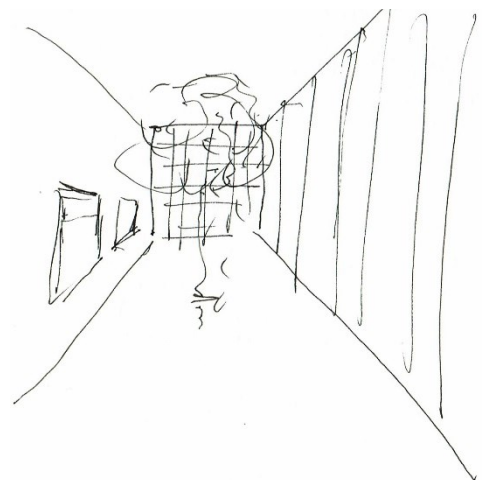
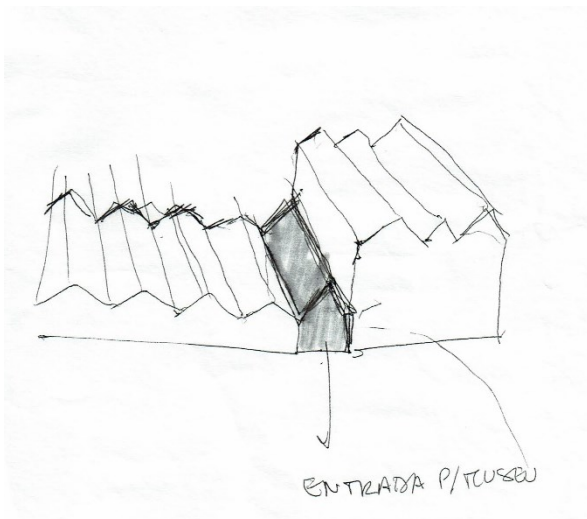
Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



66. O hall que dá acesso
aos espaços de co-
working.

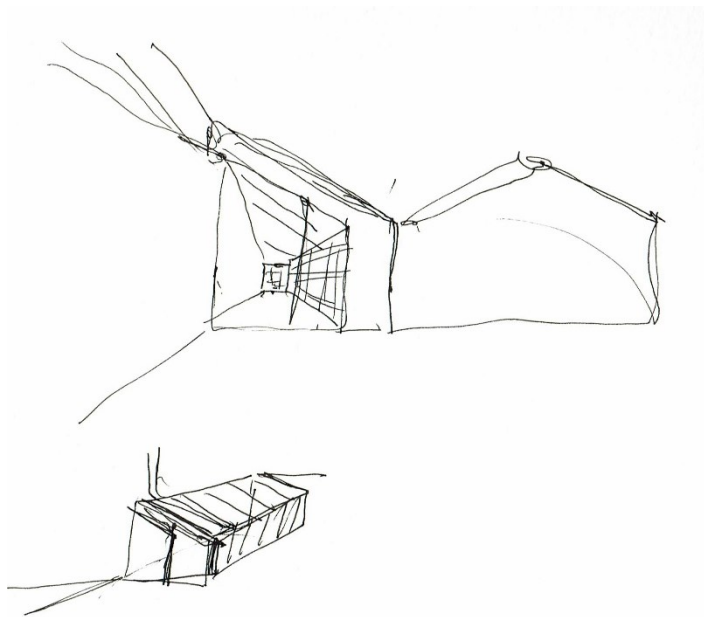


67. Esquissos de estudo sobre a ligação entre edifício principal e armazéns.

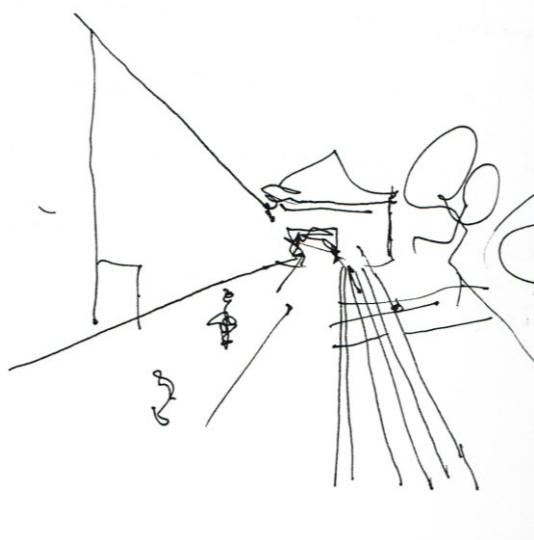
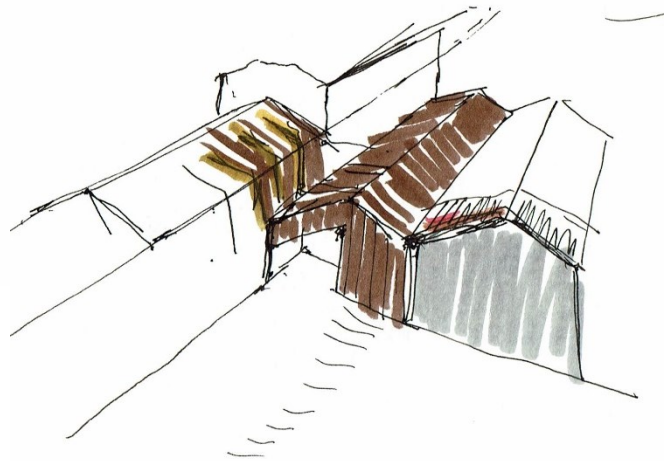


INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

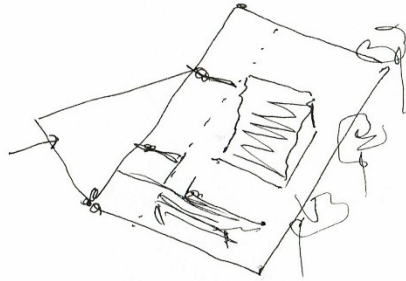


68. Esquissos de estudo sobre a forma do mesmo. A continuidade da forma existente a partir de uma nova construção.

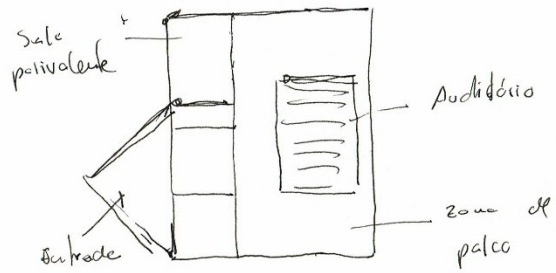


69. O afastamento entre edifício principal e restantes armazéns a poente. A criação de uma rua que guia até ao novo edifício proposto.

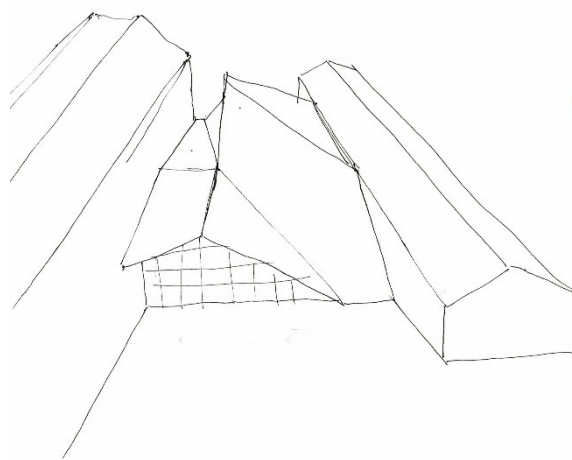
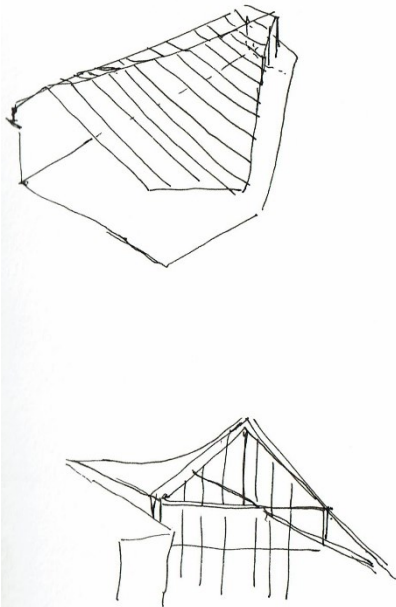
des St. Ann's warehouse
Auditório



Reutilizar cobertura → acrescentar pé-direito

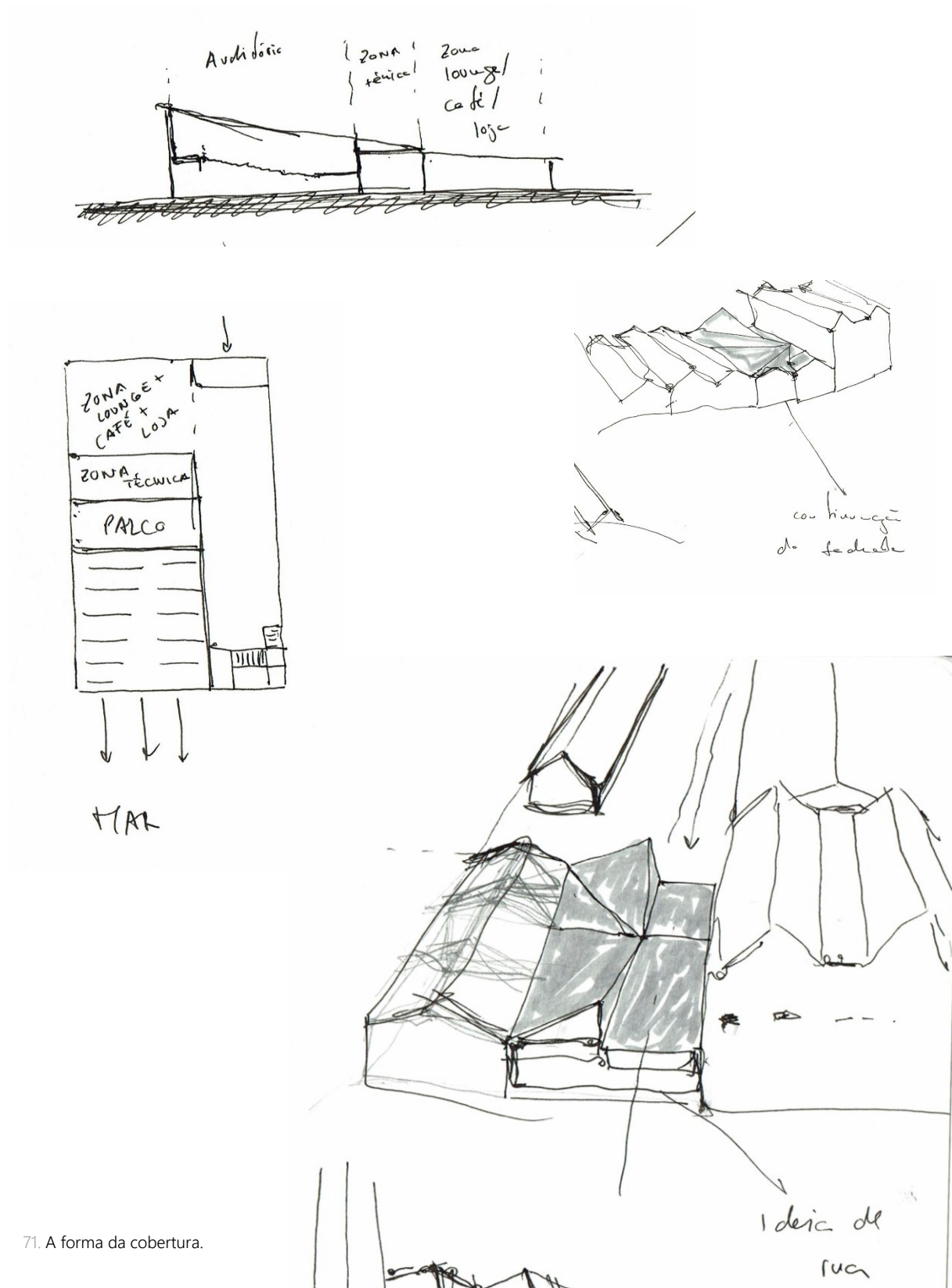


70. O surgimento da ideia do auditório como elemento de exceção do conjunto. Plantas e esquemas de cobertura.

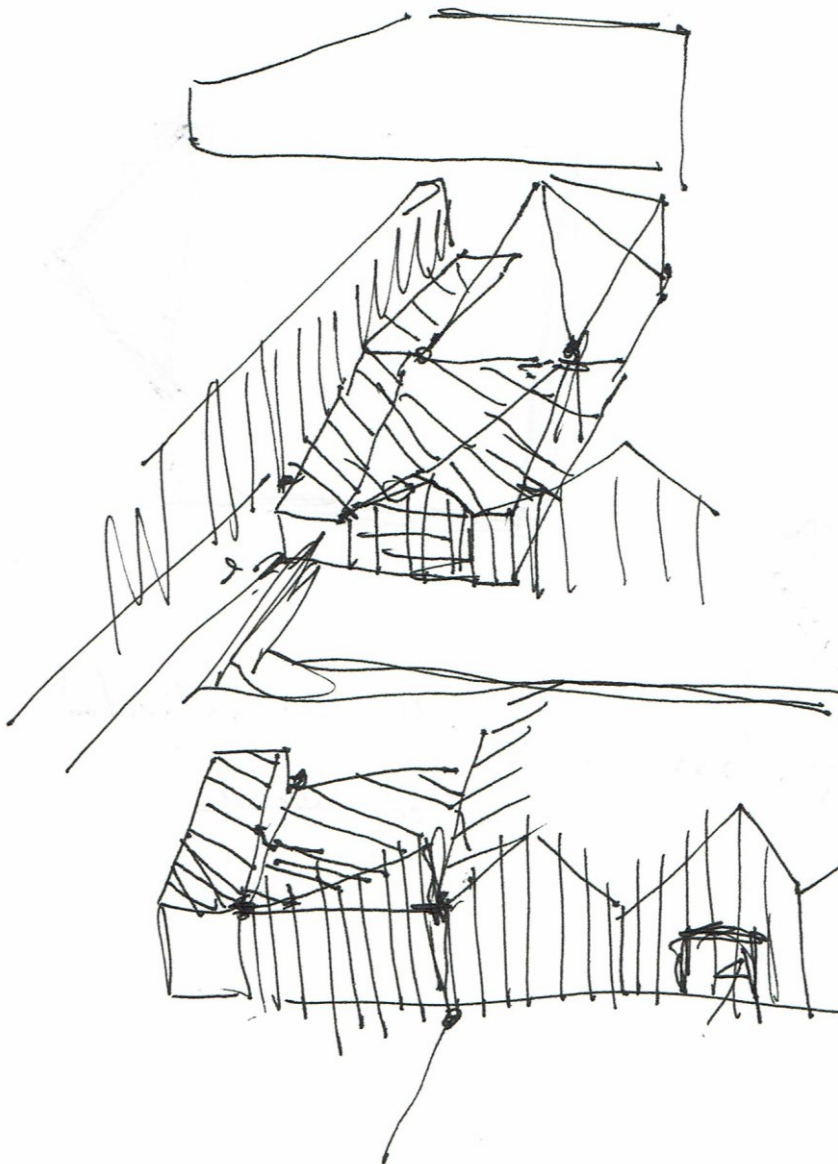


INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



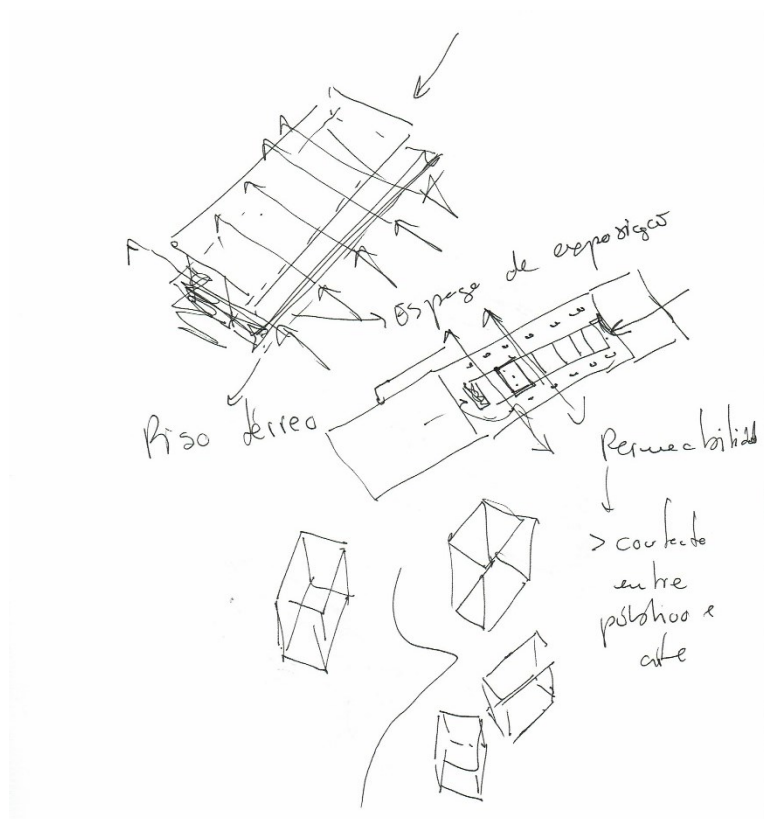
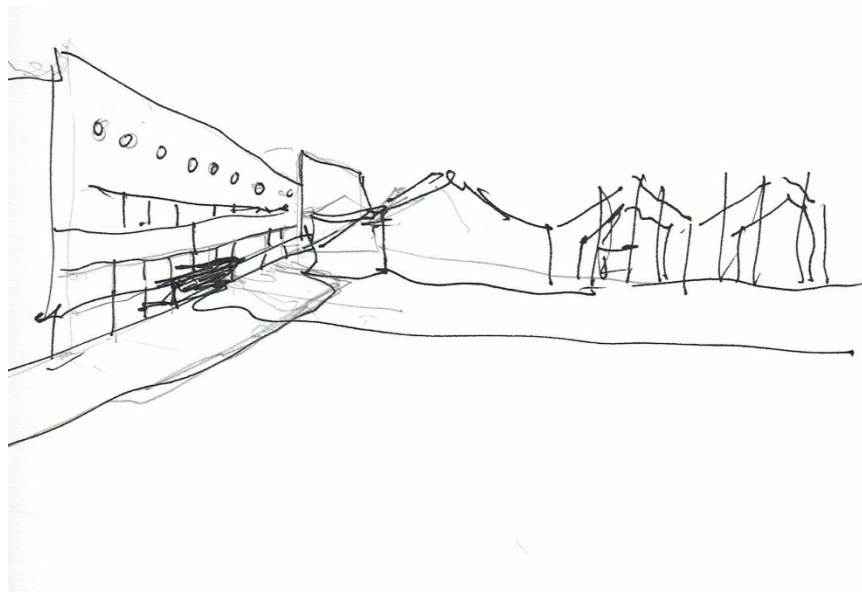
71. A forma da cobertura.



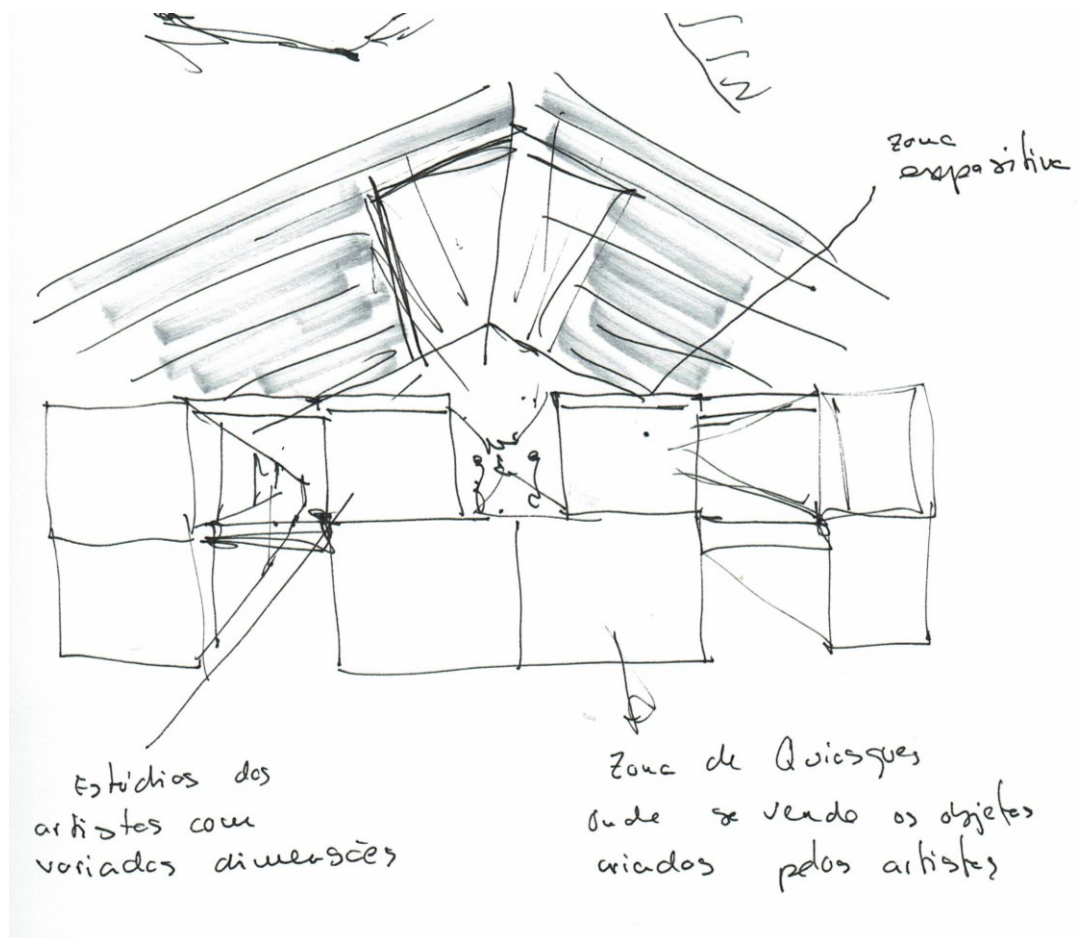
72. A ligação entre
auditório e ateliers.
Esquemas de fachada.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



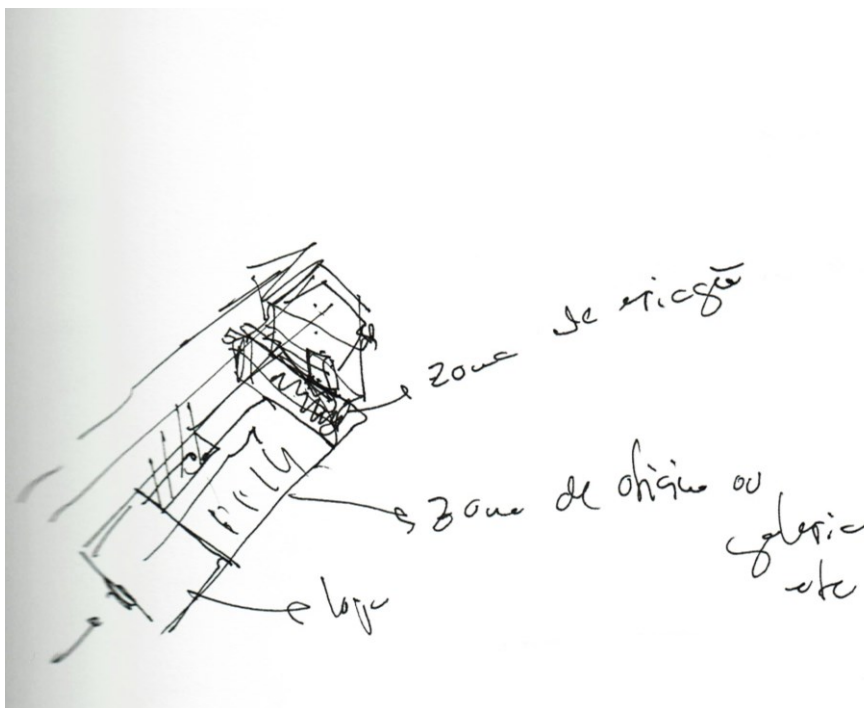
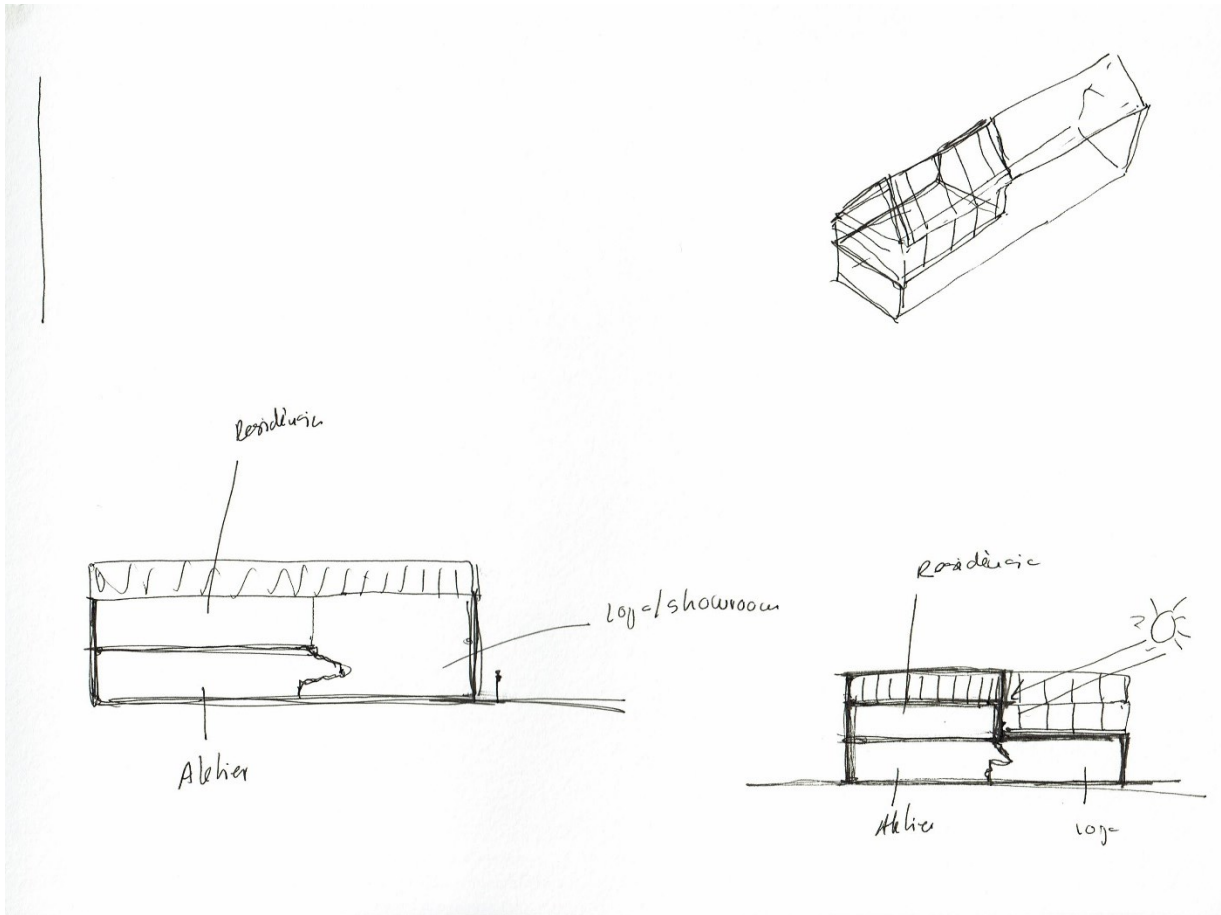
73. Trabalhar o atravessamento transversal ao edifício da academia.



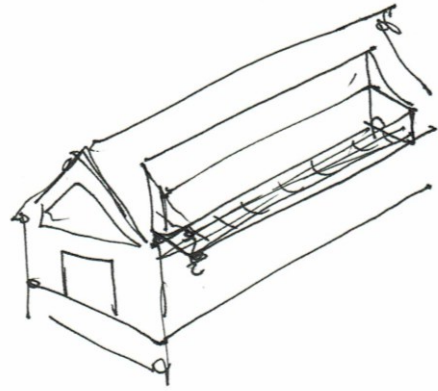
74. Lógica de organização dos usos da academia.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



75. Primeira abordagem sobre a organização interior dos ateliers.

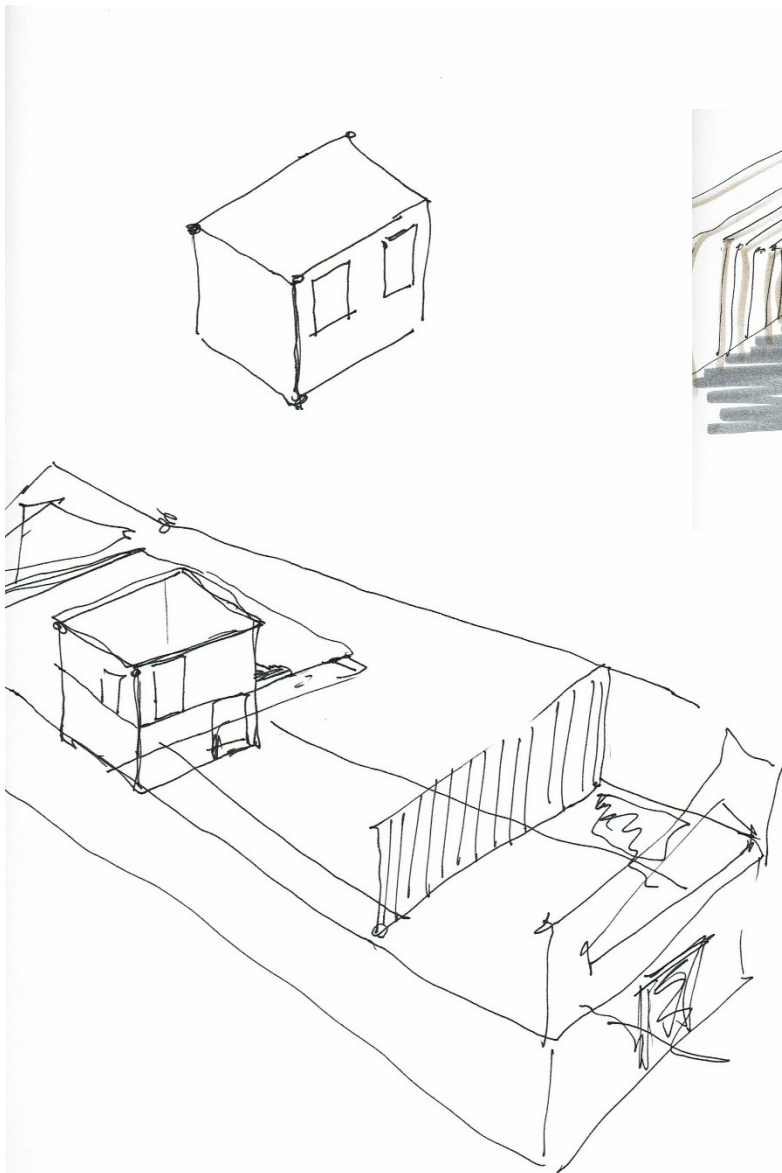
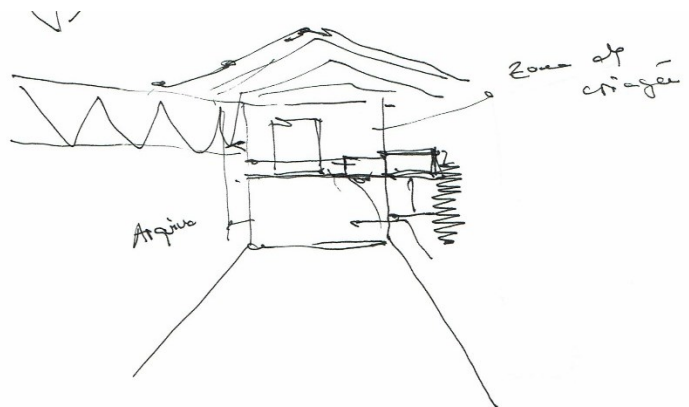


76. A ideia das lâminas na fachada dos ateliers no prolongamento da rua pedonal.

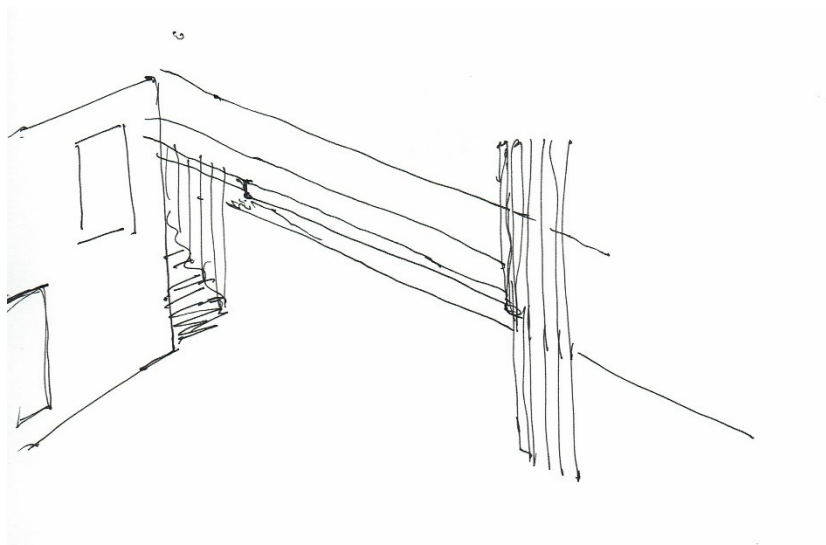
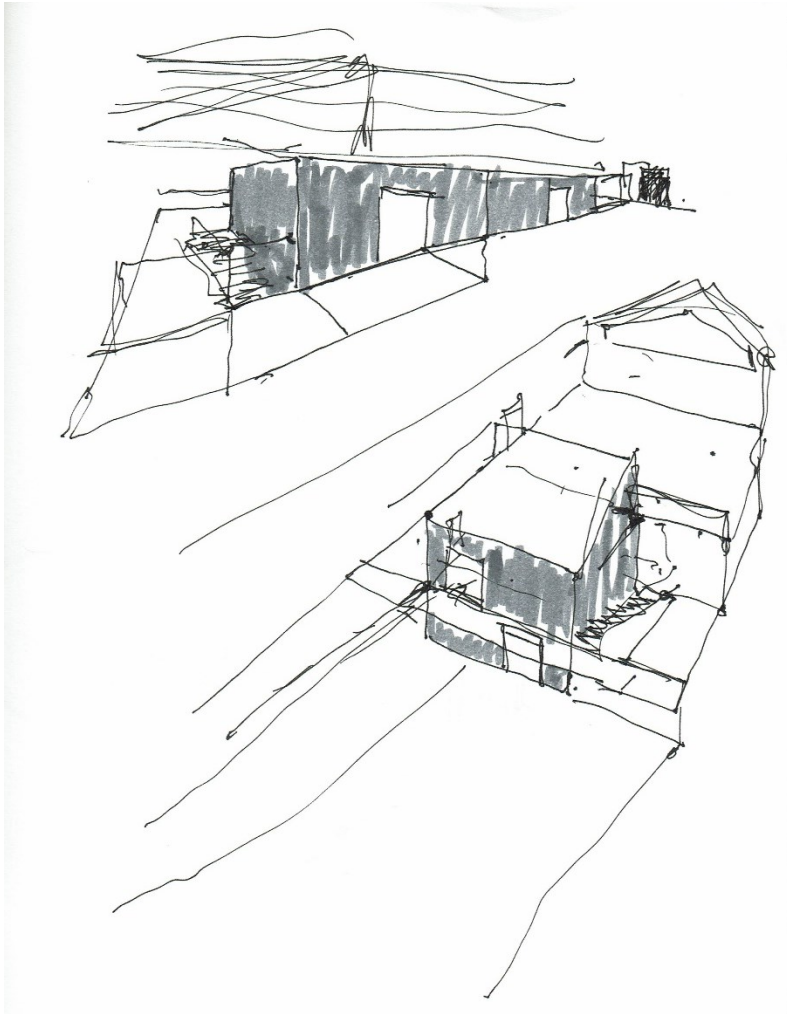


INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

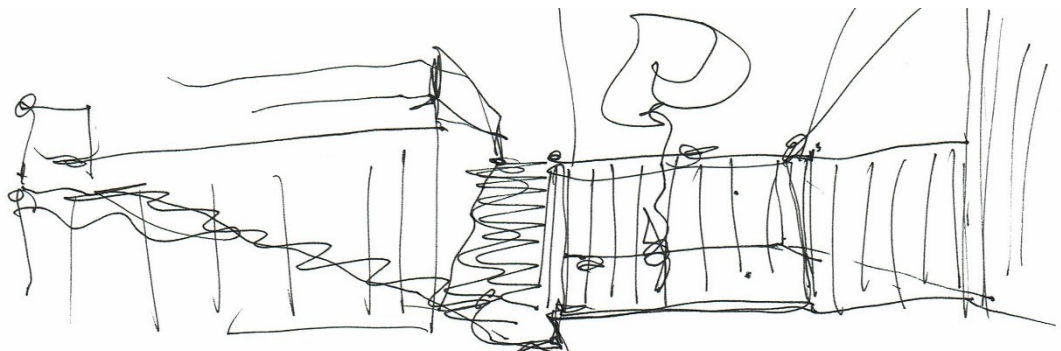


77. A ideia de caixa como motor para a conceção do espaço de atelier.

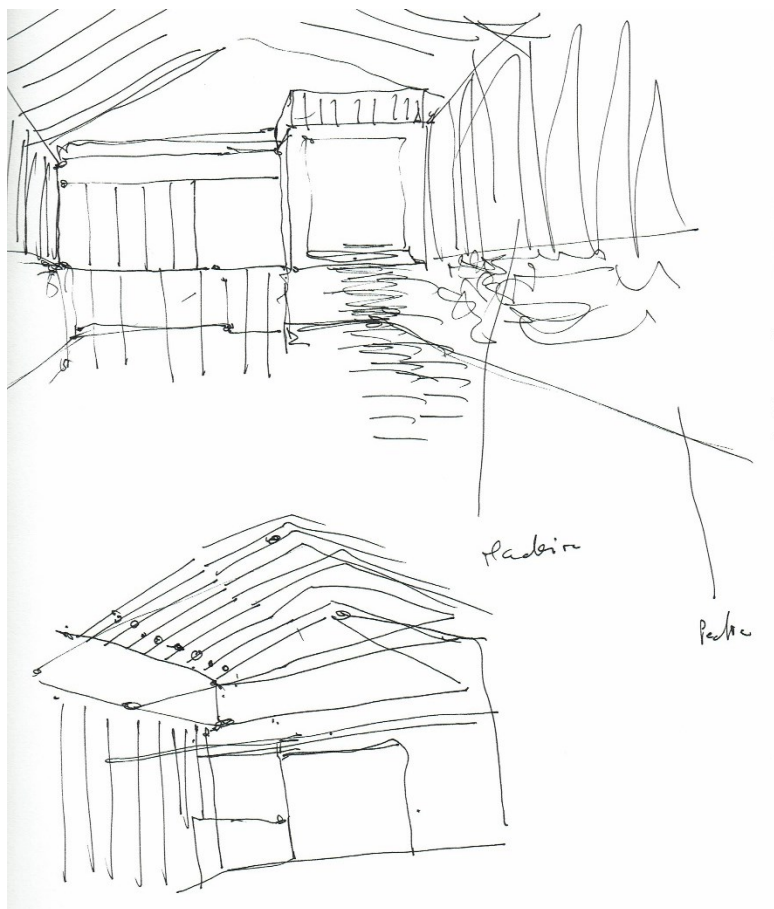


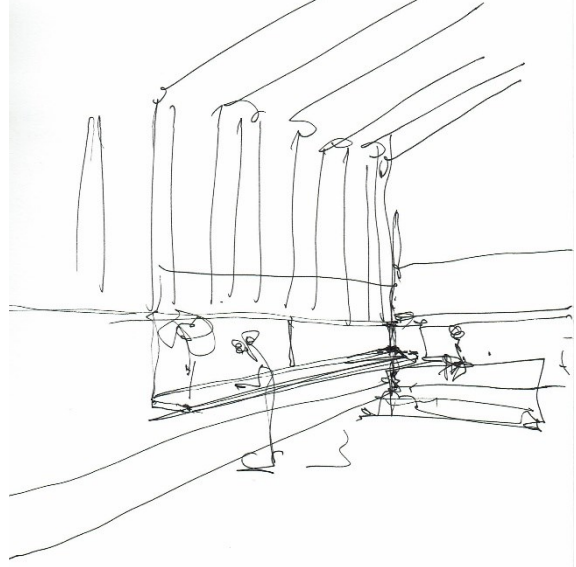
INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

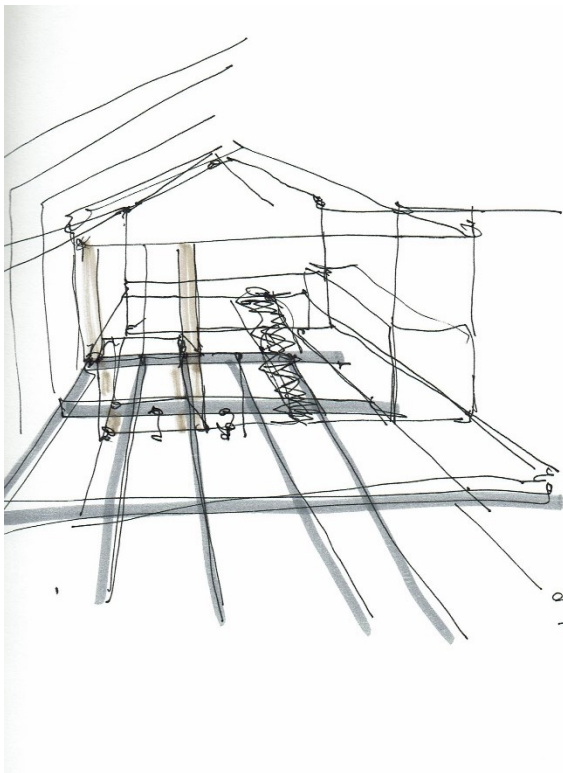


78. Enaltecer a
estrutura existente dos
antigos armazéns.





79. O espaço da oficina no atelier.

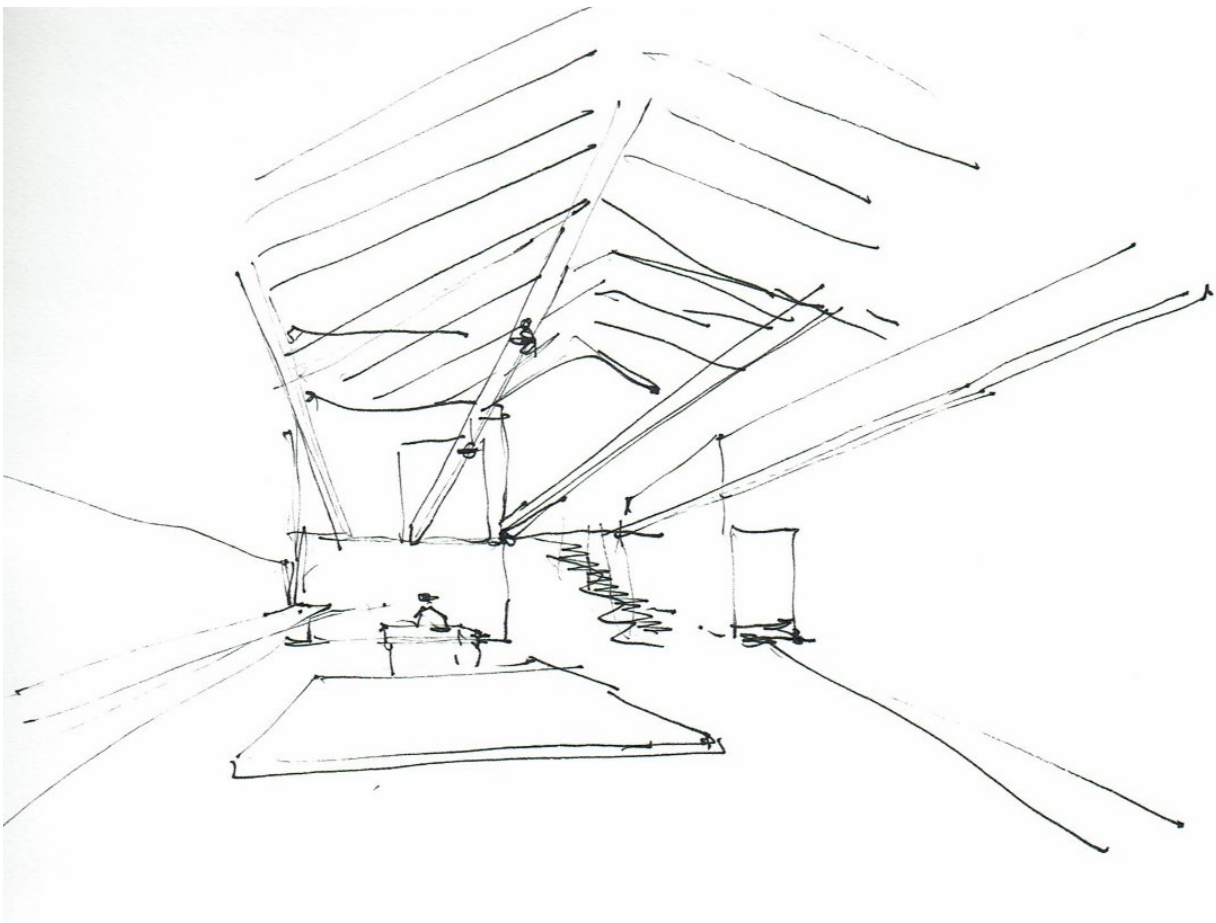


ateliê
- a vista
e focos
de luz

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

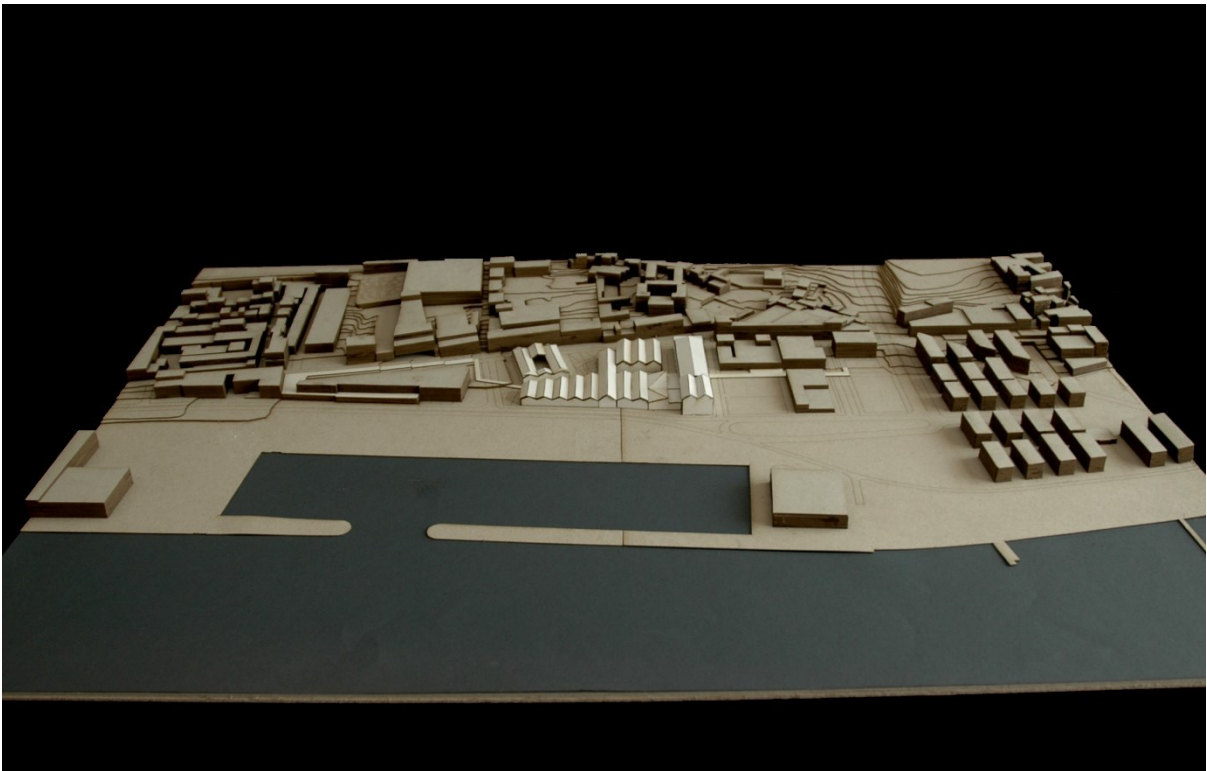
Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

80. A estrutura
metálica revelada na
zona de open space.



III. Maquetes

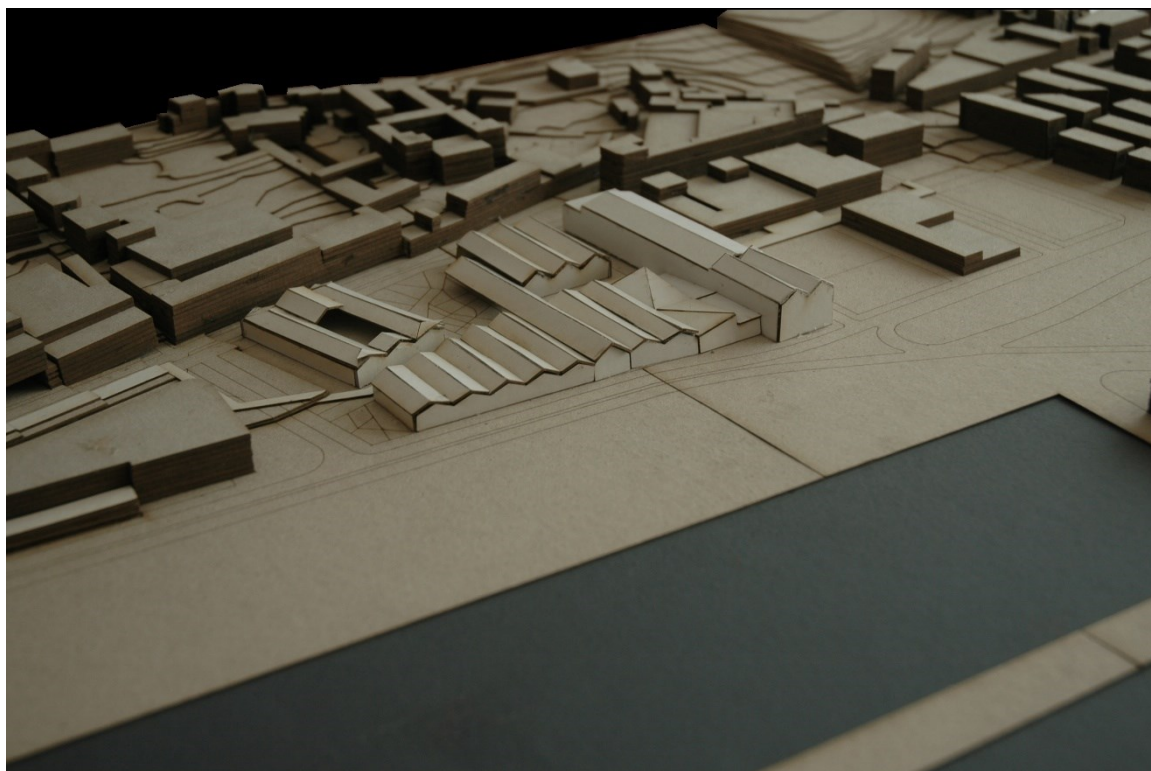
81. Maquete da proposta urbana.
Escala 1.1000.

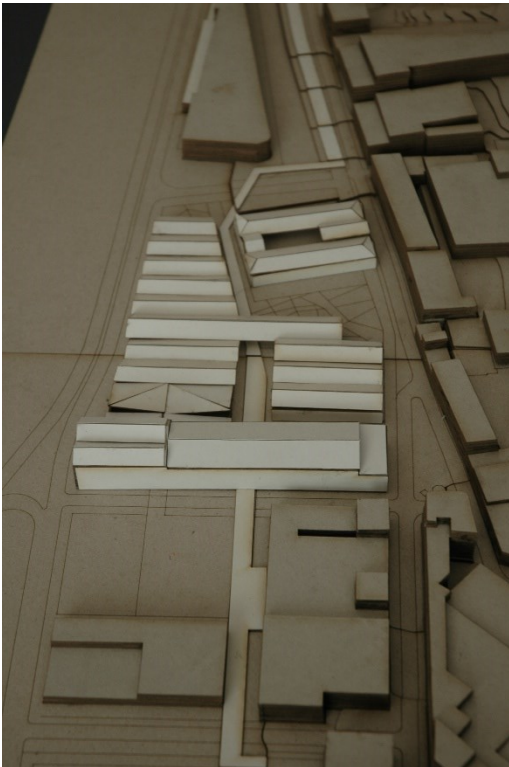
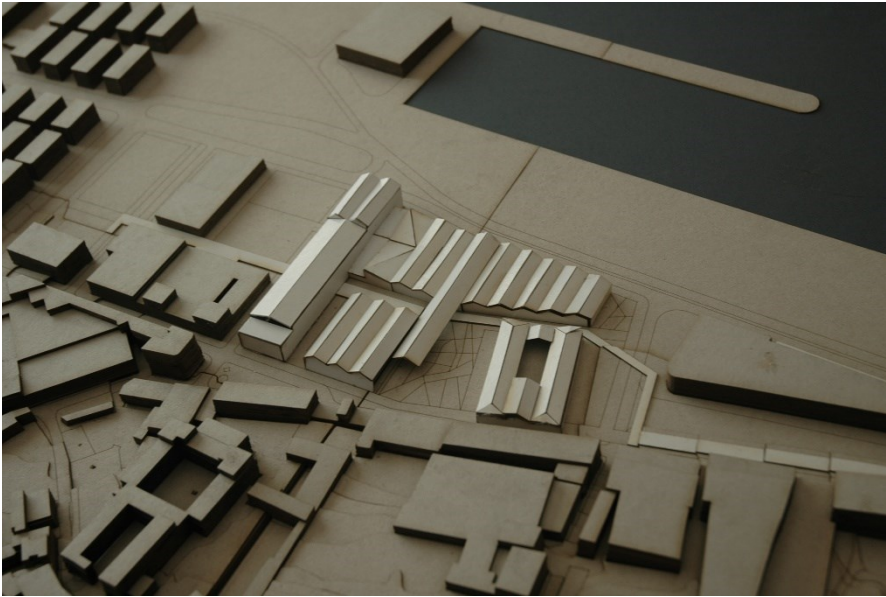


INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

82. A proposta arquitetónica.

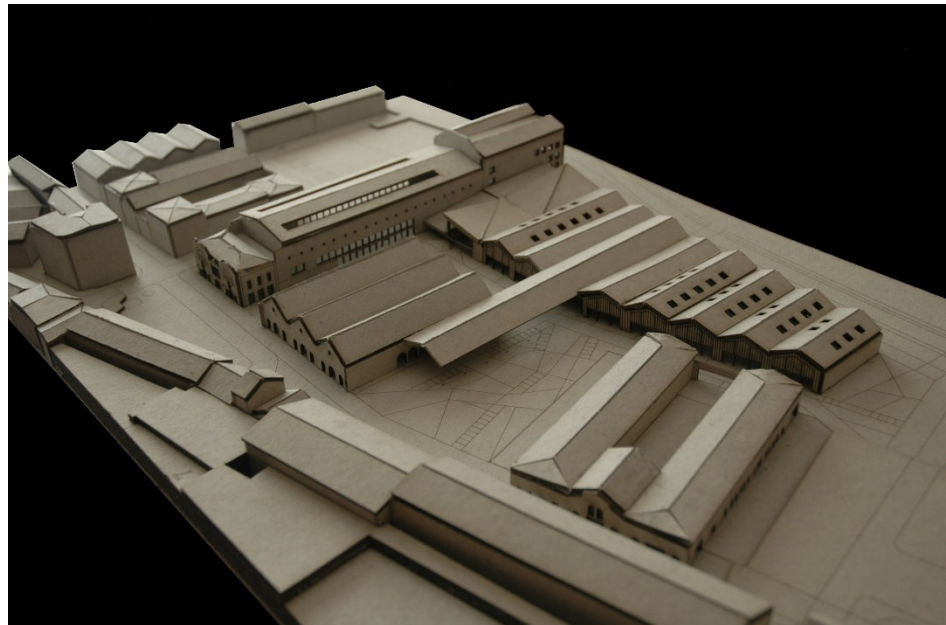
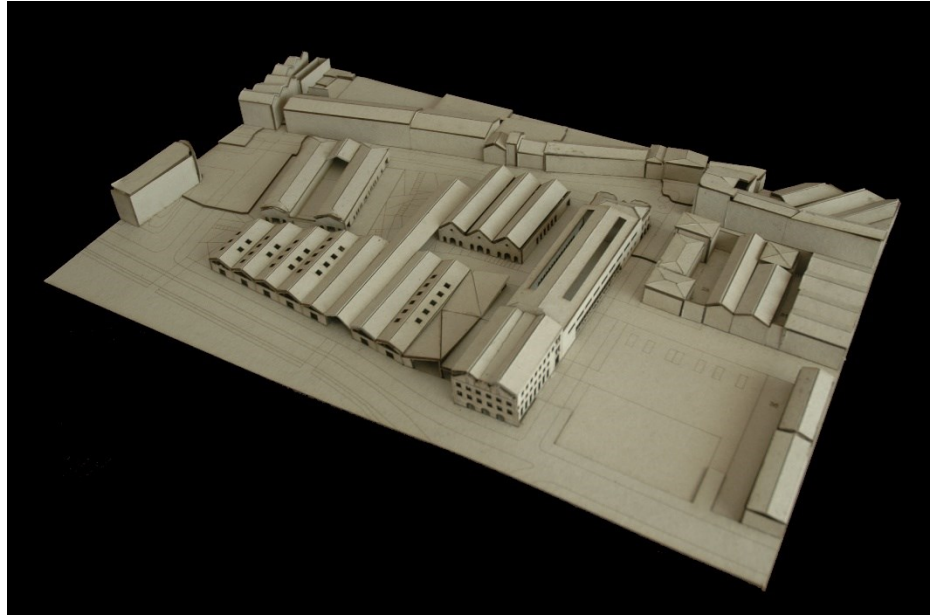




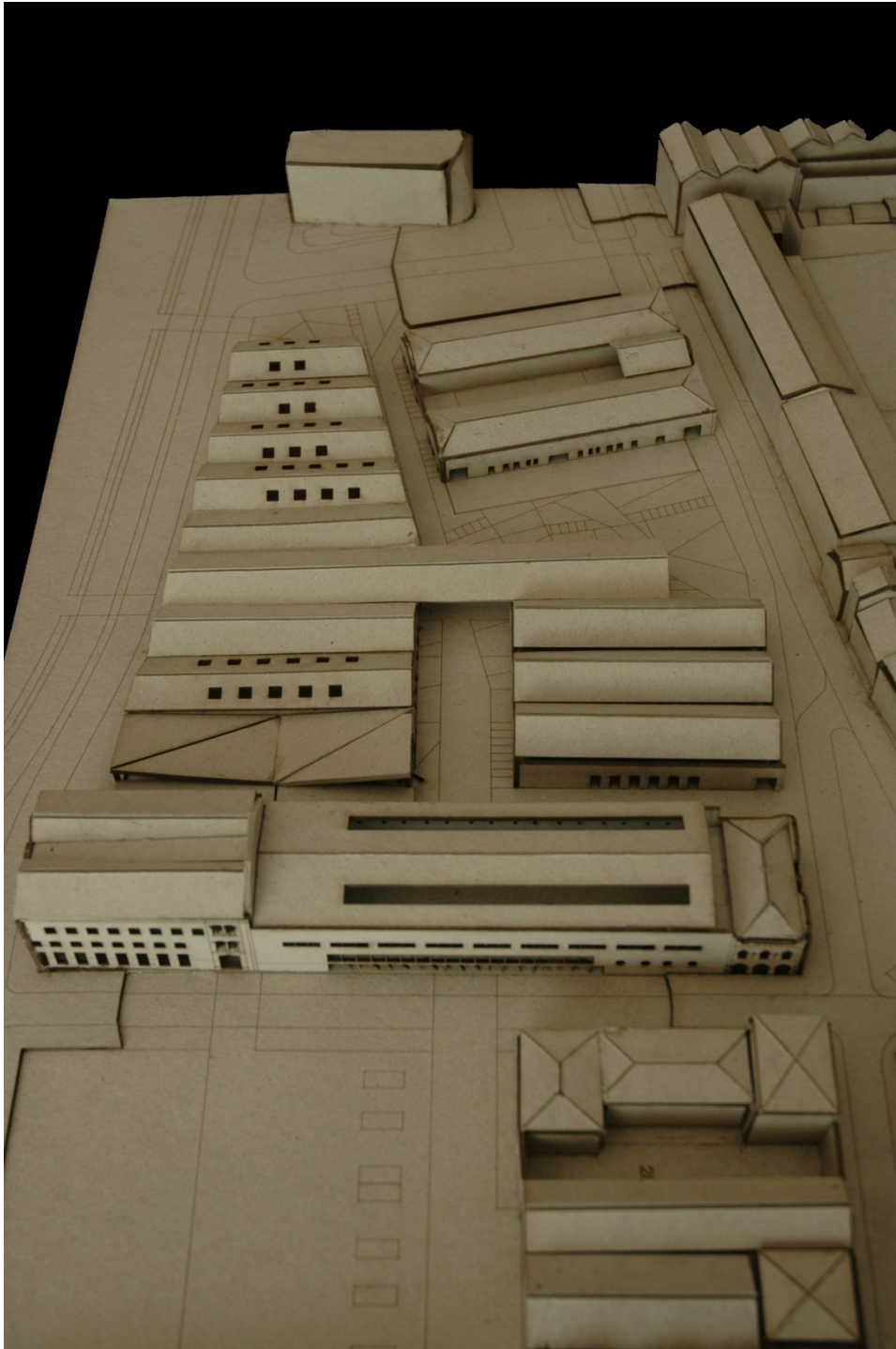
83 e 84. A proposta arquitetônica e a sua relação com o percurso pedonal proposto.

INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

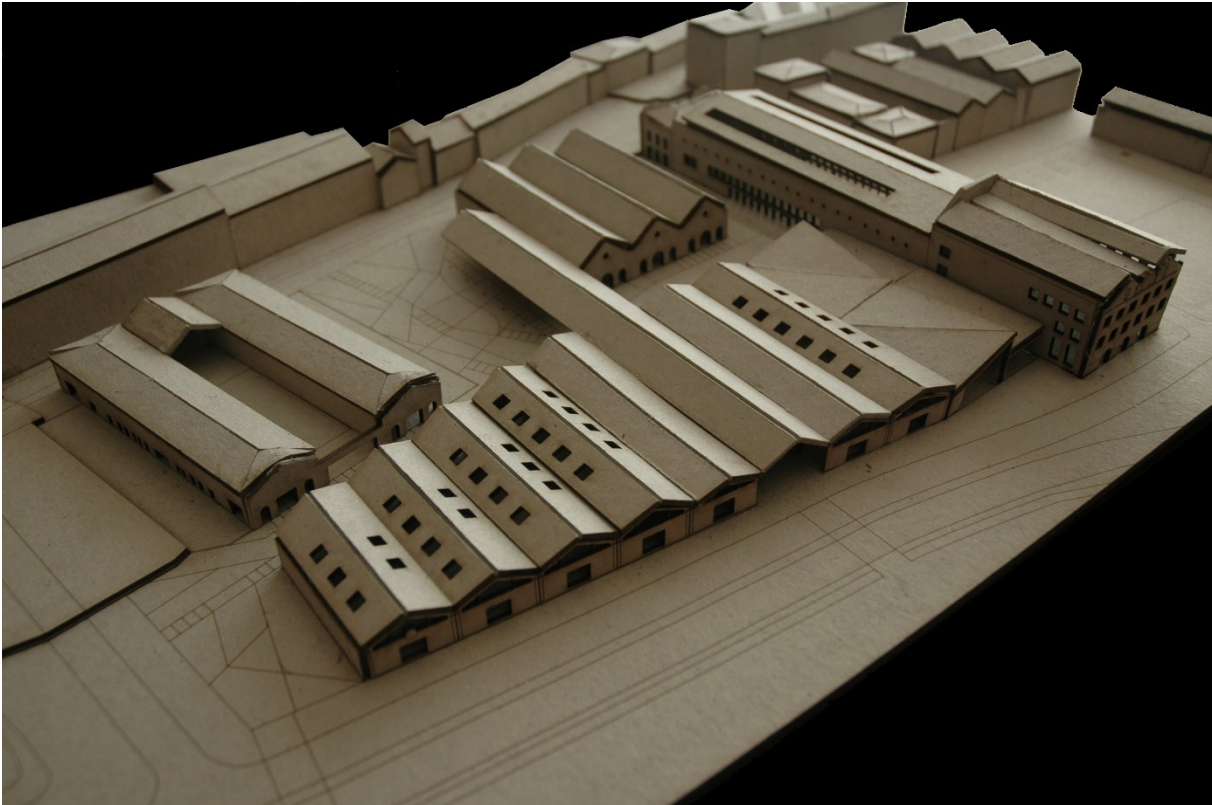


85, 86 e 87. Maquete da proposta arquitetónica de todo o conjunto edificado. Escala 1.500.

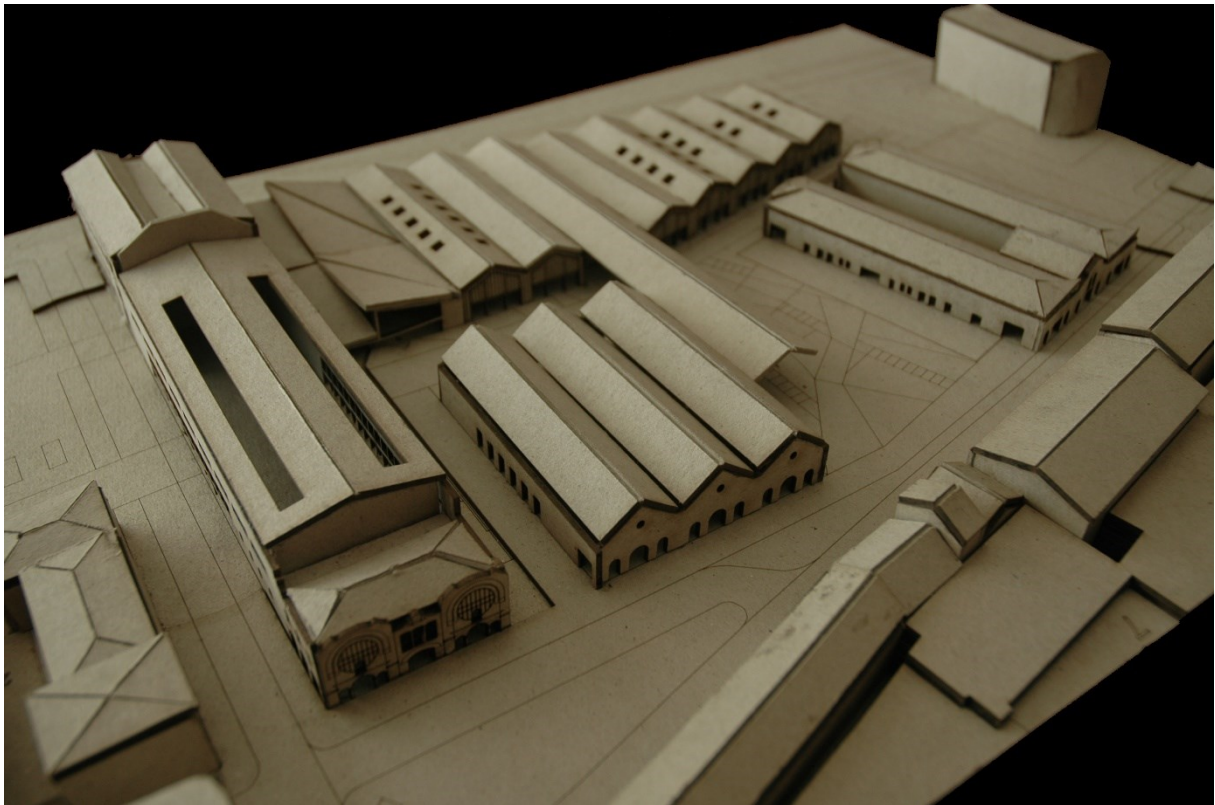


INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

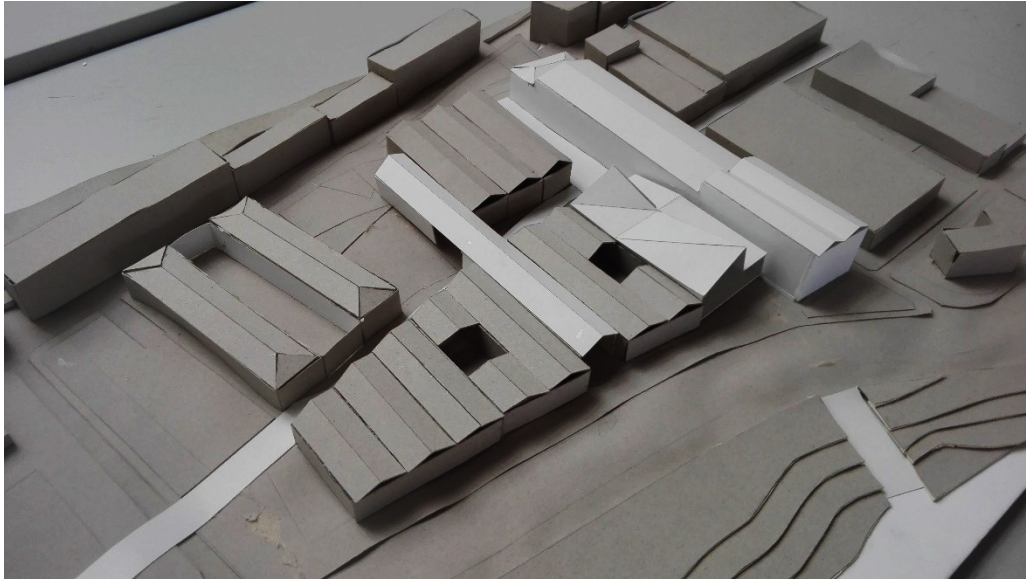


88 e 89. Perspetiva do conjunto a nascente e poente, respetivamente.
Escala 1.500.



INDÚSTRIAS REINVENTADAS

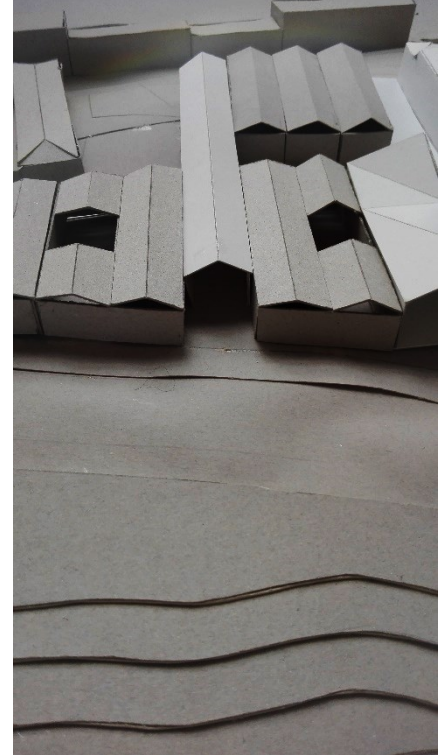
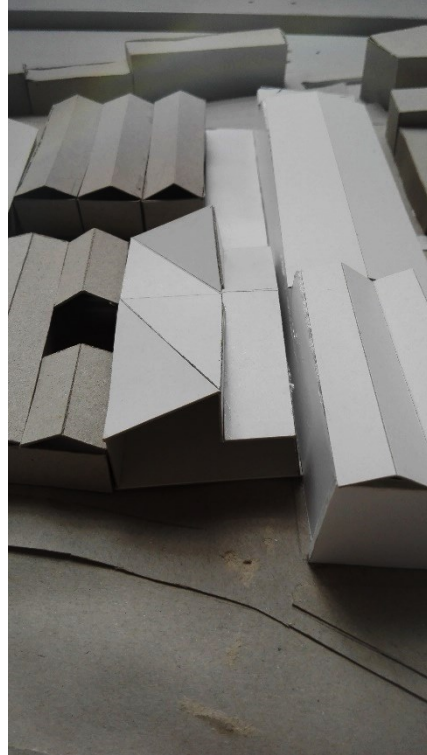
Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



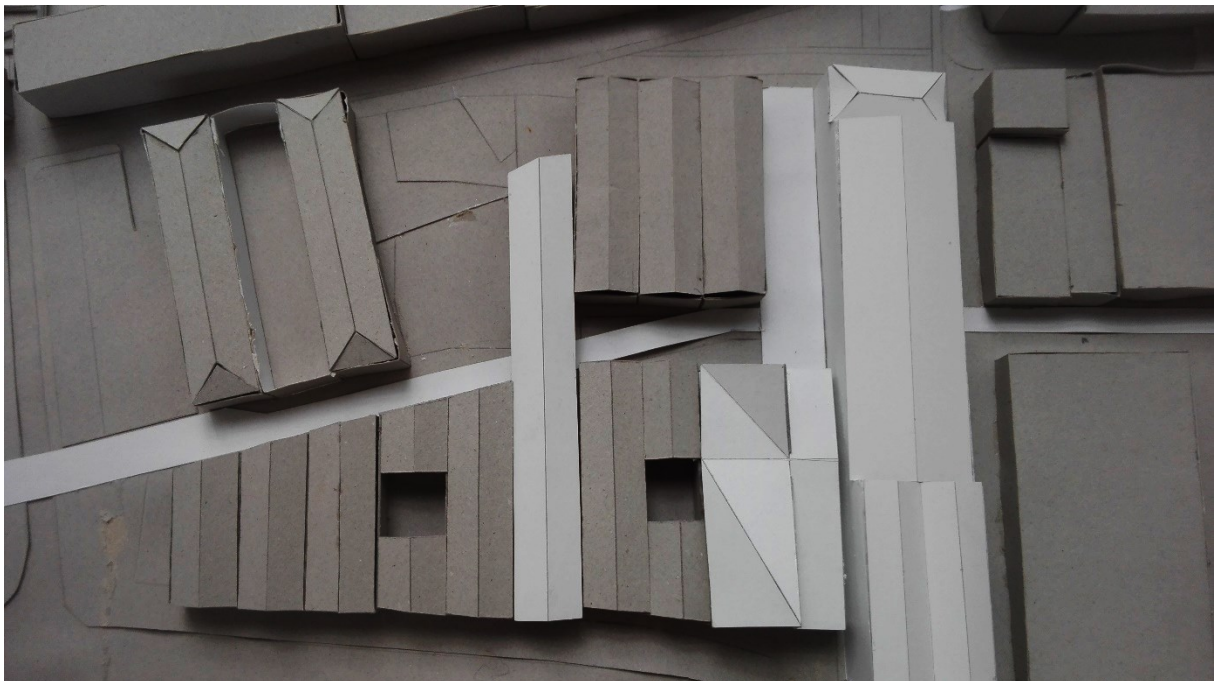
90. Maquete de estudo da proposta arquitetónica. A branco as novas construções a integrar. Escala 1.500.



91. Rua pedonal a partir da Rua Pereira Henriques. Escala 1.500.



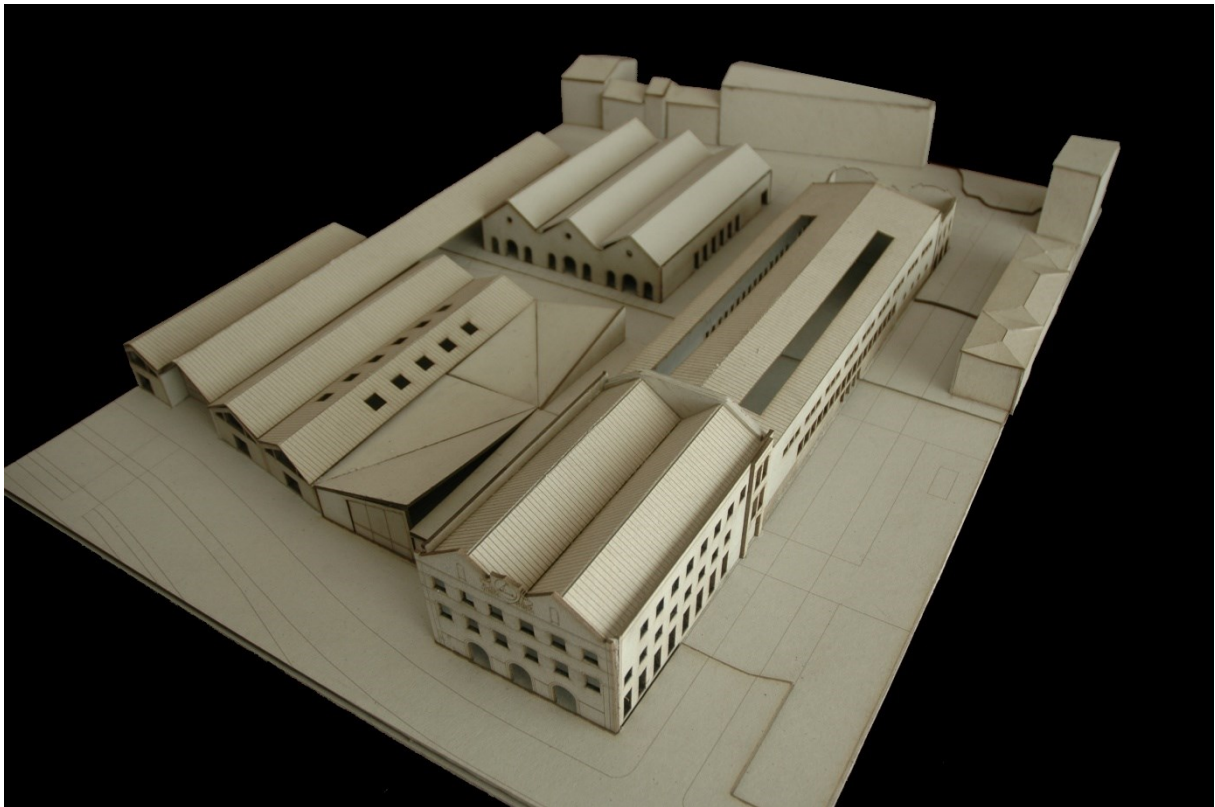
92, 93 e 94. As novas construções a propor para o conjunto – o auditório e a passagem transversal.

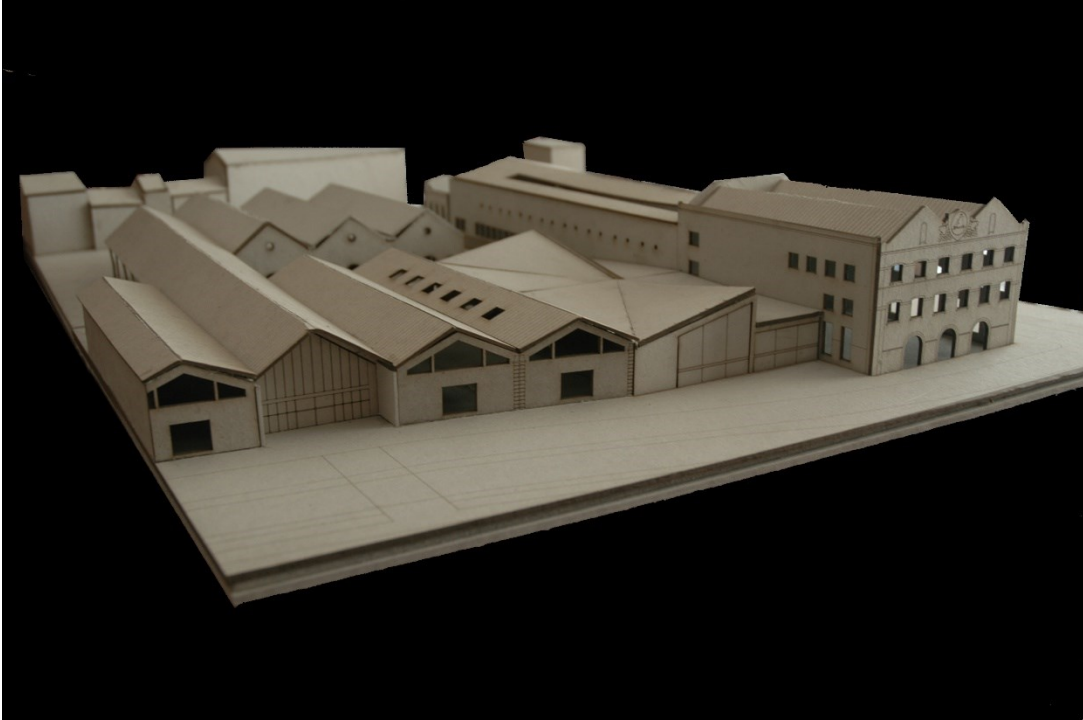


INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

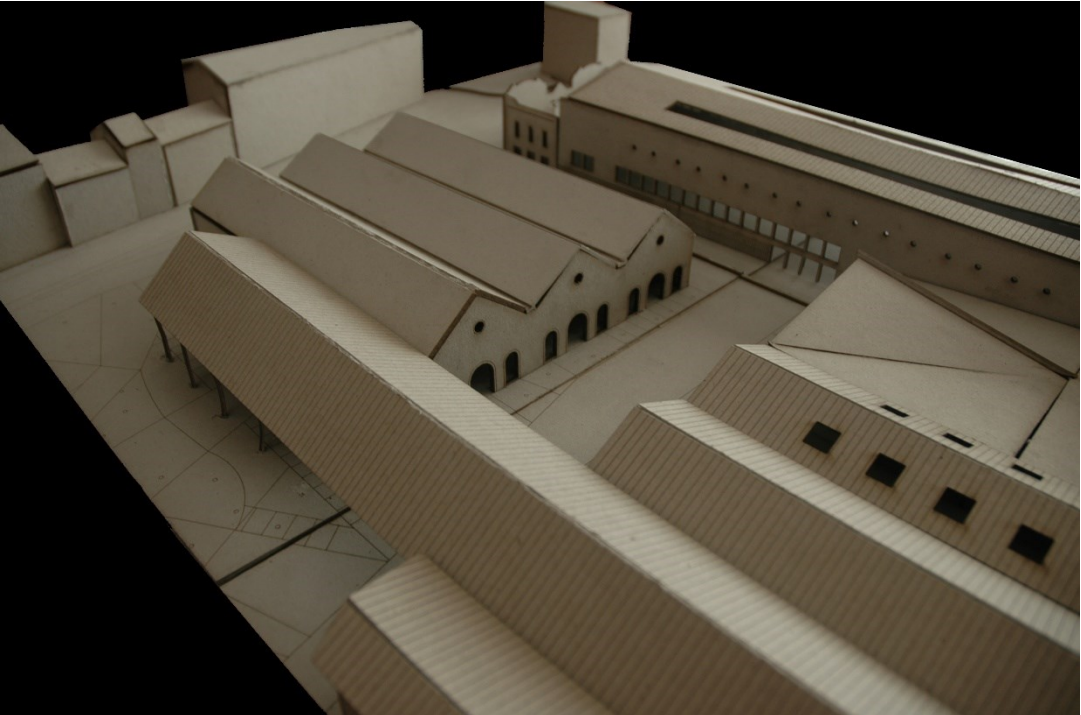
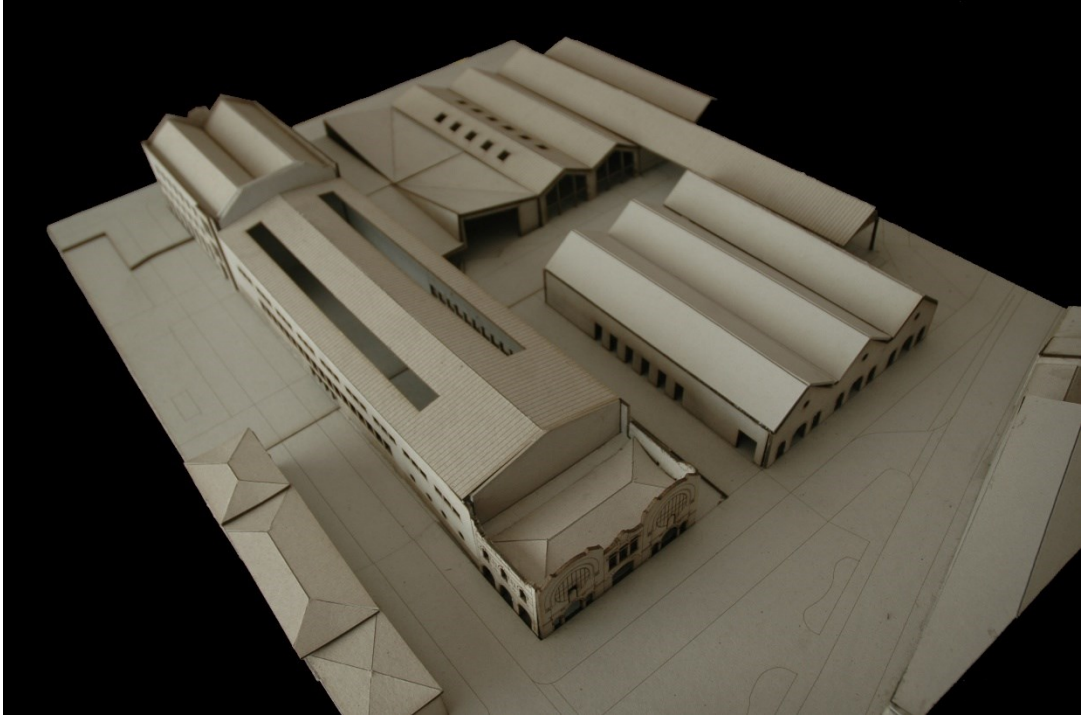
95, 96, 97, 98 e 99. Maquete do
troço a Norte da proposta
arquitetónica. Escala 1:200.

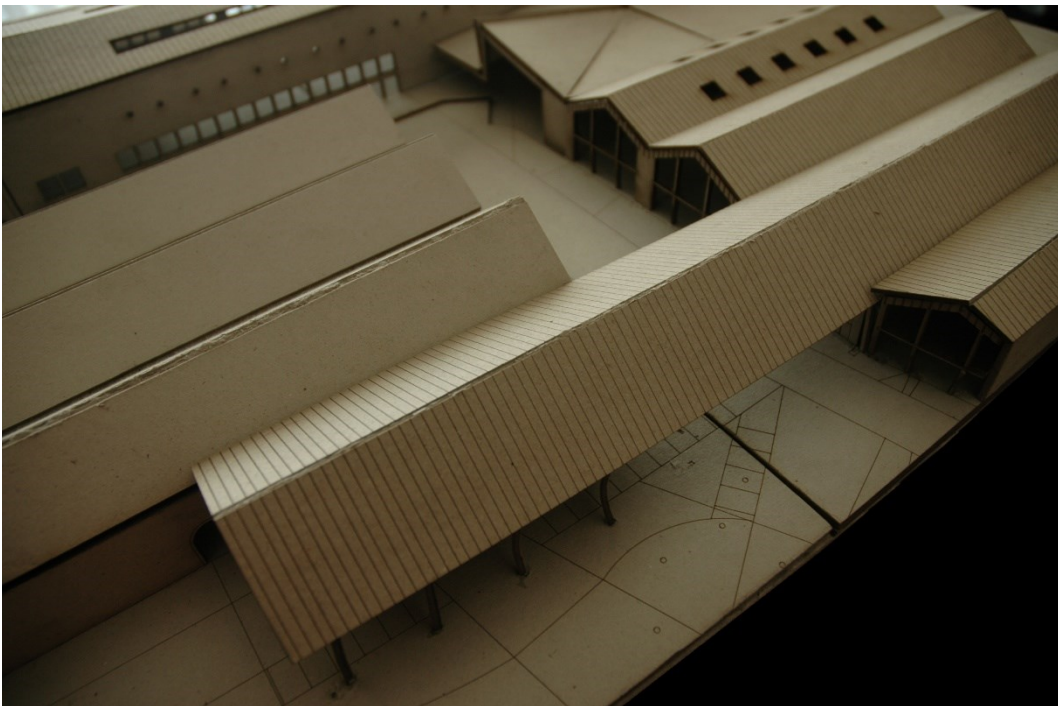
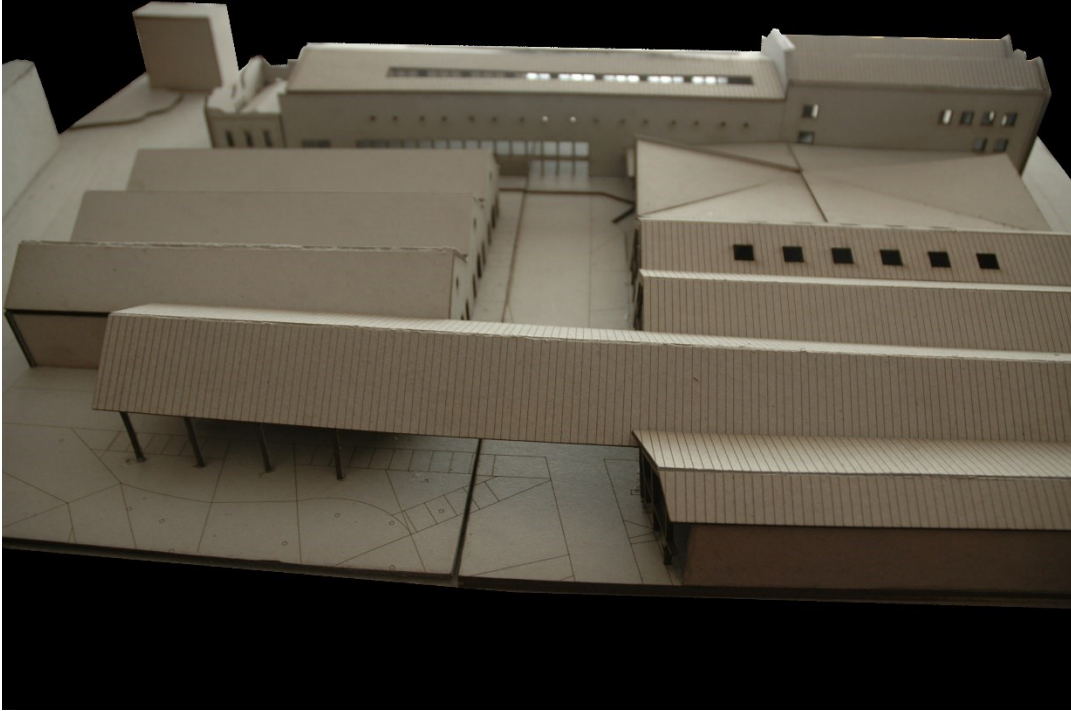




INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca



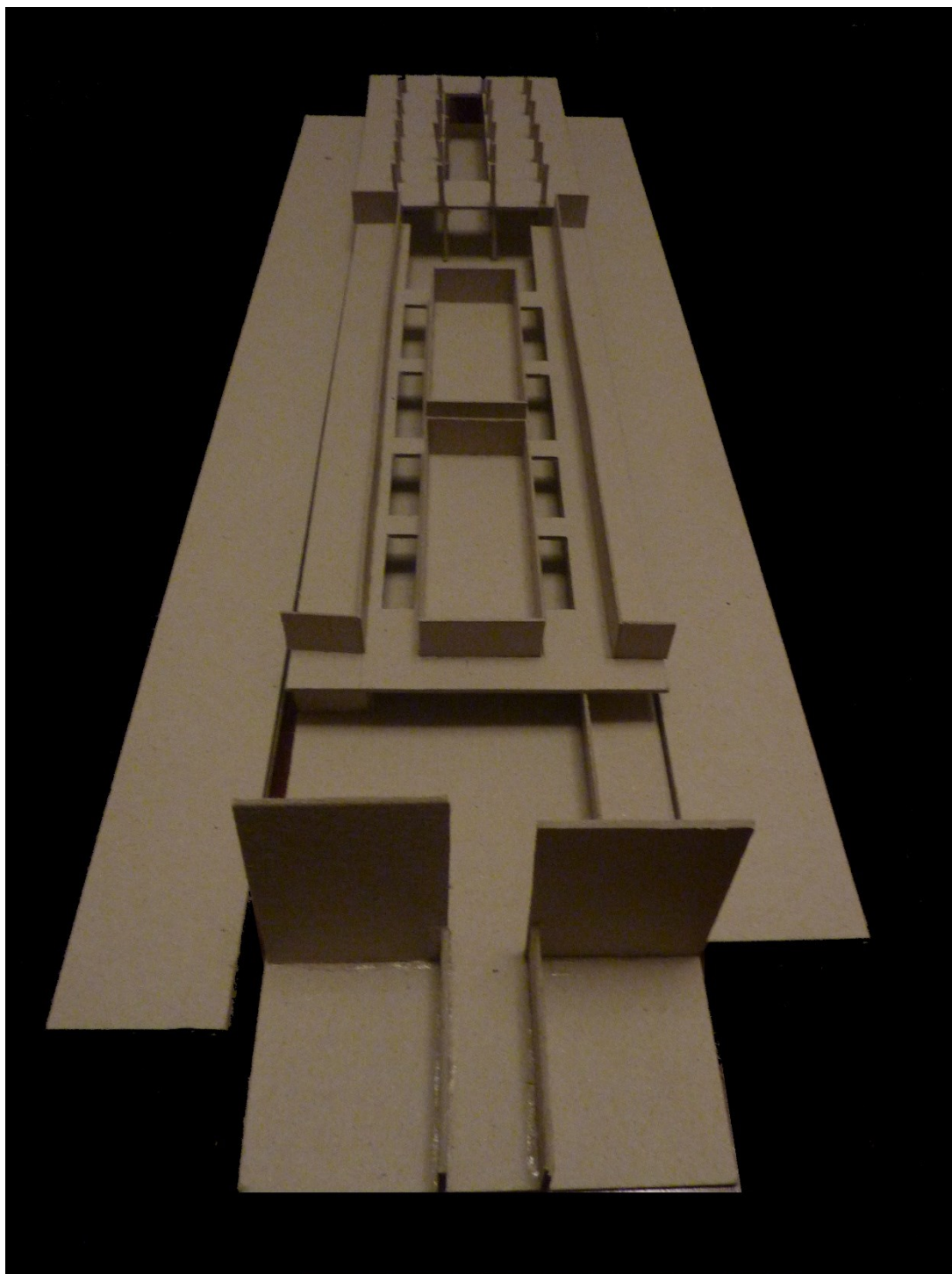


100 e 101. A rua pedonal e a passagem transversal à mesma. Escala 1:200.

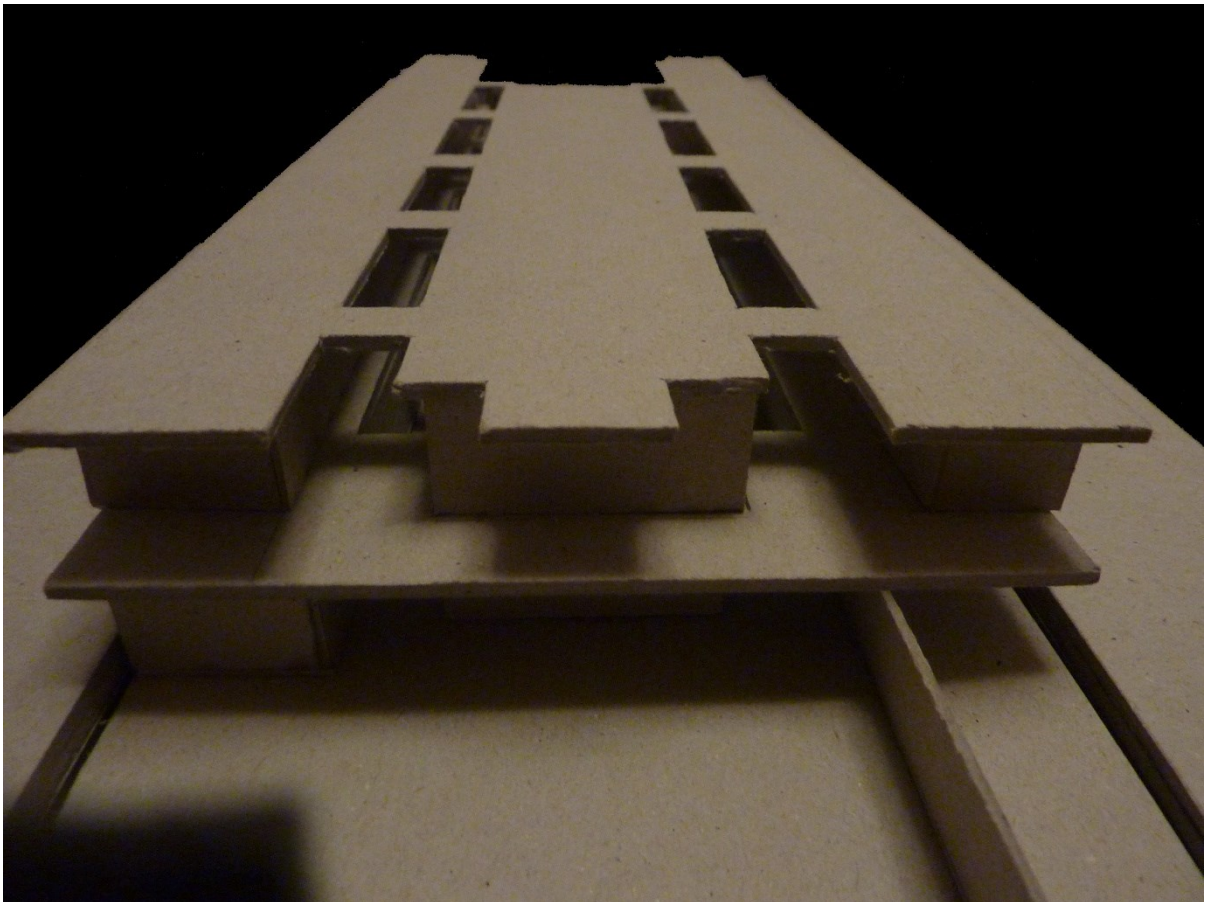
INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

102. Maquete de
estudo do edifício
principal do conjunto.
Escala 1:200.



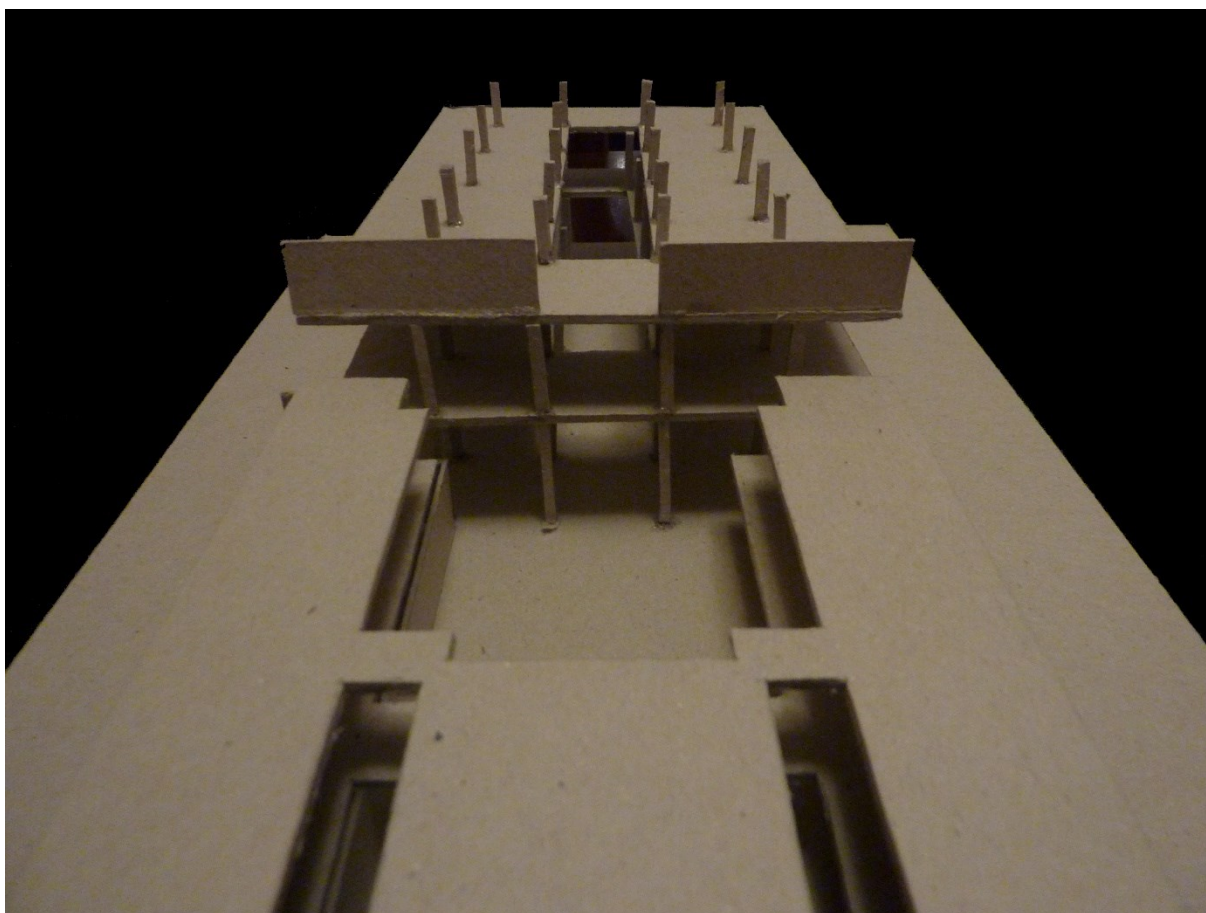
103. Maquete de estudo do edifício principal do conjunto, as cubas de betão.



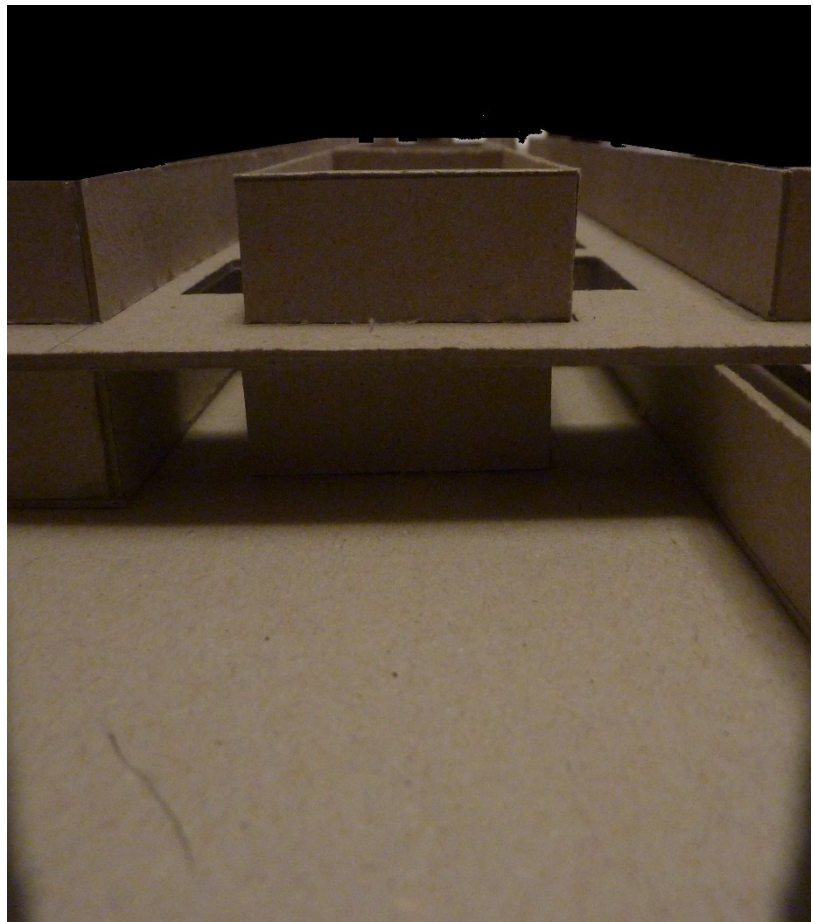
INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepasto Vinícola Abel Pereira da Fonseca

104. Maquete de estudo do edifício principal do conjunto, o volume a nascente.



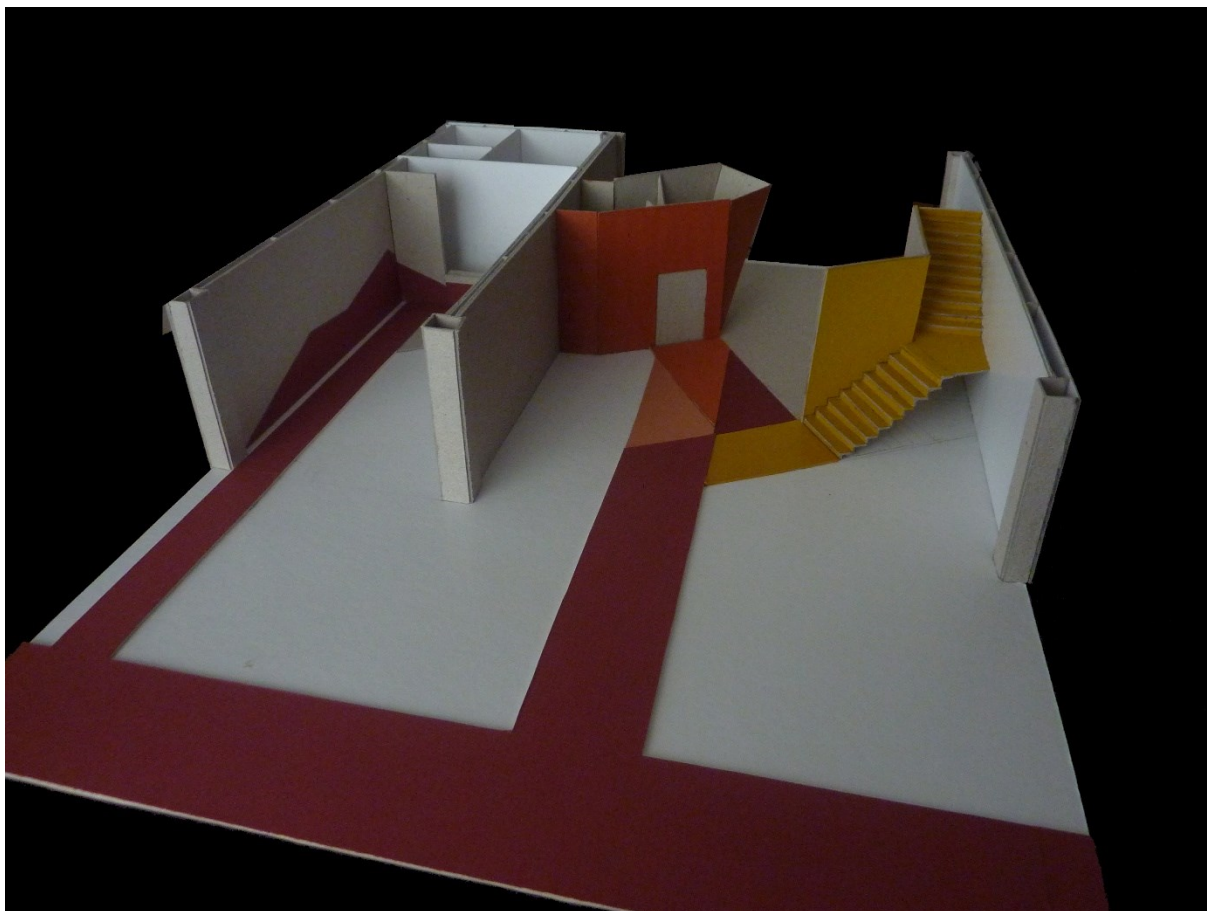
105. Maquete de estudo do edifício principal do conjunto,



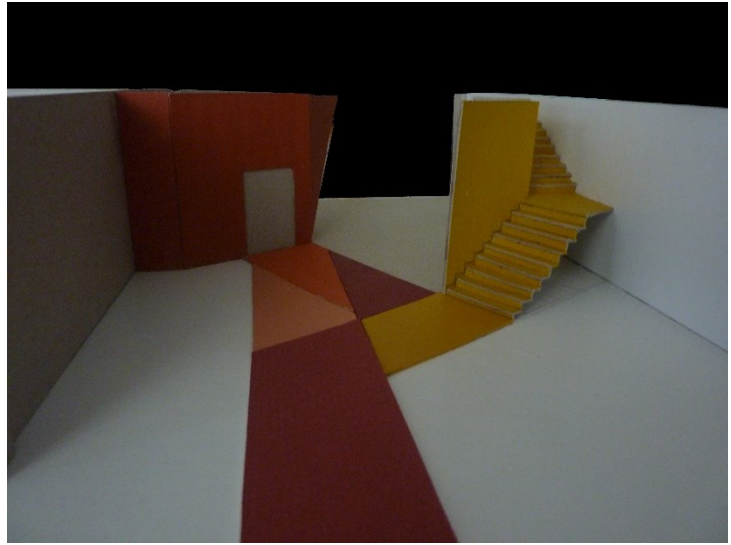
INDÚSTRIAS REINVENTADAS

Lisboa Oriental. Regeneração artística e cultural
do antigo Entrepósito Vinícola Abel Pereira da Fonseca

106. Maquete de
estudo de pormenor
das cenografias
interiores.



107. Maquete de estudo de pormenor do acesso aos espaços de co-working.



108. Maquete de estudo de pormenor das lojas.



IV. Painéis síntese

Lista de painéis:

- 01 | Localização e análise – escala 1: 25000 e 1: 15000
- 02 | Proposta de intervenção – escala 1: 4000
- 03 | Desenho urbano – escala 1: 1000
- 04 | Desenho urbano – escala 1: 500
- 05 | Desenho do espaço edificado – escala 1: 500 e 1: 200
- 06 | Desenho do espaço edificado – escala 1: 200
- 07 | Desenho do espaço edificado – escala 1: 200
- 08 | Materiais – escala 1: 20
- 09 | Materiais – escala 1: 20
- 10 | Materiais – escala 1: 50



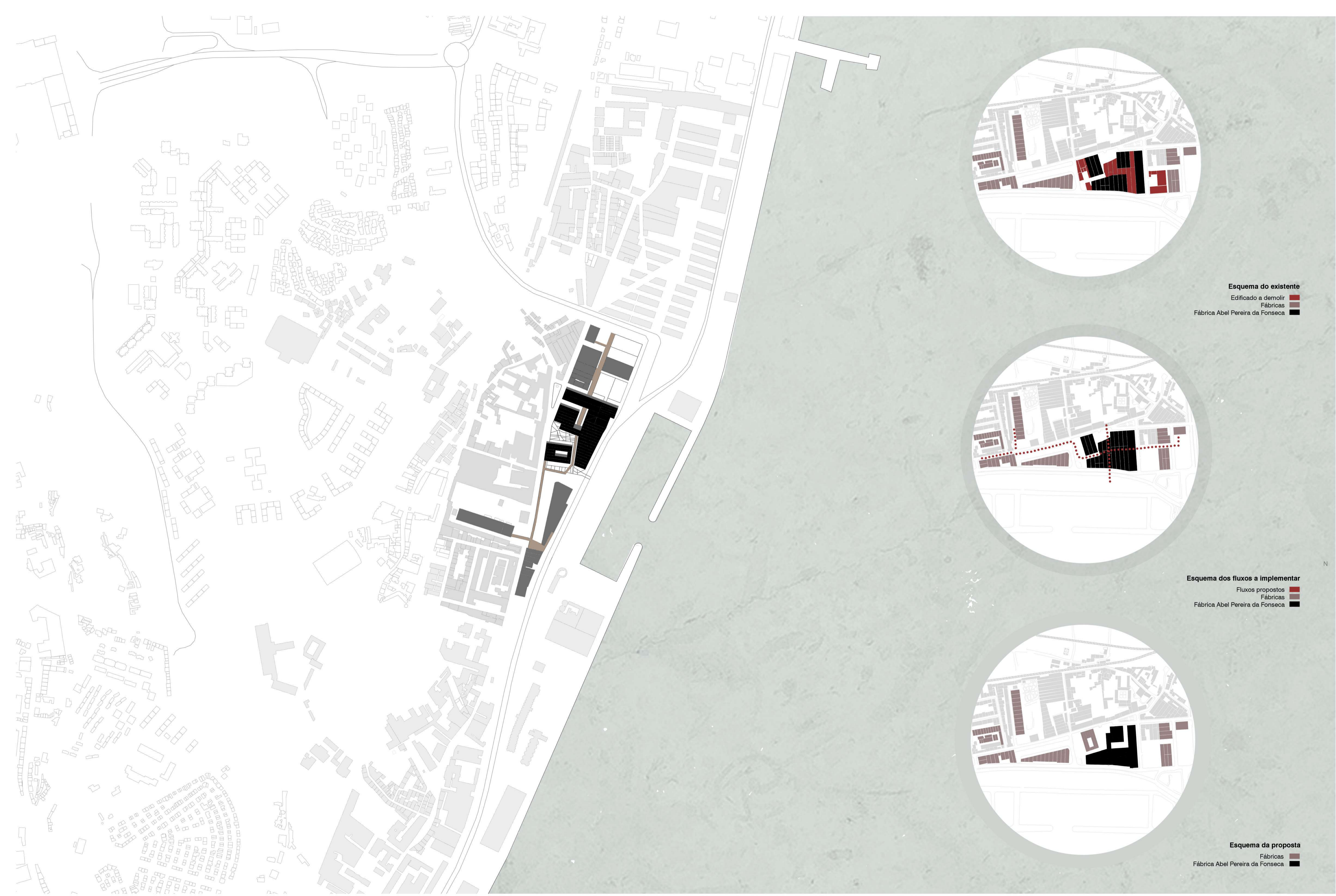
Planta das linhas de água e indústria de Lisboa
 Linhas de água
 Fábricas
 Fábrica Abel Pereira da Fonseca

- 01. Rua do Açúcar, entre o Beato e Poço do Bispo.
- 02. Rua do Açúcar, aproximação ao Largo David Leandro da Silva com a vista sobre os armazéns interveniçoados.
- 03. Alçado dos armazéns a poente do conjunto Abel Pereira da Fonseca.
- 04. Alçado Nascente do edifício principal do conjunto Abel Pereira da Fonseca.

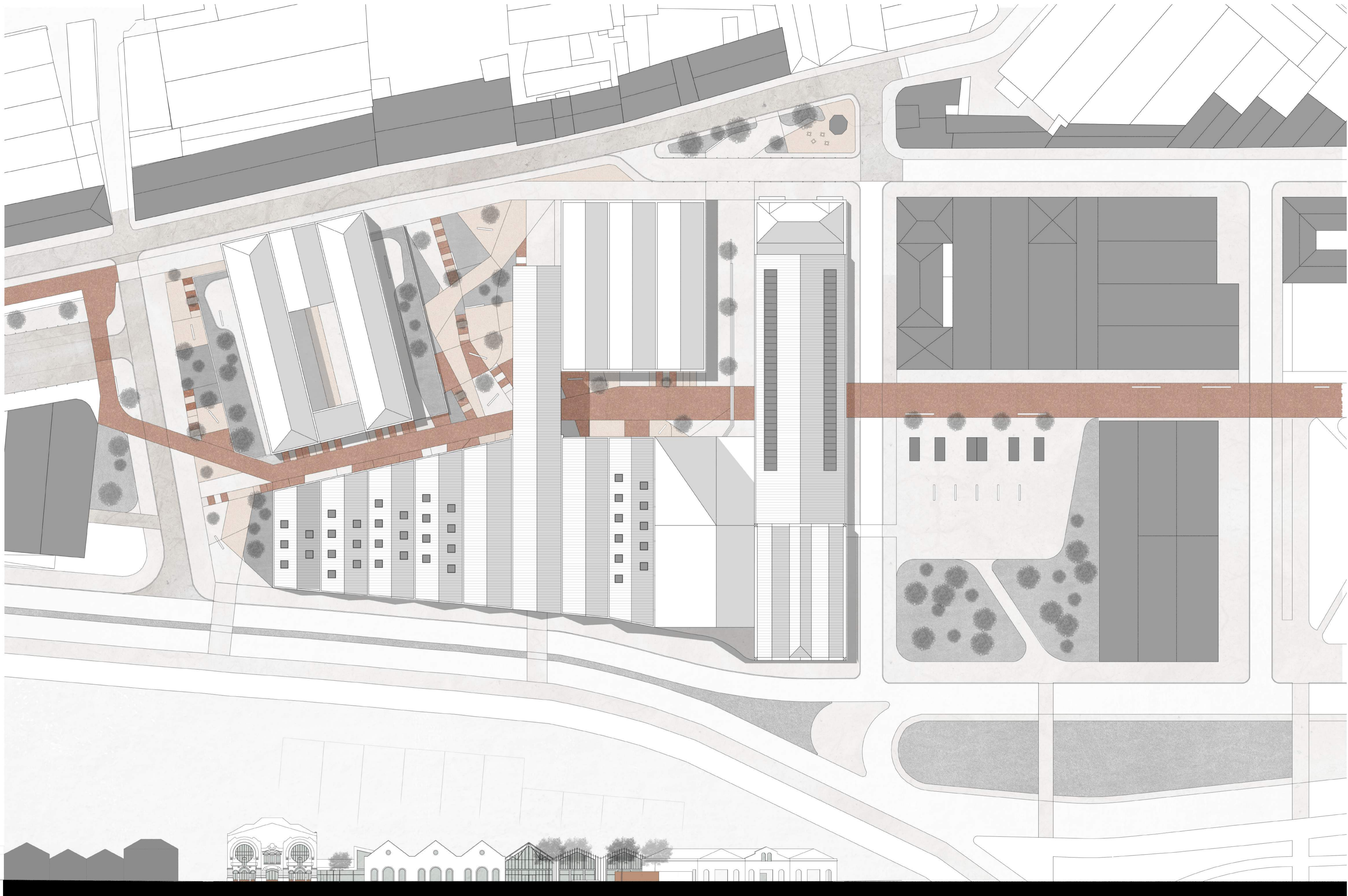


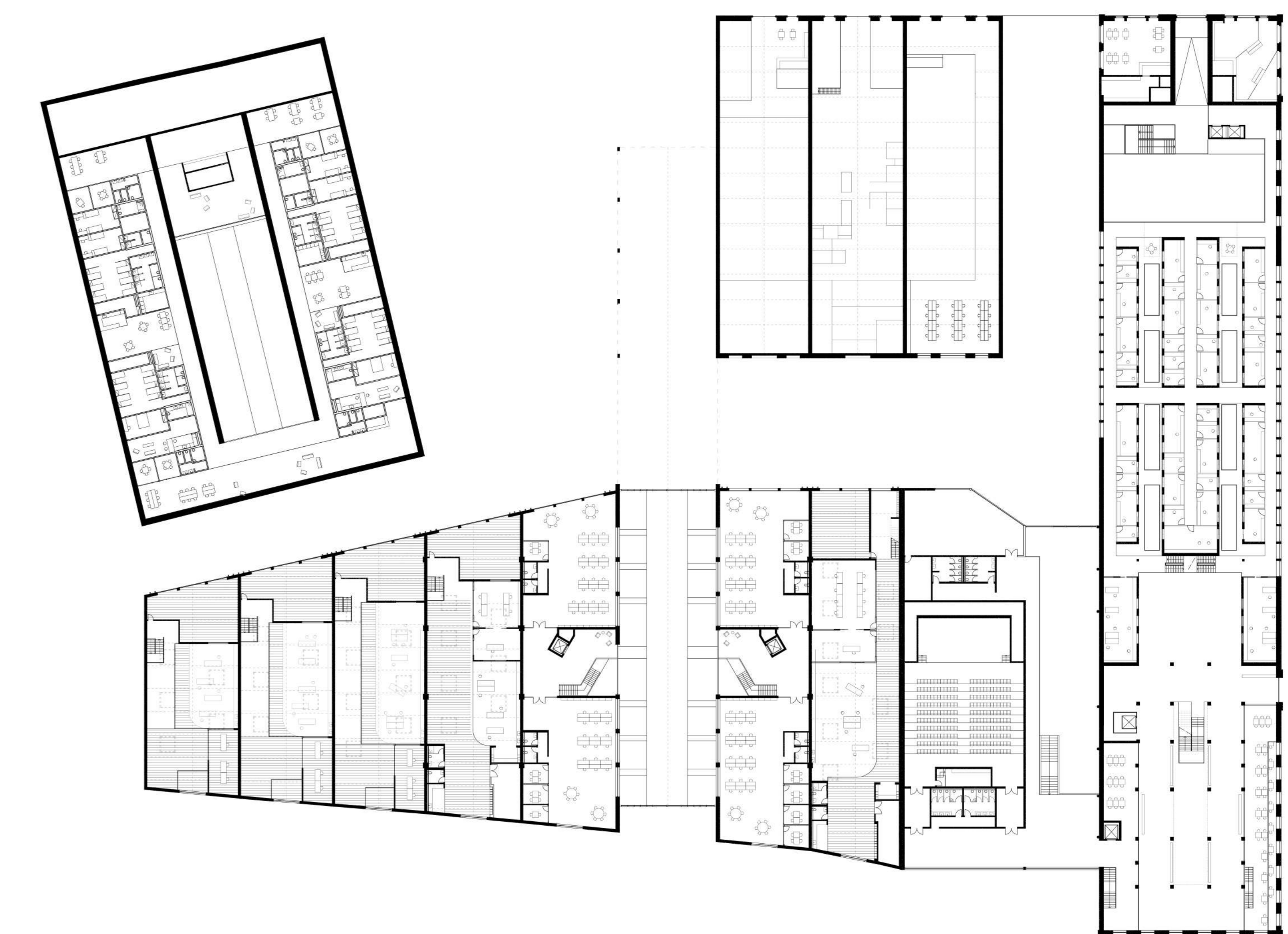
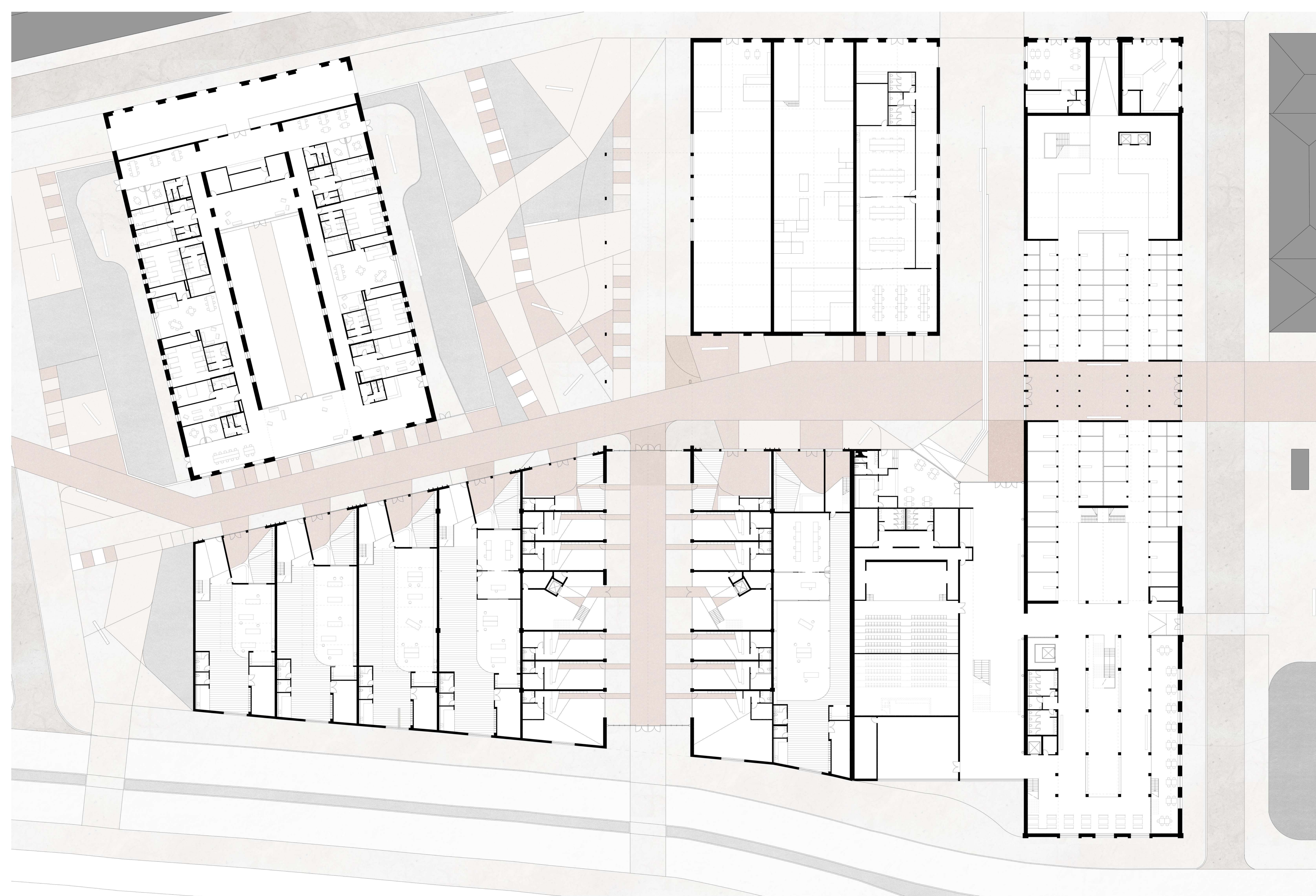
- 05. Alçado Nascente dos armazéns do conjunto Abel Pereira da Fonseca.
- 06. Vista da Rua Pereira Henriques.
- 07. Alçado poente do edifício principal do conjunto Abel Pereira da Fonseca



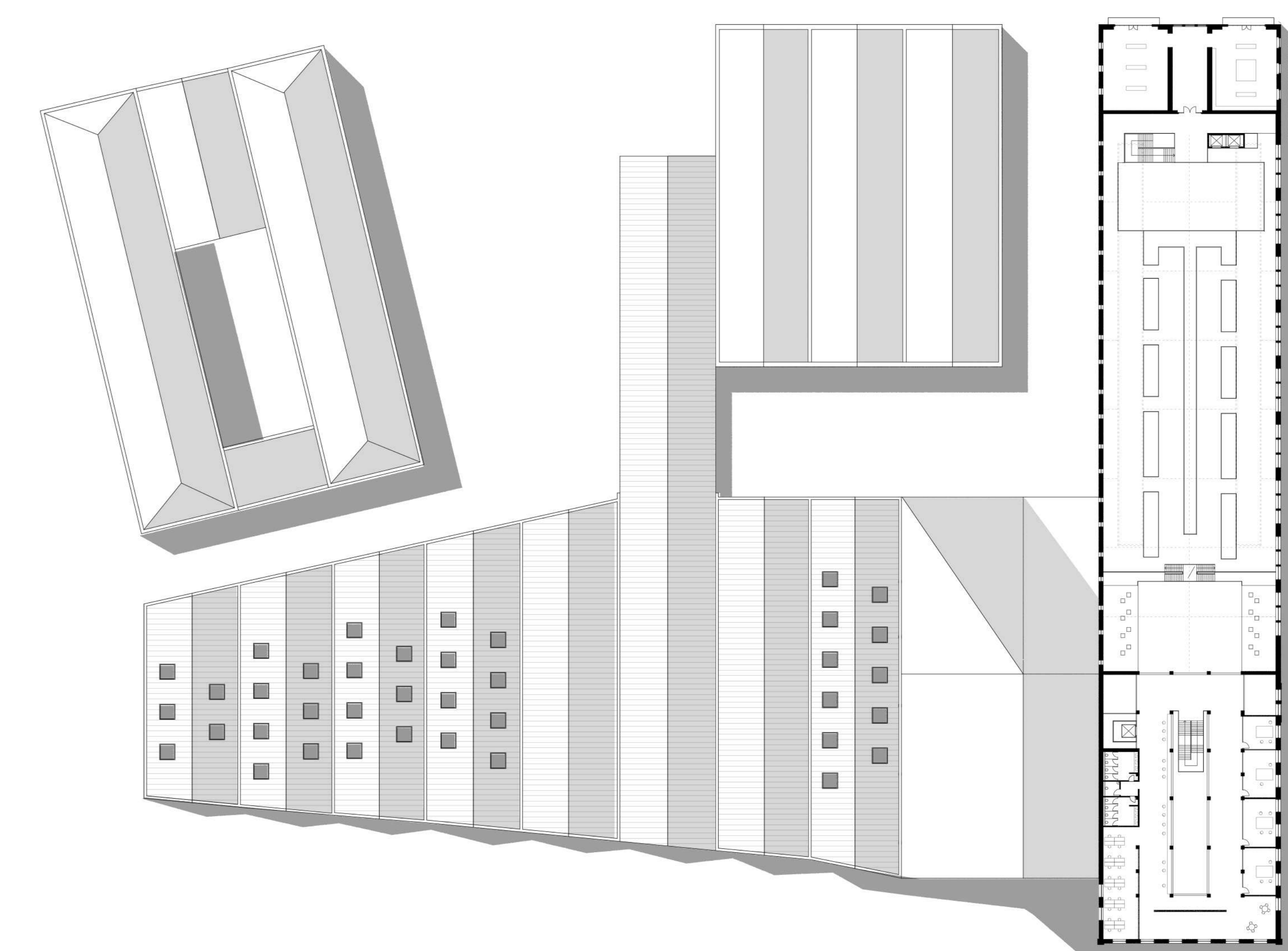




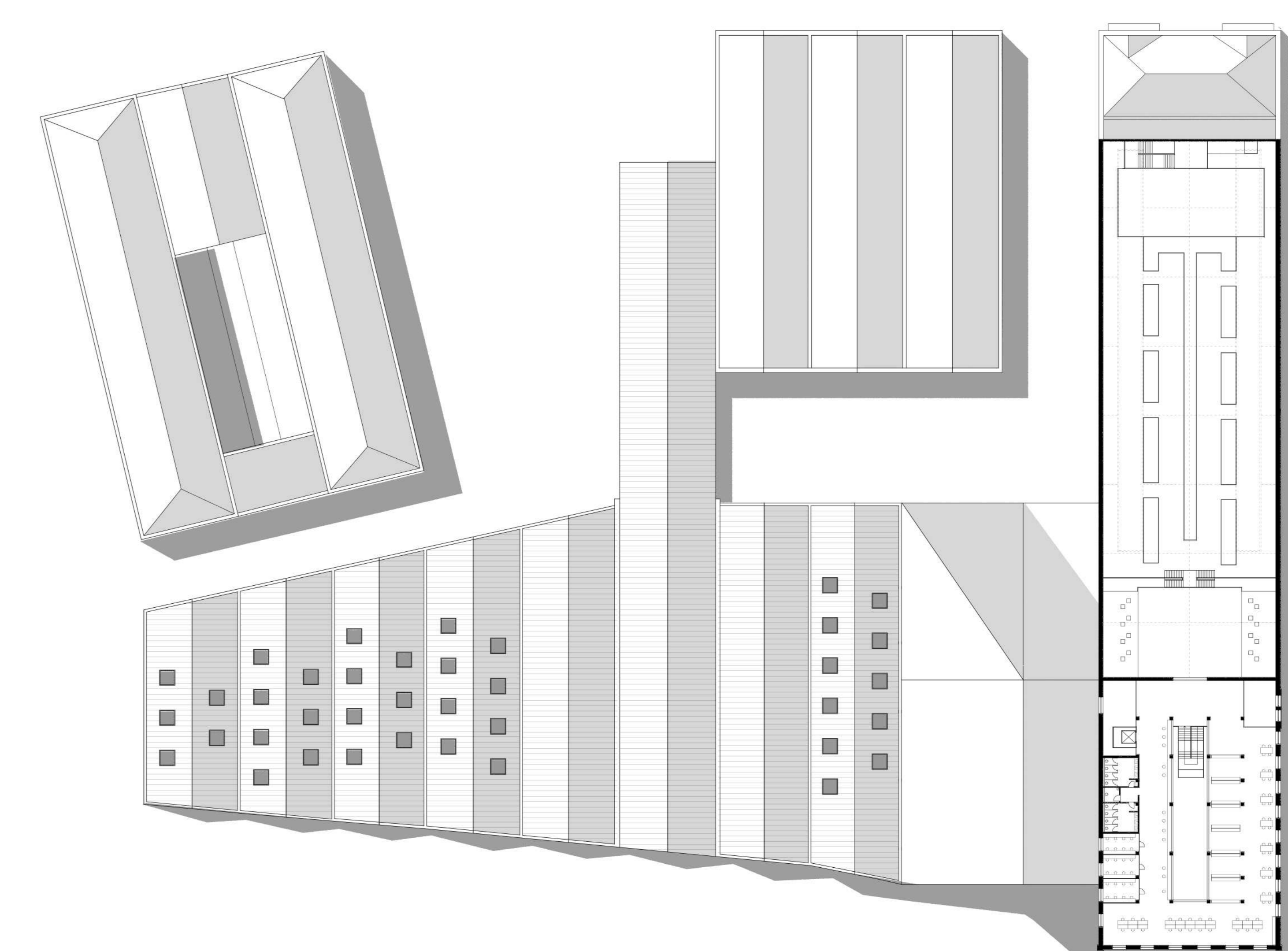




Planta do piso 1 (+4.55)



Planta do piso 2 (+8.20)

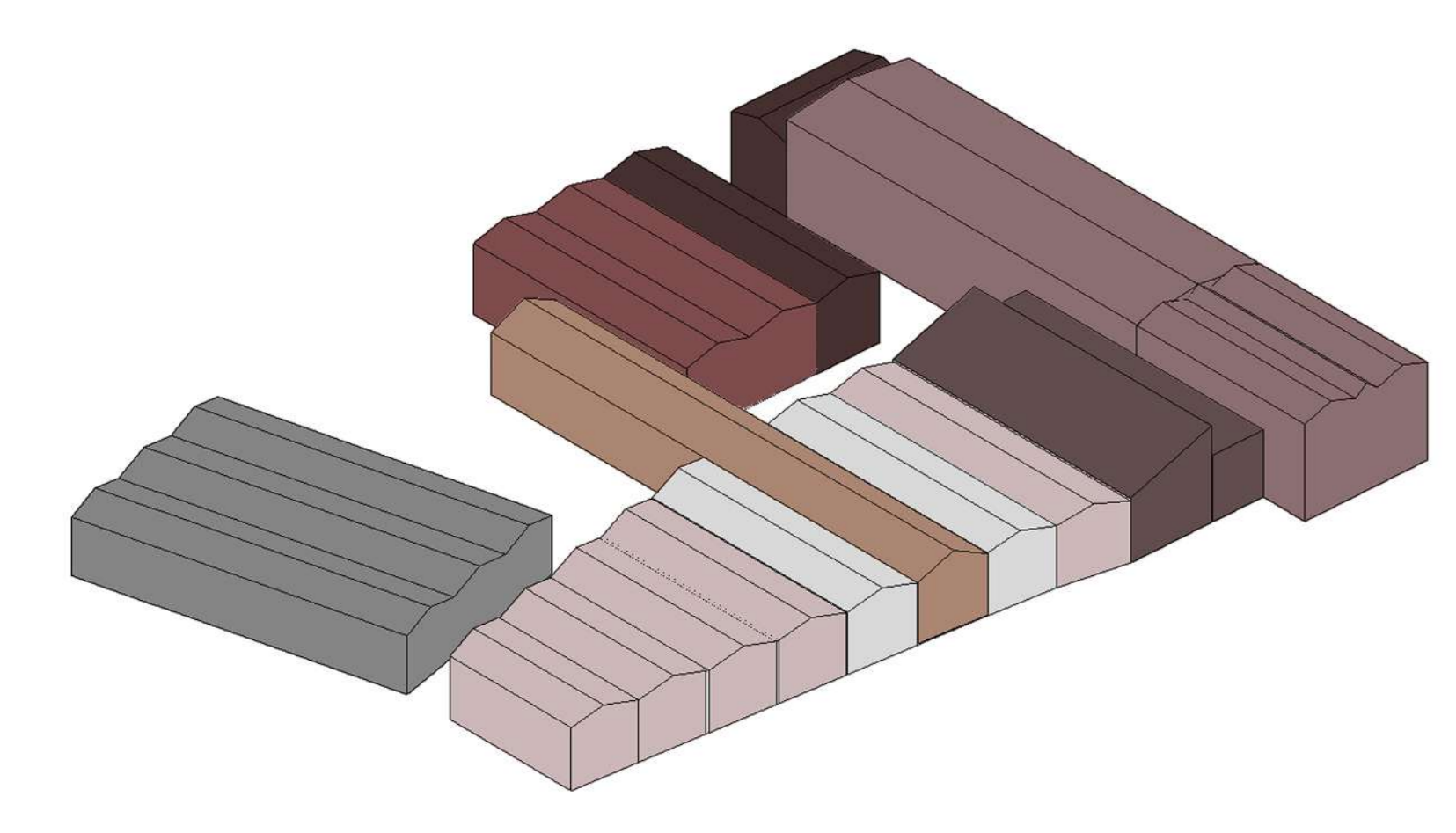
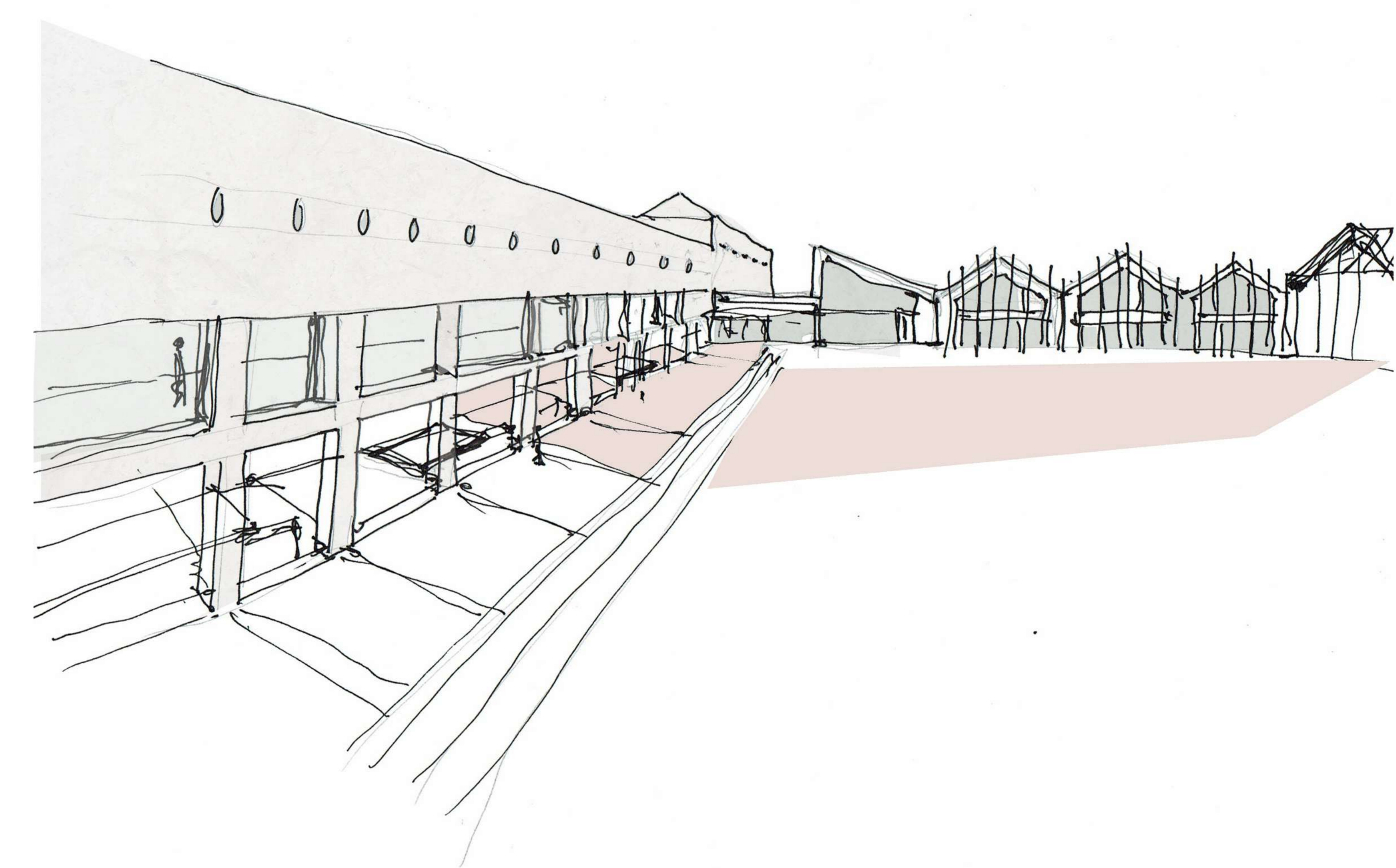


Planta do piso 3 (+12.70)

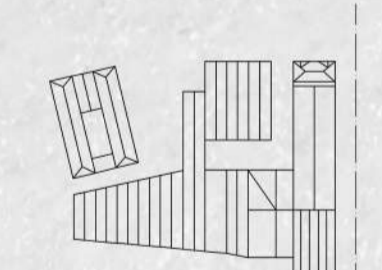
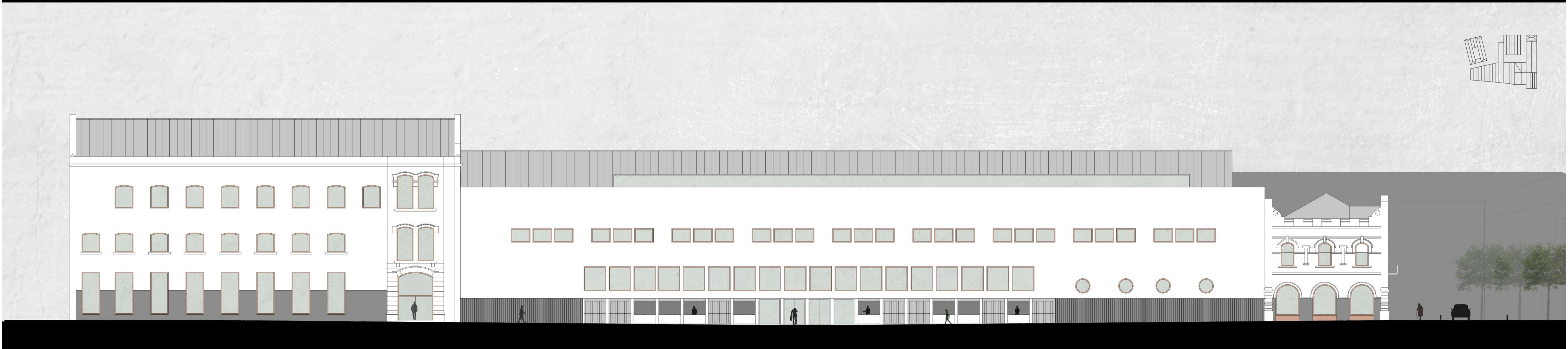
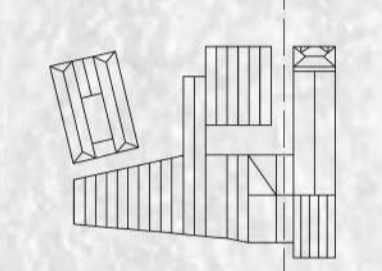
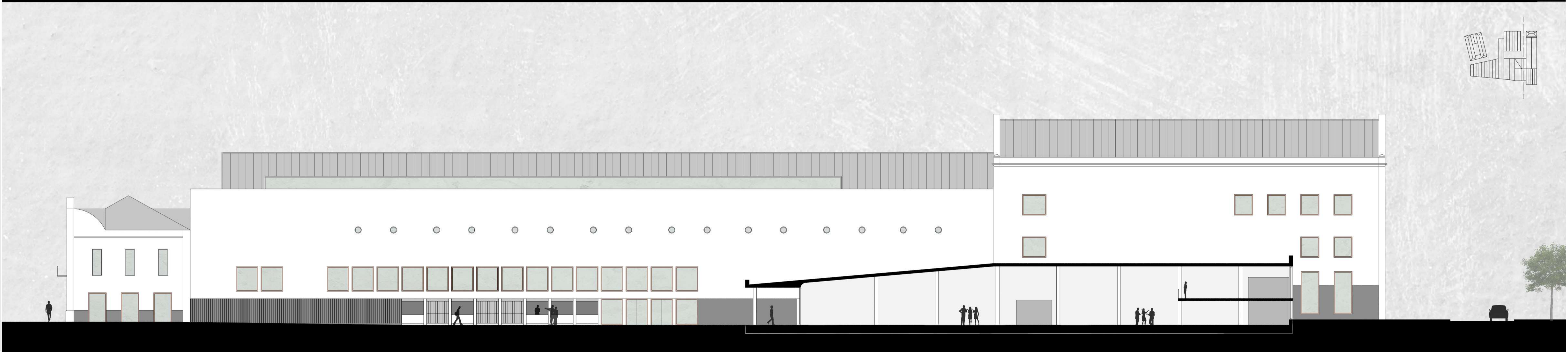
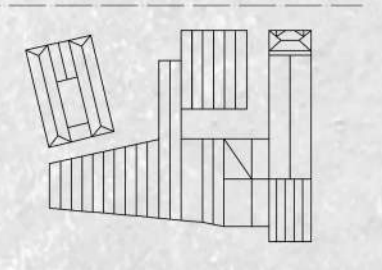
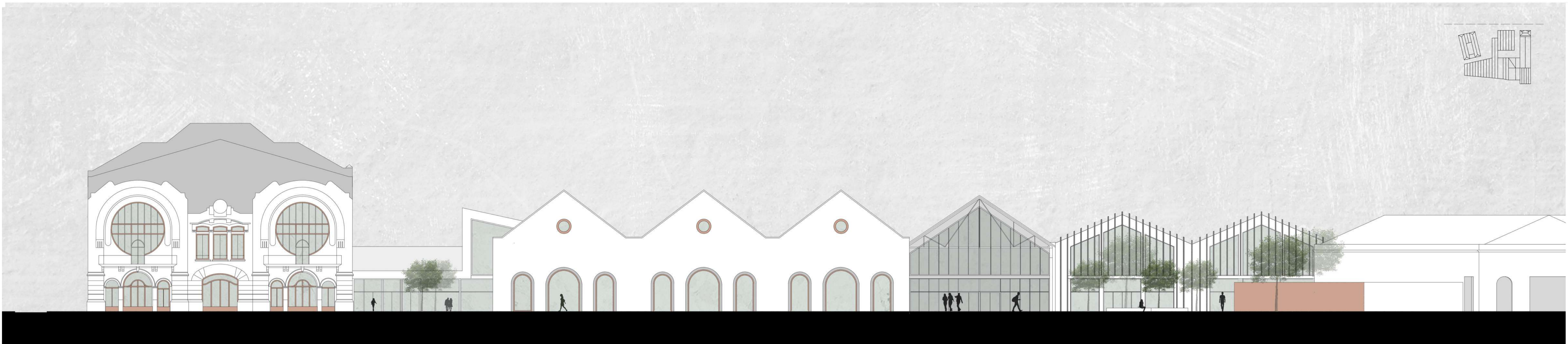
Perspetiva da rua pedonal

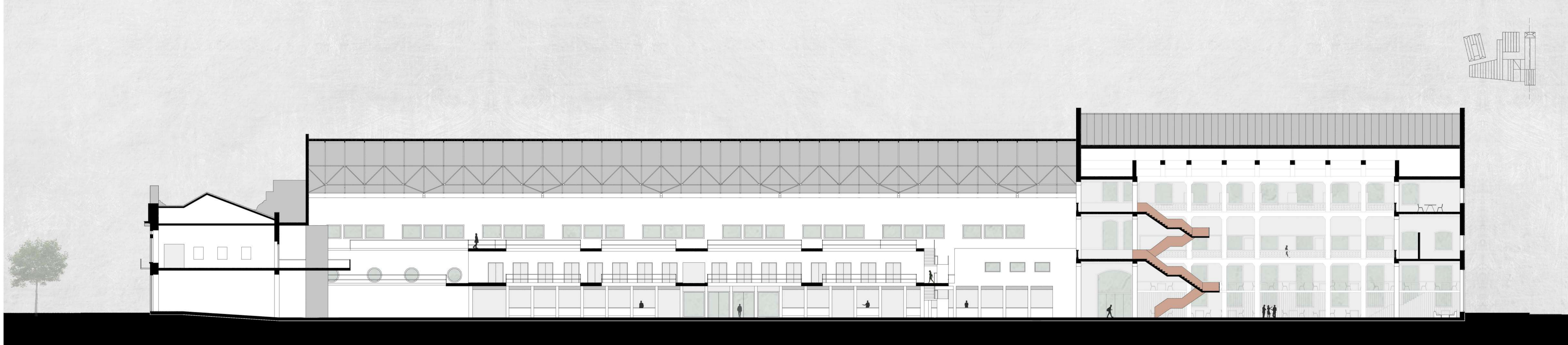
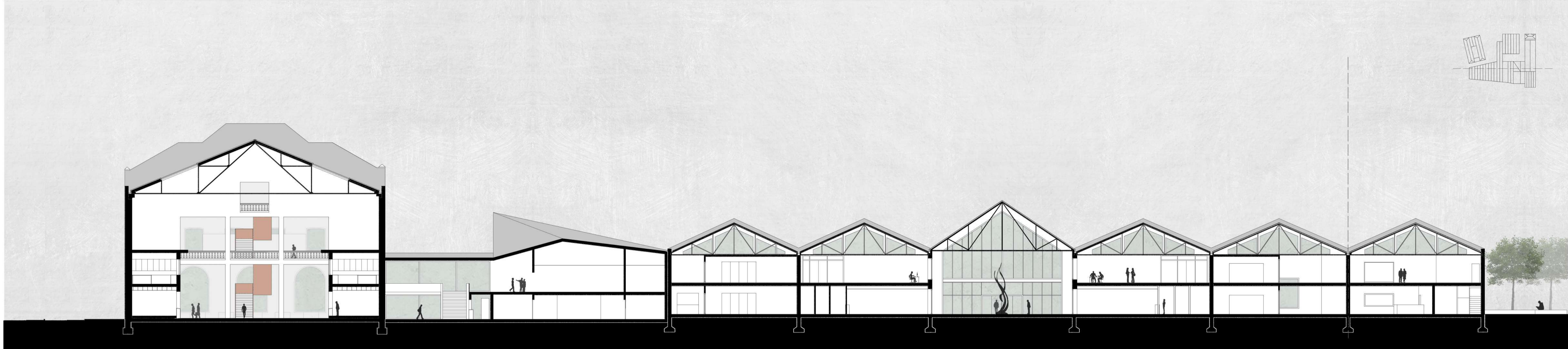
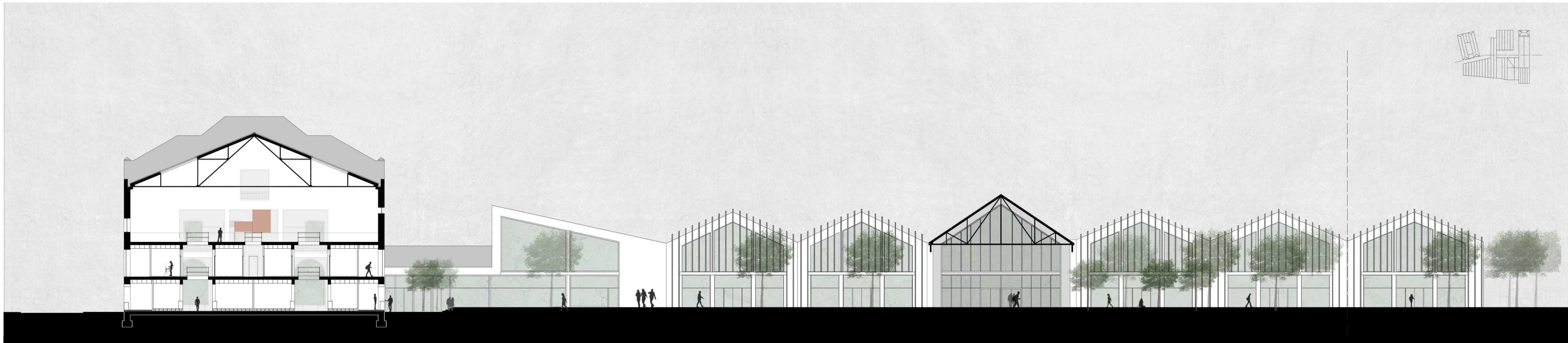


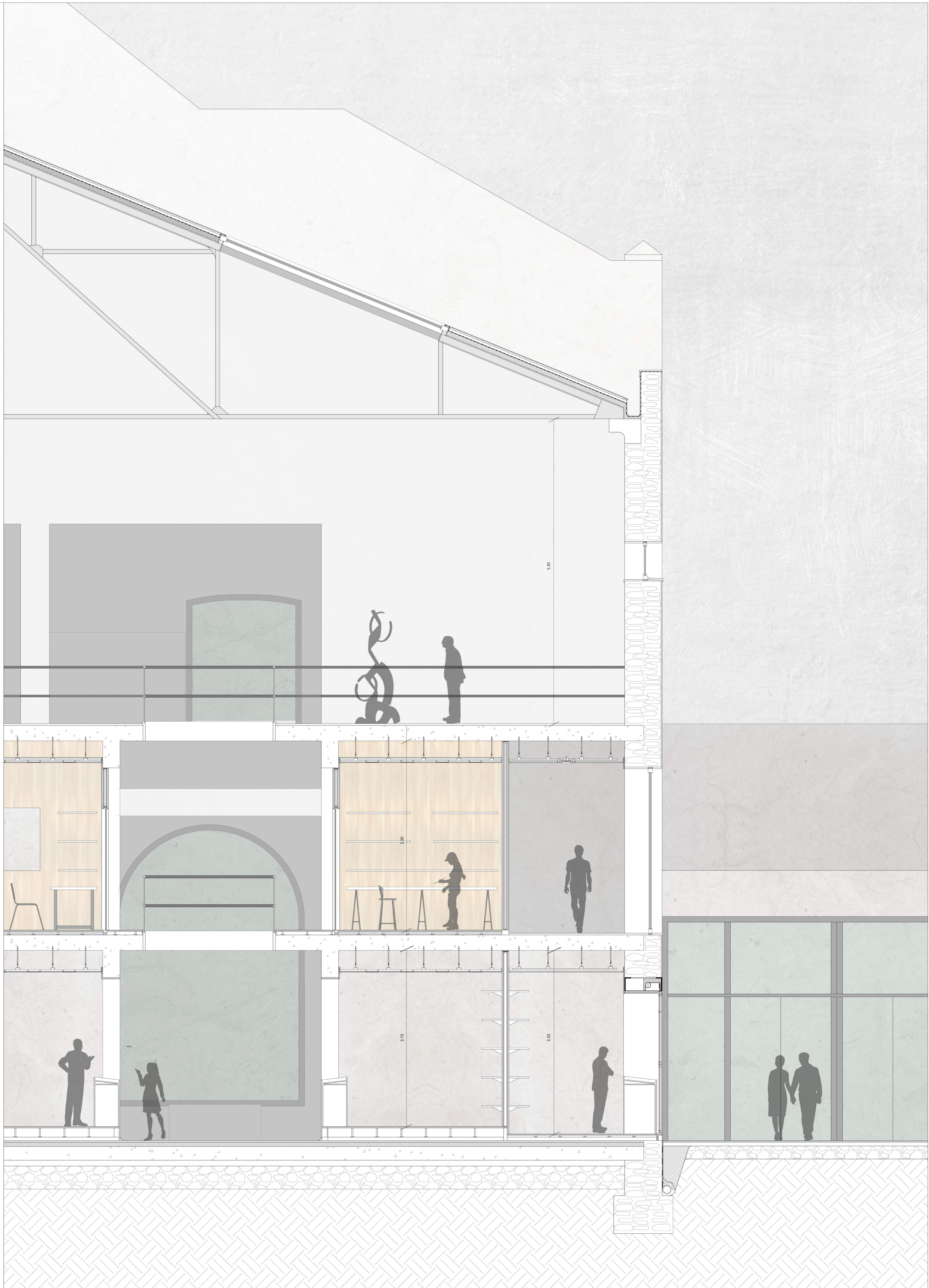
Perspectiva do edifício das artes

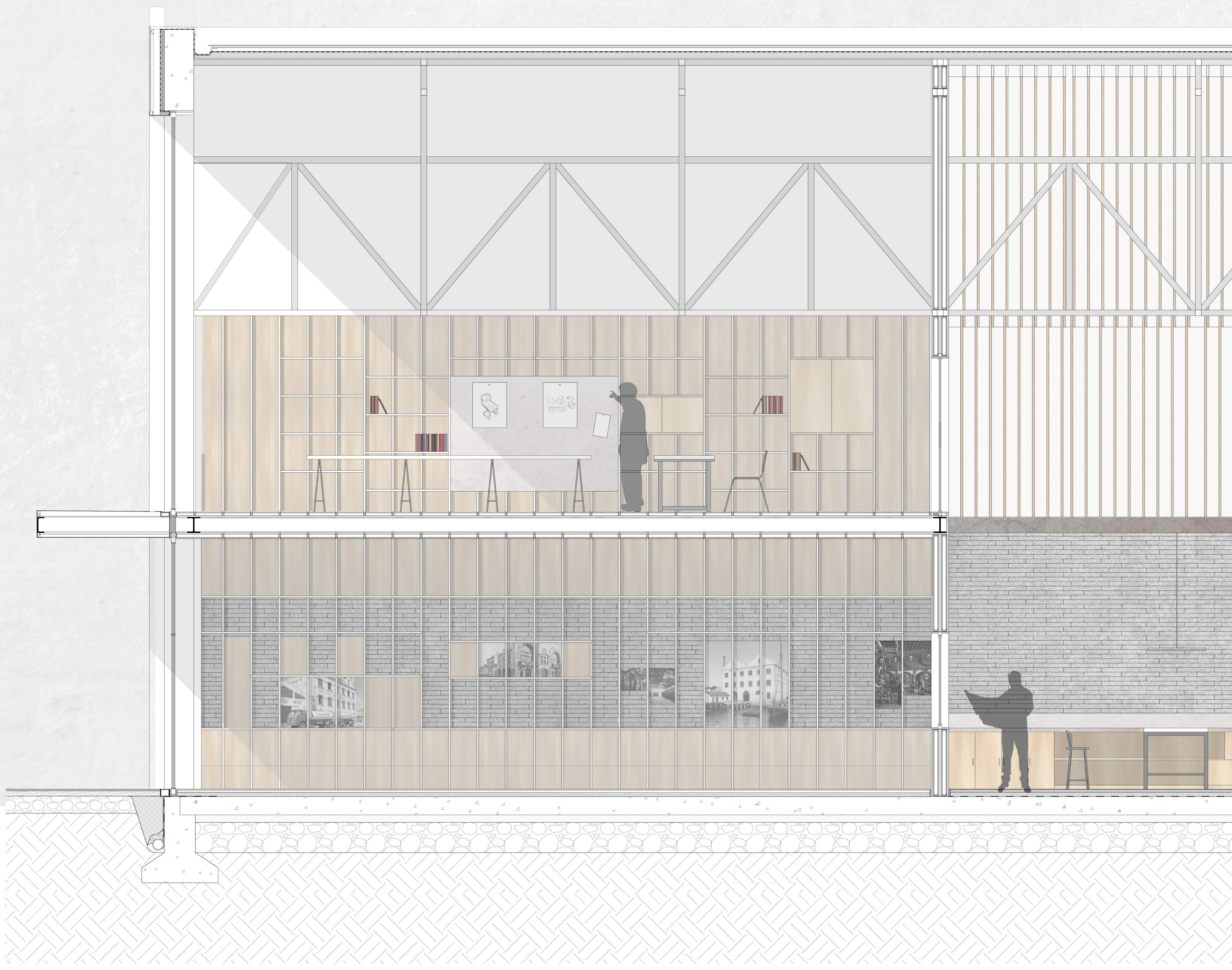
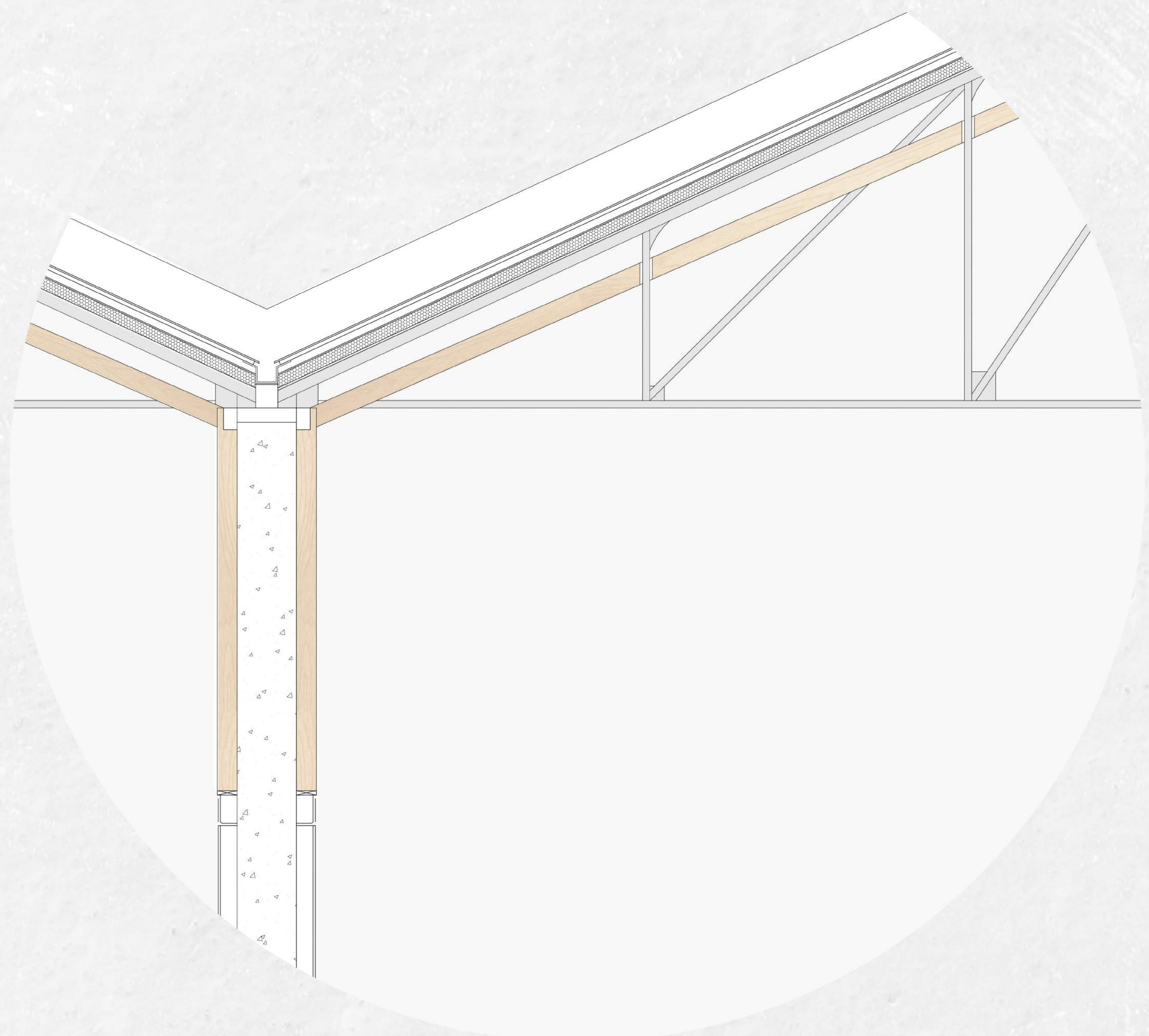


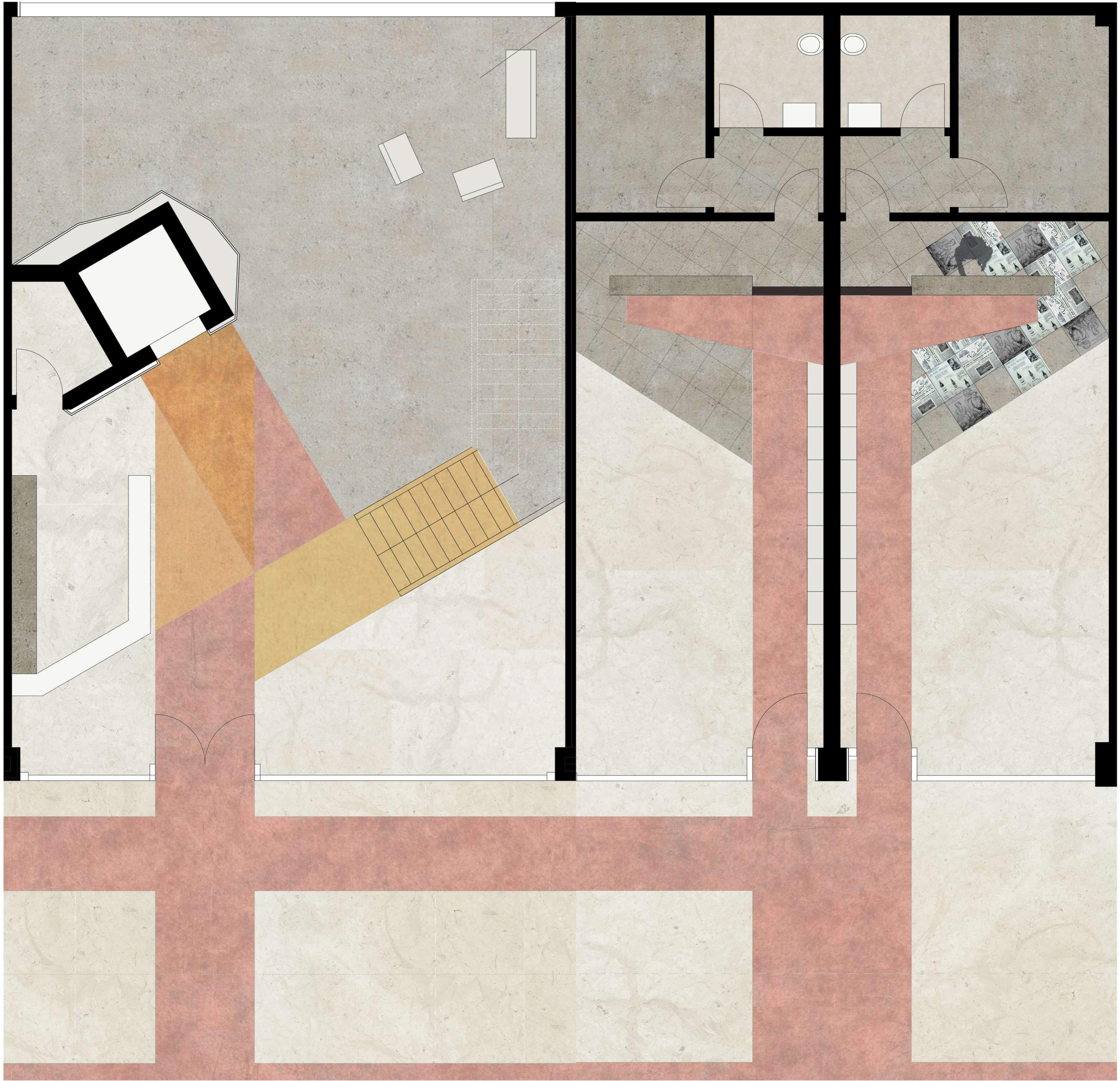
- Diagrama de usos**
- Edifício das artes
 - Auditório
 - Espaços comunitários
 - Espaços desportivos
 - Ateliers
 - Espaços comerciais(0) + espaços co-working(1)











Planta de pavimentos | As lojas e os acessos aos espaços de co-working



Imagens ilustrativas dos cartazes publicitários das lojas Val Rio

ENRIQUEÇA AS SUAS REFEIÇÕES

SERVINDO-AS COM VINHOS APROPRIADOS, DAS NOSSAS REPUTADAS MARCHAS!

O vinho distingue-se a seu valor segundo, as marcas de seu futuro e as marcas de seu passado
OMAR KHAYYAM

Para carne

Sanguinhal, Clarete	4500
Reserva 1900	6500
Menagem Tinto	10900
Rosé Bela (cabaça)	10950

Para peixe

Sanguinhal, Branco	4550
Reserva 1900, Branco	6500
Fragal (Adamado branco)	6900
Menagem Branco	10900

Para sobremesa

Lisbon Wine	11850
Licoresos - litro	7200
Reserva	7800
Moscatal Tejo e Sado (l.)	8900
Vinho espumoso Adamastor	25800
Licor ginja (cherry brandy)	31500
Triple seco	31900
Hortelã Pimenta	30900

Aperitivos

Vermouth Bela (doce)	23850
Cepa de Prata (seco)	23850
Kin-Ola	19800
Quindada	23850
Bitter	23850

SACA - ROLHAS "CAMPING"
Vendem-se nos nossos lojas a 4500 cada

AZEITE VINAGRE CHAVE D'OURO

MASCOTE DAS BOAS DONAS DE CASA

À VENDA NOS ESTABELECIMENTOS VAL DO RIO E ABEL PEREIRA DA FONSECA

Exmo. Sta. Dona da R. Escola Politécnica 2 12 LISBOA

Val do Rio

ANO 1 - M.º JULHO DE 1948
Cadastrado e impresso em IMPRENSA BARBINO

O BARÔMETRO DAS BOAS DONAS DE CASA

O papel dos Estabelecimentos Val do Rio da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca no abastecimento da Capital

O papel dos Estabelecimentos Val do Rio, da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, no abastecimento da capital, tem sido intenso, desde o princípio deste século. Funcionando como armazéns reguladores e estabilizadores de preços, conquistaram, rapidamente, a sua clientela entre as boas donas de casa que procuram na qualidade e barateza, sem rival, dos produtos que vendem, a certeza de bem empregar o seu dinheiro.

De facto, recebendo directamente dos produtores os artigos, podem assegurar a sua qualidade e sanidade com inteira certeza e fazer preços de combate.

Nos períodos anormais, criados pelas guerras de 1914 e 1909, têm-se deparado aos Estabelecimentos Val do Rio inúmeras ocasiões de colaborar, juntamente, com as entidades oficiais, em face da grave situação do abastecimento público de produtos de primeira necessidade.

Gracias à sua equilibrada distribuição pela área da capital, pois os estabelecimentos Val do Rio situam-se tanto no aristocrático Chiado como na via mais humilde da Alfama, foi possível, num dado momento em que as biblias se tornavam já nota desagradável da vida lisboeta, acabar com essas aglomerações de povo, em virtude da medida tomada pelas entidades oficiais de fazer acudir aos referidos Estabelecimentos os géneros mais em procura.

Iniciaram ainda os Estabelecimentos Val do Rio, antes da existência da Intendência Geral dos Abastecimentos, e quando se começaram a esboçar certas dificuldades na aquisição de géneros alimentícios, o sistema de entregas a de captações, depois ampliado e muito melhorado por aquela entidade oficial.

Eis, em síntese, o que têm sido e o que têm feito os Estabelecimentos Val do Rio.

Um dos 100 estabelecimentos Val do Rio

Daremos, mensalmente, neste folheto, os nossos últimos preços, sem competição